



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ
CENTRO DE EDUCAÇÃO COMUNICAÇÃO E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO – MESTRADO E DOUTORADO EM LETRAS
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LINGUAGEM E SOCIEDADE

ADENILSON DE BARROS DE ALBUQUERQUE

A “PALAVRA ARMADA”:
FICCIONALIZAÇÕES DA GUERRA GRANDE (1864-1870)

CASCADEL – PR
2020

ADENILSON DE BARROS DE ALBUQUERQUE

A “PALAVRA ARMADA”:
FICCIONALIZAÇÕES DA GUERRA GRANDE (1864-1870)

Tese apresentada à Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE –, como requisito para obtenção do título de Doutor em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras, Mestrado e Doutorado, área de concentração: Linguagem e Sociedade.

Linha de Pesquisa: Linguagem Literária e Interfaces Sociais: Estudos Comparados.

Orientador: Prof. Dr. Gilmei Francisco Fleck

CASCADEL – PR
2020

Ficha de identificação da obra elaborada através do Formulário de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da Unioeste.

Albuquerque, Adenilson de Barros de

A "palavra armada" : ficcionalizações da Guerra Grande (1864-1870) / Adenilson de Barros de Albuquerque; orientador(a), Gilmei Francisco Fleck, 2020.
199 f.

Tese (doutorado), Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Cascavel, Centro de Educação, Comunicação e Artes, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2020.

1. Romance histórico latino-americano . 2. Guerra Grande (1864-1870). 3. Historiografia. 4. "Palavra armada". I. Fleck, Gilmei Francisco. II. Título.

ADENILSON DE BARROS DE ALBUQUERQUE

A “Palavra Armada”: Ficcionalizações da Guerra Grande (1864-1870)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras em cumprimento parcial aos requisitos para obtenção do título de Doutor em Letras, área de concentração Linguagem e Sociedade, linha de pesquisa Linguagem Literária e Interfaces Sociais: Estudos Comparados, APROVADO(A) pela seguinte banca examinadora:



Orientador(a) - Gilmei Francisco Fleck

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Cascavel (UNIOESTE)



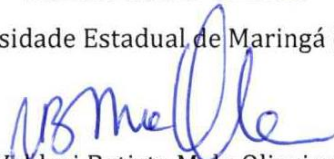
Margarida da Silveira Corsi

Universidade Estadual de Maringá (UEM)



Weslei Roberto Cândido

Universidade Estadual de Maringá (UEM)



Valdeci Batista Melo Oliveira

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Cascavel (UNIOESTE)



Marcio da Silva Oliveira

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Cascavel (UNIOESTE)

Cascavel, 4 de fevereiro de 2020

À Inez, minha mãe, a melhor do mundo,
que assinava Inês porque era mais bonito.
Ao Manoel, meu pai, que voltou a ser
menino.

AGRADECIMENTOS

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras da UNIOESTE, pelo profissionalismo e dedicação na atenção aos acadêmicos.

Ao Instituto Federal do Paraná, por proporcionar meu afastamento integral das atividades de servidor público, a partir de março de 2017.

À CAPES, pela bolsa de doutorado sanduíche e apoio à pesquisa brasileira.

À *Universidad del Salvador* e à Profa. Dra. María Rosa Lojo, por terem aceitado e aprovado meu estágio de doutorado sanduíche em Buenos Aires.

Ao orientador Prof. Dr. Gilmei Francisco Fleck, atento e generoso que vem apostando em nossas investigações desde os estudos de mestrado.

Aos companheiros do Grupo de Pesquisa “Ressignificações do passado na América”, em especial às amigas Beatrice Uber e Leila Shaí Del Pozo González pelas traduções do resumo desta tese.

Às professoras Dra. Clarice Lotterman, Dra. Márcia Sipavicius Seide, Dra. Valdeci Batista de Melo Oliveira, Dra. Carmen Teresinha Baumgartner, Dra. Dantielli Assumpção Garcia, Dra. Margarida da Silveira Corsi, por terem lido e realizado apontamentos nas versões textuais preliminares desta pesquisa.

Aos escritores que me receberam gentilmente para longas e proveitosas conversas sobre a Guerra Grande: Guido Rodríguez Alcalá, Mercedes Rubio, Irina Ráfols, Zelmar Acevedo Díaz e a historiadora María Victoria Baratta.

Com o perdão de possíveis esquecimentos, aos paraguaios Vicente García, Vicenta Ojeda e Jorge Coronel; aos argentinos León Pómer, Cristian Javier López, María Sosa, Luciano Ciarlotti, Jorge Nedich e Mabel Pagano; aos uruguaios Francisco Bustamante, Carla Bernardoni e Tomás Sansón Corbo; aos brasileiros Julio de Farias, Aleilton Fonseca, Lorena Zomer, Antonio Myskiu, Odair Geller, Mário Maestri, Juliano Carrupt do Nascimento, Wellington Freire, Bianca Laporta e Guilherme de Lira; aos espanhóis Mar Langa Pizarro e José Vicente Peiró Barco.

Aos estimados Carlos Roncolato, Klaubert Soares e Narlan Matos.

Ao Prof. Dr. Wagner de Souza, amigo dileto que me apresentou o mundo dos estudos para além da graduação.

Aos meus irmãos Cida, Lena, Demi, Lete e Toninha.

À minha esposa Karla Martins, amor do tamanho do universo (e mais além).

Entonces pensé que la guerra se gana primero en el lenguaje.

(Mercedes Rubio)

El papel dice lo que no dice, revela lo que oculta, hay palabras escondidas, voces que hablan tras los rasgos, signos que dibujan un mensaje cifrado.

(Zelmar Acevedo Díaz)

Desapasionar la escritura de la Guerra Guasu y proponer una historia abierta hacia el otro, audible para todos, es el desafío [...].

(Luc Capdevila)

ALBUQUERQUE, Adenilson de Barros de. **A “palavra armada”**: ficcionalizações da Guerra Grande (1864-1870). 199 f. Tese. (Doutorado em Letras). Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Cascavel, 2020.
Orientador: Prof. Dr. Gilmei Francisco Fleck

RESUMO

Este estudo, diante dos pressupostos da Literatura Comparada, analisa romances históricos relacionados à temática da Guerra Grande (1864-1870). A partir de contribuições teóricas, especialmente de autores latino-americanos interessados em problemáticas históricas e literárias, nosso objetivo está posto em demonstrar como a tessitura dos romances abordados, por meio de uma postura bipartida por nós denominada “palavra armada”, primeiro apoia-se em uma ou mais das tendências historiográficas sobre a guerra e, por último, constitui-se como ressonância ficcional organizada em trincheiras, sejam nacional-patrióticas, revisionistas ou pretensamente objetivas. Sem distanciar-nos dos estudos voltados às particularidades do gênero romance histórico, e a partir de um conjunto amplo de narrativas oriundas dos países diretamente envolvidos nos conflitos bélicos, elegemos para integrar o *corpus* as seguintes obras: *No robarás las botas de los muertos* (2002), do uruguaio Mario Delgado Aparain; *Caballero* (1986), do paraguaio Guido Rodríguez Alcalá; *Los papeles de Burton* (2012), da argentina Mercedes Rubio; *Menina* (2012), do brasileiro Paulo Stucchi. Para efetivar este trabalho de reflexão sobre parte da literatura latino-americana e – ao observá-la a partir de uma mesma temática – considerarmos sua complexidade, debruçamo-nos, na primeira seção, sobre aspectos históricos e historiográficos. Em seguida, de modo intermediário, trazemos fundamentos teóricos sobre narrativas híbridas de história e ficção e uma série de romances relacionados à Guerra Grande. Seguimos, no terceiro momento, para a apreciação do *corpus*, antes de voltarmos, na quarta seção, a uma discussão em torno da história e da literatura latino-americanas que reafirma nossa hipótese de associar o conjunto literário apresentado à noção de “palavra armada”. Situamos nossa pesquisa no campo bibliográfico e o critério para abordagem dos materiais teóricos, históricos e ficcionais é de ordem qualitativa. Apreciar a abrangência e as vozes da produção literária no terreno fértil de quatro nacionalidades, não obstante o extenso material elencado, faz-se necessário para que possamos dar um passo adiante em relação a um tema indispensável na história da América Latina.

PALAVRAS-CHAVE: Romance histórico latino-americano; Guerra Grande (1864-1870); “palavra armada”; historiografia; *No robarás las botas de los muertos* (2002); *Caballero* (1986); *Los papeles de Burton* (2012); *Menina* (2012).

ALBUQUERQUE, Adenilson de Barros de. **The “Armed Word”**: Ficcional works about the Paraguay War (1864-1870). 199 pp. Thesis. (PhD in Languages and Literature). State University of Western Paraná – UNIOESTE, Cascavel, 2020.
Tutor: Prof. Dr. Gilmei Francisco Fleck

ABSTRACT

This study, on behalf of Comparative Literature, analyzes historical novels related to the Paraguay War theme (1864-1870). Based on theoretical contributions, especially from Latin American authors interested in historical and literary issues, our goal is to demonstrate how the structure of the explored novels, throughout a two-different position called by us as the “armed word”, first of all relies on one or more historiographical inclinations about the war, and, last, builds itself as a fictional resonance organized in trenches being them either national-patriotic, revisionist or allegedly objective. Not going too far from the studies related to the historical novel genre, and from a huge group of narratives coming from the countries directly involved in the armed conflicts, we selected to be part of the *corpus* the following novels: *No robarás las botas de los muertos* (2002), by the Uruguayan Mario Delgado Aparain; *Caballero* (1986), by the Paraguayan Guido Rodríguez Alcalá; *Los papeles de Burton* (2012), by the Argentinean Mercedes Rubio; *Menina* (2012), by the Brazilian Paulo Stucchi. In order to proceed with this reflexive work about part of the Latin American Literature and – to observe it under the same thematic – considering its complexity, we dedicate ourselves, in the first part, to the historic and historiographical aspects. Next, throughout an intermediate manner, we bring the theoretical bases about the hybrid narratives of History and fiction, and a number of novels related to the Paraguay War. We move on, in the third moment, for the enjoyment of the *corpus*, before returning, in the fourth section, to the discussion around History and Latin American Literature that reassures our hypothesis of associating the literary group presented to the notion of the “armed word”. We place our research in the bibliographical field and the criteria for the approach of the theoretical, historical, and fictional material is of qualitative information. It is needed to value the scope and the voices of literary production in the fertile soil of the four nationalities, besides the extensive material mentioned, so that we can step forward to an indispensable theme in the History of Latin America.

KEYWORDS: Latin American Historical Novel; The Paraguay War (1864-1870); “Armed Word”; historiography; *No robarás las botas de los muertos* (2002); *Caballero* (1986); *Los papeles de Burton* (2012); *Menina* (2012).

ALBUQUERQUE, Adenilson de Barros de. **La “palabra armada”**: ficcionalizaciones de la Guerra Grande (1864-1870). 199 f. Tesis. (Doctorado en Letras). Universidad Estatal del Oeste de Paraná – UNIOESTE, Cascavel, 2020.
Director: Prof. Dr. Gilmei Francisco Fleck

RESUMEN

Este estudio, ante los presupuestos de la Literatura Comparada, analiza novelas históricas relacionadas con la temática de la Guerra Grande (1864-1870). Partiendo de las contribuciones teóricas, en especial las de autores latinoamericanos interesados en problemáticas históricas y literarias, nuestro objetivo está en demostrar cómo el entramado de las novelas abordadas – por medio de una postura bipartida que denominamos “palabra armada” – se apoya primero en una o más de las tendencias historiográficas sobre la guerra y, por último, se constituye como resonancia ficcional organizada en trincheras, ya sea patrióticas, revisionistas o presuntamente objetivas. Sin distanciarnos de los estudios dirigidos a las particularidades del género novela histórica, y a partir de un conjunto amplio de narrativas oriundas de los países que se involucraron directamente en los conflictos bélicos, elegimos las siguientes obras para integrar el *corpus*: *No robarás las botas de los muertos* (2002), del uruguayo Mario Delgado Aparáin; *Caballero* (1986), del paraguayo Guido Rodríguez Alcalá; *Los papeles de Burton* (2012), de la argentina Mercedes Rubio; *Menina* (2012), del brasileño Paulo Stucchi. Para efectuar este trabajo de reflexión sobre parte de la literatura latinoamericana – al observarla desde una misma temática – y para considerar su complejidad, nos concentramos, en la primera sección, en aspectos históricos e historiográficos. En seguida, de modo intermediario, traemos fundamentos teóricos sobre las narrativas híbridas de historia y ficción y una serie de novelas relacionadas a la Guerra Grande. Continuamos, en el tercer momento, con la apreciación del *corpus*, antes de retornar, en la cuarta sección, a una discusión acerca de la historia y de la literatura latinoamericana que reafirma nuestra hipótesis de asociar el conjunto literario presentado a la noción de “palabra armada”. Situamos nuestra investigación en el campo bibliográfico y el criterio para abordaje de los materiales teóricos, históricos y ficcionales es de orden cualitativo. Apreciar el alcance y las voces de la producción literaria en el terreno fértil de cuatro nacionalidades, a pesar del extenso material anexado, es necesario para que podamos dar un paso adelante en relación a un tema indispensable en la historia de la América Latina.

PALABRAS CLAVE: Novela histórica latinoamericana; Guerra Grande (1864-1870); “palabra armada”; historiografía; *No robarás las botas de los muertos* (2002); *Caballero* (1986); *Los papeles de Burton* (2012); *Menina* (2012).

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 NOTÍCIAS DA GUERRA: CONFLITOS ARMADOS NO SUL DA AMÉRICA.....	20
2 RELATOS DA GUERRA: RESSIGNIFICAÇÕES DA HISTÓRIA PELA FICÇÃO.....	49
3 CAMPOS DE BATALHA E OS CONFLITOS ALÉM DA GUERRA.....	101
3.1 <i>NO ROBARÁS LAS BOTAS DE LOS MUERTOS</i> (2002): ANTECEDENTES E O CASO URUGUAIO.....	102
3.2 <i>CABALLERO</i> (1986): UMA VOZ DISSONANTE NO PARAGUAI.....	119
3.3 <i>LOS PAPELES DE BURTON</i> (2012) E A ESCRITA DA HISTÓRIA.....	136
3.4 <i>MENINA</i> (2012) E O SILÊNCIO DOS MARGINALIZADOS.....	150
4 AMÉRICA LATINA E OS ROMANCES HISTÓRICOS DA GUERRA GRANDE.....	165
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	184
REFERÊNCIAS.....	187

INTRODUÇÃO

A passagem do tempo apagaria as inúmeras histórias, individuais ou coletivas, não fossem as modalidades da linguagem que alimentam a memória e a nossa capacidade de compartilhá-la, especialmente por meio da palavra oral e escrita. Sem as histórias e o que elas nos ensinam, passado um quarto de século após os conflitos armados que envolveram quatro países da América do Sul, Machado de Assis ficaria impossibilitado de exibir sua ironia e questionar: “Campanha do Paraguai! Mas então, houve alguma campanha do Paraguai? Onde fica o Paraguai?”¹. Essas questões estão presentes na crônica em que o escritor discute a relação entre o antigo e o moderno e, como exemplo, mesmo sem haver longa duração temporal após a guerra, sugere que sua temática aparece como coisas velhas contadas a moços que, semelhantes a todos nós que dela não participamos, estão carentes da sensação do tempo, assim denominada pelo cronista.

Na orientação do presente estudo, as duas maneiras de se aproximar das sensações do tempo passado são o contato com a historiografia e a leitura de romances históricos. O compromisso com os fatos e as fontes, presente nos textos de estrita orientação histórica, flexiona-se livremente nas escritas ficcionais que, desde o século XIX, com Walter Scott, vêm sendo consolidadas em diversas modalidades literárias desse gênero híbrido de história e ficção. Irmanadas pelo elo da linguagem, e às vezes distanciadas em pugnas de ordem estrutural ou metodológica, história e literatura, há mais de dois séculos, dividem o protagonismo no cenário amplo das observações dos eventos passados e oferecem suas versões às nossas vivências imediatas.

O romance histórico, desde a sua fase acrítica, passando pela crítica/desconstrucionista, até a mediadora mais atual, tem participação importante como intérprete das formações sociais e discursivas latino-americanas, criadas a partir de encontros, acréscimos e perdas entre culturas. Seja com os romances históricos clássicos (LUKÁCS, 1955) e os tradicionais (MÁRQUEZ RODRÍGUEZ, 1991) – aqueles mais comprometidos com a historiografia oficial –; com os novos

¹ Trecho de crônica publicada na *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, em 11 de novembro de 1894.

romances históricos (AÍNSA, 1991; MENTON, 1993) e as metaficções historiográficas (HUTCHEON, 1991) – modalidades desconstrucionistas em relação à história e experimentalistas quanto à estrutura e/ou à linguagem –; ou com os romances históricos contemporâneos de mediação (FLECK, 2007; 2017) – cuja vertente escritural abrange moderadamente as modalidades anteriores – o contexto latino-americano encontra, nas releituras da história pela ficção, alternativas de expressão.

Empregamos o termo América Latina, na esteira de Eduardo Coutinho (2013, p. 42), cientes de suas limitações e ambiguidades, mas

[...] conscientes de sua legibilidade em momentos expressivos do passado do continente e na semelhança dos problemas e situações que enfrentamos hoje os diversos países que integram o bloco assim designado. A ideia de América Latina se desenha assim para nós como um mosaico de peças díspares, mas com fortes denominadores comuns, como uma região marcada por grande diversidade, mas que articula o heterogêneo em uma estrutura global permeável, contudo reconhecível por suas significações históricas e culturais comuns.

Para reavivar o passado desse continente, o diálogo dos romances históricos com as informações estabelecidas à guisa de objetividades, relacionadas a momentos relevantes de personagens ou sociedades, contribui para que velhos e novos argumentos apareçam como instigadores de conhecimentos e interpretações.

Averiguar as releituras da história da Guerra Grande² (1864-1870) realizadas pela ficção, cuja produção segue atuante especialmente a partir do último quarto do século XX até o presente³, resulta, nessa direção, uma tarefa desafiadora e

² “Guerra do Paraguai, como a conhecem os brasileiros, ou Guerra Grande, os paraguaios, e Guerra da Triple Alianza (Tríplice Aliança), na denominação dos argentinos, ainda está muito viva no imaginário coletivo dos povos que estiveram envolvidos nesta que foi a maior conflagração armada da América do Sul e a segunda maior do continente americano, somente superada pela Guerra de Secessão (1860-1865), que sacudiu os Estados Unidos basicamente na mesma época.” (ASSUNÇÃO, 2012, p. 27). Dentre as três nomenclaturas mencionadas, utilizamos, nesta tese, o termo Guerra Grande, devido às seguintes razões: 1. A historiografia e a ficcionalização, independente da nacionalidade, não têm uma preferência estática, ao contrário do que nos leva a pensar Moacir Assunção, por esta ou aquela nomenclatura, sendo o termo originado de *Guerra Guasu*, uma língua autóctone, o que raramente aparece, inclusive nos escritos paraguaios. 2. Temos no adjetivo “Grande” também uma possível metáfora para desenvolvermos a crítica sobre as posturas ficcionais presentes nos romances a serem elencados no presente estudo.

³ O romance *El piano de Chopin* (2017), do argentino Zelmar Acevedo Díaz, é a publicação mais recente sobre a qual, na segunda seção, nos detemos neste estudo. Pelo menos outras duas obras foram publicadas posteriormente: *El paso de los cuatrocientos* (2018), do paraguaio Marco Augusto

indispensável aos pesquisadores de literatura comparada, interessados em apresentar vias para a descolonização do pensamento latino-americano, muitas vezes excessivamente amarrado às importações teóricas e artísticas europeias ou norte-americanas.

Diante do exposto, somado ao entendimento de que não há outra área mais propícia “[...] para a congregação da diversidade que se reúne em torno ao conceito de latino-americanidade do que a arte literária” (FLECK, 2009, p. 42), esta investigação reúne uma quantidade expressiva de romances relacionados à temática da Guerra Grande, publicados por autores oriundos do Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai – países diretamente envolvidos no evento histórico em apreço –, com o objetivo central de comprovar a recorrência, em dois planos, do que aqui denominamos “palavra armada”. Nossa linha de análise sugere esse fenômeno como uma postura bipartida porque, nos limites da temática que nos cabe, ocorre de modo basilar na historiografia e complementar na ficção.

A construção e a escolha do termo “palavra armada” têm, inicialmente, inspiração na filosofia da linguagem de Mikhail Bakhtin (2006, p. 96) para quem a “[...] *palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial*. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida.” Tomamos de empréstimo essa compreensão para, no presente estudo, encararmos a historiografia e especialmente os romances históricos relacionados à Guerra Grande como narrativas que nos convidam a leituras, em grande medida, padronizadas e a certo ocultamento de realidades histórico-sociais.

A “palavra armada” que atribuímos ao âmbito da historiografia constitui-se como um arcabouço demarcado por algumas correntes de interpretação da guerra. Elas resultam em uma delimitação de repertório por nós compreendida como o

Ferreira, romance histórico de caráter nacionalista que conta a história de um grupo de mais ou menos quatrocentos soldados que, em 1865, quando parte do exército paraguaio avançava em território brasileiro em direção ao Uruguai, é destacado para impedir que um carregamento de armas chegasse às bases do exército brasileiro. O segundo romance é *Imperiais de Gran Abuelo* (2018), do brasileiro Marcos Terci, que traz a história também de ordem nacionalista, repleta de elementos fantásticos, de um pequeno grupo de soldados que, durante a Guerra Grande, foi comandado pelo general Osório (considerados por eles o *gran abuelo*). Apesar das muitas referências à guerra, o romance centra-se especialmente numa missão, no interior de São Paulo, dez anos após o término da guerra, em que os soldados deveriam levar um caixão, contendo a espada do general e coberto pela bandeira do Império, a um destino determinado.

alicerce – ou a armação prévia – que garante referencialidade⁴ fundamental para a sustentação interpretativa, ou ideológica, na configuração das obras, independente da qualidade estética ou da corrente historiográfica preferencial do romancista. Ao levarmos em consideração que “[...] toda obra literária parte de um repertório reconhecido pelo público, [...] no caso da ficção histórica, ele se investe de uma função mais definida – isto numa tendência crescente” (NASCIMENTO, 2010, p. 84), conferimos às tendências historiográficas, sejam patrióticas, revisionistas ou pertencentes a uma nova história, o posto de guia fundamental para as releituras praticadas pela ficção.

A “palavra armada” no âmbito da ficção está empregada nos romances históricos como elemento devedor da “palavra armada” pela historiografia. Essa postura manifesta-se na exposição das causas e consequências dos conflitos bélicos e, especialmente, na constituição das vozes narrativas. Apresenta-se, por sua vez, geralmente preconceituosa, ressentida e resulta em certo desinteresse ficcional em relação aos encontros e contrastes responsáveis pela formação híbrida latino-americana, ricamente substanciada no que foi e representa a Guerra Grande para o continente.

O que nos chama a atenção – apesar de estarmos cientes de que não cabe à ficção a obrigatoriedade de cumprir com determinadas demandas, mesmo sendo resultado de contextos sócio-históricos –, é a produção da quase totalidade dos romances históricos sobre a Guerra Grande encontrarem-se no marco da *novela histórica de fines del siglo XX*, sugerida por María Cristina Pons (1996) ou do romance histórico contemporâneo de mediação, estudado por Gilmei Francisco Fleck (2017). Isto é, a temática dos romances aqui em evidência vem a público após uma série de estudos voltados à ampliação do nosso horizonte de expectativas frente às realidades da América Latina, unidas pelas diferenças.

Sobre essa página da nossa história, amplamente revisitada por mais de três dezenas de romancistas, ainda não há paralelo aos exemplos que temos na direção

⁴ Em “Ficção histórica contemporânea: desdobramentos e deslocamentos” (2010, p. 57-94), Naira Nascimento expõe um percurso teórico para o estudo da referencialidade, tema central em sua tese de doutorado (2006) que teve como objeto de análise romances brasileiros relacionados à Guerra Grande. De sua abordagem interessa-nos, particularmente, a atenção dada à noção de tríplice mimese, elaborada por Paul Ricoeur (1994), da qual o seu primeiro elemento, a prefiguração, pode ser vinculado, em alguma medida, ao primeiro plano da noção bipartida que damos à “palavra armada”.

de outra guerra total⁵ latino-americana, a de Canudos (1896-1897), com obras que se destacam pelo desvio da norma, ao ultrapassarem as limitações historiográficas e proporem abordagens que vão do multiperspectivismo à mediação do encontro entre as muitas facetas históricas e culturais possíveis de serem retomadas pela ficção⁶. À guisa de exemplo, retomaremos esse assunto como parte da discussão levantada na quarta seção do presente estudo.

A reincidência da “palavra armada” nos romances históricos da Guerra Grande colabora, portanto, com o adiamento do que Paul Ricoeur considera a função libertadora da ficção histórica. Para o teórico (1997, p. 331), ao

[...] libertar retrospectivamente certas possibilidades não efetuadas do passado histórico, é graças ao seu caráter quase histórico que a própria ficção pode exercer *retrospectivamente* a sua função libertadora. O *quase-passado* da ficção torna-se assim o detector dos possíveis ocultos no passado efetivo.

Debruçar-nos, portanto, sobre as escritas literárias que revisitam e recriam a maior guerra já ocorrida no Sul da América – fundamental para a sequência histórica dos países envolvidos –, torna-se um caminho relevante para a obtenção de ferramentas que nos ajudem a desvelar alguns dos elementos correspondentes às investidas tímidas dos romances históricos em relação às complexidades de nosso passado, cuja compreensão é elementar para pensarmos criticamente o presente e construirmos expectativas de futuro.

Investigar as nuances e as explicitações ficcionais, em um conjunto temático de romances históricos, é a maneira pela qual intencionamos oferecer à sociedade uma perspectiva de leitura que, ancorada em informações e discursos arraigados na formação simbólica e material da América Latina, atente para o texto literário como potencial espelho de nossa condição historicamente híbrida. (BERND, 1998).

⁵ O caráter de guerra total atribuído à Guerra Grande deve-se, segundo María Victoria Baratta (2019, 47), à combinação de táticas coloniais e modernas somadas a epidemias letais e à fome; à radicalização das normas ou violações das leis de guerra a serviço da política obstinada dos aliados por destruir o adversário; à obstinação de Solano López de não render-se e prolongar os conflitos que resultaram em características devastadoras, especialmente para a população do Paraguai.

⁶ Os romances históricos sobre a guerra de Canudos formam a base de nossa dissertação de mestrado intitulada “Narrativas canudenses: conflitos além da guerra”. Cascavel: Unioeste, 2013. A partir da base desse texto, publicamos, em parceria com Gilmei Francisco Fleck, o livro *Canudos: conflitos além da guerra - entre o multiperspectivismo de Vargas Llosa (1981) e a mediação de Aleilton Fonseca (2009)*. Curitiba: CRV, 2015.

Buscamos demonstrar que, nos romances históricos da Guerra Grande, as vozes genuínas pertencentes aos contextos em litígio não se permitem desabrochar em sua ampla abrangência significativa, estabelecida por longos processos de conformação sociocultural. Elas são, em grande medida, ofuscadas pela necessidade quase impositiva da continuidade de combates verbais, ecoados nas esteiras historiográficas que, muitas vezes, levam o leitor a tomar partido entre prováveis vencidos e vencedores.

Ao não escapar da formulação de dicotomias relacionadas ao evento histórico incorporado à ficção, as narrativas incorrem comumente em previsibilidades argumentativas, traduzidas em ecos das preferências do autor – não raro excessivamente pessoal na sua “zona de penumbra”⁷ – consolidadas por meio de referencial bibliográfico e outras formas de contato indireto com o evento histórico.

Esta segunda e principal significação que conferimos ao termo “palavra armada”, é indispensável que reforcemos, não está orientada no sentido de questionar ou comparar os dotes literários de cada romancista. Apesar de expormos uma série de obras e as óbvias diferenças de linguagem e abordagem que as constituem, a “palavra armada” no âmbito ficcional designa, objetivamente, a regularidade em que reeditam os discursos da “palavra armada” pela historiografia especializada.

Interessa-nos, portanto, em primeiro lugar, verificar as hipóteses de que os romances da Guerra Grande, seja de forma laudatória ou com sinais de criticidade, destinam-se a reproduzir, em grande medida, as versões sobre as causas, os meandros e as consequências dos enfrentamentos bélicos estabelecidas pela historiografia. Falta-nos um romancista que empreenda um mergulho na “totalidade” do tema, que fuja das problemáticas referentes à sua nacionalidade e direcione sua produção ficcional a personagens e eventos caros e representativos para os quatro países envolvidos na guerra.

Em segundo lugar, inclinam-se preferencialmente na direção de um ou poucos personagens que se destacam por sua relação direta ou indireta com a guerra, mas raramente incursionam para além das trincheiras historiográficas, em

⁷ Segundo Eric Hobsbawm (2002, p. 15), há em todos nós “[...] uma zona de penumbra entre a história e a memória; entre o passado como um registro geral aberto a um exame mais ou menos isento e o passado como parte lembrada ou experiência de nossas vidas.”

uma possível busca de abrangência à hibridização latino-americana. Mesmo utilizando-se de estratégias discursivas desconstrucionistas como a paródia, carnavalização, metaficção, etc., na tessitura narrativa, não é comum a ampliação de abordagens que se estendam, por exemplo, às idiossincrasias profundas das personagens ou comunidades da região do Prata, em um viável exercício dialético significativamente destacável, pela pluralidade e profundidade, no jogo de retomada da história pela ficção.

Para efetivar este intuito, buscamos, em um primeiro momento, elaborar uma contextualização histórica e historiográfica referente aos eventos bélicos, políticos e sociais do período demarcado. Para isso, sem perder de vista as perspectivas da História Nova, assentadas nas publicações organizadas por Peter Burke (1992) e Jacques Le Goff (2001), buscamos informações sobre o contexto e a história da Guerra Grande na leitura crítica de obras basilares, como as assinadas por George Thompson (1968), Francisco Doratioto (2002), Thomas Whigham (2011; 2012), Moacir Assunção (2012), Mário Maestri (2017; 2018), entre outros.

Acerca da historiografia relacionada à Guerra Grande, recorreremos especialmente aos estudos assinados por Ricardo Salles (1990), María Victoria Baratta (2014), Tomás Sansón Corbo (2015), Esteban Chiaradía (2016) e Odair Eduardo Geller (2018). Investigações desta natureza são fontes necessárias para o trabalho de crítica literária que, via de regra, ao se debruçar sobre textos ficcionais, não abarca toda a produção bibliográfica proveniente de outras áreas do conhecimento as quais dispõem de pesquisadores comprometidos com as ramificações de um mesmo tema. A partir de estudos como os apontados acima, adentramos em nossa primeira acepção da “palavra armada”, isto é, na moldura instaurada pelas propostas de leitura histórica tradicionais, revisionistas ou aquelas mais recentes, que flertam com a imparcialidade.

Em um segundo momento, listamos os romances sobre a Guerra Grande e expomos as diretrizes teóricas que norteiam nossas análises dos textos literários, ou seja, nosso caminho para darmos corpo e desvelarmos a segunda e principal acepção da “palavra armada”. Valemo-nos, para tanto, de autores como Alexis Márquez Rodríguez (1991), Fernando Aínsa (1991), Seymour Menton (1993), María Cristina Pons (1996), Magdalena Perkowska-Alvarez (2006), Marilene Weinhardt (2011), Gilmei Francisco Fleck (2017), entre outros. Estes estudiosos nos

encaminham à compreensão do romance histórico enquanto gênero e de sua subdivisão em modalidades, muitas vezes desconhecidas, ainda hoje, por parte da crítica especializada.

Com base nesses pressupostos e no apanhado histórico e historiográfico sobre a Guerra Grande, apresentamos, ainda na segunda seção, algumas leituras preliminares às efetuadas no *corpus*: as obras adotadas são as *Escenas de la Guerra del Paraguay* (1928-1929), trilogia de Manuel Gálvez; *Cunhataí* (2003), de Maria Filomena Lepecki; *Águas atávicas* (2013), de Marcos Faustino; *Pancha* (2000), de Maybell Lebron; *Río escarlata* (2016), de María Eugenia Garay; *Aquel sagrado suelo* (2000), de Federico Peltzer; e *El piano de Chopin* (2017), de Zelmar Acevedo Díaz. Elegemos esses romances por constarem em sua maioria entre os publicados nos últimos vinte anos e pela pouca ou inexistente fortuna crítica sobre eles. As exceções são a trilogia de Gálvez, abordada devido à sua condição de fundadora entre os romances da Guerra Grande, e *Cunhataí* que já figura em vários estudos acadêmicos, especialmente realizados no Brasil.

Na sequência, efetuamos a leitura do *corpus* principal, formado por quatro obras cuja escolha justifica-se por oferecerem, entre outros aspectos: uma discussão sobre o contexto uruguaio frente à guerra e aos conflitos que a desencadearam, em *No robarás las botas de los muertos* (2002), de Mario Delgado Aparáin; a problematização do caso paraguaio na sua relação histórica e atual com a Guerra Grande, em *Caballero* (1986), de Guido Rodríguez Alcalá; um olhar sobre a escrita da história e da ficção inspirada no revisionismo relacionado à intervenção imperialista, em *Los papeles de Burton* (2012), da argentina Mercedes Rubio; elementos sobre os silêncios dos excluídos da história, em *Menina* (2012), do brasileiro Paulo Stucchi.

Para posterior discussão sobre a ideia de “palavra armada” suscitada a partir da relação entre os romances históricos e a historiografia da Guerra Grande, recorreremos a contribuições referentes à formação histórica, cultural e literária do continente, em nomes como Ana Pizarro (1985; 1990), Zilá Bernd (1998; 2013), Arturo Uslar Pietri (1969), Beatriz Sarlo (2005), entre outros. As propostas analíticas e conceituais dessas fontes ajudam a confirmar nossa participação em um contexto híbrido, em grande medida, evidente na arte ficcional.

Diante do exposto, desenvolvemos nosso estudo em quatro seções.

Na primeira, “Notícias da Guerra: conflitos armados no sul da América”, trazemos informações acerca da história e historiografia, com o propósito de contextualizar as principais discussões realizadas sobre o assunto e de lançar bases de leitura para os romances históricos.

Na segunda, “Relatos da Guerra: ressignificações da história pela ficção”, apresentamos noções teóricas e uma série de romances históricos, a fim de constituirmos um referencial de leitura que ajude a situar o *corpus* diante de outras obras publicadas sobre o tema.

Na terceira, “Campos de batalha e os conflitos além da Guerra”, analisamos detidamente o *corpus* em quatro obras selecionadas. Os romances representam os países envolvidos diretamente nos conflitos bélicos e sustentarão, comparativamente, a seção seguinte.

Finalmente, em “América Latina e os romances históricos da Guerra Grande”, voltamos às obras literárias analisadas, à luz de sua representatividade literária para o contexto latino-americano.

Situamos nossa pesquisa, essencialmente, no campo da revisão bibliográfica e na apreciação do material teórico selecionado, sendo, pois, de ordem qualitativa. Tais ações envolvem investigações realizadas em áreas como a literatura comparada – especialmente no que concerne à sua relação com outras áreas do conhecimento –, a teoria literária – em questões referentes ao gênero romance histórico, desde sua trajetória e periodização até sua importância no âmbito da América Latina –, a linguística – no tocante à construção e análise dos discursos, especialmente aos da ficção, segundo os estudos, entre outros, de Gérard Genette (1972) e de Mikhail Bakhtin (1929) (além das teorias sobre a linguagem e sua possível manipulação) –, a história – na revisão das versões do evento do passado recriado pela ficção, bem como nos princípios norteadores da Nova História –, os estudos culturais – no acesso às confluências interdisciplinares que oferecem ferramentas para a compreensão das sociedades contemporâneas.

Esperamos, assim, investigar a configuração dos romances históricos selecionados sob os pressupostos da “palavra armada”. O início desse processo desenha-se a seguir, na contextualização histórica e historiográfica de alguns aspectos relevantes da Guerra Grande.

1 NOTÍCIAS DA GUERRA: CONFLITOS ARMADOS NO SUL DA AMÉRICA

As histórias sobre um mesmo acontecimento, não é novidade, admitem narrativas que, em seu conjunto, dificilmente resultam unívocas. Propensas à ficcionalidade total ou fundamentadas em documentação, elas constituem-se em complexos verbais cujo assunto em evidência não chega ao esgotamento absoluto. Muitas obras, porém, por sua procedência e confiabilidade – ou por atenderem a interesses específicos – funcionam como referenciais direcionadores de determinadas linhas de pensamento às quais, a partir de outras obras igualmente confiáveis, poderão ser confrontadas, às vezes, por pontos de vista parcial ou diametralmente opostos.

Para esta seção, a maioria dos textos consultados pertence à tradição historiográfica, área do saber comprometida com a cientificidade de suas informações. O labor histórico, contudo, conforme Hayden White (1995, p. 18), é a manifestação de “[...] uma estrutura verbal na forma de um discurso narrativo em prosa que pretende ser um modelo, ou ícone, de estruturas e processos passados no interesse de *explicar o que eram representando-os*.” Ciente desse caráter discursivo presente na elaboração do texto historiográfico que pode contar histórias “[...] de inúmeras maneiras diferentes, de modo a fornecer interpretações diferentes daqueles eventos e dotá-los de sentidos diferentes” (WHITE, 2001, p. 101), consideramos a historiografia da Guerra Grande como um conjunto de notícias que, na busca de apresentar sua “verdade” sobre o evento, compõe nossa primeira acepção de “palavra armada”.

Como os romances históricos estão, em grande medida, ancorados nessa tradição escrita voltada a estruturas e processos passados, a consulta e a exposição de fundamentos historiográficos sobre a Guerra Grande (1864-1870), nesta ação de análise literária, encontram propulsão nas palavras de María del Carmen Tacconi (2013, p. 20), para quem “[...] *no sólo Historia y Literatura ponen de manifiesto una relación indudable, sino que además una proporciona ayuda a un avance espléndido de la otra* [...]”.⁸ Essa relação, mais profícua em alguns temas e menos em outros, tem no contexto do presente estudo um campo de produção relativamente amplo,

⁸ Nossa tradução livre: [...] não só História e Literatura manifestam uma relação indubitável, mas, além disso, uma proporciona ajuda a um avanço esplêndido da outra [...].

formado por romances representativos das vertentes e dos interesses da historiografia estabelecida sobre o tema, em um período de 150 anos.

Reunimos, portanto, informações de ordem histórica, no intuito de compor uma base para a compreensão geral das diegeses dos romances, apresentadas na segunda e na terceira seções desta tese. Para tanto, não nos detemos demasiadamente em datas e em nomes. Estes, quando necessário, serão aqui empregados durante a exposição que, em linhas gerais, volta-se para os seguintes pontos: definições e posicionamentos historiográficos sobre a Guerra Grande; episódios relevantes aos romances; problemática da historiografia relacionada ao tema em evidência.

Valemo-nos, como norteadores históricos principais – mas não únicos –, dos trabalhos de Francisco Doratioto (2002), Thomas Whigham (2011; 2012) e Mário Maestri (2017; 2018). Estes autores, de orientações ideológicas distintas, sustentam, por um lado, investigações apoiadas em longo e consistente trabalho de pesquisa e buscam, por outro, elaborar leituras menos parciais, como era comum entre os representantes das duas vertentes anteriormente hegemônicas: a oficial/nacionalista – de cunho romantizado e patriótico, vigente no final do século XIX e primeiras décadas do seguinte – e a revisionista – difundida principalmente na segunda metade do século XX, paralela em alguma medida ao revisionismo nacionalista paraguaio, um caso à parte, como veremos mais adiante.

Os autores supracitados, entre outros, fazem parte de uma terceira corrente de análise sobre a guerra, uma terceira trincheira, identificada por Esteban Chiaradía (2016, p. 13) a partir de ideias, sugeridas por alguns estudiosos, como “nova historiografia sobre a guerra da Tríplice Aliança” (BREZZO, 2004), “interpretação sistêmica regional” (DORATIOTO, 2009), “neo-revisionismo” (SALES, 2004), “restauração historiográfica” (MAESTRI, 2013).

Voltemos ao início e aprendamos que, segundo Ricardo Salles (1990, p. 1),

[...] a história foi, durante muito tempo, o ofício de eruditos refinados cujo trabalho recuperou – e muitas vezes até criou – uma memória oficial: a memória de fachada, de nossas instituições, tão civilizadas e tão distantes do cotidiano do povo, dos grandes vultos dos discursos pomposos, dos grandes feitos. Enfim, uma memória que, aclarando a vida das elites, envergonhada destas tristes paragens pouco europeias, encobria a realidade do povo miserável. Aqui e ali, era possível, devido ao trabalho de poucos ou às frestas nas cortinas

de veludo dos salões, vislumbrar o cotidiano popular, a vida e o lazer dos esquecidos.

Salles continua na mesma página lembrando que o início da compreensão mais a fundo da nossa história primeiro preocupou-se com o estudo das estruturas econômicas e dos grandes movimentos políticos. Pouco a pouco, apesar de ainda haver acontecimentos e episódios que seguem obscuros, a historiografia começa a redescobrir outros temas que antes eram conhecidos por meio da carapaça oficial. A história militar está nesse contexto, estando, por exemplo, mais atrelada ao papel dos militares na política do Brasil. Por essa razão, “tanto os conflitos internos quanto as guerras externas são pouco conhecidos, e quase nada se sabe sobre como esses acontecimentos foram vivenciados e protagonizados por soldados e pela massa da população.” (SALLES, 1990, p. 2).

Na esteira dos revisionismos, diversos autores, ainda segundo Salles (1990, p. 2), dedicaram-se a “[...] demolir os mitos oficiais da guerra do Paraguai. Não raro [...] têm criado outros tantos mitos sobre o conflito: o Paraguai é retratado como uma nação independente do imperialismo, com enorme progresso material e social.” O historiador brasileiro critica essas posturas apontando, em seguida, para a formação colonial do Paraguai e sua estrutura econômica e política centrada no autoritarismo e na desigualdade social.

Para ajudar-nos a compreender a diferenciação entre essas correntes historiográficas relacionadas à Guerra Grande, apoiamo-nos, fundamentalmente, nos estudos de María Victoria Baratta (2014), Liliana Brezzo (2003), Tomás Sansón Corbo (2015) e Odair Eduardo Geller (2018).

A história, assim, por valer-se da memória registrada em documentos escritos e outras diversas fontes, é uma das mais fortes responsáveis por direcionar as palavras do ficcionista dedicado à produção de romances de cunho histórico. O autor de literatura, propenso a representações épicas, trágicas, românticas, cômicas, etc., busca dar vazão imaginativa às leituras estabelecidas segundo o rigor dos estudos científicos. Se o objeto de sua arte é a Guerra Grande, ele estará diante de um evento que, de acordo com Francisco Doratioto (2002, p. 18),

[...] repercutiu na consolidação dos Estados nacionais argentino e uruguaio; foi o momento do apogeu da força militar e da capacidade diplomática do Império do Brasil, mas, de forma paradoxal, contribuiu

para o acirramento de contradições do Estado monárquico brasileiro, enfraquecendo-o. O Paraguai, por sua vez, tornou-se a periferia da periferia, na medida em que sua economia se tornou satélite da economia da Argentina após o término do conflito.

A precisão desse resumo demonstra a abrangência e a repercussão fundamentais da Guerra Grande para os quatro países nela envolvidos. Reduzir sua representação para aspectos isolados, sem considerar o contexto passado e presente das motivações e da região onde ocorreram as batalhas – além de suas consequências futuras –, pode ser um caminho perigoso para o leitor interessado nos detalhes e no significado profundo daquela guerra, para a América Latina. Por isso, não é demais ressaltar, está disposta nesta seção tão somente uma breve contextualização. Demais especificidades históricas, entretanto, conforme sua relevância, serão vinculadas à análise do *corpus*.

Para nos situarmos, em alguma medida, em relação ao que foi e como está representado o maior conflito bélico entre países da América Latina, iniciemos, portanto, com a notícia de que a Guerra Grande (1864-1870) resultou dos enfrentamentos que tiveram, por um lado as forças armadas aliadas – Brasil, Argentina e Uruguai – e, por outro, o exército do Paraguai. Uma entre as consequências mais conhecidas foi o aniquilamento quase total da população masculina adulta paraguaia. Os motivos, os meandros e os desdobramentos estão registrados em vasta documentação, repercutida em interpretações de diversas motivações, publicadas durante cerca de 150 anos.

A Guerra Grande, para Moacir Assunção (2012, p. 23), “[...] marcou profundamente toda a América do Sul e, ao menos no caso brasileiro, permaneceu, durante muito tempo, imersa em uma nuvem de desconhecimento, ou melhor, de precário conhecimento.” Esse ponto de vista encontra eco na afirmação de Mário Maestri, autor de orientação marxista para quem, paradoxalmente, “[...] aqueles sucessos ocupam espaço menor na historiografia brasileira, mantendo-se como uma quase ‘reserva de caça’ dos militares-historiadores do Exército.” (MAESTRI, 2017, p. 11). As queixas não são desmedidas, se concordarmos com a visão, pouco discutível e apresentada anteriormente nas palavras de Doratioto, de que o andamento e as consequências da guerra tiveram influência decisiva na história posterior dos países envolvidos.

Nomes de comandantes como os de Luís Alves de Lima e Silva – Duque de Caxias – e de Manuel Luís Osório – General Osório – foram largamente exaltados, especialmente para a consolidação ideológica do regime republicano brasileiro, necessitado de heróis nacionais. Para tanto, a contextualização patriótica de suas atuações, especialmente na Guerra Grande, não poderia revelar a história de uma campanha militar repleta de ações, muitas vezes incompatíveis com o garbo e a honra dos grandes homens. Isso justifica as páginas laudatórias e o longo período em que a temática esteve à disposição de interesses políticos, sem o devido aprofundamento das investigações cuja prática vem sendo empregada, especialmente, nas últimas décadas.

No caso argentino, os estudos sobre a guerra não tomaram rumos muito diferentes, sendo eles em grande parte favoráveis à história pátria, à estruturação republicana e ao mitrismo, apesar da advertência de Hugo Rodríguez Alcalá (1987, p. 199):

*Si la guerra era impopular y odiosa en las clases no letradas, lo fue también entre los intelectuales más distinguidos de la época. Basta citar a Juan Bautista Alberdi, a Juan María Gutiérrez, a José Mármol, a Carlos Guido y Spano, a Olegario Andrade. Y no olvidar a la figura cumbre de la poesía más argentina de aquel tiempo y de todos los tiempos: a José Hernández.*⁹

Houve oposição acentuada à guerra entre a população argentina. Bartolomé Mitre, comandante em chefe da Tríplice Aliança e presidente daquele país, retirou-se dos campos de batalha para conter insurreições nacionais. As investigações históricas produzidas, como veremos mais adiante, pouco se desvencilharam dos posicionamentos pró e contra as decisões do governo. Quando mais investigativos, mais aparecem interessados na participação nacional nos conflitos bélicos, como era e continua comum em parte considerável de estudos preocupados exclusivamente com as fronteiras do país de origem, seja para defendê-lo ou acusá-lo.

⁹ Nossa tradução livre: Se a guerra era impopular e odiosa nas classes não letradas, também era entre os intelectuais mais importantes da época. Basta citar Juan Bautista Alberdi, Juan María Gutiérrez, José Mármol, Carlos Guido y Spano, Olegario Andrade. E não esquecer a figura central da poesia mais argentina daquele tempo e de todos os tempos: José Hernández.

No caso do Uruguai, também eclodiram relatos que celebraram a participação do país, em contraponto a escritos contrários à guerra. A historiadora argentina María Victoria Baratta (2014, p. 108), afirma que “[...] *la historiografía uruguaya reciente sobre la cuestión es escasa, quizás motivada por la participación casi simbólica que terminará teniendo la Banda Oriental aunque algo inexplicable porque el origen de la guerra fue allí*”.¹⁰ Para além da participação simbólica do país na composição da Tríplice Aliança – a quantidade de soldados integrantes, comandados pelo líder colorado Venâncio Flores, foi pequena –, há ainda o sentimento de vergonha¹¹ que passou a pairar sobre o tema, explicação possível para a pequena produção historiográfica voltada ao tema.

Uruguai e Argentina, assim, apesar da participação relevante desta última nos primeiros anos da guerra e das posteriores conquistas geopolíticas, dão lugar, especialmente à tendência brasileiro-cêntrica (BARATTA, 2014, p. 107), cuja visão aponta para o Brasil e o Paraguai como protagonistas da guerra. Tamanho destaque, todavia, está aquém da pouca repercussão do tema na sociedade brasileira – denunciada acima por Assunção e Maestri – na qual o imaginário coletivo, quando muito, tem em *Genocídio Americano: a Guerra do Paraguai* (1979), de Julio José Chiavenato, sua principal fonte de conhecimento.¹²

Para Chiavenato (1984, p. 9):

Durante mais de cem anos pairou uma onda de mentiras sobre a guerra do Paraguai. Junta-se a essa onda de mentiras um silêncio criminoso, procurando ocultar de todas as formas possíveis o que foi aquela guerra, o que representou para os povos envolvidos e, principalmente, como, por sua causa, o Brasil e a Argentina (levando o Uruguai de contrapeso) ficaram definitivamente colonizados pelo capital inglês.

¹⁰ Nossa tradução livre: [...] a historiografia uruguaia recente sobre a questão é escassa, quiçá motivada pela participação quase simbólica que terminará tendo a Banda Oriental, ainda que algo inexplicável porque a origem da guerra foi ali.

¹¹ Elementos dessa discussão serão expostos na análise do *corpus*, ao atentarmos para o romance *No robarás las botas de los muertos* (2002), do uruguaio Mario Delgado Aparáin.

¹² Sobre esta obra, a historiadora Silvana de Queiróz publicou o livro *Revisando a Revisão: Genocídio Americano: a Guerra do Paraguai de J. J. Chiavenato*. Porto Alegre: FCM, 2014.

Essa obra, ao lado dos estudos dos argentinos José María Rosa (1958/59) e León Pomer (1968; 2001)¹³, é uma das principais representantes do chamado revisionismo histórico sobre o tema e dialoga em alguma medida com o revisionismo paraguaio, a ser apontado mais adiante. Ao contrário das posturas oficiais brasileiras, defensoras de uma guerra cujo principal responsável teria sido o presidente paraguaio Francisco Solano López, Chiavenato propõe revelar a “verdade” escondida sobre aqueles conflitos. Resultante de grande sucesso editorial, o livro surge no contexto social e político de ditaduras no qual, por apresentar leituras possíveis de serem entendidas como oposicionistas ao sistema vigente, não deixou de agradar muitos leitores sedentos de vozes divergentes das ideologias militares.

Ao combater o surgimento e a ação da Tríplice Aliança, ao apresentar um Paraguai até então pouco explorado por estudos conservadores e, especialmente, ao acusar o imperialismo britânico de ser o principal responsável e interessado na guerra, Chiavenato, com a linguagem envolvente do jornalista, não comprova, contudo, suas hipóteses apresentadas como certezas. Sua obra, assim, tem hoje importância histórica por, direta ou indiretamente, suscitar em investigadores o desejo de pesquisas não somente comprometidas com feitos e nomes, mas voltadas a panoramas que extrapolam¹⁴ os dados factuais do período determinado pelos conflitos bélicos.

Ainda assim, não obstante as conclusões de Salles (1990, p. 4) de que encarar a Guerra Grande como necessidade do “[...] Imperialismo inglês para garantir o livre comércio é, por um lado, superestimação grosseira do nacionalismo paraguaio e da cobiça inglesa e, por outro, uma subestimação dos interesses próprios da Argentina e do Brasil”, Silvânia Queiróz (2014) posiciona-se diferentemente. Em estudo recente sobre a produção e a repercussão de *Genocídio americano*, a pesquisadora defende que Chiavenato “[...] reescreveu literalmente as representações nacionais dominantes sobre aquele conflito, desequilibrando por

¹³ Salles (1990, p. 18-37) apresenta as principais características desses autores expondo a versão de unidade da América hispânica em Rosa e a noção de intervenção imperialista em Pomer.

¹⁴ Mário Maestri, por exemplo, antes do lançamento de *Guerra sem fim* (2017) – sobre a campanha ofensiva (1864-1865); e *Guerra sin fin* (2018) – sobre a campanha defensiva (1866-1870), publicou os livros *Paraguai: a República Camponesa: 1810-1865* (2015) e *Mar del Plata: dominação e autonomia no sul da América: Argentina, Brasil, Uruguai:1810-1864* (2016).

anos, em forma poderosa, a hegemonia historiográfica oficial e oficiosa sobre aquele importante tema.” (QUEIRÓZ, 2014, p. 25). Ela também insiste na ideia de que, com o advento do neoliberalismo mundial, livros como *Maldita guerra* (2002), de Francisco Doratioto, e outros semelhantes de tendência “objetiva” no trato das documentações, representam a “restauração” da história política anterior ao revisionismo vigente a partir de meados do século passado.

Em nossa perspectiva, porém, não há mais espaço, atualmente, para a sustentação de histórias unilaterais sem o risco evidente de se cair, imediatamente às primeiras leituras, no descrédito histórico. O estudo abrangente de Doratioto, por exemplo, procura desvencilhar-se desse grupo; ao contrário da versão apresentada por Ronald León Nuñez (2011, p. 154). Para este último,

[...] o povo paraguaio se imolava defendendo suas terras, seu gado, suas casas, seu acesso quase integral ao sistema educacional. Os paraguaios não se rendiam. Não lhes intimidava a incomparável e esmagadora superioridade numérica e material dos poderosos exércitos invasores de seu solo. De todos os rincões homens, mulheres, crianças e idosos iam completando os batalhões dizimados, para continuar assim a defesa do país.

León Nuñez é um autor comprometido com as lutas campesinas características de um Paraguai atual¹⁵, tomado por grandes fazendeiros, praticantes da monocultura mecanizada, principais responsáveis pelo êxodo rural em massa, desde as últimas décadas do século passado. O intento das palavras citadas, todavia, direcionadas à politização militante de seguimentos sociais determinados, não condizem com o estipulado pela maioria dos historiadores, mesmo aqueles afins à história vista de baixo¹⁶. Sobre o acesso quase integral ao sistema educacional, Maestri (2015, p. 145), chama a atenção para a falta de fontes, apesar de admitir, em 1834, a existência mínima de 140 escolas primárias rurais, com cerca de cinco mil alunos do sexo masculino.

¹⁵ Para mais detalhes, recomendamos o documentário *La metamorfosis del Paraguay*, dirigido por Augusto Ferreira, baseado no livro, com o mesmo título, de Luis Rojas Villagra. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=CT4t5egRR0c> Acesso em: 07 ago. de 2018.

¹⁶ Segundo Jim Sharpe (1992, p. 41), a história vista de baixo explora o ponto de vista de “[...] homens e mulheres, cuja existência é tão freqüentemente ignorada, tacitamente aceita ou mencionada apenas de passagem na principal corrente da história.”

Há consenso entre os historiadores no destaque à bravura dos soldados paraguaios, fator essencial para o prolongamento da guerra, ao lado do desconhecimento do território pelos aliados, das doenças como o cólera e das táticas defensivas do exército lopizta. A participação, entretanto, de muitos homens e, especialmente, mulheres e crianças, não ocorreria sem a ameaça estatal de considerá-los traidores da pátria. Além das crianças lançadas ao campo de batalha, como no caso de Acosta Ñu, não foram poucas as execuções de condenados – homens e mulheres – cujas acusações e mortes decorreram de processos obscuros, sem o mínimo direito de defesa.

Por essas razões, entre outras, não é recomendável buscar conhecer a história da Guerra Grande a partir de livros como os de León Ñunez, um exemplo claro de parcialidade interpretativa que, apesar de acontecer, em alguma medida, até nas pesquisas mais sérias e aprofundadas, está presente não somente naquelas publicações antigas, anteriores aos métodos historiográficos difundidos pela História Nova¹⁷.

Ainda no âmbito das generalizações sobre o que foi ou significou a Guerra Grande, vejamos uma afirmação do argentino Leonardo Castagnino (2011, p. 10):

*Las verdaderas causas de la guerra no están en la palabra “civilización” ni nada que se le parezca; las verdaderas causas de la guerra están en una serie de intereses cruzados durante décadas y siglos de intrigas diplomáticas, políticas, ideológicas y culturales, que llevaron a enfrentamientos hasta degradar y desmembrar Hispanoamérica en general, y las Provincias Unidas del Río de la Plata en particular.*¹⁸

O termo civilização está bastante presente, até hoje, em vários estudos comparativos, de modo recorrente naqueles desavisados em relação às transformações conceituais questionadoras do determinismo cientificista, áureo no século XIX. Na América Latina, o clássico difusor da ideia da existência de

¹⁷ Três livros importantes sobre o tema são *A história nova* (2001), de Jacques Le Goff (Org.); *A escrita da história* (1992), de Peter Burke (Org.); e *A nova história* (1978), de Jacques le Goff, Roger Chartier, Jacques Revel [et al.].

¹⁸ Nossa tradução livre: As verdadeiras causas da guerra não estão na palavra “civilização” nem em nada que com ela se pareça; as verdadeiras causas da guerra estão em uma série de interesses cruzados durante décadas e séculos de intrigas diplomáticas, políticas, ideológicas e culturais, que levaram a enfrentamentos até degradar e desmembrar a Hispano-américa em geral, e as Províncias Unidas do Rio da Prata em particular.

civilizados *versus* bárbaros foi o argentino Domingo Faustino Sarmiento, em seu *Facundo: civilización y barbarie* (1845)¹⁹. Para justificar a Guerra Grande, um dos argumentos mais utilizados, inclusive nas versões patrióticas posteriores aos conflitos, foi a busca de convencimento geral de que o Paraguai era governado por um bárbaro. O povo daquele país, assim, teria na Tríplice Aliança a salvadora providencial.

Esta maneira de explicar as motivações bélicas, por si mesma, é insustentável, se analisamo-la à luz das mais variadas proposições das ciências humanas contemporâneas. Entrar nessa seara, no entanto, é desnecessário. Basta direcionarmos a atenção para alguns eventos inerentes à própria Guerra Grande, para concluirmos que a “civilização” não foi condição básica, para nenhum dos lados envolvidos. Além da incongruência óbvia da relação da palavra a situações de guerra, é sabido historicamente que houve saques e violações em Assunção; e uma campanha passível de ser definida como bárbara – apesar de aceitável para a literatura militar –, comandada pelo conde d’Eu, após a saída de Caxias, na perseguição a Solano López, a partir de 1869.

Segundo Guido Rodríguez Alcalá (2011, p. 36), nos primeiros dias de janeiro daquele ano,

*[...] los aliados entraron en Asunción, la saquearon durante varios días y destruyeron numerosas casas en busca de dinero o tesoros supuestamente escondidos por los asuncenos al abandonar la capital en 1868. Caxias, disgustado por la mala conducta de sus tropas, que no podía controlar, declaró terminada la guerra en enero de 1869 y viajó al Río de Janeiro.*²⁰

¹⁹ Segundo Bella Josef (1982, p. 71), trata-se de “[...] uma espécie de ensaio de geografia humana, pesquisa as causas dos distúrbios sociais na Argentina, dizendo que a razão dos males estava no legado da Colônia. Profetiza a queda inevitável de Rosas e do sistema que representava. Não escrevia em posição científica, foi mais um intuitivo que nunca pode meditar nas ideias que expunha. Portanto, descreve no *Facundo* [referência ao caudilho Juan Facundo Quiroga (1788-1835)] a sociabilidade portenha dos dias posteriores à revolução, quando as agrupações urbanas do interior [...] dormitavam na modorra colonial. Destacou pela primeira vez na América a influência do meio social e ainda o ecológico na explicação dos fatos históricos da época (caudilhismo, anarquia), baseando-se nas interpretações de Herder e Humboldt, que já haviam aplicado a mesma teoria aos fatos sociais ou aos fenômenos da natureza.”

²⁰ Nossa tradução livre: [...] os aliados entraram em Assunção, saquearam-na durante vários dias e destruíram numerosas casas em busca de dinheiro ou tesouros supostamente escondidos pelos assuncenos ao abandonarem a capital em 1868. Caxias, desgostoso devido à má conduta de suas tropas, que não podia controlar, declarou terminada a guerra em janeiro de 1869 e viajou ao Rio de Janeiro.

Apoiado em dados como os expostos acima, Castagnino (2011, p. 10), assim, rechaça a dicotomia civilização *versus* barbárie, para creditar a eclosão da guerra a interesses que remontam aos embates coloniais e das pós-independências, como a livre navegação dos rios, envolvendo a região do Prata. É na direção dos interesses locais, portanto, em detrimento do revisionismo acusador da influência inglesa, que os estudos desenvolvidos nas últimas décadas procuram compreender a abrangência do maior conflito armado da América Latina.

Entre as pesquisas mais celebradas, devido ao levantamento documental e cuidado analítico, estão as publicações de Thomas Whigham (2011; 2012), historiador norte-americano que se dedicou ao estudo exclusivo da Guerra Grande por mais de vinte anos. Para o autor,

*[...] por un lado, la Guerra de la Triple Alianza puede ser considerada como una disputa de voluntades entre el Mariscal López y los líderes militares aliados. Pero considero concluyente que los verdaderos cambios que engendró el conflicto ocurrieron osmóticamente, y que no fueron ni previstos ni deseados por ninguno de los contendientes, ni por los paraguayos, ni por los aliados.*²¹ (2011, p. 421-2).

O prolongamento da guerra e o consequente desgaste nos países beligerantes, assim, teria forçado mudanças contrárias às inclinações iniciais de seus líderes. À guisa de exemplo, o historiador chama a atenção, particularmente, para os casos paraguaio e brasileiro. No primeiro,

*[...] el Mariscal López comenzó a dar crecientemente la espalda a las élites paraguayas desde Tuyutí y a apelar de forma más directa al campesinado y a los pequeños propietarios. [No segundo], [...] los miembros de las clases bajas brasileñas fueron cada vez más presionados a involucrarse en un conflicto que pocos habían jamás concebido como propio.*²² (WHIGHAM, 2011, p. 422).

²¹ Nossa tradução livre: [...] por um lado, a Guerra da Tríplice Aliança pode ser considerada como uma disputa de vontades entre o Marechal López e os líderes militares aliados. Mas considero concluintes que as verdadeiras mudanças que engendrou o conflito ocorreram osmoticamente, e que não foram nem previstas nem desejadas por nenhum dos contendentes, nem pelos paraguaios, nem pelos aliados.

²² Nossa tradução livre: [...] o Marechal López começou a dar crescentemente as costas às elites paraguaias desde Tuyutí e a apelar de forma mais direta ao campesinato e aos pequenos proprietários. [No segundo], [...] os membros das classes baixas brasileiras foram cada vez mais pressionados a envolver-se em um conflito que poucos haviam jamais concebido como próprio.

O exército paraguaio²³, antes da guerra, era maior do que as forças militares oficiais presentes nos países da futura Tríplice Aliança. A perda crescente de homens treinados, em batalhas decisivas, somada à insatisfação de grande parte da elite paraguaia em relação à guerra, levou Solano López a intensificar, por um lado, o apelo populista, por meio de bailes patrióticos interioranos e pela difusão de jornais em língua guarani²⁴; por outro lado, a perseguição aos contrários à campanha bélica, à classe urbana endinheirada em particular, ciente de que a guerra estava perdida, levou o presidente a direções políticas, talvez, indesejadas antes da eclosão da guerra.

No Brasil, o corpo de Voluntários da Pátria²⁵ foi, em um primeiro momento, formado justamente por voluntários advindos das classes ricas, desejosas de contribuir com a defesa da honra imperial, ferida pelo vizinho “tirano”. A expectativa inicial de uma guerra fácil e rápida deu lugar à morosidade e a desconfianças. Aumentaram, assim, as críticas ao imperador, o qual passou a recorrer mais intensa e obrigatoriamente aos extratos populares, especialmente aos escravos²⁶. Começa a constituir-se, portanto, um exército nacional, até então pouco coeso, que, futuramente, articularia a proclamação da República, em 1889. A aproximação entre o poder central desses países e o grosso de suas populações, provavelmente alheia à guerra, se ela não fosse marcada por interrupções que a estenderam além do esperado, provocou uma sorte de sentimento nacionalista, campo aberto aos equívocos e distanciamentos das especulações ideológicas.

²³ Efetivos dos exércitos, conforme dados de 1860. Paraguai: 77.000; Argentina: 6.000; Brasil: 18.320; Uruguai: 3.163. (DORATIOTO, 2002, p. 91).

²⁴ “[...] o *Centinela*, em espanhol, com um ou dois artigos em guarani; e o *Lambaré* e o *Cabichuí*, ambos escritos inteiramente em guarani. Êste último pretendia ser algo como uma imitação do *Punch*, mas suas pilherias eram muito grosseiras, e às vezes escandalosas. O *Cabichuí* e o *Centinela* eram ilustrados com xilogravuras feitas por dois ou três soldados, de seus próprios desenhos, e talhadas a canivete.” (THOMPSON, 1968, p. 169).

²⁵ De acordo com Doratioto (2002, p. 114), “[...] o governo imperial criou, por decreto do dia 7 de janeiro de 1865, os corpos dos Voluntários da Pátria. Nestes podiam alistar-se, por livre vontade, cidadãos entre dezoito e cinqüenta anos para servir no exército.”

²⁶ “A dificuldade de preencher os vazios das tropas levou o Império a libertar escravos para lutarem no Paraguai. Por decreto baixado em 6 de novembro de 1862, os ‘escravos da nação’, do Estado, que servissem no exército em guerra ganhavam a liberdade, enquanto os donos que libertassem os seus, para esse mesmo fim, eram recompensados com títulos de nobreza. O governo imperial também desapropriou escravos para enviá-los para o Paraguai, pagando indenizações generosas, as quais não deixavam de gerar inconvenientes aos fazendeiros, pois era difícil a substituição desse trabalho nas lavouras.” (DORATIOTO, 2002, p. 272).

Antes, porém, de discutirmos os caminhos traçados pela historiografia da Guerra Grande até a atualidade, reputamos a importância de revisitarmos alguns dos eventos, decorrentes da guerra que começa a desenhar-se quando Francisco Solano López aceita intervir a favor do Uruguai. Este país estava ameaçado pela esquadra imperial do Brasil, devido a questões relacionadas à não renovação do tratado de navegação, a não devolução de escravos e, especialmente, a conflitos entre uruguaios e criadores de gado brasileiros, da província do Rio Grande do Sul, que estenderam suas propriedades ao norte do país vizinho.

Em dezembro de 1864, enquanto no Uruguai dá-se o ataque a Paissandu pelas forças armadas brasileiras em parceria com os *colorados* uruguaios comandados por Venâncio Flores – esse evento histórico é o tema do romance *No robarás las botas de los muertos* –, os paraguaios capturam o vapor brasileiro marquês de Olinda, que subia o rio Paraguai em direção ao Mato Grosso. Este é considerado o primeiro ato de guerra contra o Brasil. Na sequência, uma expedição enviada ao Mato Grosso toma o Forte Coimbra e avança em direção a Miranda, Corumbá, Coxim e Dourados, no território brasileiro. Para chegar a terras mais ao sul, no objetivo de juntar-se aos *blancos* uruguaios, o exército paraguaio também declara guerra à Argentina, após ter sido negado, pelo presidente Mitre, o pedido de passagem para as tropas²⁷. Diante deste cenário, Brasil, Argentina e Uruguai – este representado pelos *colorados* –, assinam, em segredo,²⁸ o Tratado da Tríplice Aliança, no primeiro dia de maio de 1865.

Uma vez resumidas algumas das movimentações iniciais da guerra, passemos a comentar, brevemente, sete dos principais e mais conhecidos eventos bélicos, a seguir elencados a partir da exposição cronológica de Assunção (2012, p. 413-424):

²⁷ A campanha expedicionária, contudo, “[...] foi fracasso geral, com pontos nodais na derrota de Riachuelo, em 11 de junho; na batalha-massacre de Yatay, de 17 de agosto, em Paso de los Libres; na rendição, em Uruguaiana, em 17 de setembro de 1865, sem resistência, do corpo de exército de Estigarribia, já semi-insurreccionado e negando-se a lutar.” (MAESTRI, 2017, p. 26).

²⁸ “O sigilo em torno do documento era justificado, uma vez que seus artigos eram extremamente duros com a nação beligerante. Os objetivos estabelecidos constituíam em retirar do Paraguai a soberania de seus rios, responsabilizar o país pelas dívidas de guerra, desarmar e distribuir seus armamentos entre os aliados e [...] repartir seus territórios em litígio entre a Argentina e o Brasil. Mais: o conflito só poderia ser dado por encerrado após a destituição de Solano López. O comando geral caberia a Mitre e a liderança naval, ao almirante Tamandaré.” (LIMA, 2016, p. 149).

- Batalha fluvial do Riachuelo: no dia 11 de junho de 1865, a Marinha de guerra paraguaia é totalmente destruída pela brasileira. Inicia-se o bloqueio do Prata, o que impede o Paraguai de receber armas, auxílio e manter comércio com o exterior.

- Batalha de Tuyutí: a maior da América do Sul, travada pelos exércitos paraguaios e aliados no dia 24 de maio de 1866. O Paraguai sofre grande quantidade de baixas. Ali morre a melhor parte do exército que López jamais conseguirá reunir novamente.

- Batalha de Curupaiti: no dia 22 de setembro de 1866, foi a maior derrota dos aliados na guerra. A ela seguiu-se a paralisação das atividades bélicas entre aliados e paraguaios por dois anos.

- Retirada da Laguna: no dia 7 de março de 1867, a coluna brasileira que invadiu o Paraguai pelo Mato Grosso começa a retornar, depois de entrar 30 quilômetros em território paraguaio.

- Dezembrada: com este nome passou à história o último mês de 1868, quando houve as batalhas decisivas de Itororó, Avaí e Lomas Valentinas, que aniquilaram de vez o poderio militar paraguaio.

- O ataque a Peribebuí: por ordem direta do conde d'Eu, prisioneiros paraguaios são degolados no dia 12 de agosto de 1869.

- Batalha de Campo Grande ou *Acosta Ñu*: no dia 16 de agosto de 1869, vinte mil aliados derrotaram seis mil paraguaios, entre os quais uma parte era formada por velhos e meninos disfarçados para parecerem adultos. Foi a última grande batalha da guerra. Sua data, posteriormente, no Paraguai, passou a ser o Dia das Crianças.

O primeiro dos eventos destacados, a batalha do Riachuelo, é interpretado por Maestri (2017, p. 351) nos seguintes termos:

O ataque à divisão naval imperial foi operação aventureira. A vitória imperial em Riachuelo pôs a pique o plano ofensivo paraguaio, impondo a necessidade da retirada geral de volta para o país. Havia forte disparidade de forças entre a armada do Império do Brasil, a segunda em importância nas Américas, e a paraguaia, força improvisada.

O avanço terrestre paraguaio ao exterior do país havia se dado até Uruguiana, no Rio Grande do Sul, onde, após breve temporada, o exército rendeu-se às forças aliadas. Como estratégia paralela, a tentativa de domínio naval na região do Prata, ao menos temporária, permitiria condições para a continuidade da campanha ofensiva. A cerca de oito quilômetros abaixo de Corrientes, porém, no pequeno afluente do rio Paraguai, um riacho sem nome, travou-se a batalha que pôs fim àquela possibilidade. A operação foi considerada aventureira devido à disparidade entre as armadas. O Brasil, na época, detinha um potencial bélico marinho entre os maiores das Américas; o Paraguai, por sua vez, valia-se de uma frota improvisada, especialmente voltada a atividades mercantis, sem condições mínimas para o enfrentamento a tamanho poderio imperial.

Para a Tríplice Aliança, entretanto, conforme Doratioto (2002, p. 150-1), o resultado da batalha do Riachuelo

[...] não teve caráter decisivo, pois as fortalezas inimigas sobre o rio Paraguai impediram o domínio dessa via fluvial pela esquadra brasileira, situação que perdurou até 1868. A vitória brasileira permitiu, porém, bloquear o contato marítimo do Paraguai com outros países, que inviabilizou a obtenção de armamentos e mercadorias pelo Prata, e, ainda, pôs fim ao avanço da coluna invasora de Corrientes.

Com o recuo definitivo dos paraguaios ao seu lado da fronteira, a guerra passou a ter, para aquele país, um caráter de “campanha defensiva”, como relata Maestri (2018), no último de seus vários livros dedicados à região do Prata, em geral, e à Guerra Grande, em particular. Na obra direcionada à “campanha ofensiva”, o autor comenta sobre a repercussão no Brasil após a batalha do Riachuelo: “A propaganda imperial e aliancista divulgou enormemente a vitória, a primeira obtida, dando-lhe foro heroico desmedido, versão prontamente recolhida pela historiografia nacional-chauvinista.” (MAESTRI, 2017, p. 378). A vitória brasileira e a inviabilização do contato paraguaio com outros países, por meio marítimo, não foram suficientes para acelerar o término da guerra. Outras batalhas e longos intervalos, como veremos, ainda estavam por vir.

Com o avanço e o fortalecimento gradativos, as tropas terrestres da Tríplice Aliança atravessaram o rio Paraguai e instalaram-se no outro lado da fronteira, na região onde os conflitos se estenderiam até a queda da fortaleza de Humaitá, dois

anos depois, em julho de 1868. No decorrer desse período, aconteceram as duas grandes batalhas da Guerra Grande, uma vencida pelos aliados e outra pelos paraguaios. Sobre a primeira delas, a batalha de Tuyutí, o historiador argentino Miguel Ángel De Marco (2013, p. 34) expõe o seguinte:

El 2 de mayo comenzó una contraofensiva de López, quien atacó la posición aliada de Estero Bellaco, y fue rechazado con grandes pérdidas para ambas partes. Apenas veintidós días después lanzó sus mejores tropas contra el campamento de Tuyutí. Fue la batalla más grande y sangrienta de América del Sur, en la que cayeron 13.000 paraguayos, entre muertos y heridos, y 4.000 aliados.²⁹

As estimativas de De Marco igualam-se às de Doratioto (2002, p. 222) em relação aos paraguaios e são muito próximas na contagem dos aliados que, entre mortos – a minoria em todos os casos – e feridos, somariam 606 argentinos, 613 uruguaios e 3029 brasileiros, totalizando 3931 perdas.

Já o coronel George Thompson, engenheiro inglês que participou da guerra do lado paraguaio e escreveu *The War in Paraguay*, publicado em Londres, em 1869, – um dos livros mais bem informados sobre a guerra e fonte obrigatória para os estudiosos posteriores –, registra “[...] acima de 8.000 mortos e feridos” entre os adversários (THOMPSON, 1968, p. 127). Esta quantidade é hoje considerada exagerada, apesar da reverência de Doratioto (2002, p. 101) ao considerar Thompson um autor equilibrado. Os números, porém, demonstram a participação expressiva de brasileiros nos fronts, ainda mais crescente até o final da guerra, ao contrário dos demais aliados.

Em relação aos que combatiam pelo Paraguai, naquela batalha latino-americana sem precedentes em tamanho e crueza, as palavras a seguir são emblemáticas: “O terreno ficou coalhado de cadáveres paraguaios, em distância superior a três quilômetros, e em tal quantidade que nem todos puderam ser sepultados.” (DORATIOTO, 2002, p. 221). A valentia do povo daquele país é exaltada até mesmo pelos historiadores partidários da Tríplice Aliança; esta ideia é

²⁹ Nossa tradução livre: Em 2 de maio começou uma contraofensiva de López, quem atacou a posição aliada de Estero Bellaco, e foi rechaçado com grandes perdas para ambas partes. Apenas vinte e dois dias depois lançou suas melhores tropas contra o acampamento de Tuyutí. Foi a batalha mais grande e sangrenta da América do Sul, na que caíram 13.000 paraguaios, entre mortos e feridos, e 4.000 aliados.

uma das afirmações consensuais sobre a Guerra Grande. A decisão do ataque surpresa planejado pelos paraguaios, todavia, não foi suficiente para a vitória. A diferença crucial entre a quantidade e a qualidade das armas, além dos rumos estratégicos tomados pelos dois lados, são motivos que explicam o ocorrido (MAESTRI, 2018, p. 133).

Quatro meses depois, outra grande batalha, a de Curupaiti, vencida pelos paraguaios, está assim comentada por Thomas Whigham (2011, p. 211):

*En su forma más simple, el fracaso aliado reflejaba una subestimación de las fortalezas paraguayas. Aunque los soldados del mariscal apenas habían acabado de completar las trincheras de Curupayaty, estas constituían defensas formidables, bien guarnecidas por experimentados cañoneros con suficientes municiones y pólvora. El terreno favorecía a los paraguayos, quienes habían despejado en campo de fuego excepto en los flancos extremos, y en estos puntos el follaje y las aguas profundas obstaculizaban el avance aliado.*³⁰

Dias antes dessa batalha, aconteceu o famoso encontro de Ytaity Corá, no qual Solano López reuniu-se, em campo, com Bartolomé Mitre, o comandante chefe dos aliados. Não houve acordo para o término da guerra. Há quem não duvide, contudo, de que isso não passou de uma estratégia do comandante paraguaio, para ganhar tempo, até que as defesas de Curupaiti estivessem prontas³¹. O desfecho, isto sim é certo, foi a única derrota expressiva da Tríplice Aliança durante a guerra. Após o bombardeio da esquadra imperial às defesas inimigas – os alvos ficaram longe de sofrer a destruição planejada –, a ordem para o ataque das tropas terrestres se depararam com um contragolpe eficiente, forçando o recuo dos assaltantes, obrigados a recuarem, enquanto somavam perdas irreversíveis de soldados.

³⁰ Nossa tradução livre: Em sua forma mais simples, o fracasso aliado refletia uma subestimação das fortalezas paraguaias. Ainda que os soldados do marechal mal haviam acabado de completar as trincheiras de Curupaiti, estas constituíam defesas formidáveis, bem guarnecidas por experimentados canhoneiros com suficientes munições e pólvora. O terreno favorecia aos paraguaios, os quais estavam espalhados em campo de fogo exceto nos flancos extremos, e nestes pontos a folhagem e as águas profundas obstaculizavam o avanço aliado.

³¹ “López estava agora inteiramente convencido de que os aliados estavam a ponto de desferir-lhe o *coup de grâce*, e pensou em entrar em entendimentos com eles, ou, de qualquer modo, ganhar um pouco de tempo para fortificar Curupayty.” (THOMPSON, 1968, p. 145).

Segundo Luiz Octavio de Lima (2016, p. 248), os levantamentos mais conservadores contam, do lado brasileiro, “[...] 412 soldados mortos, 1.589 feridos e dez desaparecidos; os argentinos, 983 mortos, 2.002 feridos e 56 desaparecidos. [...] O lado paraguaio teve 54 mortos e 196 feridos [...]”. Não houve participação uruguaia. Os dados, portanto, são significativos, especialmente diante de um contexto em que a força aliada era quatro vezes superior. A consequência deste episódio é relatada, mais adiante, pelo autor, nos seguintes termos:

A derrota na ação de Curupaiti, que custou tantas vidas de seus compatriotas, abalou fortemente o moral dos combatentes da Aliança, afetando também o apoio popular à guerra em Buenos Aires e Montevideu. Após a batalha, o presidente Venâncio Flores retirou-se para a capital uruguaia e, dali em diante, manteve uma representação quase simbólica de seu país no conflito, em cujas frentes permaneceram pouco mais de seiscentos soldados orientais. (LIMA, 2016, p. 251).

Além do efeito produzido a argentinos e uruguaios, o Império passou a intensificar o recrutamento de soldados – grande parte escravos, sob promessas de alforria e indenização aos donos – e o comando geral da Tríplice Aliança passaria a Caxias. No Paraguai, a vitória inesperada gerou boas expectativas e foi motivo importante para o setor propagandístico buscar o fortalecimento da efervescência patriótica. Sem grandes enfrentamentos a partir dessa batalha, a guerra passará por um longo intervalo, com os aliados acampados e agregando reforços na região de Passo de Pátria, enquanto os paraguaios se organizavam para a continuidade bélica, ilhados em seu país.

Paralelamente aos eventos relatados acima, ocorria no Brasil a expedição militar direcionada a retomar a soberania nacional, nas localidades invadidas pelo exército paraguaio, a partir de dezembro de 1864. A campanha começou em abril de 1865, quando as tropas saíram do Rio de Janeiro em direção ao oeste, e termina em meados de 1867, na constatação de que – depois de dois anos de marcha por regiões de escassa urbanização e de geografia desconhecida, morte de milhares de soldados e não poucos oficiais – não havia condições para o enfrentamento com uma pequena parte da cavalaria paraguaia.

Ao avançar a fronteira, nas mediações do povoado paraguaio de Bela Vista, os brasileiros realizaram uma fuga trágica e atípica. A “retirada”, assim, começa em

uma localidade chamada Laguna e tem duração entre 8 de maio e 11 de junho de 1867, quando o exército pode considerar-se a salvo dos antagonistas, da fome e das enfermidades. Dos três mil combatentes brasileiros, setecentos sobreviveram. Os detalhes dessa campanha de mais de dois anos formam a base material do clássico nacional *A retirada da Laguna* (1871), do futuro Visconde de Taunay, francês que esteve na expedição como tenente e assim expõe a ordem do dia baixada em 12 de junho de 1867: “*A retirada, soldados, que acabais de efetuar, fez-se em boa ordem, ainda que no meio das circunstâncias mais difíceis. [...] Soldados! Honra à vossa constância, que conservou ao Império os nossos canhões e as nossas bandeiras.*” (TAUNAY, 1975, p. 137).

Estas palavras exemplificam a linguagem de uma obra edificante da heroicidade pátria, a partir de uma campanha mal planejada, de resultados totalmente contrários ao que se esperava. O discurso de Taunay embeleza a história; atribui grandezas aos soldados defensores da continuidade do Brasil imperial. O livro, apesar de favorecer epicamente a imagem do país, ao transformar um grande fracasso em página importante da história nacional, é a principal fonte sobre aquele evento da guerra, pois busca narrar a totalidade da campanha militar e não deixa de assinalar os erros de planejamento cometidos pelo exército.

O livro de Taunay inspirou a criação de monumentos como a pedra em homenagem aos combatentes de Laguna, em Porto Canuto, município de Anastácio-MS; pinturas como “A retirada da Laguna”, de Ruy Martins Ferreira; documentários como “Retirada da Laguna” (2016), de Elias Taylar Galante; ou a sinfonia “A retirada da Laguna” (1971), de César Guerra-Peixe. A repercussão da história está viva, muitas vezes sem questionar ou corrigir as visões oficiais estabelecidas sobre o passado. Na literatura brasileira, especificamente, a obra de Taunay é fonte inspiradora de pelo menos cinco romances, publicados nos últimos vinte e seis anos.

Retomemos, ainda, a continuidade da guerra após o intervalo subsequente às batalhas de Tuyutí e Curupaiti. A partir de julho de 1867, com a reorganização dos aliados sob as ordens estratégicas de Caxias e com o retorno de Mitre ao comando geral, novas e eficientes ofensivas culminam com a queda de Humaitá – em 5 de agosto de 1868 –, a fortaleza até então inexpugnável que impedia o avanço da esquadra aliada pelo rio Paraguai, em direção a Assunção. Antes da rendição

dos soldados remanescentes, incumbidos de defendê-la, Solano López se retira para outro lado do rio, em *San Fernando*, onde pretende reunir novamente o que restava de seu exército. Nesse local dão-se as execuções³² de muitas pessoas, acusadas de conspiração contra o supremo comandante.

Em dezembro de 1868, acontecerão três batalhas decisivas: de Itororó, do Avay e de Lomas Valentinas. Elas compõem um contexto, para alguns historiadores denominado “dezembrada”. Para outros, campanha de *Pykysry*, por ter ocorrido na altura do rio com este nome, a menos de trinta quilômetros de Assunção, na região onde o exército paraguaio buscou fortalecer suas defesas. Segundo Maestri (2018, p. 463),

[...] *la victoria de Ytororó y derrota de Avay fueron preámbulos concluyentes de la derrota definitiva del ejército paraguayo que perdió, en ellas, tal vez seis mil hombres, alrededor de un tercio del total de esas tropas, en dos enfrentamientos totalmente innecesarios, desde el punto de vista paraguayo. La conclusión del drama se daría en Lomas Valentinas.*³³

Os números apresentados por Maestri serão, como veremos na sequência, bastante alargados após a batalha de Lomas Valentinas, cujo resultado está assim exposto por Doratioto (2002, p. 373-374):

Atacados pela frente, pelos flancos e pela retaguarda, os paraguaios resistiram com grande bravura, o que não os impediu de serem aniquilados. Três dias depois, em 30 de dezembro, renderam-se os 1300 soldados de Angostura, comandados por George Thompson, o último reduto do complexo defensivo de Piquissirí; as mulheres aprisionadas foram violadas. Desde o dia 6 de dezembro o Exército paraguaio havia perdido quase 20 mil combatentes, ou seja, fora destruído.

Na interpretação de Maestri, (2018, p. 472), retirar-se “[...] *era la obligación mayor del comandante general de la resistencia del país.*”³⁴ Já para Whigham, quem

³² Este episódio é um dos temas centrais do romance *Los papeles de Burton* (2012), da argentina Mercedes Rubio, a ser estudado nesta tese.

³³ Nossa tradução livre: [...] a vitória de Ytororó e derrota de Avay foram preâmbulos concludentes da derrota definitiva do exército paraguaio que perdeu, nelas, talvez seis mil homens, cerca de um terço do total dessas tropas, em dois enfrentamentos totalmente desnecessários, do ponto de vista paraguaio. A conclusão do drama se daria em Lomas Valentinas.

³⁴ Nossa tradução livre: [...] era a obrigação maior do comandante geral da resistência do país.

ressalta a estabilidade e profissionalismo de Caxias, o que houve foi uma “[...] *sorprendente exhibición, primero, de un coraje personal más asociado al de Osório [...], segundo, de imperdonable torpeza al dejar que el mariscal se escabullera una vez más.*”³⁵ (WHIGHAM, 2012, p. 247). Em janeiro de 1869, Assunção é tomada definitivamente pela Tríplice Aliança e Caxias dá a guerra por encerrada. A captura de López, entretanto, especialmente para o Império, continuava prioritária. Dom Pedro II envia seu genro, o conde d’Eu, para liderar, junto ao exército, uma caçada que se estenderia até março de 1870, quando López foi executado, por não se entregar, em *Cero Corá*, ao norte do país.

Em meados daquele ano de 1869, Piribebuy passa a funcionar como capital provisória do país, pois Assunção, como vimos, a não muitos quilômetros de distância, estava tomada pelos aliados há vários meses. Ainda sob o comando geral procedente das ordens de López, portanto, o novo centro de poder paraguaio estava abarrotado de mulheres e crianças, além da presença insistente de parte do que restava do exército paraguaio.

No mês de agosto, a cidade é atacada e vencida. Antes da caçada seguir adiante, porém, Whigham (2012, p. 377-378) relata sobre um coronel:

*[...] decapitado después de que los soldados aliados lo ataron a dos cañones y se turnaron para flagelarlo en presencia de su esposa, también prisionera. Otros oficiales murieron en similares circunstancias. Los brasileiros entonces se dirigieron al hospital local, que encontraron lleno de paraguayos heridos. Aunque algunos de estos desdichados pudieron escapar, un buen número fue ejecutado mientras trataba de ponerse de pie. Luego, en vez de confiscar el edificio para su uso posterior por parte del personal médico, los brasileños le prendieron fuego, y 600 hombres y mujeres, algunos de ellos todavía vivos, fueron inmolados.*³⁶

³⁵ Nossa tradução livre: [...] surpreendente exibição, primeiro, de uma coragem pessoal mais associada a de Osório [...], segundo, de imperdoável torpeza ao deixar que o marechal escapasse uma vez mais.

³⁶ Nossa tradução livre: [...] decapitado depois de que os soldados aliados o ataram a dois canhões e se revezaram para flagelá-lo em presença de sua esposa, também prisioneira. Outros oficiais morreram em circunstancias similares. Os brasileiros então se dirigiram ao hospital local, que encontraram cheio de paraguaios feridos. Ainda que alguns destes desventurados puderam escapar, um bom número foi executado enquanto tratava de colocar-se de pé. Em seguida, em vez de confiscar o edifício para seu uso posterior por parte do pessoal médico, os brasileiros atearam fogo, e 600 homens e mulheres, alguns deles ainda vivos, foram imolados.

Não é fácil elaborar justificativas, minimamente sensatas, para o convencimento geral das sociedades contemporâneas, da necessidade da ocorrência de guerras. Em vários momentos da história humana, contudo, deu-se a eclosão de confrontos entre exércitos e táticas organizados. Os episódios relatados acima, assim, são exemplos do que, no ponto de vista militar, incluem-se na noção de guerra total, pois o envolvimento da população civil e as consequências destrutivas à estruturação humana do país foram incomensuráveis.

Isso não diminui as críticas possíveis de serem apontadas para a formação dos combatentes da Tríplice Aliança, especialmente os brasileiros, decorrente de um processo improvisado, contando com “guerreiros” acostumados a peleias locais e homens até então carentes dos rudimentos militares básicos. Ainda sob essas condições, a ideia de campanha “civilizatória” a ser levada à “nação guarani” foi bastante utilizada na argumentação de historiadores nacionalistas, propensos ao enquadramento dos paraguaios na condição de “bárbaros”. Os feitos de Perybeui, contudo, não ajudam para consolidação deste contexto interpretativo.

Em uma outra direção, conforme Doratioto (2002, p. 408),

[...] alguns trabalhos populistas, cultuadores, implícita ou explicitamente, da tirania, se limitam a destacar a coragem de crianças e velhos e a buscar levantar no leitor a indignação de, afinal, os aliados terem lutado e matado um inimigo mais fraco. Esses trabalhos induzem o leitor a admirar Solano López, em lugar de responsabilizar o ditador pela morte de crianças e velhos, ao levá-los a lutar em uma guerra já perdida.

O apelo trágico e as consequências condenáveis de um confronto desproporcional, aos olhos de análises destituídas da “leitura militar”, tornam-se, evidentemente, passíveis de interpretações variadas. Nestas circunstâncias, a imprecisão ou parcialidade dos estudos históricos aproximam-se do inevitável, até nas pesquisas mais propensas à objetivação dos fatos.

A constituição de heróis e vilões, assim, passa a ganhar terreno fértil e, no caso da Guerra Grande, um combate posterior, travado no dia 16 de agosto de 1869, contribuirá poderosamente para isso.

Segue um relato sobre o ocorrido, ainda segundo Doratioto (2002, p. 418):

A diferença entre o número de mortos paraguaios e aliados demonstra que Campo Grande / Aconsta Ñu foi um banho de sangue. Este foi iniciado por Solano López, ao enviar ao combate adolescentes, disfarçados de adultos, despreparados e com armas obsoletas, e continuado pelos soldados brasileiros embrutecidos por anos de guerra, cansados de um inimigo que não se rendia, não recuava, se mantinha em combate mesmo quando a morte era certa.

A batalha de Acosta Ñu é, sem dúvida, pelo simbolismo intrínseco, grande motivadora de debates e rupturas, não só entre estudiosos, mas em relação às pessoas comuns, que passam a interpretar a essência atual dos povos a partir de seus atos no passado. Para um dos principais especialistas sobre a Guerra Grande: *“Los paraguayos en esta ocasión habían sido aplastados por el simple y obvio hecho de que los niños no pueden triunfar allí donde han fracasado adultos bien nutridos y bien entrenados.”*³⁷ (WHIGHAM, 2012, p. 392).

Se voltarmos aos primeiros anos da Guerra Grande, portanto, não é desatino admitir que o exército paraguaio, talvez o mais poderoso e valente da América do Sul, estava devidamente treinado e não conhecia escassez do necessário para o triunfo almejado. A vitória geral, contudo, desenhava-se impossível desde a queda definitiva de Humaitá. Não seriam meninos famintos, é evidente, que mudariam o destino anunciado.

Prossigamos, assim, ao derradeiro momento desta seção e passemos a considerar mais de perto as discussões inerentes à historiografia, fundamental para a análise dos elementos ideológicos e narrativos constituintes dos romances históricos estudados nesta tese.

Já apontamos anteriormente para as investigações de Mário Maestri, quem, nos últimos anos, tem pesquisado e publicado obras importantes sobre a Guerra Grande. O trabalho minucioso de consulta e análise levou o historiador à elaboração de conclusões, às vezes, taxativas. Ele acusa a historiografia tradicional brasileira, por exemplo, de apologética e superficial, no modo como enfrentou e enfrenta os fatos da guerra, sob “[...] ampla ignorância da história e da formação social paraguaia”. (MAESTRI, 2016, p. 17). Por outro lado, ainda para o mesmo autor, a desqualificação geral da sociedade e da cultura do país vizinho

³⁷ Nossa tradução livre: Os paraguaios em esta ocasião haviam sido esmagados pelo simples e óbvio fato de que os meninos não podem triunfar ali onde fracassaram adultos bem nutridos e bem treinados.

[...] tem como espécie de inverso as propostas, também fantasiosas e sem travas, de historiografia apologética, de variadas orientações, sobre a história, a sociedade e a ação nacional paraguaia na guerra – nação sem pobreza, sem loucos e sem analfabetos; socialismo ou comunismo francista; industrialismo e anti-imperialismo lopizta, país mais desenvolvido e progressista da América; prodigiosidade militar de Solano López, etc. Uma historiografia de viés nacionalista que, não raro, constitui-se como resistência rústica e alienada à violência das representações dominantes sobre o passado. (MAESTRI, 2016, p. 18).

A crítica exposta acima também se estende à vasta produção especializada que se orienta pela restrição de abordagem e partidarismo definido previamente. Exemplares desta bibliografia compõem bibliotecas e imaginários que ajudaram a substantivar nacionalismos, nos países envolvidos na contenda e para além de suas fronteiras. O sentido de pertencimento nacional, como é sabido, muitas vezes é constituído a partir de mentiras, sistematicamente difundidas pelos aparatos estatais e civis de educação. Criam-se barreiras, inclusive, no meio acadêmico o qual tem parcela importante nos processos de seleção e interação de conhecimentos. Encontramos ecos desta denúncia, na seguinte constatação:

[...] é muito rica a historiografia platina de alta qualidade, de múltiplas inspirações epistemológicas, sobre o período colonial, a luta pela independência, a era franquista, o governo de Carlos Antonio López. Produção em geral jamais traduzida ao português e de limitado conhecimento em nosso país, não raro mesmo entre historiadores especializados no estudo do conflito. (MAESTRI, 2016, p. 18).

Uma apreciação ligeira do fragmento supracitado abarca, em grande medida, uma das hipóteses de nossa tese de que a ficção sobre a Guerra Grande reproduz os pressupostos das limitações historiográficas. Sabemos que muitos romancistas realizam extensas pesquisas, quando resolvem escrever sobre temas de extração histórica. A qualidade do acervo disponível pode orientar a composição do romance quando este, para negar ou reafirmar, apresenta compromissos com os eventos realocados para o âmbito da ficção.

Se, por um lado, historiadores especializados detêm conhecimento ou interesse limitados sobre aspectos que fogem às especificidades estratégicas de ordem política ou militar, parece-nos justo eximir os romancistas – eles não precisam

de comprometimento com a “verdade” dos fatos –, das buscas pormenorizadas pelos elementos profundos que poderiam significar, provocativamente, a superfície da narrativa enunciada.

A acusação aos historiadores da Guerra Grande, entretanto, está cada vez mais insustentável, quando, por exemplo, voltamos a atenção para análises como a realizada pela pesquisadora argentina María Victoria Baratta (2014, p. 111):

*Analizamos la historiografía renovada sobre la contienda fuera de la Argentina como una manera de poder dar a conocer las líneas de investigación y entablar diálogos a futuro. Sostenemos que el caso brasileño abre muchas líneas de investigación que pueden ser retomadas para asuntos del caso argentino y por ello nos hemos detenido en su descripción ya que los avances allí son los más notorios entre los países que participaron de la contienda. Celebramos además la reapertura de las investigaciones históricas en el Paraguay democrático y esperamos que sigan desarrollándose nuevas miradas allí y también las esperamos en el Uruguay.*³⁸

Ao estudar a historiografia argentina sobre a Guerra Grande e ao considerar as pesquisas realizadas nos países vizinhos – além de chamar nossa atenção para as linhas de investigação adotadas no Brasil e para a esperança de novas abordagens no Paraguai e no Uruguai –, a autora ainda acrescenta em relação ao seu país:

*El estudio de los lenguajes y conceptos políticos (soberanía, civilización, barbarie, libertad, pueblo), de los sectores populares, de la formación de milicias y el ejército, de la prensa, de las mujeres, las dinámicas políticas, las implicancias socio-económicas, del papel de la religión, de los mecanismos de justicia, de la memoria y de la constitución de la ciudadanía, entre otros, son tópicos que hoy recorren con vigor la historiografía del siglo XIX argentina. La Guerra del Paraguay, tan incómoda y políticamente incorrecta, los espera.*³⁹ (BARATTA, 2014, p. 111).

³⁸ Nossa tradução livre: Analisamos a historiografia renovada sobre a contenda fora da Argentina como uma maneira de poder dar a conhecer as linhas de investigação e estabelecer diálogos no futuro. Sustentamos que o caso brasileiro abre muitas linhas de investigação que podem ser retomadas para assuntos do caso argentino e por isso nos detemos em sua descrição já que os avanços ali são os mais notórios entre os países que participaram da contenda. Celebramos ainda a reabertura das investigações históricas no Paraguai democrático e esperamos que sigam desenvolvendo novos olhares ali e também as esperamos no Uruguai.

³⁹ Nossa tradução livre: O estudo das linguagens e conceitos políticos (soberania, civilização, barbárie, liberdade, povo), dos setores populares, da formação de milícias e o exército, da imprensa, das mulheres, as dinâmicas políticas, as implicâncias socioeconômicas, do papel da religiosidade, dos mecanismos de justiça, da memória e da constituição da cidadania, entre outros, são tópicos que

As abordagens historiográficas argentinas estão, conforme elencadas, desenvolvendo-se em consonância com as diretrizes da História Nova (BURKE, 1992; LE GOFF, 2001). A temática da Guerra Grande, todavia, ainda não figura na lista, por ser considerada incômoda e politicamente incorreta. Desvelar o que está assentado pelas historiografias conservadora e revisionista significaria sair da simplificação de modelos acostumados a “[...] ignorar documentos e anestesiar o senso crítico. Ambos substituíram a metodologia do trabalho histórico pelo emocionalismo fácil e pela denúncia indignada”. (DORATIOTO, 2002, p. 20).

Diante dessas apreciações, portanto, repassemos, breve e separadamente, a trajetória historiográfica do tema no Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai.

Em um primeiro momento, a ressonância do evento bélico, tanto nos países da Tríplice Aliança quanto no Paraguai, esteve relacionado à ideia de que o “[...] *fin del enfrentamiento significó la liberación del pueblo paraguayo de la barbarie impuesta por los gobiernos tiránicos que lo habían mantenido aislado de las naciones civilizadas.*”⁴⁰ (BARATTA, 2014, 101). Passado o calor dos acontecimentos sobre os quais poucas vozes se impostam contrárias ao discurso dos vencedores, surgem, com o decorrer dos anos e das motivações conjunturais, mudanças na postura explicativa e nos níveis de atenção dedicados à guerra.

No Brasil, as leituras especializadas sobre a Guerra Grande receberam alterações importantes ao longo do tempo. Até a metade do século XX, a ideia predominante justificava a motivação dos conflitos como resultante do expansionismo paraguaio junto à megalomania de Solano López; esta postura estava de acordo com o desejo nacionalista que, com a proclamação da República, buscava criar e exaltar heróis como Duque de Caxias e o General Osório.

Em seguida, especialmente a partir da publicação de *Genocídio americano*⁴¹ (1979), de Julio José Chiavenato, avulta a versão revisionista a qual vê o império britânico como o grande articulador da guerra, ao usar a Tríplice Aliança para

hoje recorrem com vigor a historiografia do século XIX argentina. A Guerra do Paraguai, tão incômoda e politicamente incorreta, os espera.

⁴⁰ Nossa tradução livre: [...] fim do enfrentamento significou a liberação do povo paraguaio da barbárie imposta pelos governos tiranos que o haviam mantido ilhado das nações civilizadas.

⁴¹ Doratioto (2002, p. 19-20) vê esta obra como uma simplificação de *La Guerra del Paraguay: gran negocio!* (1968) de León Pomer. Trata-se de uma “teoria conspiratória [que] vai contra a realidade dos fatos e não tem provas documentais”.

impedir o desenvolvimento paraguaio e pôr termo à falta de sujeição daquela pequena e promissora nação com respeito aos ingleses.

Sobre os novos estudos, os que compõem o terceiro e atual momento da historiografia, e de certa maneira já começamos a demonstrar em outro lugar, Odair Eduardo Geller (2018, p. 11) afirma:

[...] ao mesmo tempo em que o líder paraguaio volta a representar a figura do caudilho latino-americano, o tema da Guerra surge sob o pano de fundo de uma intrincada rede de questões de ordem regional. Delas, sobressaem elementos associados a disputas em torno do direito à navegação no Rio da Prata, a questões de limites entre os países recém-fundados, e principalmente, a relacionada ao desejo do Mariscal paraguaio em elevar o país à condição de potência regional, ameaçando o status quo de Brasil e Argentina.

Ainda de acordo com esse autor, temos nesta fase historiográfica uma compreensão complexa e abrangente do episódio humano da Guerra Grande, “[...] um movimento em direção a um nível maior de serenidade, condição capaz de promover a pacificação dos espíritos ressentidos, colaboração para o gozo da Paz.” (GELLER, 2018, p. 247). Esta expectativa talvez ganhe mais força e corpo também na literatura que, futuramente, venha se interessar pelos conflitos bélicos, em particular, e latino-americanos, em geral.

No Paraguai, conforme Liliana Brezzo (2003, p. 157-175), teve vida curta a versão dos vencedores que apontavam Solano López como o grande responsável pela guerra e o trágico destino do povo que estava sob sua autoridade. Já no final do século XIX e início do XX aparece o revisionismo paraguaio, entre a intelectualidade do país, projetando as figuras do ditador José Gaspar Rodríguez de Francia e dos presidentes Carlos Antonio López e Francisco Solano López como heróis nacionais. Esta celebração aumentou com a Guerra do Chaco (1932-1935) e o fortalecimento do exército e dos governos militares que, respaldados nela, ditaram a vida paraguaia nas décadas seguintes.

A partir dos anos 1980, os segmentos sociais e intelectuais contrários às forças ideológicas predominantes – lopiztas – começam a subir o tom de suas interpretações, até então existentes, mas silenciadas devido à opressão militar. Por esta razão, conforme José Vicente Peiró Barco (2001, p. 902),

[...] la tradición historiográfica paraguaya está muy lejos de ser una disciplina científica, salvo algunos autores que son una excepción. Los trabajos históricos son, más bien, aproximaciones personales subjetivas a un personaje o a unos acontecimientos concretos y se alejan de la concepción de la historia como una disciplina de investigación.⁴²

Na análise do romance *Caballero* (1986), de Guido Rodríguez Alcalá, trazemos à baila referências aos estudos de Juan E. O’Leary, talvez o mais famoso e influente entre os escritores paraguaios vinculados à concepção de escrita da história apontada acima por Peiró Barco.

Já a historiografia argentina utilizou-se da guerra para consolidar a identidade e integridade nacionais do país. A afirmação sobre os heróis da pátria, civilizada, e a barbárie dos paraguaios e seus comandantes predominou até meados do século XX, quando aparece o revisionismo – semelhante e antecedente ao presente no livro de Chiavenato –, que enxerga no imperialismo britânico o grande interessado na guerra.

Para Baratta (2014, p. 105), “[...] esta contra-historia propuso centrarse en las mismas temáticas que su antecesora, buscar orígenes, causas, responsables, héroes y culpables. Propuso dar vuelta la moneda y mostrar su otra cara. Allí radicó también su éxito y su limitación.”⁴³ Na mesma página, a historiadora argentina ainda afirma que, na atualidade, estão no Brasil os principais renovadores e as melhores contribuições para os estudos sobre a Guerra Grande. Ela lamenta a atenção insuficiente entre os investigadores de seu país, para um tema tão importante à história da região.

No caso uruguaio, à semelhança dos demais aliados, os escritos iniciais da historiografia sobre a guerra não fugiu à apresentação de aspectos nacionalistas. O revisionismo na segunda metade do século XX também se voltou em direção às orientações imperialistas britânicas como motivadoras e provedoras dos eventos protagonizados pela Tríplice Aliança e o Paraguai. O historiador uruguaio Tomás

⁴² Nossa tradução livre: [...] a tradição historiográfica paraguaia está muito distante de ser uma disciplina científica, salvo alguns autores que são uma exceção. Os trabalhos históricos são, sim, aproximações pessoais subjetivas a um personagem ou a uns acontecimentos concretos e se distanciam da concepção da história como uma disciplina de investigação.

⁴³ Nossa tradução livre: [...] esta contra-história propôs centrar-se nas mesmas temáticas que sua antecessora, buscar origens, causas, responsáveis, heróis e culpados. Propôs dar volta na moeda e mostrar sua outra cara. Ali radicou também seu êxito e sua limitação.

Sansón Corbo (2015, p. 975-6), entretanto, assim sintetiza os fatores que responderiam à exígua produção historiográfica uruguaia sobre o tema:

a) la problemática participación del contingente oriental; b) el escaso compromiso “nacional” que implicó para el gobierno de entonces; c) un cierto carácter vergonzante generado por la evocación de un evento que implicó la masacre de un pueblo hermano (que por otra parte había cobijado en su exilio a José Artigas, el “Padre de la Patria”); y d) la lejanía de los escenarios de combate que ocluyeron la generación de memorias locales de carácter épico. A este conjunto de factores debemos agregar otro vinculado con el peso inercial ejercido por la historiografía tradicional – y provinciana – que determinó un abordaje del conflicto en clave de ajenidad.⁴⁴

Ao compor a Tríplice Aliança, o Uruguai aparece na maioria das vezes na condição de quem foi, igualmente, responsável pelo início da guerra e pelo avanço bélico dos aliados ao Paraguai. Esta acusação condenatória, além de generalizante, talvez seja exagerada, haja vista a complexidade regional e histórica apontada especialmente pelos estudos mais recentes sobre a guerra.

Ao recorrermos a estudiosos de relevo no tocante à temática da Guerra Grande, procuramos, portanto, expor nesta seção os fundamentos de nossa primeira acepção da “palavra armada”, isto é, o arcabouço formado pelos elementos históricos e historiográficos, norteadores temáticos das obras literárias presentes nesta tese.

Passemos a seguir, à exposição teórica relacionada ao gênero narrativo romance histórico e à apreciação das obras previamente indicadas.

⁴⁴ Nossa tradução livre: a) a problemática participação do contingente oriental; b) o escasso compromisso “nacional” que implicou para o governo de então; c) um certo caráter de vergonha gerado pela evocação de um evento que resultou no massacre de um povo irmão (que por outra parte havia abrigado em seu exílio a José Artigas, o “Pai da Pátria”); e d) a distância dos cenários de combate que ocultaram a geração de memórias locais de caráter épico. A este conjunto de fatores devemos agregar outro vinculado com o peso inercial exercido pela historiografia tradicional – e provinciana – que determinou uma abordagem alheia ao conflito.

2 RELATOS DA GUERRA: RESSIGNIFICAÇÕES DA HISTÓRIA PELA FICÇÃO

Percorrer os caminhos trilhados pelos romances interessados em interpretar a história e desvelar as nuances da Guerra Grande (1864-1870) pressupõe uma tarefa de crítica comprometida em dialogar com um gênero literário que, desde o século XIX, transita por características narrativas bastante diversas, quanto à forma e conteúdo. As obras pertencentes a este grupo ficcional multifacetado, ao absorver o material histórico, criam, segundo Carlos Fuentes (2011, p. 14), “[...] *otra nación, viva en las gestaciones de sus hechos culturales. Esta segunda nación de la imaginación y la cultura es la fuerza real de un pueblo, no la frágil nación del discurso oficial y el archivo histórico.*”⁴⁵ O tema e os romances em evidência nesta tese, assim, ao se estenderem a quatro nações, no sentido moderno do termo⁴⁶, que ainda estavam em processo de formação e tomaram rumos para a consolidação nos anos posteriores ao término da guerra, levam-nos a ultrapassar as fronteiras nacionais, para pensarmos a construção imaginada, representativa do povo latino-americano.

Os conflitos armados e a consequente situação extraordinária, abaladores das estruturas sociais estabelecidas durante séculos, encaminham, porém, o romancista aos aprisionamentos da “palavra armada”, muitas vezes limitadora em relação ao conhecimento aprofundado e à observação criativa dos contrastes emergidos da rica hibridação cultural do continente. Assim, ao estabelecer um recorte sobre a ficção brasileira relativa à Guerra Grande, uma nota da editora ao livro de contos *Guerra do Brasil*, de Sylvio Back, observa a ocorrência do seguinte, após 1980, ano da publicação de *A solidão segundo Solano Lopez*, de Carlos de Oliveira Gomes:

⁴⁵ Nossa tradução livre: [...] outra nação, viva nas gestações de seus fatos culturais. Esta segunda nação da imaginação e da cultura é a força real de um povo, não a frágil nação do discurso oficial e do arquivo histórico.

⁴⁶ Segundo Eric Hobsbawm (1990, p. 63): “A nação moderna é uma ‘comunidade imaginada’, na útil frase de Benedict Anderson, e não há dúvida de que pode preencher o vazio emocional causado pelo declínio ou desintegração, ou a inexistência de redes de relações ou comunidades humanas *reais*; mas o problema permanece na questão de por que as pessoas, tendo perdido suas comunidades reais, desejam imaginar esse tipo particular de substituição. Uma das razões pode ser a de que, em muitas partes do mundo, os Estados e os movimentos nacionais podem mobilizar certas variantes do sentimento de vínculo coletivo já existente [...]”.

De lá para cá, autores dos mais variados recortes biográficos se detiveram no tema, esmiuçando-o sob olhares e perspectivas morais muitas vezes díspares, seja confrontando a história oficial, seja assinando embaixo – mas todos, sem exceção, atormentados com sua complexidade e as contradições político-ideológicas escancaradas pelos acontecimentos e seus personagens, em que se confundem heróis e vilões e onde a verdade e a mentira se imbricam, dramática e alegremente. (2010, p. 10).

Os romances brasileiros publicados até 2004 são referências literárias centrais presentes na tese de Naira Nascimento (2006), quem busca analisar as representações e os modos de representação na ficção histórica contemporânea, sob várias abordagens teóricas relativas especialmente à referencialidade e à temporalidade, sintetizadas pela autora em publicação posterior (NASCIMENTO, 2010, p. 57-94). O nosso intento de leitura de romances históricos sobre a Guerra Grande, apesar de distinto, vale-se, naturalmente, da pesquisa inaugural dessa estudiosa; considera o recorte realizado por ela, à exceção do romance *Cunhataí* (2003) que retomamos no presente estudo, e avança temporalmente – em relação às ficções brasileiras – e espacialmente em direção às quatro nacionalidades envolvidas diretamente nos conflitos bélicos. O conjunto dessas obras ainda não foi reunido em abordagem comparativa similar à proposta por nossa pesquisa.

Desprovidos, seguramente, da ingenuidade das pretensões totalizadoras, trazemos, portanto, uma lista de obras que, algumas mais detidamente e outras lateralmente, serão a base de leitura desta seção e do posterior *corpus* principal:

Título do romance histórico	Autor	Ano/Nacionalidade
<i>Escenas de la Guerra del Paraguay</i> (trilogia) ⁴⁷	Manuel Gálvez	1928-9/Argentina
<i>A solidão segundo Solano López</i>	Carlos Oliveira Gomes	1982/Brasil
<i>Viva o povo brasileiro</i> * ⁴⁸	João Ubaldo Ribeiro	1984/Brasil
<i>Caballero</i>	Guido Roríguez Alcalá	1986/Paraguai
<i>Diagonal de sangre</i>	Juan Bautista Rivarola Matto	1986/Paraguai
<i>Caballero rey</i> *	Guido Rodríguez Alcalá	1988/Paraguai
<i>Avante, soldados: para tras</i>	Deonísio da Silva	1992/Brasil
<i>El fiscal</i> *	Augusto Roa Bastos	1993/Brasil

⁴⁷ A trilogia *Escenas de la Guerra del Paraguay*, de Manuel Gálvez está composta pelos romances *Los caminos de la muerte* (1928); *Humaitá* (1929) e *Jornadas de agonía* (1929).

⁴⁸ Estão assinaladas com asterisco as obras que abordam a temática da Guerra Grande, mas não têm neste evento, ou em personagens que o representam, a centralidade da narrativa.

<i>Jovita</i>	Assis Brasil	1994/Brasil
<i>Netto perde sua alma</i>	Tabajara Ruas	1995/Brasil
<i>Questão de honra</i>	Domingos Pellegrini	1996/Brasil
<i>Facundo Meza y la Guerra del Paraguay</i>	Marcelo Galli Romañach	1997/Paraguai
<i>Xadrez, truco e outras guerras</i>	José Roberto Torero	1998/Brasil
<i>A república dos bugres*</i>	Ruy Tapioca	1999/Brasil
<i>Pancha</i>	Maybell Lebron	2000/Paraguai ⁴⁹
<i>Aquel sagrado suelo</i>	Federico Peltzer	2000/Argentina
<i>Los conjurados del Quilombo del Gran Chaco</i>	Augusto Roa Bastos [et al.]	2001/PY;BR;AR;UY ⁵⁰
<i>Ana Néry</i>	José Louzeiro	2002/Brasil
<i>No robarás las botas de los muertos *</i>	Mario Delgado Aparain	2002/Uruguai
<i>Cunhataí</i>	Maria Filomena Lepecki	2003/Brasil
<i>Fragmentos da Grande Guerra</i>	Leandro Fortes	2004/Brasil
<i>Santo Reis da Luz Divina*</i>	Marco Cremasco	2004/Brasil
<i>Senhorinha Barbosa Lopes</i>	Samuel Xavier Medeiros	2007/Brasil
<i>Cautivas</i>	Gabriela Saidón	2008/Argentina
<i>Madame Lynch, una reina sin corona</i>	Nelson Aguilera	2009/Paraguai
<i>Y porã</i>	Gloria Casañas	2011/Argentina
<i>Menina</i>	Paulo Stucchi	2012/Brasil
<i>Cinzas do Sul*</i>	José Antonio Severo	2012/Brasil
<i>Los papeles de Burton</i>	Mercedes Rubio	2012/Argentina
<i>Águas atávicas</i>	Marcos Faustino	2013/Brasil
<i>Elisa Lynch</i>	Mabel Pagano	2013/Argentina
<i>El hombre víbora*</i>	Irina Ráfols	2013/Paraguai ⁵¹
<i>Quando o amor e o destino se encontram *</i>	Izabel Gomes	2015/Brasil
<i>Río escarlata</i>	María Eugenia Garay	2016/Paraguai
<i>El piano de Chopin</i>	Zelmar Acevedo Díaz	2017/Argentina
<i>El paso de los cuatrocientos</i>	Marco Augusto Ferreira	2018/Paraguai
<i>Imperiais de Gran Abuelo</i>	Marcos Terzi	2018/Brasil

⁴⁹ Maybell Lebron nasceu em Córdoba/Argentina, em 1923, e passou a viver no Paraguai desde 1930.

⁵⁰ Esta obra, traduzida para o português sob o título de *O livro da Guerra Grande* (Trad. Josely Vianna Baptista [et al]. Rio de Janeiro: Record, 2002), está composta por quatro narrativas, cada uma assinada por autor diferente: Augusto Roa Bastos (Paraguai), Alejandro Maciel (Argentina), Omar Prego Gadea (Uruguai), Eric Nepomuceno (Brasil).

⁵¹ Em situação semelhante à de Maybell Lebron, Irina Ráfols adotou o Paraguai como pátria há várias décadas.

Os romances listados têm em comum, como já afirmamos, os elementos norteadores constituídos pela relação híbrida entre a ficção e a história. A confluência dessas bases escriturais convida-nos – para não incorreremos em aproximações equivocadas, não raras em muitos estudos⁵² ocupados em analisar romances históricos – a discutir, em alguma medida, os elos que as aproximam e as características que as distanciam enquanto estrutura e abordagem do passado.

A primeira noção de ordem geral a se considerar, pois, talvez seja a de que as representações narrativas – orais, escritas, ficcionais ou historiográficas – resultam de arbitrariedades e articulações de acordo com interesses particulares ou coletivos. Como critérios de diferenciação entre o texto histórico e o ficcional, por exemplo, Walter Mignolo (1993, p. 122-3) distingue convenção de veracidade de convenção de ficcionalidade, resultantes do comprometimento com o “dito” na primeira e não necessidade do compromisso na segunda. Estes critérios, contudo, parecem não afastar completamente uma escrita da outra, já que, de acordo com Antônio Esteves e Heloísa Costa Milton (2007, p. 13),

[...] a representação do mundo e das relações sociais já não é medida por critérios de veracidade ou de autenticidade, mas sim pelo grau de credibilidade que oferece. Desse modo, a história e a literatura trilham caminhos diversos, mas convergentes, em se tratando da construção de uma identidade que, em última instância, depende do leitor, responsável pela criação dos sentidos do texto, através da decifração do discurso que maneja.

Na literatura relacionada à Guerra Grande, quando o leitor está diante das estreitezas ideológicas e factuais das vertentes historiográficas, ele pouco se desvencilhará do pragmatismo interpretativo veiculado em obras como algumas das apresentadas na primeira seção, para alcançar o que os pesquisadores acima chamam de oferecimento de credibilidade.

Quando o escritor não passa do “adjetivo” (material histórico como fonte disponível) para chegar, de fato, ao “substantivo” (romance – palavra livre), ele estará mais comprometido com algo que se acerca do cerne da atividade científica da historiografia. O romancista, assim, deve ter em conta que “[...] *la presencia en la*

⁵² Os casos mais notáveis estão no uso generalizado do termo “metaficção historiográfica”, para definir obras muito diferentes entre si.

novela histórica de este andamiaje histórico servirá para mostrarnos los modos de vida, las costumbres y, mejor comprensión de aquel ayer [...], todo ese elemento histórico es lo adjetivo, y lo sustantivo es la novela."⁵³ (MATA INDURÁIN, 1995, p. 18). Em direção semelhante, Carlos García Gual refere-se ao gênero híbrido de história e ficção e expressa ainda que "[...] *lo que configura como obra de arte a la novela es la armónica conjunción de ambas. Pero es muy frecuente que una u otra se impongan y desequilibren el conjunto.*"⁵⁴ (GARCÍA GUAL, 2002, p. 23).

Diante do exposto, consideramos que as identidades latino-americanas, emergentes antes, durante e depois dos conflitos bélicos da Guerra Grande, ganham pouco espaço para aflorarem amplamente em personagens, imagens e discursos, quando ao romancista parece estar imposta a criação ficcional excessivamente devedora das sequências e definições históricas. O equilíbrio artístico entre história e literatura talvez seja o grande desafio para que o romance, mesmo apregoando a liberdade total da atividade escrita, não incorra no lugar comum, na simplificação que, não raro, aborrece até o leitor interessado unicamente no entretenimento.

Para um olhar mínimo direcionado à história e à literatura, é interessante lembrar que os pressupostos fechados do cientificismo histórico do século XIX já não são norteadores de grande parte da historiografia produzida a partir da primeira metade do século XX. Historiadores já admitem, como ficou subentendido na seção anterior, que seus estudos, ao contrário de serem apreendidos como "verdades", devem ser interpretados como leituras possíveis das fontes levantadas, a partir de metodologias dessa área do saber. História e ficção, portanto, cada uma com suas especificidades, são capazes de sugerir quadros representativos, instigadores de interpretação do passado e, por consequência, do presente. Sobre isso, Marilene Weinhardt (2011, p. 17) assevera:

Superado o momento de relações de hegemonia e vassalagem entre as áreas do conhecimento humanístico, anulando-se espaços hieráticos, os filtros culturais sendo identificados como tais, e

⁵³ Nossa tradução livre: [...] a presença, no romance histórico, deste andaime histórico servirá para nos mostrar os modos de vida, os costumes e uma melhor compreensão daquele passado [...], todo esse elemento histórico é o adjetivo, e o substantivo é o romance.

⁵⁴ Nossa tradução livre: [...] o que configura o romance como obra de arte é a harmônica conjunção de ambos. Mas é muito frequente que um ou outra se imponha e desequilibre o conjunto.

questionando-se as cristalizações, qualquer procedimento que frature o discurso político-ideológico dominante – um viés que não endosse a visão institucionalizada –, é instrumento de transformação.

Os aspectos interpretativo e inventivo, presentes no texto histórico ou ficcional, admitem, assim, propostas que podem ser respectivamente reinterpretadas ou reinventadas pelos leitores. Por isso, não podemos esquecer que, para além das diferenciações metodológicas, dos objetos e objetivos dos escritos ficcionais e históricos, é “[...] a refiguração do tempo pela narrativa [...] a obra conjunta da narrativa histórica e da narrativa de ficção” (RICOEUR, 1994, p. 136) e o romance histórico é o gênero que transita no limiar entre as duas modalidades de escrita, na busca de evidenciar e ressignificar certa “[...] pré-compreensão do mundo e da ação: de suas estruturas inteligíveis, de suas fontes simbólicas e de seu caráter temporal.” (RICOEUR, 1994, p. 88).

Personagens, cenários e acontecimentos relatados, ao aproximarem-se de eventos de alguma forma já apresentados como fatos históricos devidamente registrados, negando-os ou não, levam-nos a encarar a proposta de um romance histórico, quando substanciado pela credibilidade narrativa, como uma versão possível sobre o passado. Por isso, para melhor dialogarmos com a literatura híbrida de história e ficção, devemos recorrer a ferramentas que nos auxiliem no momento da leitura.

A seguir, para a devida fundamentação sobre os aspectos estruturais e de conteúdo inerentes aos romances da Guerra Grande, passemos à exposição das principais propostas teóricas do gênero que, no conjunto, de acordo com Carlos García Gual (2002, p. 10):

*[...] cumple muy bien función de evocar escenas de un pasado de vivo colorido y de reflejos que aún dicen algo a nuestro presente. En unos tiempos como los nuestros, en general desdeñosos e ignorantes del pasado, esas ficciones aportan nuevos fantasmas al imaginario colectivo, y refuerzan con ello la memoria del pasado*⁵⁵.

⁵⁵ Nossa tradução livre: [...] cumpre muito bem sua função de evocar cenas de um passado de vivo colorido e de reflexos que ainda dizem algo ao nosso presente. Em uns tempos como os nossos, em geral desdenhosos e ignorantes do passado, essas ficções aportam novos fantasmas ao imaginário coletivo, e reforçam com isso a memória do passado.

Esclareçamos, antes de tudo, que não adotamos termos como “sub-gênero” ou “gênero menor” para referirmos aos romances históricos. Na direção dos estudos de Arlenice Almeida da Silva sobre a questão dos gêneros em Lukács, orientamo-nos no sentido de que “[...] não se deve separar o romance histórico dos destinos do romance em geral.” (SILVA, 2001, p. 46). Por isso, frisamos tão somente que, enquanto gênero, os elementos básicos do romance histórico surgem quando

*[...] la vida individual y privada de los personajes se subordina a, o es determinada por, el devenir histórico. Es por ello que no se considerarían como históricas a las novelas en las que los eventos históricos (sociales o políticos) que se incorporan a la ficción están sujetos o son interpretados en función de la vida privada e individual de los personajes. En otros términos, no serían históricas aquellas novelas donde los fundamentos y la dimensión histórica del acontecer histórico quedan fuera del texto en la medida en que el material histórico ficcionalizado no tiene importancia o significado alguno por sí mismo dentro del mundo ficticio de la novela.*⁵⁶ (PONS, 1996, p. 58).

A função de evocar o passado e dizer algo para o presente a partir da vida individual e privada das personagens subordinada ao devir histórico, aparece assim, segundo os estudos de Fleck (2017), em pelo menos cinco modalidades desse gênero narrativo. São elas: o romance histórico clássico scottiano; o romance histórico tradicional; o novo romance histórico latino-americano; a metaficção historiográfica; e o romance histórico contemporâneo de mediação. Cada exemplar de ficção histórica pertencente a uma dessas vertentes, conforme Wagner de Souza (2007, p. 116), “[...] conta uma história que já foi contada, mas a diferença no recontar está no ponto de vista do autor, que lhe dará as características da forma de expressão que utiliza.”

María Cristina Pons, entretanto, questiona a apreciação do gênero romance histórico a partir de modalidades, pois, como vimos acima, ao ser um modo particular de ficcionalização da história, ele admite muitas possibilidades e

⁵⁶ Nossa tradução livre: [...] a vida individual e privada dos personagens se subordina ao, ou é determinada por, devir histórico. É por isso que não se considerariam como históricos os romances em que os eventos históricos (sociais ou políticos) que se incorporam à ficção estão sujeitos ou são interpretados em função da vida privada e individual dos personagens. Em outros termos, não seriam históricos aqueles romances em que os fundamentos e a dimensão histórica do acontecer histórico ficam fora do texto na medida em que o material histórico ficcionalizado não tem importância ou significado algum por si mesmo dentro do mundo fictício do romance.

variações. Obedece a uma abstração teórica “[...] *que no es permanente sino que está sujeta (y requiere) continuos reajustes según la dinámica de cambio en el género, y no tanto a partir de la multiplicación de clasificaciones según sus variaciones y variedades.*”⁵⁷ (PONS, 1996, p. 72). Essa mesma estudiosa, paradoxalmente, lançará no último capítulo de seu livro as expectativas que devemos ter na leitura dos romances históricos de finais do século XX. Sua abordagem aparecerá ainda como uma das bases fundamentais para nossa discussão em torno da “palavra armada” nos romances da Guerra Grande, presente na quarta seção deste trabalho.

Será Magdalena Perkowska-Alvarez quem, ao apontar para a paisagem fragmentada e dispersa que o gênero romance histórico se transformou em relação à linha tradicional lançada no século XIX – e que já não serve mais –, relativizará a postura de Pons. Para a pesquisadora, é

*[...] como si el modelo hubiera estallado en una suerte de big bang, no cósmico, sino genérico, dispersando sus fragmentos alrededor del espacio que solía ser el centro. Quizá en vez del horizonte podríamos pensar en una constelación, un conjunto de puntos más o menos luminosos, entre los cuales a veces es posible trazar líneas que pueden formar figuras. Para quienes las miran desde una posición geográfica y cultural determinada — lo cual implica la necesidad de considerar la novela histórica latinoamericana en términos regionales —, el centro de estas figuras es negro u opaco, pero ellas tienen sentido.*⁵⁸ (PERKOWSKA-ALVAREZ, 2006, p. 185).

Como o nosso olhar está lançado desde uma perspectiva latino-americana, é indispensável considerarmos os pressupostos diferenciadores desse *big bang* e apresentarmos a trajetória do gênero. Estando os romances da Guerra Grande especialmente vinculados à mais recente dessas transformações de um horizonte que costumava ser o centro, é conveniente e necessário avistar os traços da

⁵⁷ Nossa tradução livre: [...] que não é permanente senão que está sujeita (e requer) contínuos reajustes segundo a dinâmica de mudança no gênero, e não tanto a partir da multiplicação de classificações segundo suas variações e variedades.

⁵⁸ Nossa tradução livre: [...] como se o modelo tivesse estalado em uma sorte de big bang, não cósmico, senão genérico, dispersando seus fragmentos ao redor do espaço que costumava ser o centro. Quem sabe em vez do horizonte poderíamos pensar em uma constelação, um conjunto de pontos mais ou menos luminosos, entre os quais às vezes é possível traçar linhas que podem formar figuras. Para quem as olham desde uma posição geográfica e cultural determinada — o que implica a necessidade de considerar o romance histórico latino-americano em termos regionais —, o centro destas figuras é negro ou opaco, mas elas têm sentido.

constelação em que nos encontramos, já que as constelações, conforme lembra Perkowska-Alvarez na mesma página, são visíveis a partir de regiões específicas.

A primeira das formas de expressão do gênero romance histórico tem, portanto, como obras inaugurais *Waverley* (1814), *Guy Mannering* (1815), *Rob Roy* (1817) e *Ivanhoé* (1819) – a primeira funda o gênero e a quarta consolida suas características fundamentais – do escocês Walter Scott.

Nessa modalidade, as informações históricas são representadas em conformidade com as disponíveis nas historiografias oficiais nacionalistas, essencialmente como pano de fundo ao desenvolvimento narrativo protagonizado por personagens puramente fictícios. Essa estrutura do romance foi estudada por Lukács – em obra escrita em 1936-37 e publicada, pela primeira vez, em 1955 – e tem seus principais elementos elencados por Márquez Rodríguez (1991, p. 21-22), em linhas gerais, nos seguintes termos:

1. Espécie de grande telão de fundo, rigorosamente histórico, baseado em episódios ocorridos em um passado mais ou menos distante do presente do romancista. É notada a presença de figuras históricas proeminentes que não escondem a identidade e atuam em episódios atribuídos às suas vidas, sem desviarem-se de seu tempo e suas características psicológicas;

2. Sobre o telão de fundo, o romancista situa a história fictícia, com episódios e personagens sem existência comprovada no passado, mas que poderiam ter existido, pois, além de se encaixarem no contexto histórico de fundo, não resultam estranhos aos valores, aos elementos morais e ideológicos formadores da atmosfera, histórica, que envolve os fatos narrados;

3. Via de regra, os romances scottianos, e todos os similares a eles, apresentam um episódio amoroso – não necessariamente dentro da história fictícia – quase sempre desventurado;

4. O primeiro plano da narração é constituído pela história fictícia, na qual se centra a atenção do romancista e do leitor. Isso não quer dizer, entretanto, que o contexto histórico seja de importância secundária, pois nele estão os elementos primordiais da atmosfera moral do relato.

Posteriores e, em alguma medida, paralelos ao romance histórico clássico, estão os romances históricos tradicionais. Segundo Celia Fernández Prieto (2003, p. 150), são “[...] *novelas históricas que continúan el trayecto iniciado por Scott* [e]

*mantienen el respecto a los datos de las versiones historiográficas en que se basan, la verosimilitud en la configuración de la diégesis, y la intención de enseñar historia al lector.*⁵⁹ Estas obras, contudo, formam uma nova modalidade, distinguível, para Gilmei Francisco Fleck (2017, p. 50-1), em pelo menos seis características:

1. Desaparece a estrutura do pano-de-fundo histórico para que o evento visitado e a narrativa ficcional constituam eixo único no romance;
2. A ideologia que perpassa a escrita ficcional comunga com a exaltação mítica dos heróis do passado;
3. As ações narradas no romance seguem a linearidade cronológica dos eventos históricos;
4. A visão onisciente do modelo clássico pode ser substituída pela individualização na narrativa em primeira pessoa;
5. Prevalece a intenção de ensinar ao leitor a versão histórica hegemônica do passado;
6. As personagens passam a ser, na maioria dos casos, aquelas consagradas pela historiografia.

A partir da segunda metade do século XX, surge e é largamente produzido na América Latina o que se passou a denominar novo romance histórico, uma terceira modalidade literária do gênero, cujas características foram estudadas e apresentadas, primeiro, pelo uruguaio Fernando Aínsa (1988; 1991) e, em seguida, pelo estadunidense Seymour Menton (1993).

Para Aínsa (1991, p. 83-85), há dez especificidades possíveis de se encontrar no novo romance histórico latino-americano:

1. A releitura da história pela ficção, objetivando dar um sentido e uma coerência à atualidade desde uma visão crítica do passado;
2. Impugnação do discurso legitimador instaurado pelas versões oficiais da história;
3. Multiplicidade de perspectivas que impossibilita o acesso a uma só verdade histórica;
4. Abolição do distanciamento épico;

⁵⁹ Nossa tradução livre: [...] os romances históricos que continuam o trajeto iniciado por Scott mantêm o respeito aos dados das versões historiográficas em que se baseiam, a verossimilhança na configuração da diegese e a intenção de ensinar história ao leitor.

5. Ironia e paródia, às vezes irreverência, ao reescrever histórias conhecidas, sempre com pitadas hiperbólicas e grotescas, jogando com a criação linguística do anacronismo e do pastiche, dinamitando crenças e valores estabelecidos;

6. Superposição de tempos históricos diferentes;

7. Uso de documentação como respaldo à historicidade textual;

8. Variedade de modalidades expressivas;

9. Releitura distanciada, *pesadelesca* ou anacrônica da história, refletida numa escrita paródica;

10. Manejo da linguagem como ferramenta fundamental.

Segundo Seymour Menton (1993, p. 42-44), em consonância com o exposto acima, haveria seis características diferenciadoras do novo romance histórico latino-americano em relação ao romance histórico tradicional. São elas:

1. subordinação, em distintos níveis, de certo período histórico à apresentação de algumas noções filosóficas, difundidas pelo contista argentino Jorge Luiz Borges e aplicáveis ao passado, ao presente e ao futuro, especialmente a ideia da impossibilidade de se conhecer a verdade histórica ou a realidade. Assim, o caráter cíclico e, paradoxalmente, imprevisível da história permite a ocorrência dos acontecimentos mais inesperados e assombrosos;

2. Distorção consciente da história mediante omissões, exagerações e anacronismos;

3. Ficcionalização de personagens históricos relevantes;

4. Presença no romance da metaficção ou comentários do narrador sobre o processo de criação;

5. Intertextualidade;

6. Dialogia, carnavalização, paródia, heteroglossia e o pluriperspectivismo sobre os acontecimentos, personagens e visões de mundo, conforme as orientações do teórico russo Mikhail Bakhtin.

Tanto para Aínsa (1991) como para Menton (1993), não há necessidade de que as características elencadas apareçam obrigatoriamente, em sua totalidade, em cada exemplar de novo romance histórico latino-americano. As obras representativas dessa modalidade, entretanto, não se preocupam, como podemos

deduzir, em seguir fielmente as informações divulgadas pela escrita científica da história.

Por sua vez, o caráter igualmente discursivo dos textos historiográficos tem a autenticidade escritural questionada em uma quarta forma de expressão do romance: a metaficção historiográfica.

Para Linda Hutcheon (1991, p. 145) – que não objetivou apresentar elementos conceituais nem a sistematização das características dessa última modalidade ficcional, apesar de sua obra *Poética do pós-modernismo* (1991) aparecer como principal referência, muitas vezes única, em uma quantidade enorme de estudos de crítica literária –, a metaficção historiográfica “[...] procura desmarginalizar o literário por meio do confronto com o histórico, e o faz tanto em termos temáticos como formais”.

Fleck (2017, p. 92-95), contudo, ao analisar a abrangência da metaficção historiográfica e sua repercussão na literatura latino-americana – não mencionadas por Hutcheon (1991), pois a autora não investiga centralmente romances históricos em seus trabalhos acadêmicos – atenta para três distintos níveis de emprego da metaficção nos romances híbridos de história e ficção na América Latina, em especial:

1. Os novos romances históricos metaficcionais – um tipo de novo romance histórico desconstrucionista em que aparece o trabalho expressivo da metaficção como estratégia escritural promotora de maior grau de criticidade e desconstrucionismo, sem que ela se constitua no elemento fundamental da obra;

2. As metaficções historiográficas – obras em que a metaficcionalidade, discursiva⁶⁰ ou narrativa⁶¹, aparece como a estratégia mais recorrente e relevante, mas sem apagar a importância e o uso de outras características de escrita, já que essas obras são constituídas, geralmente, por mais de um fio narrativo;

3. As metaficções historiográficas plenas – obras cuja enunciação depende totalmente da constante autoconsciência de que o processo de criação da

⁶⁰ Ao retomar os estudos de Gil González (2005), Fleck (2017, p. 89) afirma que há na metaficção discursiva um “[...] pacto de leitura estabelecido entre o leitor e o discurso do narrador que comporta, em sua configuração, alguns traços autobiográficos do autor real.”

⁶¹ Na metaficção narrativa, ainda na esteira de Gil González (2015), “[...] o leitor se depara com um uso da metaficcionalidade cuja ‘ilusão’ da produção discursiva fica, desse modo, circunscrita à interioridade do romance, pois a voz enunciativa – relacionada, também, à figura autoral – estará inserida no universo romanesco como personagem.” (FLECK, 2017, p. 91).

linguagem resulta de construtos humanos, sendo a metaficção o elemento fundamental de toda a obra, direcionando, por tanto, também o emprego de outras estratégias escriturais críticas e desconstrucionistas.

As modalidades de romance histórico apontadas até aqui, portanto, fazem parte de duas fases iniciais estudadas por Fleck (2017, p. 131), sendo acrítica aquela em que predominam o romance clássico scottiano e o romance histórico tradicional – vigentes, o primeiro, até meados do século XX, e o segundo, até os dias atuais; crítica\desconstrucionista aquela em que predominam o novo romance histórico latino-americano e a metaficção historiográfica – o primeiro, inaugurado durante o *boom* latino-americano e ainda característico em obras recentes, e a segunda, presente nesse período que se convencionou denominar pós-modernidade.

Ao indicar um conjunto contemporâneo e preponderante de obras que não seguem totalmente aquilo que poderia ser entendido como uma crítica “radical” em relação à escrita histórica tradicional – metaficção historiográfica e o novo romance histórico latino-americano – mas que não é, também, totalmente dependente das informações históricas ditas oficiais, o pesquisador brasileiro identifica e apresenta as bases de uma quinta modalidade: a do romance histórico contemporâneo de mediação. Em seu conjunto, ela forma uma terceira fase – mediadora entre as vertentes anteriores – que passou a ser bastante fortalecida a partir do final da década de 1970 até a atualidade.

Para Fleck (2017, p. 109-111), são seis as principais características do romance histórico contemporâneo de mediação:

1. Construção da verossimilhança, em grande medida abandonada pelas narrativas do novo romance histórico hispano-americano, para conferir um tom de autenticidade aos eventos históricos narrados no romance de forma crítica;
2. Manutenção da linearidade cronológica dos eventos recriados, fixando-se neles, sem deixar de manipular o tempo da narrativa;
3. Eleição de perspectivas que privilegiam as visões periféricas em relação aos grandes eventos e personagens históricos, como o fazem muitos novos romances históricos e metaficções historiográficas;
4. Emprego de uma linguagem amena e fluida em oposição ao barroquismo e ao experimentalismo linguístico dos novos romances históricos;

5. Utilização de estratégias escriturais bahktinianas, como a paródia, a dialogia, a polifonia, entre outras, além das recorrentes intertextualidades;

6. Presença de elementos metanarrativos, ou comentários do narrador sobre o processo de produção da obra, sem que estes se constituam no sentido global do texto.

No romance histórico contemporâneo de mediação, portanto, verificamos um “intento de conciliação” entre as modalidades anteriores.

A partir desses pressupostos basilares para a leitura de narrativas híbridas de história e ficção, passamos a agrupar e a ler sucintamente alguns dos romances sobre a Guerra Grande, no intuito de instaurar um contato inicial aos conteúdos explorados pelos romancistas e às possibilidades analíticas a serem retomadas na terceira seção.

Em primeiro lugar, pelo seu caráter inaugural entre os romances publicados nos países que protagonizaram a Guerra Grande, apresentamos as *Escenas de la Guerra del Paraguay*, do argentino Manuel Gálvez. Publicadas em três volumes nos anos de 1928 e 1929, são o primeiro romance histórico – ou pelo menos o mais destacado – de que temos notícia sobre o tema da guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai. A trilogia está escrita sob as bases do romance histórico tradicional e figura como única sobre o tema por longos anos até o aparecimento de *A solidão segundo Solano López* (1982), do brasileiro Carlos de Oliverira Gomes.

Para Nascimento (2006, p. 37), essa é uma obra cuja “[...] imagem escolhida para comprovar a tirania desta guerra, que obedecia tão somente a interesses do capital estrangeiro, é a da imolação de um povo e de uma nação, invocado no texto por nação guarani.” Para essa pesquisadora – que analisa em sua tese, como ficou exposto em outro lugar, os romances brasileiros sobre a Guerra Grande publicados até 2004 – o leitor titubeará na leitura do romance de Gomes diante de, pelo menos, duas posturas ficcionais sobre a guerra: uma revisionista e outra adequada à visão tradicional que toma Solano López como tirano com objetivos expansionistas. (NASCIMENTO, 2006, p. 45).

Em 1976, entretanto, aparece *El sonámbulo*, do paraguaio Augusto Roa Bastos, que foca sua narração na personagem histórica coronel Silvestre Carmona, acusado de traição a López pouco antes do final da guerra. A extensão e a catalogação da obra, porém, são as do gênero conto, mesmo aparecendo com 97

páginas na edição de 2014, graças a um recurso gráfico que aumentou o tamanho das margens e limitou a quantidade de texto por página. Esta obra, segundo Antonio Carmona (2014, p. 8), é um “[...] *fantástico anti-diálogo dialéctico de las visiones de la história, lopista y antilopista, confrontadas*.”⁶² Nessa narrativa, temos o depoimento escrito e ficcional da personagem histórica realizado anos depois da guerra. Posteriormente, um fiscal e leitor do relato, de posição contrária à do depoente, realizará anotações em meio ao texto, expondo sua discordância irônica sobre algumas passagens.

Será em 1986 que aparecerão os dois primeiros romances históricos paraguaios sobre a Guerra Grande. Um deles é *Diagonal de sangre*, de Juan Bautista Rivarola Matto, que “[...] *trata de analizar con objetividad casi ensayística la Guerra de la Triple Alianza, situándose a medio camino entre los ensalzadores y los detractores de López, gracias al uso de múltiples fuentes documentales*.”⁶³ (LANGA PIZARRO, 2006, s.n.). O outro é *Caballero*, de Guido Rodríguez Alcalá, a ser analisado na terceira seção desta tese. Ainda segundo Mar Langa Pizarro (2001, p. 207), a importância de *Caballero* no contexto da “[...] *nueva narrativa histórica paraguaya reside en su ejercicio de desmitificación, tan metódico y exhaustivo que sorprende que pudiera publicarse en el Paraguay de la dictadura*.”⁶⁴

Antes desses romances, a escritora paraguaia María Concepción Leyes de Chaves publicou *Madame Lynch* (1957), uma biografia romanceada de Elisa Alicia Lynch, a esposa irlandesa de Solano López com quem o presidente paraguaio teve filhos. Ela passa de rejeitada pela alta sociedade paraguaia à condição de mulher mais importante da nação, após o homem que a conheceu na Europa chegar à presidência do país. A partir do surgimento das versões nacionalistas paraguaias sobre a história da Guerra Grande, e de sua consolidação no longo período de governos militares no século XX, Lynch figura entre as personagens presentes como símbolos oficiais e, conseqüentemente, no imaginário coletivo nacional. Aparecerá como personagem central em romances como *Madame Lynch, una reina sin corona*

⁶² Nossa tradução livre: [...] *fantástico anti-diálogo dialético das visões da história, lopista e antilopista, confrontadas*.

⁶³ Nossa tradução livre: [...] *trata de analisar com objetividade quase ensaística a Guerra da Tríplice Aliança, situando-se a meio caminho entre os admiradores e os detratores de López, graças ao uso de múltiplas fontes documentais*.

⁶⁴ Nossa tradução livre: [...] *nova narrativa histórica paraguaia reside em seu exercício de desmitificação, tão metódico e exaustivo que surpreende sua publicação no Paraguai da ditadura*.

(2010), de Nelson Aguilera, *Elisa Lynch: una irlandesa en el Paraguay* (2013), de Mabel Pagano, e em *The News from Paraguay* (2004)⁶⁵, da francesa/norte-americana Lily Tuck.

Após a apreciação da trilogia de Gálvez, passamos à leitura de *Cunhataí* (2003), de Maria Filomena Lepecki, no intuito de apresentar uma obra da literatura brasileira que, apesar de seu enquadramento específico em um contexto de pouca importância para o desenrolar fundamental da guerra, busca aproximar personagens e representações para além dos grandes nomes e eventos bélicos.

Em seguida, detemo-nos em *Águas atávicas* (2013), de Marcos Faustino. A exemplo de *Cunhataí* e pelo menos mais três romances, esta obra está relacionada à expedição militar brasileira que culminou com a Retirada da Laguna, descrita em livro homônimo do Visconde de Taunay –; com este livro, demonstramos em sua perspectiva ficcional a recorrência da temática no âmbito da literatura brasileira.

Com o romance *Pancha* (2000), de Maybell Lebron, conhecemos uma postura crítica ao revisionismo nacionalista paraguaio. Na ficcionalização da personagem histórica Francisca Garmendia, Lebron reedita eventos caros à história do Paraguai no último período da guerra, em um texto nada amigável em relação ao lopismo.

Já em *Río escarlata* (2016), de María Eugenia Garay, romance de recente publicação, veremos uma postura diametralmente oposta se comparada à exposta por Lebron diante da representatividade da personagem Solano López. Na obra de Garay, retorna mais uma vez o nacionalismo de caráter revisionista.

Em *Aquel sagrado suelo* (2000), de Federico Peltzer, temos um romance histórico cuja ficcionalização preocupa-se em situar o contexto da participação argentina na guerra, até a batalha de Curupaiti, ocorrida em 22 de setembro de 1866. A heroicização do soldado, em nome da pátria, avulta nessa obra.

Finalmente, apresentamos nesta seção de nosso trabalho *El piano de Chopin* (2017), de Zelmar Azevedo Díaz. Romance de notável apuro linguístico e ficcional, retoma a personagem Solano López frente às situações e às elucubrações que lhe ocorriam enquanto a guerra caminhava para os seus momentos derradeiros.

⁶⁵ De autoria externa em relação aos escritores da América Latina, contexto de nosso estudo, este é o único romance histórico sobre o qual tivemos notícia. No Paraguai, esta obra foi alvo de críticas severas, acusada de enfatizar cenas de crueldade e erotismo e, especialmente, afetar a história e dignidade do país. (LANGA PIZARRO, 2006, s.n.).

Há ainda um conjunto de obras que fazem referência à Guerra Grande, entre elas algumas também estudadas por Nascimento (2006), mas não abarcam, na especificidade central da abordagem narrativa, a contextualização do evento histórico em evidência no presente estudo. A elas dedicamos breve consideração antes do fechamento desta seção.

Iniciemos, portanto, nossa leitura das *Escenas de la Guerra del Paraguay*⁶⁶, de Manuel Gálvez, compostas pelos romances *Los caminos de la muerte* (1928), *Humaitá* (1929) e *Jornadas de agonía* (1929). Essa obra, conforme Hugo Rodríguez Alcalá (1987, p. 185-196) resulta de rigorosa pesquisa historiográfica a qual é respeitada pelo autor. Tanto as personagens de base histórica como as ficcionais são inseridas na narrativa no intuito de representar os principais eventos bélicos e a participação dos países envolvidos. No âmbito estritamente imaginado, há a presença de personagens paraguaias, argentinas, brasileiras e uruguaias.

O primeiro volume, *Los caminos de la muerte*, está ambientado nos anos de 1865 e 1866. Narra eventos e notícias da Guerra Grande segundo o contexto e as características da alta sociedade bonaerense; da invasão paraguaia à pequena cidade de Corrientes; dos acampamentos de guerra e dos combates realizados naquele período, antes da passagem dos exércitos aliados para a região de *Paso de la Patria*, no Paraguai.

O romance alude a personagens históricas, especialmente ao general Mitre. São as personagens e eventos ficcionais, entretanto, que compõem essencialmente a diegese. O leitor, aqui, depara-se com a dicotomia civilização *versus* barbárie, a qual se acentuará no segundo volume, principalmente na comparação entre os presidentes argentino e paraguaio.

Em *Humaitá*, por exemplo, para não determo-nos demasiadamente nos três volumes, estamos de acordo com a conclusão de Guillermo Cott-Thorner (1950, p. 83): “*De nuevo descripción minuciosa de personajes, incidentes y paisajes. De nuevo la pesadez y el terror velado de la batalla inminente. Desfilan ante el lector varios tipos de uno y otro bandos.*”⁶⁷ Nesse segundo volume está o contexto das

⁶⁶ Nossa leitura da obra não destoa das críticas estabelecidas por Guillermo Cott-Thorner (1950) e Hugo Rodríguez Alcalá (1987).

⁶⁷ Nossa tradução livre: De novo descrição minuciosa de personagens, incidentes e paisagens. De novo o peso e o terror velado da batalha iminente. Desfilam ante o leitor vários tipos de um e outro bandos.

principais batalhas da guerra e as personagens ficcionais paraguaias ganham maior relevo. Em *Jornadas de agonía*, finalmente, destacam-se a fuga de López, as suas ações desesperadas, até a sua morte.

As descrições minuciosas em busca de representar várias situações envolvendo personagens ficcionais, por vezes tornam o romance disperso. Cada capítulo apresenta um conflito próprio que, intermediado por outros capítulos, é retomado mais adiante. Alguns, porém, cuja expectativa é criada, não reaparecem com a mesma importância inicial. O leitor, assim, “[...] *pierde el hilo de la narración, y en su mente rebotan menudencias que oscurecen a ratos la hebra luminosa que une la trama. Gálvez ha sido muy censurado por su estilo poco acabado.*”⁶⁸ (COTT-THORNER, 1950, p. 87).

A civilização, em *Los caminos de la muerte*, representa-se pela alta sociedade bonaerense em contraponto com a sociedade de Corrientes na qual predomina o uso do idioma guarani. No romance, ainda, há favorecimento aos argentinos em detrimento dos brasileiros: soldados (negros em sua maioria) e oficiais (especialmente Tamandaré, o comandante da esquadra imperial).

O posicionamento histórico e ideológico da voz enunciativa do romance – cujo narrador é extradiegético⁶⁹ –, em relação a Francisco Solano López, está explicitado no segundo volume das *Escenas*. Em *Los caminos de la muerte*, contudo, já na primeira página observamos indícios em referências como “[...] *el tirano del Paraguay [...] el déspota de Asunción*”⁷⁰ (GÁLVEZ, s.d., p. 7), reforçadas por personagens como o Cabo – cujo nome ninguém sabia – quem, sobre o assalto paraguaio a Corrientes, informa ser “— *El tirano’el Paraguay, seor, que há violao nuestra legítima soberania*”⁷¹ (GÁLVEZ, s.d., p. 15) e Don Artemio Guevara, para quem “[...] *los ejércitos de la Patria, los soldados de Caseros y de Pavón, llevarán al*

⁶⁸ Nossa tradução livre: [...] perde o fio da narração, e em sua mente rebotam minudências que obscurecem às vezes a vertente luminosa que une a trama. Gálvez tem sido muito censurado por seu estilo pouco acabado.

⁶⁹ Nas referências à voz narrativa presente nos romances, utilizaremos especialmente as categorias propostas por Gérard Genette (2017, p. 323-333), como as de narrador extradiegético: externo ou onisciente, e intradieético: simultaneamente personagem no mundo ficcional, isto é, homodieético quando narra a própria história ou heterodieético se não pertence à história que narra. Valemo-nos do mesmo autor (2017, p. 305-9) no uso do termo *diesese*, como conjunto dos acontecimentos narrados.

⁷⁰ Nossa tradução livre: [...] o tirano do Paraguai [...] o déspota de Assunção.

⁷¹ Nossa tradução livre: — O tirano de Paraguai, sinhô, que violô nossa legítima soberania.

*pueblo hermano, oprimido por un déspota, la antorcha de la libertad...*⁷² (GÁLVEZ, s.d., p. 16).

Don Artemio Guevarra, assim como outras personagens e episódios, são detalhadamente descritos. Ele:

*Bueno y generoso, aceptó al tirano [Juan Manuel de Rosas] por cobardía. Y por cobardía aplaudió a Urquiza con entusiasmo, con el mismo entusiasmo con que, más tarde, aplaudiría a Mitre. No había nacido para opositor, ni menos para revolucionario. Le embelesaban los oradores, los tribunos populares. Tenía amistad con el doctor Rufino de Elizalde, ministro del Interior, y, por su intermedio, hacía dos años, conoció a Mitre. Cada vez que visitaba “al General”, volvía como ennoblecido.*⁷³ (GÁLVEZ, s.d., p. 12-3).

Na descrição dessa personagem, deparamo-nos com uma voz narrativa atenta a nomes representativos da história argentina, protagonistas de eventos importantes daquele país. O comportamento maleável apresentado por ela indica sua adaptabilidade a momentos e lideranças divergentes, exemplos de um período de fortes movimentações em um território ainda dividido e marcado por muitos conflitos antecedentes à unidade nacional. O narrador ainda chama a atenção, por outro lado, para a falta de iniciativa e postura crítica em parte da alta sociedade, reprodutora dos discursos e modismos atuantes, independente de quem está no poder, no sentido de manutenção revigorada das aparências elitizadas.

No trecho abaixo, o romance enumera costumes da cidade de Corrientes, ao norte do país, já bem próxima ao Paraguai, que seria tomada, nas primeiras movimentações da guerra, por uma parte do exército de Francisco Solano López:

A las siete, como era lo habitual, ya estaban levantados todos los habitantes. Unos mateaban en los patios, en las huertas o bajo el alero; otros, que vivían próximos a la costa, habían ido a bañarse, a nadarse medio río, quizás a matar a cutillo un yacaré para quitarle el cuero y venderlo; las mujeres – rosas y claveles entre las trenzas –

⁷² Nossa tradução livre: [...] os exércitos da Pátria, os soldados de Caseros e de Pavón, levarão ao povo irmão, oprimido por um déspota, a tocha da liberdade...

⁷³ Nossa tradução livre: Bom e generoso, aceitou o tirano [Juan Manuel de Rosas] por covardia. E por covardia aplaudiu Urquiza com entusiasmo, com o mesmo entusiasmo com que, mais tarde, aplaudiria Mitre. Não havia nascido para opositor, menos ainda para revolucionário. Via beleza nos oradores, nos tribunos populares. Tinha amizade com o doutor Rufino de Elizalde, ministro do Interior, e, por seu intermédio, fazia dois anos, conheceu Mitre. Cada vez que visitava “o General”, voltava como que enobrecido.

*recorrían ya el mercado, donde los colores brillantes de las telas indígenas, fabricadas en el telar casero de la enramada, hacían juego con la típica parla guaraní.*⁷⁴ (GÁLVEZ, s.d., p. 45-6).

Ao lado da tentativa de demonstrar conhecimento e atenta pesquisa sobre os costumes das localidades inseridas na guerra, a narrativa salienta em vários momentos o que a voz enunciativa refere-se como *típica parla guarani*. O idioma era predominante naquela região e seu uso, somado ao espanhol “incorreto” como o pronunciado pela personagem Cabo, são demonstrações de uma heteroglossia, isto é, da noção bakhtiniana de plurivocidade na tessitura de vozes sociais (DI FANTI, 2003, p. 102) que, no romance, vêm à tona para justificar depreciações culturais em contraste a personagens representativas das classes abastadas ou levadas em alta conta no contexto urbano social.

Na trilogia, assim, além da predominância de personagens ficcionais romantizadas, como se passa na tragédia de uma esposa sem núpcias e no enaltecimento de jovens de famílias ricas heroizados na guerra, há um ponto emblemático: a apreciação das personagens Mitre e López, como opção narrativa em apresentar exemplos dicotômicos entre civilização e barbárie, já sugeridos nas posições sobre os usos da linguagem verbal:

*Frente al déspota, al señor de vidas y haciendas, que gobernaba sin congreso, sin presupuesto, sin contralor, Mitre experimentaba el contento de pertenecer a un pueblo que había entrado en la ruta de la civilización, que se regía por instituciones liberales, por leyes sabias, que iban borrando los restos de la barbarie de ayer. En su modestia, tal vez no pensó que era él uno de los constructores de esa patria argentina a la que tanto amaba.*⁷⁵ (GÁLVEZ, 1947, p. 60).

⁷⁴ Nossa tradução livre: Às sete, como era o habitual, já estavam levantados todos os habitantes. Uns mateavam nos pátios, nas hortas ou sob os beirais; outros, que viviam próximos à costa, haviam ido tomar banho, nadar no rio, quem sabe matar à faca um jacaré para tirar o couro e vendê-lo; as mulheres – rosas e cravos entre as tranças – recorriam já o mercado, onde as cores brilhantes das telas indígenas, fabricadas no tear caseiro de entrelaçar, jogavam com a típica fala guarani.

⁷⁵ Nossa tradução livre: Diante do déspota, do senhor de vidas e fazendas, que governava sem congresso, sem pressuposto, sem controlador, Mitre experimentava o contentamento de pertencer a um povo que havia entrado na rota da civilização, que se regia por instituições liberais, por leis sábias, que iam apagando os restos da barbárie de outrora. Em sua modéstia, talvez não pensou que era ele um dos construtores dessa pátria argentina que tanto amava.

Não são necessários mais exemplos para deduzirmos que as *Escenas de la guerra del Paraguay*, apesar de sua produção datar dos anos finais de 1930, buscam seus referenciais em um realismo ainda muito calcado nas teorias científicas do século XIX. Em relação à Guerra Grande, orientam-se em um arcabouço histórico fundamentalmente nacionalista e oficial, apesar da insistente ficcionalização de personagens e eventos ligados aos quatro países diretamente envolvidos nos conflitos bélicos.

Em termos de estrutura e conteúdo, a trilogia de Manuel Gálvez apresenta-se como exemplo de romance histórico tradicional. Apesar de não prevalecer a ficcionalização de personagens consagrados pela historiografia, os eventos visitados e imaginados compõem o eixo da diáspora que passa a exaltar miticamente heróis do passado – destaca-se Bartolomeu Mitre –, preza pela linearidade narrativa e ensina a versão hegemônica da história, exaltadora da Tríplice Aliança, em geral, e da Argentina, em particular. A “palavra armada”, desse modo, dá-se entre uma base historiográfica enaltecida da nação argentina e o desejo de representá-la de modo sobressalente em relação ao inimigo inculto e, em certa medida, insano.

Na continuidade, voltamos a romances relacionados à campanha militar do exército nacional que culminou com a retirada da Laguna – referida na primeira seção desta tese –, celebrizada pelo livro homônimo do Visconde de Taunay. Por sua pouca importância no contexto geral, a campanha não é sequer mencionada na maioria dos estudos interessados na totalidade da Guerra Grande. Vejamos, todavia, as características de sua repercussão em dois romances⁷⁶ que passamos a ler a seguir: *Cunhataí* (2006), de Maria Filomena Lepecki e *Águas Atávicas* (2013), de Marcos Faustino.

Como exposto anteriormente, elegemos o primeiro devido à sua potencialidade representativa da condição híbrida latino-americana na história narrada; e o segundo, para assinalar o interesse renovado de romancistas

⁷⁶ Os outros três romances vinculados à temática da retirada da Laguna são *Avante: soldados: para trás* (1992) de Deonísio da Silva; *Questão de honra* (1996), de Domingos Pellegrini; e *Senhorinha Barbosa López* (2007), de Samuel Xavier Medeiros. O primeiro, um romance com marcas do novo romance histórico latino-americano, especialmente pelo abuso da paródia e de elementos intertextuais, e o segundo, um romance histórico contemporâneo de mediação, homenagem explícita ao clássico de Taunay, constam em vários estudos acadêmicos. O terceiro, menos conhecido, apresenta a vida da esposa do guia Lopes – principal responsável pelo sucesso da retirada dos soldados brasileiros do território paraguaio –, uma mulher que esteve aprisionada no Paraguai e, posteriormente, construiu sua vida na região que hoje forma o estado do Mato Grosso do Sul.

brasileiros sobre o tema e, acrescentemos, pelo motivo da pouca circulação entre os estudos acadêmicos até o momento.

Em *Cunhataí* (2003), de Maria Filomena Lepecki, há dois tempos narrativos: um atual, com indício de que seja já no século XXI, em uma fazenda do Mato Grosso do Sul, onde a personagem Coralina, de maneira homodiegética, narra uma história à sua amiga personagem Rosália, a partir do conteúdo dos diários da personagem Micaela. No outro, a história apresentada utiliza-se de um narrador extradiegético, passa-se entre 1865 e 1868 e tem Micaela como personagem central. No romance há certa postura de diálogo entre o discurso histórico e o ficcional, sem a condescendência confortável e repetidora dos delineamentos militares oficiais.

Isso se dá sem adentrar nas negações e críticas radicais em relação às diretrizes históricas, semelhante às empreendidas pelos novos romances históricos latino-americanos. Temos aqui algumas características importantes que destoam dos pressupostos falocêntricos e maniqueístas legitimadores de nacionalidades e das relações obscuras na alteridade latino-americana: o ponto de vista de narradoras e protagonista femininas, além do possível encontro amigável dos mundos hispano-guarani e luso-brasileiro estão entre os principais exemplos destacáveis.

Cunhataí, com poucas retomadas ao tempo presente, narra, assim, a história de Micaela, a irmã mais nova de uma família de Campinas, que durante passagem do exército brasileiro rumo ao oeste, casou-se com o engenheiro militar Ângelo Zavirria de Alencar, um espião paraguaio. As três partes do romance – “O Caminho”; “O Território”; “A Guerra” – estão intimamente relacionadas, espacial e temporalmente, à obra *A Retirada da Laguna*, de Visconde de Taunay, citada como referência no final do livro. A ficcionalização se dá, especialmente, pela inserção de acontecimentos amorosos, repletos de romantismo, aventura e momentos trágicos, entre as personagens Micaela e Ângelo.

A narrativa é de leitura dinâmica, linguagem fluida e de baixa complexidade para o leitor. Em trechos como o transcrito abaixo, porém, é necessário que não nos iludamos na aceitação pacífica da proposta autoral:

— Que tanto ela faz no quintá? – cochicharam as mucamas.

— Passeá, ora uns! Passeá! I é pecado? – retrucou a cozinheira, enquanto pendurava as linguças no fumeiro, atrás do fogão.
 — Pecado num é, mas que num é normal, tamém num é... ir assim sozinha lá pro fundão... Fazê o quê? E todo dia! [...] A mãe num deve de sabe...
 — Nem de gosta!
 — Ocês num sabi nada. Mió calá as matraca e trabaiá! (LEPECKI, 2003, p. 15).

O diálogo acontece em referência à personalidade e à atitude da personagem Micaela, quem demonstra desde muito nova seu desprezo às temeridades. Na fala das mucamas e da cozinheira, todavia, os registros verbais empregados apresentam distinção de acordo com as características sociais das personagens. Sabemos que a correção morfossintática fiel aos pressupostos da gramática normativa é uma ilusão quando se trata da linguagem oral, mesmo empregada por pessoas cultas, profundamente conhecedoras das regras do idioma de que faz uso.

A tentativa de se alcançar o resultado sonoro nas falas de personagens específicas, em detrimento de outras “possivelmente” escolarizadas, ou mesmo na voz enunciativa da narrativa, demonstra um apego pouco crítico aos determinismos regionalistas, comuns em muitas narrativas do século XIX, os quais contribuíram para a propagação de preconceitos linguísticos, ainda não superados atualmente. Por outro lado, além da diferenciação nos registros em língua portuguesa, é possível encontrar no romance, falas em guarani, espanhol e francês, que ajudam na composição da heteroglossia em *Cunhataí*.

Já com o exército em marcha, contudo, estavam muitos dos representantes da pluralidade populacional brasileira:

À medida que os batalhões marchavam, as fileiras iam se desmanchando para, no fim, parecerem uma massa informe de pessoas. Atrás dos homens iam as mulheres. Esposas legítimas de soldados, amásias, escravas forras e prostitutas. Muitas com filhos pequenos e outras grávidas. A maioria equilibrando trouxas. Depois delas, seguiam os comerciantes. (LEPECKI, 2003, p. 69).

Lepecki incursiona por uma direção narrativa que, apesar de não interferir essencialmente na sequência dos fatos registrados pela versão da expedição militar imortalizada por Taunay, sugere críticas social e histórica que podem ser, no mínimo, subentendidas pelo leitor. Por exemplo, a autora vai além do texto base

quando menciona crianças e mulheres grávidas. Elas suscitam aspectos daquela expedição militar pouco preocupada com o destino de pessoas desprovidas de preparo para as situações logísticas e bélicas, daqueles eventos marcados pelo planejamento desorganizado, em seus momentos cruciais.

Já sobre a relação comparativa entre Brasil e Paraguai, em um dos momentos de análise histórica, lemos em *Cunhataí* o seguinte:

Assim como o Brasil, o Paraguai era um país cheio de contrastes [...] Eram, porém, países diferentes no trato com o povo. Os pobres do Paraguai eram guerreiros naturais, que admiravam e temiam Solano e que lutavam com garra e coragem pela honra da pátria. Não havia homem que não fosse um soldado. No Brasil, havia os escravos e os seus grilhões. Quantos não se tinham alistado à força, sob ameaça do chicote? E outros, pela simples promessa de liberdade e o primeiro par de botas? Um fazendeiro abastado, para proteger o filho reclamado pelo exército, envia três ou quatro negros em seu lugar. (LEPECKI, 2003, p. 91).

Essa exposição reproduzida no romance é aceita e confirmada por grande parte dos historiadores que se debruçam sobre a temática da Guerra Grande. De um lado, exaltam-se as características guerreira e patriótica do povo guarani e, por outro lado, reafirmam-se as condições em que, sob o nome de Voluntários da Pátria, muitos escravos foram obrigados ou convencidos a lutar em um conflito que nada tinha a ver com eles. Aí talvez esteja uma das principais razões para nos ajudar a entender por que esse evento histórico, do século XIX, é exaltado de maneira diferente se comparamos a manutenção de sua memória no Brasil em relação à vigência das comemorações pátrias no Paraguai⁷⁷.

No momento, porém, em que o espião paraguaio – a personagem Ângelo Zavirría de Alencar – considera possibilidades de matar um desconhecido ou matar amigos, somos levados a pensar no funcionamento da ignorância como facilitadora do embate bélico: “Matar um homem desconhecido não seria difícil. Numa luta, seria mais um brasileiro imperialista, escravagista, inimigo da República e do Paraguai. Mas poderia, em sã consciência, dar um tiro à queima-roupa no Chichorro? Enfiar uma ponta de baioneta no Taunay?” (LEPECKI, 2003, p. 132).

⁷⁷ Na região de Passo de Pátria, por exemplo, não muito distante da cidade Pilar, ao sul do país, existem anualmente grandes festejos de conotação patriótica e memorialística.

Esses dois nomes mencionados são de oficiais que lutavam do lado brasileiro, porém amigos do homem que, infiltrado a serviço de Solano López, com eles compartilhavam conversas e missões militares. O conhecimento e o convívio, como podemos ler acima, dificultam o desejo de destruição ao aproximarem pessoas que se descobrem e se fortalecem na alteridade. Caso contrário, o que se têm são eventos ocorridos, seguidos de visões construídas e perpetradas como a descrita nessa passagem do romance:

Mas o Coxim nesse momento era Brasil ou Paraguai? Território invadido, com certeza! Local de lutas, de massacres! As histórias se multiplicavam e eram terríveis! Os paraguaios tinham fama de implacáveis! Invadiam, estupravam, cortavam os seios das mulheres e as deixavam sangrar até morrer! Queimavam e destruíam tudo! Eram sanguinários! Brutos! Ignorantes! Uns monstros! (LEPECKI, 2003, p. 166).

A região mencionada fica hoje no Mato Grosso do Sul. As palavras “território invadido”, “massacres”, “implacáveis”, “estupravam”, “sanguinários”, “monstros”, por exemplo, são ecos definidos e, por que não definitivos, fortalecidos pela escrita da história oficial a qual recebe o acréscimo de posteriores versões ratificadoras dos primeiros registros. Mais uma vez, estamos diante da construção de rechaços entre vizinhos os quais, pela eficiência da ignorância, são reproduzidos e revalorizados ano após ano. Não queremos, contudo, fazer a defesa do exército paraguaio ao propor uma ideia diametralmente oposta à reproduzida em *Cunhataí*.

Atentamos para o risco de se tomar a elaboração escrita e falada sobre uma parte, passível de falhas, acréscimos e omissões, como a sentença indefensável do todo. A busca do conhecimento contextual se apresenta necessária para a não perpetuação repetitiva dos erros históricos e cotidianos, reeditados pelas sociedades que se enfrentam em conflitos estendidos no âmbito das culturas, ultrapassando os limites da guerra enquanto confronto bélico.

Foi o contato e o conhecimento, estabelecidos em uma região de costumes e relações pessoais diferentes dos existentes em Campinas, que convenceram a personagem Micaela a ficar no lugar onde esteve, por bastante tempo, acompanhando o exército brasileiro, nas terras longínquas hoje sul-mato-grossenses. Em decorrência de sua adaptação ao lugar, assim se expressou a amiga, que a conheceu na campanha, da qual não mais se separou: “– Credo, cruz!

I sinhá vai tê coragi di mora por essas banda? Já isqueceu das onça? Das cobrona? Do saci? I as alma penada?” (LEPECKI, 2003, p. 396).

Não é demais lembrar que todos esses agravantes são frutos do desconhecimento. Uma vez participante das características da região, Micaela se aproxima e se percebe parte possível do lugar. Em outras palavras, agora ditas pela personagem Coralina sobre as ignorâncias históricas, uma reflexão semelhante à exposta acima vem à tona: “– Não é só você não, Rosália. Muitos brasileiros, com exceção dos militares e historiadores, não sabem patavina sobre o assunto. É uma pena. Ainda mais quando a história explica muito do presente.” (LEPECKI, 2003, p. 402). Devemos recordar que, apesar de muitos de nós realmente não sabermos minimamente o que foi a Guerra Grande, as versões de militares e historiadores devem ser apreciadas cuidadosamente, para, como exposto na seção anterior deste estudo, não cairmos na repetição viciosa de elaborações preconceituosas.

Notamos em *Cunhataí*, portanto, tom e conteúdo de acordo com as características e as possibilidades da narradora. Ela “se apresenta”, nos capítulos relacionados ao momento presente da enunciação da diesese, como quem bebe na história oficial e na tradição literária romantizada. Os indícios de formação social e cultural da narradora – mulher de classe média brasileira, interessada nos estereótipos medianos dessa classe – não sugerem uma voz enunciativa de muitos conhecimentos universais e capaz de aprofundamentos históricos, teóricos e literários. Esperar mais criticidade dessa narradora seria exigir em demasia. Outras possíveis reflexões elaboradas por ela e pelas personagens que apresenta, de maneira onisciente, levariam o romance à inverossimilhança. O texto, assim, é satisfatório, dentro das possibilidades e limites de uma narradora à sua medida.

Nas páginas finais, destaquemos a imagem de uma anciã paraguaia que vem na direção da personagem Micaela. As duas, respectivamente avó e esposa da personagem Ângelo Zavirría de Alencar, têm seus laços iniciados e estreitados: “Duas mulheres de culturas e idiomas diferentes, que três anos antes seriam inimigas, ficaram ali, abraçadas, unidas pela força maior de todas.” (LEPECKI, 2003, p. 405).

Este abraço indica o encontro e a reconciliação de mulheres que não se enfrentaram nos conflitos bélicos da Guerra Grande. O distanciamento entre duas culturas híbridas, exemplares da formação histórica latino-americana, poderia se

perpetuar a partir da guerra alicerçada por decisões que fogem aos interesses dos povos, reféns das políticas nacionalistas. Estas são questionadas e lançadas por terra, na evidência harmoniosa concebida pelo abraço das personagens referidas. Nessa passagem do romance, apresenta-se uma provocação sugestiva para aproximações entre dois países ainda desorientados por rivalidades mútuas.

Ao contribuir para a aproximação do leitor aos conflitos que ultrapassaram os limites da própria guerra, *Cunhataí* vale-se de estratégias narrativas urdidas segundo as diretrizes da memória, da dialogia, da heteroglossia, privilegiando vozes periféricas muitas vezes encobertas pelas histórias de cunho oficial e positivista. Apesar da afirmação de Nascimento (2006, p. 288) de que “[...] *Cunhataí* não se distingue grandemente de uma boa parcela da produção ficcional contemporânea que, não obstante o medianismo que patenteia, vem sendo brindada como sucesso literário”, defendemos a posição de que Lepecki buscou dosar, em boa medida, os elementos necessários para se compor, conforme concebe Fleck (2007; 2017), um romance histórico contemporâneo de mediação.

A autora preza pela linguagem acessível ao leitor; pela manutenção da verossimilhança em relação ao tempo histórico; pela linearidade cronológica, mesmo ao manipular o tempo da narrativa na exposição de dois períodos históricos: os anos da guerra e a atualidade próspera das fazendas no Mato Grosso do Sul; pela perspectiva periférica na escolha da protagonista e da voz enunciativa da narrativa; pelos recursos metanarrativos como em “[...] o que a gente não sabe, a gente inventa” (LEPECKI, 2003, p. 406), expressado pela personagem Carolina; pelo uso da heteroglossia nas passagens em espanhol ou em momentos como o diálogo entre as personagens Micaela e Mamuda: “– Não posso. Não sei... Preciso mesmo voltar. – I sinhá vai tê coragi di largá ansin essa pobre criatura de Deus? Óia lá...” (LEPECKI, 2003, p. 194); pela intertextualidade no próprio enredo, semelhante ao revelado por Taunay em *A Retirada da Laguna* (1871).

Nesse romance histórico contemporâneo de mediação proposto por Lepecki, cultura, história e memória se apresentam por intermédio do discurso literário latino-americano. É uma contribuição provocadora para o entendimento da história do continente marcado por conflitos e diferenças que o tornam, paradoxalmente, coeso. Sua proposta narrativa, portanto, é um exemplo evidente de que eventos passados carecem de revisitação constante num movimento de combate às ignorâncias

motivadoras de conflitos, muitas vezes sem as marcas da belicosidade. Uma das armas mais eficientes, para tanto, materializa-se nas construções possíveis da palavra ficcional.

Cunhataí, no conjunto dos romances relacionados à Guerra Grande, está entre os que menos se comprometem com ataques e defesas, ideológicos ou nacionalistas. Sua configuração, todavia, está delimitada a partir de um evento particular da guerra que restringe a abordagem narrativa às especificidades de situações e de personagens determinadas. A “palavra armada” presente nessa obra, portanto, deve-se mais à demarcação historiográfica que a orienta e menos à sua ficcionalização que, dentro da esquematização proposta, tentou estabelecer aproximações e discussões para além da propagação de desavenças.

Águas atávicas (2013), de Marcos Faustino, é o romance histórico mais recente, entre os quais a obra mestra de Taunay aparece como fonte essencial. No eixo narrativo, está a história da personagem Pereirinha, um menino que cresce com a avó, a dona do Lá-em-Baixo – um prostíbulo. Com sua destreza em conseguir pequenos êxitos entre as autoridades da pequena Vila de Sant’Anna, chega ao posto de cabo e, após participar da expedição que culminou com a retirada da Laguna, ao de sargento. As características da personagem se aproximam às do pícaro⁷⁸. Exímio adulator do intendente local da vila, passa a trabalhar como ajudante de ordens do engenheiro Taunay durante a campanha militar.

Entre as principais contribuições deste romance, está o intento de denunciar as corrupções na burocracia do país e a natureza da guerra em si, cuja lei se resume: “[...] aos humildes as balas e as atrocidades, aos maiores as glórias.” (FAUSTINO, 2013, p. 64). O livro também pode ser considerado uma homenagem à região do Pantanal brasileiro, a “Mesopotâmia latino-americana”, pois cada capítulo é finalizado com uma alusão às águas, a exemplo do que transcrevemos a seguir:

Agora, milhares de homens na canseira de demorado deslocamento, primeiro na defesa de seus patrícios depois na procura do embate com seus inimigos. O suor de pressentidas batalhas impregnando o ar, condensando-se, voltando em chuva aos rios, teia capilar das bacias hidrográficas, Paraná e Paraguai, a disseminar atitudes

⁷⁸ Dentre os romances da Guerra Grande, pelo menos outros dois estão construídos em torno de personagens com características picarescas: *Xadrez, truco e outras guerras* (1998), estudado por Nascimento (2006, p. 207-224), e *Caballero* (1986), a ser analisado mais adiante em nosso trabalho.

violentas, resposta inevitável ao pavor da guerra que se avizinha. (FAUSTINO, 2013, p. 67).

No movimento circular das águas que permitem o início e o fim dos ciclos da vida, a regularidade dos costumes e atividades daquela região é afetada pela aproximação da guerra. O romance, contudo, além das notas sobre fatos e nomes históricos citados em quadros informativos ao longo do livro, não deixa de apontar para práticas comuns no país desde tempos longínquos. O desejo de obter vantagens ilicitamente é uma delas e, no trecho a seguir, aparece na expectativa do intendente em relação à personagem Pereirinha, alçada a cabo:

Na intendência, Braulino chamou a guarda-livros e ordenou: – Recibos em nome do Pereira, cabo ganha um pouco mais que soldado; se perguntar o salário, diga que isto é assunto meu com ele. Data de uns dez meses atrás. Dez recibos, na volta ele assina. Ajuda a fechar as contas, pensou satisfeito. [...] sério e sisudo em solenes aparências, benefício próprio com o dinheiro da intendência, confusão secular entre o patrimônio público e o seu. (FAUSTINO, 2013, p. 79).

A aparente seriedade dos homens de bem, solenes em suas palavras e nos cargos de mando, tem na personagem Braulino o representante exemplar. Homem retórico, perspicaz, publicamente defensor da retidão. Na intimidade, contudo, corrupto. Nas instâncias mais diversas do Império ou da futura República, “braulinos” são os responsáveis operantes da máquina burocrática de um país estratificado e aberto a impunidades.

Por outro lado, com meios diferentes, mas fins parecidos, a personagem Pereirinha constrói sua vida na “[...] isenção total de juízo de valor, apenas a percepção rápida do funcionamento das coisas no seu entorno, valendo mais tirar proveito das circunstâncias, malícia proveitosa no vislumbre das pequenas vantagens.” (FAUSTINO, 2013, p. 79). Foi pensando nessas vantagens, que ele se apresentou como sargento à personagem tenente Taunay. Ao ser perguntado de que arma, a resposta, engenhosa, foi a seguinte: “– De qualquer arma, senhor. Luto com faca, rápido no punhal, ligeiro no facão, esperto na baioneta; bom mesmo no tiro certo, quando a arma é boa. [...] Sargento da ordem pública a serviço da intendência.” (FAUSTINO, 2013, p. 91).

As duas personagens, a ficcional e a histórica, tornam-se amigas. Uma pela alta patente e a outra, por se tornar seu ajudante de ordens, pouco sofrem as agruras da expedição e até se divertem no tempo em que passaram no alto da serra de Maracaju, em uma localidade conhecida como Morros, onde se encontravam “[...] antigos moradores de Miranda, Nioac e fazendas da região, fugitivos da invasão paraguaia. Muitos, muitos índios também.” (FAUSTINO, 2013, p. 97).

A consequência dessa amizade foi a fama adquirida por Pereirinha. Ao voltar para casa, o padre lhe fez elogios em uma missa, após escutar do próprio Taunay – quem atendeu o pedido do companheiro de expedição para referir “[...] a qualquer feito, verdadeiro ou inventado tanto faz; não precisava ser o autor único, servia mesmo participação discreta. [...] Só um elogio, pequeno que fosse. Fácil para Toné que sabia engrandecer” (FAUSTINO, 2013, p. 136) – exageradas exaltações referentes à sua heroica participação na campanha militar.

A personagem Pereirinha envelhece, tendo como esposas Menina, companheira anterior à guerra, que vivia Lá-em-Baixo – empreendimento gerenciado por ele após a morte da avó –, e Imbé, índia trazida da expedição. Pereirinha não teve filhos e a narrativa sobre sua morte é um dos pontos mais emblemáticos do romance (FAUSTINO, 2013, p. 184-6): a esposa indígena cava sua cova e ali fica com o marido morto até que os dois são tomados pelas águas. Pela intervenção dele, o “Patriarca Pereirinha”, junto ao “Sereníssimo Senhor”, ela é aceita no céu onde, também a pedido, reencontra parentes e conhecidos, inclusive Tonha, motivo de sua desavença, velada, com Taunay: “Nunca se soube se foi este o derradeiro lampejo da fértil imaginação de Pereirinha ou o primeiro caso real vivido por ele no reino do além, pois os poucos que de lá retornam nem sempre produzem relatos confiáveis.” (FAUSTINO, 2013, p. 186).

Já Taunay, segundo narrador extradiegético, tinha grande “[...] cuidado com os manuscritos sobre a expedição. Relataria tais peripécias com tal competência que muitos haveriam de indagar se os fatos realmente aconteceram ou só imaginação sua.” (FAUSTINO, 2013, p. 118). Comentários como este, relacionados à elaboração da linguagem, às possibilidades das palavras, são constantes no romance. Para a personagem Pereirinha, por exemplo: “Se o que ouvia ou dizia era verdade ou não, pouca ou nenhuma diferença fazia. Importante era a magia das palavras, o encanto das histórias bem contadas [...]” (FAUSTINO, 2013, p. 79).

Assim, seja em relação à escrita do texto histórico ou à narrativa nitidamente imaginada, o leitor é advertido, em trechos metaficcionais, sobre a admissibilidade das sutilezas verbais.

Em *Águas atávicas*, a cômica relação das personagens Pereirinha e Taunay, apesar de insólita, não chega ao inverossímil. É uma maneira que o autor encontra para, além de tecer críticas constantes à história como um “processo de escrita”, desenvolver o conflito que, entre as partes, tem relevância somente ao herói da narrativa. A este ocorriam pesadelos constantes com o amigo que “[...] amargava a perda de seus títulos de nobreza com o advento da República.” (FAUSTINO, 2013, p. 176). Em seu íntimo, contudo:

Pereirinha queria sim era a desgraça do distante Taunay, coisa boa, justiça divina, matutava em silêncio. A bronca crescia quanto mais lembrados eram os modos refinados, a elegância e os muitos outros aspectos do jovem guapo. Logo o ódio e o veredito final: comeu a minha Tonha e a danada nunca mais esqueceu dele, francesinho filho da puta! (FAUSTINO, 2013, p. 177).

Nessa obra de Marcos Faustino, exemplo de romance histórico contemporâneo de mediação – pois se enquadra em todas as características da modalidade teorizada por Fleck (2017, p. 109-111) – evidencia-se a importância basilar dos escritos de Visconde de Taunay. A personagem histórica, entretanto, costumeiramente laureada pelos círculos oficiais da sociedade letrada brasileira, tem seus dotes literários postos à baila, sem escapar da crítica ao excesso de valorização de uma campanha fadada ao insucesso. No contexto ficcional, Taunay, apesar de fundamental para a constituição da fama da personagem Pereirinha, após a expedição militar, não deixa de aparecer como mais uma vítima da República e da imaginação ferina de seu, outrora, ajudante de ordens, ainda tomado pelos ciúmes.

Em *Águas atávicas*, a narrativa estende-se ainda até o período republicano. Apresenta breves histórias de conflitos e de personagens que estiveram na região. Faz referência, por exemplo, a Canudos e à Guerra Grande, após a queda de Humaitá. Sobre a República, finalizamos: “[...] Seis por meia dúzia [...] a mesma permissão de ilícitos aos correligionários. Era dando que se recebiam favores; ordem para os outros e progresso para os amigos, era o lema da nova bandeira.” (FAUSTINO, p. 142). Se voltar ao passado constitui-se uma forma de compreender o

presente, esse trecho, somente, vale para o convite à leitura deste exemplar da literatura brasileira mais atual que, a exemplo de *Cunhataí*, no que se refere ao tema de nosso estudo, restringe-se a um evento delimitado pela historiografia e não estende-se na direção da complexidade regional da guerra.

Sigamos nosso percurso agora com o romance *Pancha* (2000), de Maybell Lebron. A obra volta-se especialmente aos anos de 1868 e 1869, período em que, após a queda de Humaitá, em 5 de agosto de 1868, e a eminente chegada das tropas aliadas a Assunção, as famílias paraguaias que aí residiam são obrigadas a mudarem-se para a nova capital, Luque. Com o fechamento do cerco a Francisco Solano López, e o desejo autoritário do *mariscal*, muitas delas seguiam escoltadas, em fuga, na condição de residentes, destinadas ou traidoras⁷⁹. Nesse contexto, Francisca Garmendia – Pancha –, após um breve período em Luque, é acusada de traição. Inicia-se, assim, uma jornada de mais de 150 quilômetros até o dia de sua morte em dezembro de 1869.

O romance, centrado nessa personagem histórica, traz a onisciência de um narrador extradiegético que, ao lado da voz da protagonista, denuncia as atrocidades de uma guerra, de vitória já claramente impossível para o lado paraguaio, mas ainda em curso devido aos caprichos do líder nacional.

O tom de denúncia à pessoa do presidente e à condução da guerra realizada por Francisco Solano López é recorrente:

*Otra vez Francisco ordenando vidas, ahora en todo el país. Desgraciado. Qué sórdida idea la de obligarnos a seguir sus pasos bajo pena de muerte. Sacrificio inútil de tanta gente arrastrada a este peregrinaje agotador, sin esperanza. Te conozco, tienes miedo, Mariscal. Los pechos de quienes no te aprueban deben estar al alcance de tu mano, por eso nos lleva a tu lado, para eliminar a quien se rebele contra tu despotismo. Eres cruel, eres peor que las fieras: ¡qué desgracia haberte conocido!*⁸⁰ (LEBRON, 2014, p. 16).

⁷⁹ Sobre este tema, Guido Rodríguez Alcalá compilou dez relatos preciosos no livro *Residentes, destinadas y traidoras* (1989).

⁸⁰ Nossa tradução livre: Outra vez Francisco ordenando vidas, agora em todo o país. Miserável. Que sórdida ideia a de obrigar-nos a seguir seus passos sob pena de morte. Sacrificio inútil de tanta gente arrastada nesta peregrinação esgotadora, sem esperança. Conheço-te, tens medo, Marechal. Os peitos de quem não te aprovam devem estar ao alcance de tua mão, por isso nos leva a teu lado, para eliminar quem se rebele contra o teu despotismo. És cruel, és pior que as feras: que infelicidade haver te conhecido!

Em alguns momentos da narrativa, a personagem central rememora passagens do tempo passado em que conheceu Solano López. Pancha era considerada a jovem mais linda do Paraguai. Pretendida pelo então filho do presidente Carlos López, ela o rechaçou. Vem dessa época o início de seu martírio. Seu posterior pretendente foi assassinado. Ela decide, pois, não voltar a ser a causa de outras mortes. Por isso, opta por viver solteira, sabendo que a antiga ameaça não perderia vigência: *“Si no eres mía, jamás será de nadie.”*⁸¹ (LEBRON, 2014, p. 43).

Mais adiante, outro exemplo, entre tantos, do descontentamento da personagem Pancha em relação a Solano López, está exposto no seguinte trecho:

*Él se cree dueño del Paraguay. Ama a su patria como a todo lo que amó: sometida a su poder, obediente a su capricho. Si dijera esto en público, ten por seguro que me enjuiciarían. Tiemblo por la suerte de todos nosotros. Dios quiera que esta guerra termine y podamos vivir en paz, que podamos volver a Asunción con nuestra familia. Qué felicidad.*⁸² (LEBRON, 2014, p. 40).

Não são raros, no romance, momentos em que a personagem central expressa o desejo de que as tropas aliadas definam logo a guerra: *“Si las tropas aliadas están cerca, como dicen, tal vez nos alcancen y podamos volver a Asunción. Cualquier cosa es mejor que esto. Ni el enemigo nos tratará con tanta crueldad como los nuestros.”*⁸³ (LEBRON, 2014, 110). Sabemos, contudo, que foram exatamente as atitudes dos aliados em Assunção, uma das causas determinantes que levou Caxias a dar a guerra por encerrada e deixar o comando geral do exército.

A personagem Pancha, há muito tempo longe da cidade onde cresceu, e desatualizada dos acontecimentos, vê-se em situação desesperadora. Por isso, tem na esperança da tomada do poder pelos “inimigos” sua única possibilidade de salvação. Assim, apesar da fome e dos castigos físicos, expressa reflexões como essa: *“Por lo menos nuestro guardia no es un malvado y esos niños no se atreven a golpearnos sin motivo, pero nos miran con odio. A ellos les han dicho que somos*

⁸¹ Nossa tradução livre: Se não é minha, não será de ninguém.

⁸² Nossa tradução livre: Ele se acha dono do Paraguai. Ama sua pátria como tudo que amou: sob o seu poder, obediente ao seu capricho. Se digo isto em público, certamente me processarão. Tremo pela sorte de todos nós. Deus queira que esta guerra termine e possamos viver em paz, que possamos voltar a Assunção com nossa família. Que felicidade.

⁸³ Nossa tradução livre: Se as tropas aliadas estão perto, como dizem, talvez nos alcancem e possamos voltar a Assunção. Qualquer coisa é melhor que isso. Nem o inimigo nos tratará com tanta crueldade como os nossos.

traidoras. Es todo lo que saben. Se sacan la rabia insultándonos. Tampoco ellos comen bien.”⁸⁴ (LEBRON, 2014, p. 97).

A postura ideológica do romance é clara em relação aos desmandos e às covardias lideradas pela autoridade máxima do Paraguai. No trecho acima, entretanto, há o intento de não se cair na generalização negativa dos subordinados. A humanização do guarda e dos meninos que fazem as vezes de militares – após a destruição completa do exército paraguaio, na batalha de Lomas Valentinas em dezembro de 1868, como vimos na seção anterior, passa-se a recrutar crianças como soldados – aparece-nos como uma crítica aos sistemas autoritários que usam, por um lado, de estratégias informativas para se espalhar o ódio a possíveis inimigos e, por outro, o sentimento incondicional de patriotismo e submissão ao chefe supremo.

Tudo o que sabem e precisam saber é uma “verdade inconteste”. Ela é propagada pela voz do medo, alimenta as ações e o desejo de continuar lutando, quando não pela pátria, ao menos pela sobrevivência. A fome, as doenças, a separação forçada das famílias, dos afazeres cotidianos de outrora, são esquecidas. O objetivo maior e alienante de eliminar ameaças se alinha com uma nova maneira de vida, a única possível na conjuntura bélica dos soldados paraguaios.

Em seu martírio, a personagem Pancha ainda pressente o futuro próximo em que o Paraguai será um país de mulheres, pois os homens estão morrendo aos poucos na guerra. “*Son las mujeres quienes sostienen nuestra tierra; las que plantan y cosechan; las que tejen, las que cuidan de los niños y de los animales; sin ellas hasta los soldados hubieran muerto de hambre hace rato.*”⁸⁵ (LEBRON, 2014, p. 113). Entre essas mulheres, ela aparece como exemplo de determinação e bondade cristã.

Quando índios *cuiguá* trazem carne fresca para negociar com o grupo acampado, a personagem Pancha disponibiliza seus brincos como moeda de troca. Tempo depois, descobre-se que se tratava de carne humana, “[...] *el cadáver de una*

⁸⁴ Nossa tradução livre: Pelo menos nosso guarda não é um malvado e esses meninos não se atrevem a golpear-nos sem motivo, mas nos olham com ódio. Disseram a eles que somos traidoras. É tudo o que sabem. Externam a raiva insultando-nos. Eles também não comem bem.

⁸⁵ Nossa tradução livre: São as mulheres que asseguram nossa terra; as que plantam e colhem; as que tecem, as que cuidam das crianças e dos animais; sem elas até os soldados já estariam mortos de fome.

de sus compañeras, *Patricia Giménez, horriblemente descarnado, con la cabeza y las entrañas todavía brillantes de sangre.*⁸⁶ (LEBRON, 2014, p. 130). Muitas das mulheres já haviam comido, lamentam e procuram devolver a carne ingerida. A heroína do romance, contudo, ordena: “*Recemos por ella. Hoy nos ofrece su cuerpo para que no muramos de hambre, todas estamos al límite de nuestras fuerzas, estas niñas más que nadie. No debemos rechazar este alimento. Dios nos perdonará [...]*”⁸⁷ (LEBRON, 2014, p. 131). Na firmeza deste gesto antropofágico, a personagem Pancha revela-se uma líder capaz de discernimento e decisão, em momentos extremos.

Mesmo na iminência da morte, ela mantém-se firme e sua resposta é negativa à recorrente pergunta dos inquisidores: “*¿Participó usted en el intento de asesinato de nuestro Conductor, el Mariscal López?*”⁸⁸ (LEBRON, 2014, p. 153). Após a destruição do exército paraguaio, López intensificou a busca por conspiradores. Muitas pessoas, sob tortura, confessaram conhecimento de insurreição e apontaram culpados, no intuito exclusivo de livrarem-se da morte. No romance, a personagem Bernarda Barrios de Marcó, “[...] *rotosa y tambaleante, la mira inexpressiva, toda temor y verguenza*”⁸⁹ (LEBRON, 2014, p. 153), antes de dizer sim ao questionamento: “*¿Acusa usted a la encausada, Francisca Garmendia, de haber conspirado con usted y su marido para asesinar al Mariscal?*”⁹⁰ (LEBRON, 2014, p. 153).

A heroína, ainda assim, mostra-se compreensiva: “[...] *su amiga fue más débil. Vencida, acusa y miente.*”⁹¹ (LEBRON, 2014, p. 154). Sem guardar rancor à acusadora que também será morta, após dois golpes de lança, “*Allí queda Pancha. Un altivo despojo cara al cielo. Como único sudario: su dignidade de mujer.*”⁹² (LEBRON, 2014, p. 160). Este é o final de uma personagem que, como outras

⁸⁶ Nossa tradução livre: [...] o cadáver de uma de suas companheiras, Patricia Giménez, horrivelmente descarnado, com a cabeça e as entranhas ainda brilhantes de sangue.

⁸⁷ Nossa tradução livre: Rezemos por ela. Hoje nos oferece seu corpo para que não morramos de fome, todas estamos no limite de nossas forças, estas meninas mais que ninguém. Não devemos rechaçar este alimento. Deus nos perdoará [...].

⁸⁸ Nossa tradução livre: A senhora participou no intento de assassinato do nosso Condutor, o Marechal López?

⁸⁹ Nossa tradução livre: [...] andrajosa e vacilante, olha para ela inexpressiva, toda temor e vergonha.

⁹⁰ Nossa tradução livre: A senhora acusa a processada, Francisca Garmendia, de haver conspirado com a senhora e seu marido para assassinar ao Marechal?

⁹¹ Nossa tradução livre: [...] sua amiga foi mais fraca. Vencida, acusa e mente.

⁹² Nossa tradução livre: Ali fica Pancha. Um altivo despojo de cara para o céu. Como único sudário: sua dignidade de mulher.

relacionadas à Guerra Grande, chega-nos atualmente no limiar entre a história e a lenda, pois os registros emergidos de conflitos bélicos muitas vezes não escapam ao envolvimento interessado de quem os elabora. No caso das mulheres, isso é ainda mais eloquente.

Pancha, no contexto da literatura paraguaia, constitui-se, sem dúvida, como expressivo romance histórico contemporâneo de mediação relacionado à Guerra Grande. Sua principal contribuição está em trazer para o primeiro plano, por meio da personagem central, a história das mulheres forçadas a experiências drásticas, inclusive levadas à morte, para cumprirem com exigências estratégicas dos tempos de guerra. No compasso da linguagem acessível, da narrativa linear e das denúncias a um passado distante do patriotismo glorioso, a autora oferece, sem incorrer em falseamentos deliberados, uma contribuição para a literatura centrada nas mulheres, personagens excluídas da história, conforme assinalou em livro a historiadora Michelle Perrot (1992). Sua postura de “palavra armada” dá-se, no entanto, na forma da ficcionalização de uma personagem específica dentro de uma orientação discursiva que busca combater o revisionismo nacionalista presente no Paraguai até os dias atuais, como veremos na leitura do romance seguinte.

Em *Río escarlata* (2016), de María Eugenia Garay, a personagem central é Francisco Solano López e a postura ficcional em relação à historiografia paraguaia revela-se oposta se comparada à empregada em *Pancha*. Garay, nesse que é um dos mais recentes romances históricos publicados sobre a Guerra Grande, enaltece, nos agradecimentos, os historiadores e, no prólogo, informa que recorre

*[...] a la ficción de hacer hablar al Mariscal Francisco Solano López, doy vida a esas palabras que jamás pudo pronunciar para defenderse. Utilicé la intuición para intentarme en los pasadizos de su memoria, valiéndome de la imaginación para hilvanar hechos que están dispersos en un sinfín de documentos, que reuní, compilé y así materializé su voz.*⁹³ (GARAY, 2016, p. 11).

A reunião desses documentos e o uso da imaginação para dar voz à personagem histórica estão ancorados no revisionismo paraguaio a partir do qual,

⁹³ Nossa tradução livre: [...] à ficção de fazer falar o Marechal Francisco Solano López, dou vida a essas palavras que jamais pode pronunciar para defender-se. Utilizei a intuição para tentar entrar nos passados de sua memória, valendo-me da imaginação para alinhar feitos que estão dispersos em um sem fim de documentos que reuni, compilei e assim materializei sua voz.

como veremos na seção seguinte, na leitura do romance *Caballero* (1986), figuras militares como Solano López aparecem como base de um sentimento patriótico nacionalista, muitas vezes desvinculado do necessário distanciamento crítico sobre o passado que lança as bases para o presente do país.

Quanto à estrutura do romance, intercalam-se a narração extradiegética e interpretativa de eventos históricos com a participação autodiegética da personagem Solano López que, durante uma noite, reunido aos oficiais, está convencido de que “[...] *debe vencer a la adversidad y concebir lo imposible, infundirle a su Pueblo las claves del heroísmo, porque es perentorio reinventar la esperanza.*”⁹⁴ (GARAY, 2016, p. 11). Ainda no prólogo, assinado por *La autora*, temos a primeira interferência da personagem em palavras consideradas proféticas:

*Seremos vilipendiados por una generación surgida del desastre, que llevará la derrota en el alma y, como un veneno en la sangre, el odio del vencedor efímero. Pero vendrán otras generaciones que nos harán justicia. Yo seré más escarnecido que vosotros, seré puesto fuera de la ley de Dios y de los hombres, y se me hundirá bajo las montañas de ignominias. Pero también llegará mi día, y entonces surgiré del abismo de las calumnias, para ir creciendo a los ojos de la posteridad, hasta llegar a ser, lo que necesariamente tendré que ser en las páginas de la historia.*⁹⁵ (GARAY, 2016, p. 12).

Aquela “geração surgida do desastre” é a que esteve no Paraguai nas últimas décadas do século XIX e compartilhava em certa medida com o sentimento de que Solano López teve grandes responsabilidades no modo como declarou guerra contra o que viria a ser a Tríplice Aliança e encaminhou-se para a derrota definitiva. Foi especialmente com os governos militares, à frente do país durante quase todo o século XX, que a retomada nacionalista passou à proporção capaz de, em pleno ano de 2016, vir a público um romance como *Río escarlata*. Sua missão, parece clara no trecho acima, é reafirmar a presença de Solano López nos altos pedestais da história.

⁹⁴ Nossa tradução livre: [...] deve vencer a adversidade e conceber o impossível, infundir no seu Povo as chaves do heroísmo, porque é peremptório reinventar a esperança.

⁹⁵ Nossa tradução livre: Seremos vilipendiados por uma geração surgida do desastre, que levará a derrota na alma e, como um veneno no sangue, o ódio do vencedor efêmero. Mas virão outras gerações que nos farão justiça. Eu serei mais escarnecido que os senhores, serei posto fora da lei de Deus e dos homens, e me afundarão baixo uma montanha de ignominias. Mas também chegará o meu dia, e então surgirei do abismo das calúnias, para ir crescendo aos olhos da posteridade, até chegar a ser o que necessariamente terei que ser nas páginas da história.

O narrador extradiegético traz elementos históricos e culturais inerentes ao Paraguai e à formação latino-americana, desde o período colonial sob as coroas portuguesa e espanhola até as independências. Ao referir-se ao contexto paraguaio, a voz enunciativa afirma que

*[...] quienes conformaban esta sociedad no tenían ninguna similitud con el resto de aquel continente sometido bajo el yugo de los intereses económicos foráneos. Y éste precisamente fue el detonante del conflicto. Sin costas al mar, carentes de metales valiosos o piedras preciosas, el agreste paraje no presentaba motivos de incentivo para la codicia de los extranjeros.*⁹⁶ (GARAY, 2016, p. 54-55).

Depreendemos nesses argumentos a ideia de uma sociedade paraguaia que, por estar distante dos grandes centros econômicos do continente e não oferecer riquezas naturais específicas, ficou por muito tempo aquém dos interesses coloniais. Seria o desejo de expansão do império inglês que desencadearia a guerra e a abertura comercial no país até então à margem das rotas internacionais de mercado. Essa postura dialoga com a corrente historiográfica que compreende a guerra como consequência da presença internacional nas questões regionais da América do Sul.

Para a personagem Solano Lopez, os paraguaios guerreavam

*[...] por defender lo que es nuestro, es la causa de la Patria, un sentimiento unánime de repulsa al invasor une a nuestro Pueblo. Ellos atacan para satisfacer las ambiciones de sus retorcidos jerarcas, por la causa de codicia personal de sus gobernantes, divorciada del sentimiento de sus pueblos. Esa es la diferencia abismal entre unos y otros.*⁹⁷ (GARAY, 2016, p. 85).

Aqui mais uma vez reafirma-se o patriotismo e a legitimidade de uma ação heroica pela coletividade nacional, o que não haveria em igual medida nos países

⁹⁶ Nossa tradução livre: [...] os que conformavam esta sociedade não tinham nenhuma semelhança com o resto daquele continente submetido ao jugo dos interesses econômicos de fora. E este foi precisamente o detonador do conflito. Sem costas para o mar, carentes de metais valiosos ou pedras preciosas, a agreste paragem não apresentava motivos de incentivo para a cobiça dos estrangeiros.

⁹⁷ Nossa tradução livre: [...] para defender o que é nosso, é a causa da Pátria, um sentimento unânime de repulsa ao invasor une o nosso Povo. Eles atacam para satisfazer as ambições de seus retorcidos hierarcas, pela causa da cobiça pessoal de seus governantes, divorciada do sentimento de seus povos. Essa é a diferença abismal entre uns e outros.

vizinhos, contaminados pela cobiça de seus dirigentes. Ao insistir na acusação de que [...] *los enemigos, que tienen el padrinazgo económico y político de Inglaterra, ocultan los prolegómenos, nos echan toda la culpa y luego nos condenan ante el mundo, sin apelación posible de nuestra parte*⁹⁸ (GARAY, 2016, p. 76), a personagem histórica apela às gerações seguintes para que estabeleçam a “verdade”, pois “[...] *un pueblo sin historia, un pueblo sin pasado, es como un árbol carente de raíces, poco sustento tendrá para hacer frente a los vendavales. Será frágil y maleable.*”⁹⁹ (GARAY, 2016, p. 103).

O enraizamento dessa árvore vem sendo efetivado no Paraguai com evidente teor ideológico muitas vezes fechado e intolerante às ameaças que possam abalar suas estruturas. María Eugenia Garay participa dessa atividade quando publica este romance histórico contemporâneo de mediação, de linguagem acessível e devedor da historiografia que, contestável em muitos aspectos, sustenta o orgulho nacional de parte majoritária da população paraguaia. Narrador e personagem, portanto, reafirmam suas diretrizes, em uma postura de “palavra armada” oposta à expressada em *Pancha*, e o Solano López ficcional se despedirá dos oficiais militares após uma noite inteira de ensinamentos, quando os raios de sol já apresentavam um rio escarlate ao amanhecer o dia.

Em *Aquel sagrado suelo* (2000), de Federico Peltzer, discute-se essencialmente como se deu a contribuição argentina na Tríplice Aliança e a formação do exército daquele país que teve como momento principal na guerra a participação na batalha de Curupaiti, em 22 de setembro de 1866. Após essa batalha, vencida pelo exército paraguaio, houve um intervalo de quase dois anos, com pequenos encontros bélicos nesse período, até a tomada de Humaitá pelos aliados e o avanço em direção a Assunção.

O tema de Curupaiti permeia todo o romance que apresenta ora um narrador extradiegético, passando por momentos de narração homodiegética sob a voz enunciativa da figura do oficial militar argentino, ora a transcrição ficcional de cartas assinadas primordialmente por personagens que estavam na guerra. Em poucas e

⁹⁸ Nossa tradução livre: [...] os inimigos que têm o apadrinhamento econômico e político da Inglaterra, ocultam os prolegômenos, nos jogam toda a culpa e depois nos condenam ante o mundo, sem apelação possível de nossa parte.

⁹⁹ Nossa tradução livre: [...] um povo sem história, um povo sem passado, é como uma árvore carente de raízes, pouco sustento terá para fazer frente aos vendavais. Será frágil e maleável.

breves alusões à década de 1980, há a inserção de personagens que, de alguma maneira, interessam-se por aquele evento já distante na história nacional. É o caso do sargento inconformado com um grupo de soldados que, às vésperas da formatura, não conheciam a marcha militar *Curupaytí*¹⁰⁰: “¿Por qué no cantan estos rejodidos?. [...] Les ordené cantar Curupaytí y se quedaron más mudos que una momia.”¹⁰¹ (PELTZER, 2000, p. 21).

Posteriormente, no diálogo entre dois soldados que presenciaram a exigência do sargento, lemos o seguinte: “– *Curupaytí es el nombre de un club de rugby, ¿no?* – *Dormite, huevón. Fue una batalla.* – *¿Una batalla?* – *Sí. Murieron casi todos.*”¹⁰² (PELTZER, 2000, p. 26). Essas passagens ilustram a vigência do tema da guerra entre militares de carreira, mas inconsistente em meio aos jovens pouco afeitos aos “grandes nomes” e “heroísmos”, ao contrário da personagem histórica Mariano Grandoli, responsável pela bandeira do batalhão *Santafecino* e morto na linha de frente, sem abandonar a missão de carregar o símbolo guerreiro até o campo inimigo. Como uma espécie de fio condutor, apesar de raras manifestações na condição de enunciativa do discurso, essa personagem aparece ao longo do romance mencionada pelas vozes narrativas e por outras personagens.

Quanto às causas da guerra, elas são entendidas no romance como “[...] *un malentendido que se podía haber solucionado con un par de entrevistas*”¹⁰³ (PELTZER, 2000, p. 22), ou, mais adiante, como enfrentamentos que “[...] *en el fondo se trata de problemas entre un tirano ególatra y unos masones que se creen dueños de la verdad.*”¹⁰⁴ (PELTZER, 2000, p. 39). Em meio a tudo isso, estaria “[...] *el gaucho Flores, culpable de todo aquello.*”¹⁰⁵ (PELTZER, 2000, p. 267). A influência estrangeira nas questões regionais, assim, articula os maçons que não optaram pela via amistosa e aproveitaram o contexto diplomático de então, especialmente entre brasileiros e uruguaios – por isso a acusação aos interesses

¹⁰⁰ Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=k9V_Sc3LwgQ Acesso em: 20 nov. de 2019.

¹⁰¹ Nossa tradução livre: Por que não cantam estes desgraçados? [...] Ordenei a eles cantar *Curupaytí* e ficaram mais mudos que uma múmia.

¹⁰² Nossa tradução livre: – *Curupaiti é o nome de um clube de rugby, não?* – *Durma, estúpido. Foi uma batalha.* – *Uma batalha?* – *Sim. Morreram quase todos.*

¹⁰³ Nossa tradução livre: [...] Um mal entendido que podia ter sido solucionado com um par de entrevistas.

¹⁰⁴ Nossa tradução livre: [...] no fundo trata-se de problemas entre um tirano ególatra e uns maçons que se creem donos da verdade.

¹⁰⁵ Nossa tradução livre: [...] o *gaucho* Flores, culpado de tudo aquilo.

locais do *colorado* Flores como um dos sérios desencadeantes da guerra – para atacarem ao “egocêntrico” e “tirano” Solano López.

Os soldados argentinos, principalmente os provincianos distantes da efervescência política e econômica da capital Buenos Aires, não viam a guerra como sua, pois “[...] *nada tienen contra esos paraguayos con quienes deberán combatir; ni contra un gobierno del que muy poco saben* [...]”¹⁰⁶ (PELTZER, 2000, p. 70). De modo geral, os soldados estão certos de que “[...] *poco o nada sabrán, porque los manejos del poder son y serán siempre ajenos. A ellos les toca solamente arriesgar el pecho en el combate.*”¹⁰⁷ (PELTZER, 2000, p. 219). Críticas como essa são recorrentes no romance que, sem desprezar o contexto argentino, não deixa de, por exemplo, também reconhecer “[...] *el valor de los [soldados] brasileiros, tan injustamente menospreciados* [...]”¹⁰⁸ (PELTZER, 2000, p. 207).

Algumas das cartas presentes no romance são da personagem histórica Lucio Mansilla, direcionadas a sua irmã Eduarda. Na última delas, escreve que

[...] *ahora no se critica solamente la alianza – en lo cual tienen razón, según mi parecer –; se reclama a gritos que dejemos solos a los macacos. Sobre todo, consagran los mejores elogios a la madre del almirante de marras [...]. Hay quienes acusan a don Bartolo de traidor vendido al oro del Brasil. ¿Qué oro, te pregunto? Don Bartolo podrá tener todos los defectos – y son muchos – [...] Pero don Bartolo nos es un vendido ni un traidor. [...] lo cierto es que Tamandaré y Porto se van de vuelta, y que mandan al Marqués de Caxias [...]. También parece que vuelve Osorio. De haber estado él aquí antes de la batalla, otro gallo habría cantado. Pero así fue todo y a los muertos no los resucita nadie.*¹⁰⁹ (PELTZER, 2000, p. 288-289).

Os mortos referidos são os de Curupaiti e a provocação aos oficiais brasileiros Tamandaré e Porto Alegre deve-se aos seus comportamentos

¹⁰⁶ Nossa tradução livre: [...] nada têm contra esses paraguaios com os quais deverão combater; nem contra um governo de que muito pouco sabem [...].

¹⁰⁷ Nossa tradução livre: [...] pouco ou nada saberão, porque os manejos do poder são e serão sempre alheios. A eles compete somente arriscar o peito no combate.

¹⁰⁸ Nossa tradução livre: [...] o valor dos brasileiros, tão injustamente menosprezados [...].

¹⁰⁹ Nossa tradução livre: [...] agora não se critica somente a aliança – no qual têm razão, segundo meu parecer –; reclama-se a gritos que deixemos sozinhos os macacos. Sobre tudo, consagram os melhores elogios à mãe do almirante de marras [...]. Há aqueles que acusam dom Bartolo de traidor vendido ao ouro do Brasil. Que ouro, te pergunto? Dom Bartolo poderá ter todos os defeitos – e são muitos – [...] Mas dom Bartolo não é um vendido nem um traidor. [...] o certo é que Tamandaré e Porto estão retornando, e que mandam o Marquês de Caxias [...]. Também parece que volta Osório. Se ele estivesse aqui antes da batalha, outro galo teria cantado. Mas assim foi tudo e os mortos ninguém ressuscita.

inconsistentes naquela batalha. Tamandaré, especialmente, é uma das personagens mais ironizadas nos romances sobre a Guerra Grande devido às vacilações em ordenar que os navios ultrapassassem a barreira de Humaitá e ao próprio ataque a Curupaiti em que o canhão comandado por ele não atingiu as defesas paraguaias. O presidente e general Mitre, considerados os seus defeitos, é tido como honesto e o brasileiro general Osório como comandante ideal para que o evento bélico tivesse outro fim.

Já Solano López é apresentado como uma personagem que “[...] *nadie lo comprendió nunca, sus planes eran geniales y sus jefes apenas dignos de enfrentar un pelotón. América es muy grande, pero no parece estar a la medida de concepciones tan altas como la suya.*”¹¹⁰ (PELTZER, 2000, p. 93). Estas palavras, aparentemente elogiosas, são desmitificadas na alusão ao general Díaz, comandante paraguaio na batalha de Curupaiti, que “[...] *como siempre, luchó en primera línea, mientras el Amo desayunaba en Paso Pucú.*”¹¹¹ (PELTZER, 2000, p. 208). As considerações positivas ao povo paraguaio, assim, são distintas quando direcionadas ao seu presidente, tido como principal responsável pelo prolongamento da guerra para além do “aceitável”.

No romance, externa-se a ideia de que, em relação ao Paraguai, “[...] *nada era extranjero, salvo ellos, los invasores que venían del sur y del este sin saber bien para qué. ¿Tenían derecho a meterse en casa ajena?*”¹¹² (PELTZER, 2000, p. 152). Em nome da pátria, contudo, justifica-se a investida da Tríplice Aliança e, nas palavras da personagem padre Canavery, ao ser questionado pela personagem doutor Gutiérrez sobre a falta de sepultamentos conforme os ritos sagrados, “[...] *el suelo donde muere un hombre por aquello que cree, es sagrado... Y será sagrado para siempre.*”¹¹³ (PELTZER, 2000, p. 297).

Nessa perspectiva de rememorar as glórias argentinas durante a Guerra Grande, apesar de também revelar alguns posicionamentos críticos, *Aquel sagrado*

¹¹⁰ Nossa tradução livre: [...] ninguém nunca o compreendeu, seus planos eram geniais e seus chefes apenas dignos de enfrentar um pelotão. América é muito grande, mas não parece estar na medida de concepções tão altas como a sua.

¹¹¹ Nossa tradução livre: [...] como sempre, lutou na primeira linha, enquanto o Amo tomava café da manhã em *Paso Pucú*.

¹¹² Nossa tradução livre: [...] nada era estrangeiro, salvo eles, os invasores que vinham do sul e do leste sem saber bem para que. Tinham direito de meter-se em calha alheia?

¹¹³ Nossa tradução livre: [...] o solo onde morre um homem por aquilo que acredita, é sagrado... E será sagrado para sempre.

suelo projeta-se no diapasão de um romance histórico contemporâneo de mediação, de linguagem acessível e convergente com a historiografia que aponta a influência do imperialismo inglês como motivador da guerra. A postura de “palavra armada” constitui-se, fundamentalmente, pela espécie de homenagem na evidenciação dos soldados nos campos de batalha, mesmo que muitas vezes a partir de um narrador extradiegético ou de personagens representativos da oficialidade militar.

Já *El piano de Chopin* (2017), do argentino Zelmar Acevedo Díaz, o mais recente romance com da temática da Guerra Grande sobre o qual nos detemos em nossa pesquisa, converge em linhas gerais na direção dos romances históricos contemporâneos de mediação, mas também traz influência dos novos romances históricos latino-americanos metaficcionais (FLECK, 2017, p. 92-3), especialmente na proposta estrutural e no manejo da linguagem evidenciados.

Quanto aos capítulos, eles aparecem encabeçados pelos números romanos I, II e III, repetidos ao longo da narrativa sem obrigatoriedade sequencial fechada, isto é, o capítulo I reaparece muitas vezes e o mesmo se passa com o II e o III, compondo, assim, três grandes capítulos entrecortados, ou revezados, entre si. Cada um deles apresenta uma particularidade referente ao foco narrativo. Por isso, às vezes, há saltos do I ao III, repetição de um mesmo capítulo e acontece, por exemplo, o retorno ao I após a aparição do capítulo II, sem que a sequência se complete no III. Somente o último capítulo, por diferenciar-se da proposta fechada dos três anteriores, aparece sob o número IV.

No(s) capítulo(s) I, a voz enunciativa pertence a Solano López, narrador autodiegético. No(s) capítulo(s) II, os parágrafos surgem alternadamente entre uma voz extradiegética, que apresenta uma espécie de visão/alucinação da personagem histórica Crisóstomo Centurião, e a voz autodiegética da personagem Solano López. No(s) capítulo(s) III, predomina uma voz narrativa heterodiegética que se direciona à personagem Solano López como uma segunda pessoa que, por vezes, toma o controle da enunciação.

O manuseio narrativo estabelecido pela utilização pronominal permeia, portanto, todo o romance e pode confundir o leitor menos atento ao jogo das vozes. Em um mesmo capítulo III, lemos trechos como “*Observaste el relámpago de la discordia, la disolución del grupo, la aparición de cada egoísmo, de cada ruindad.*” (ACEVEDO DÍAZ, 2017, p. 51); e “[...] *las notas navegando el aire, filtrándote entre*

las convulsiones de la naturaleza, la voz de tus dedos extendiéndose hasta mis oídos [...].” (p. 52); além de “*Allí estaba Elisa, aguardándote vestida de blanco y encajes y volados, con una cinta sujeta a los cabellos que le caía sobre el hombro [...].*”¹¹⁴ (p. 53).

No primeiro trecho, o narrador heterodiegético volta-se à personagem Solano López como segunda pessoa; no segundo, a personagem Solano López, agora como narrador autodiegético, refere-se à Elisa Lynch como uma segunda pessoa; no terceiro, novamente o narrador heterodiegético volta-se a López, agora apresentando Elisa Lynch como uma terceira pessoa. Desse modo, o multiperspectivismo é constante, mesmo dentro de um único capítulo ou divisão.

Essas mudanças constantes entre as vozes não trariam dificuldades à leitura se a estrutura do romance fosse facilitada pela padronização tradicional das narrativas que optam pelo uso dos travessões, dois pontos, etc. Mas em *El piano de Chopin*, uma de suas qualidades marcantes está exatamente no domínio linguístico. Em pouco mais de trezentas páginas, o que há são sequências de parágrafos que, sem aviso prévio, alternam as vozes enunciativas, dando-nos como pistas a utilização segura dos pronomes ou das terminações verbais.

Para além da estrutura formal, o romance narra a retirada/fuga de Solano López e do que restou de seu exército, após a caída de Humaitá, em 5 de agosto de 1868, e a tomada de Assunção, em janeiro de 1869, pelos Aliados, até a captura e morte do líder paraguaio em Cerro Corá, no dia primeiro de março de 1870. Em meio a esses momentos da guerra, a voz da personagem Solano López revela sua postura com relação aos potenciais traidores que, até então, o cercavam: “*Debí desprenderme de ellos apenas percibí su falsa confianza, sus excesos ceremoniales, dándome la razón en todo, esclavizados a mi autoridad y clavándome el puñal por la espalda, que es clavárselo al pueblo del Paraguay.*”¹¹⁵ (ACEVEDO DÍAZ, 2017, p. 25).

¹¹⁴ Nossa tradução livre: Observaste o relâmpago da discórdia, a dissolução do grupo, a aparição de cada egoísmo, de cada ruindade; [...] as notas navegando o ar, filtrando-te entre as convulsões da natureza, a voz de teus dedos estendendo-se até meus ouvidos [...]; Ali estava Elisa, aguardando-te vestida de branco e rendas e babados, com uma cinta sujeita aos cabelos que lhe caía sobre o ombro [...].

¹¹⁵ Nossa tradução livre: Devia ter me desprendido deles mal percebi sua falsa confiança, seus excessos cerimoniais, dando-me razão em tudo, escravizados a minha autoridade y cravando-me o punhal pelas costas, que é cravá-lo no povo do Paraguai.

Nesse trecho, podemos notar o tom psicológico e de articulação da linguagem presente no decorrer da obra. A partir das visões da personagem Centurião, ferido entre a vida e a morte e instalado num acampamento de onde vêm a sua mente fatos passados diretamente relacionados a López, somadas aos momentos da narração heterodiegética, a centralidade do romance está na complexidade linguística em torno das razões pelas quais Solano López construiu suas ações antes da guerra e durante os anos de conflitos.

A personagem Solano López confunde-se com o Paraguai. Ao ser traído, a nação será traída por aqueles que não compreendem sua missão, que elaboram belas palavras, mas não agem de acordo com suas elucubrações. É dessa maneira que López interpreta as verborragias dos mandatários regionais e intelectuais que “falam de liberdade”:

*Hablan de libertad barones y marqueses de una monarquía esclavócrata que mantiene a cientos de miles de forzados en las fazendas, privándolos del más trascendental de los sentimientos, el amor al trabajo y a la tierra. Hablan de libertad sobre millares de gauchos obligados a la milicia y a doblar la espalda ante la opulencia de los estancieros. También hablan de libertad los que en Paysandú gritaron a degüello y mancharon de sangre blanca sus sables colorados.*¹¹⁶ (ACEVEDO DÍAZ, 2017, p. 27).

Uma das explicações surgidas para justificar o ataque dos Aliados aos paraguaios era a de que estes viviam sob um regime de barbárie. Afastadas da civilização, as pessoas daquele país precisavam ser libertadas das amarras do tirano para que vislumbrassem o sentimento da universalidade democrática das luzes e do direito. Segundo a interpretação da personagem Solano López, aqueles que defendem a liberdade são os mesmos favorecidos pelo regime escravista e pelos conflitos armados entre os que obedecem às vontades de grandes políticos e

¹¹⁶ Nossa tradução livre: Falam de liberdade barões e marqueses de uma monarquia escravocrata que mantém centenas de milhares de cativos nas fazendas, privando-os do mais transcendental dos sentimentos, o amor ao trabalho e à terra. Falam de liberdade sobre milhares de gaúchos obrigados à milícia e a dar às costas diante da opulência dos estancieiros. Também falam de liberdade os que em Paissandu gritaram pela degola e mancharam de sangue *blanco* seus sabres *colorados*.

estancieiros. Pouco se admitia sobre taxa de escolarização primária¹¹⁷ presente no Paraguai e o direito ao cultivo da terra¹¹⁸ pela população.

Outra característica recorrente no romance é a presença paterna de Carlos Antonio López, já falecido, como juiz das atitudes e discurso de Solano López. O trecho a seguir demonstra essa “sombra”, a mais poderosa influência sobre a voz enunciativa central da narrativa:

*Dígame padre si se siente honrado usted de mí. Hágame saber por una ventisca, un murmurillo del cosmos, una estrella fugaz que hiera el cielo con su lumbre. Tome en cuenta que a los enemigos de afuera debí enfrentarme a los traidores de adentro, viéndome obligado a abrir dos frentes y conducir ambos con igual reciedumbre.*¹¹⁹
(ACEVEDO DÍAZ, 2017, p. 264).

Solano López, presidente eleito, era ainda assim o senhor de todas as coisas no Paraguai. Não temos registros históricos de que ele consultasse amiúde o seu Estado Maior para colocar em xeque suas decisões estratégicas. A saída ficcional proposta em *El piano de Chopin* busca essa função na figura de Carlos López, quem, nos seus anos de presidente, optou por caminhos políticos e diplomáticos nas relações com seus vizinhos. Solano López, ao contrário, tomou a direção do enfrentamento direto com os inimigos, externos e internos e, como lemos acima, o importante, em última instância, está no afeto e no sentimento de honra do pai para com o filho.

Os eventos ocorridos em *Piribebuy* e, posteriormente, em *Acosta Ñu*, estão entre os mais emblemáticos naquela fase da guerra. No trecho a seguir, que inicia com o narrador heterodiegético referindo-se a Solano López e logo este tomando a palavra em direção a Carlos López, temos, além de um exemplo da técnica narrativa presente no romance, uma postura interpretativa sobre o passado e o presente daquele momento histórico:

¹¹⁷ Maestri (2015, p. 145), chama a atenção para a falta de fontes, apesar de admitir, em 1834, a existência mínima de 140 escolas primárias rurais, com cerca de cinco mil alunos do sexo masculino.

¹¹⁸ Para Ronald León Nuñez (2011, p. 154), “[...] povo paraguaio se imolava defendendo suas terras, seu gado, suas casas, seu acesso quase integral ao sistema educacional.”

¹¹⁹ Nossa tradução livre: Diga-me pai se o senhor sente-se honrado de mim. Faça-me saber por uma ventania, um murmurinho do cosmos, uma estrela fugaz que fira o céu com seu lume. Tenha em conta que além dos inimigos de fora deve enfrentar os traidores de dentro, vendo-me obrigado a abrir duas frentes e conduzir ambas com igual vigor.

[...] *te preguntaste cuántas generaciones de infantes se habían alfabetizado en ese lugar, trataste de imaginarte sus rasgos apretándose contra el papel, el papel forzadamente rasgado por la impaciencia del lápiz, cuánto de usted padre y de los tiempos del doctor Francia permanece en esta aula que será inevitablemente desaparecida con nuestra marcha para que ni un solo cobijo ni el amparo de un rancho, ni siquiera un techado de cerdos se conserve para uso de los aliados.*¹²⁰ (ACEVEDO DÍAZ, 2017, p. 116).

Estão destacados mais uma vez os vestígios da escolaridade presente entre as crianças paraguaias e a necessidade de que seja destruído tudo o que possa ser útil aos perseguidores. Estes darão a guerra por acabada somente no momento da captura de Solano López que age segundo o desejo de remontar seu exército para defender o país do ataque invasor. Durante todo o romance, a personagem Solano López demonstra uma consciência na autoafirmação de que sua morte será a morte do Paraguai.

A narrativa ainda incursiona pela abordagem do fantástico e do real maravilhoso. O primeiro aparece, por exemplo, na “[...] *transgresión de la unidad del espacio*”¹²¹ (TACCONI, 1995, p. 36) quando Solano López e o que restou de seu exército entram em uma caverna e chegam até a neve das cordilheiras chilenas: “[...] *nadie en el mundo creería apesar de la abundancia de testigos, quienes seguramente seguían alucinando de hambres, pestes, agotamiento de guerra y fábulas de un pueblo propenso a la leyenda.*”¹²² (ACEVEDO DÍAZ, 2017, p. 195). Mais adiante: “*Durante tres días fue camino de montaña, de pasos, vales, pedregales y arroyadas que lo iban acercando a la densidade de los montes, a la topografía reconocible del Paraguay.*”¹²³ (ACEVEDO DÍAZ, 2017, p. 200).

Esse povo propenso à lenda pertence à história da América Latina que, segundo Alejo Carpentier (1969, p. 79), é uma crônica do real maravilhoso e este, por sua vez, está numa sensação que “[...] pressupõe uma fé” (CARPENTIER, 1969,

¹²⁰ Nossa tradução livre: [...] te perguntaste quantas gerações de infantes foram alfabetizadas nesse lugar, trataste de imaginar seus traços apertando-se contra o papel, o papel forçadamente rasgado pela impaciência do lápis, quanto do senhor pai e dos tempos do doutor Francia permanece nesta sala que será inevitavelmente desaparecida com nossa marcha para que nem um só abrigo nem o amparo de um rancho, nem sequer um coberto de porcos se conserve para uso dos aliados.

¹²¹ Nossa tradução livre: [...] transgressão da unidade do espaço.

¹²² Nossa tradução livre: [...] ninguém no mundo acreditaria apesar da abundância de testemunhas, que seguramente seguiam alucinando de fomes, pestes, esgotamento de guerra e fábulas de um povo propenso à lenda.

¹²³ Nossa tradução livre: Durante três dias foi caminho de montanha, de passagens, vales, pedregais e arroios que iam acercando-o à densidade dos montes, à topografia reconhecível do Paraguai.

p. 77). A fantástica transgressão espacial presente no romance, portanto, joga com a lenda, com a história impossível que pode ganhar ares de verdade, pois pertencemos a uma tradição em que a fronteira entre mito e realidade é muitas vezes tênue ou mesmo inexistente. A ficção, nesta leitura da Guerra Grande, usa de sua liberdade para avançar o enquadramento histórico do evento e possibilita ao leitor viajar por mundos imaginários não alheios ao contexto latino-americano, propenso à naturalização do sobrenatural.

Outra característica presente na escrita de *El piano de Chopin* está na constância dos recursos metaficcionais:

*Han transcurrido mil años desde la salida de Humaitá. ¿Cuál es entonces la extensión de mi vida siendo yo, como hombre histórico, superior a la suma de mis días? Pero también la posteridad esconde sus traiciones. Si fuera derrotado, otros me escribirán, otros dirán quién fui. Otros darán su versión con plumillas contrahechas, satisfechos de sus desechos. Escasos habrán justicia en ese péndulo tiránico entre vencedores y vencidos. Hojarasca de cantos y poemas, de arpas y guitarras, la memoria cantará mares hurtados y el mediodía se perderá en el éxodo de las aves australes.*¹²⁴ (ACEVEDO DÍAZ, 2017, p. 248-9).

A voz enunciativa atribuída à personagem Solano López é consciente de que as causas e consequências daquele evento histórico, no qual figura como um dos principais protagonistas, terão suas medidas pautadas por aqueles que registrarão por escrito o que foi a Guerra Grande. López, ao ditar um decreto a um subalterno, faz muitas correções ao selecionar as palavras. Ele sabe que “[...] *las palabras son el arma primera antes de que el fuego las inflame*.”¹²⁵ (ACEVEDO DÍAZ, 2017, p. 276). No romance, tão importante quanto à história contada, está à composição pela linguagem, a constante lembrança ao leitor de que a história passa necessariamente pelas escolhas do que deve ser destacado e de como os fatos estão relatados.

¹²⁴ Nossa tradução livre: Transcorreram mil anos desde a saída de Humaitá. Qual é então a extensão da minha vida sendo eu, como homem histórico, superior à soma dos meus dias? Mas também a posteridade esconde suas traições. Se fosse derrotado, outros me escreverão, outros dirão quem fui. Outros darão sua versão com pluminhas falsificadas, satisfeitos de seus despezos. Escassos farão justiça nesse pêndulo tirânico entre vencedores e vencidos. Folharada de cantos e poemas, de arpas e guitarras, a memória cantará mares roubados e o meio-dia se perderá no êxodo das aves austrais.

¹²⁵ Nossa tradução livre: [...] as palavras são a arma primeira antes que o fogo as inflame.

Também constantes na narrativa, estão as relações estabelecidas pelos símbolos, sendo o piano de Elisa Lynch, de possível propriedade anterior ao próprio Chopin, uma das mais emblemáticas. O piano está entre os objetos que acompanham a comitiva. Suas notas, por vezes acidentalmente, ecoam no trajeto e sua presença no acampamento tem relação com a própria vida, pois “[...] *guardar el piano en la gruta hubiese partido su corazón [de Elisa] y la ausencia del instrumento podría ser interpretado por la tropa como señal de mal augurio.*”¹²⁶ (ACEVEDO DÍAZ, 2017, p. 191). Quando “[...] *ha callado el piano*”¹²⁷ (ACEVEDO DÍAZ, 2017, p. 281), o desfecho da perseguição a Solano López passa a ser iminente.

Já no último capítulo do romance, o único com a numeração IV, a narração extradiegética volta-se para Elisa Lynch, após a batalha de Cerro Corá, em que Solano López foi finalmente morto ao não render-se. “*El piano estaba allí, a un costado. Parecía aguardarla.*”¹²⁸ (ACEVEDO DÍAZ, 2017, p. 301). O fechamento da narrativa pode ser considerado também o fim de uma página importante da história do Paraguai. Com a morte do presidente e da quase totalidade da população adulta do país, começa gradativamente a vigorar uma nova conformação política e geográfica na região do Rio da Prata.

El piano de Chopin, assim, apresenta uma leitura do evento histórico a partir de um grande domínio do autor em relação ao conteúdo exposto a partir de estudos como o de Doratioto (2002) e à forma da narrativa literária. Zelmar Acevedo Díaz vale-se das mais recentes posições historiográficas sobre o tema e constrói um romance que, mais do que vozes literárias, oferece um contexto amplo do que foi e representa a Guerra Grande para a América Latina, limitando-se, contudo, a um momento e personagem específicos da guerra.

A complexidade formal da obra não compromete em grande medida, como adiantamos inicialmente, a possibilidade de a relacionarmos a algumas das principais características do romance histórico contemporâneo de mediação. A narrativa preza pela verossimilhança, pela linearidade cronológica dos eventos recriados, pela linguagem fluida e pela intertextualidade. A presença de elementos metanarrativos não constitui a totalidade da obra, porém contribuem amplamente

¹²⁶ Nossa tradução livre: [...] guardar o piano na gruta partiria o seu coração [de Elisa] e a ausência do instrumento poderia ser interpretada pela tropa como sinal de mal presságio.

¹²⁷ Nossa tradução livre: [...] o piano se calou.

¹²⁸ Nossa tradução livre: O piano estava ali, ao lado. Parecia esperar por ela.

para que encaremos a linguagem como elemento decisivo na constituição dos textos, sejam históricos ou ficcionais. Em termos literários, *El piano de Chopin* destaca-se, em nossa avaliação, entre os bons romances históricos já escritos a partir da temática da Guerra do Grande.

Diante do exposto até aqui, antes de finalizarmos esta seção, tenhamos ainda uma consideração sobre aquelas obras que, a exemplo de *Viva o povo brasileiro* (1984), de João Ubaldo Ribeiro; *A república dos bugres* (1999), de Ruy Tapioca; *El hombre víbora* (2013), de Irina Ráfols, etc., são romances históricos que abordam apenas lateralmente o tema da Guerra Grande. Já que não é nosso objetivo evidenciar a postura de “palavra armada” nessas narrativas, pois elas preocupam-se com muitas outras questões alheias à guerra, comentamo-las em parte a fim de constatarmos a abrangência da temática em ficcionalizações latino-americanas de ordem geral.

Em *Viva o povo brasileiro*, romance cuja diegese estende-se desde meados do século XVII até o início do último quarto do século XX e abarca vários episódios da história nacional, a presença dos orixás é fundamental para a vitória dos aliados na batalha de Tuyutí. Para Celeste de Andrade e Thaíse da Silva (2015, p. 115),

[...] os dados históricos que promovem efeitos de verossimilhança sofrerão a interferência do surgimento do maravilhoso por meio do plano de ação das divindades africanas do candomblé da Bahia, em que o mítico se sobrepõe ao histórico. Assim, ao final dos episódios da Guerra do Paraguai, a narrativa ficcional nos convence de que o Brasil só consegue vencer o conflito devido à participação dos orixás durante o combate.

No outro lado, contudo, “[...] as entidades paraguaias, estranhos seres de inacreditável aparência, estavam prestes a sair das águas, árvores e nuvens, para também socorrer seus filhos.” (RIBEIRO, 2009, p. 532). A evidenciação dos contendores, assim, dá-se no plano sobrenatural e a abordagem sobre a guerra presente no romance busca, nos elementos participantes do fronte de batalha, a maneira de relacionar a participação fundamental dos baianos na construção da vitória aliada. A história deixa de remeter especialmente à oficialidade militar e política e volta-se para o homem comum e sua força transcendente.

Em *A república dos bugres*, uma versão da história do Brasil do século XIX, que vai desde a chegada da família real portuguesa em 1808 até a proclamação da

República em 1889, é contada a partir da visão das classes subalternas. Conforme a leitura realizada por Nascimento (2006, p. 120-146), os episódios da Guerra Grande escolhidos para comporem o romance são alguns dos mais dramáticos como a batalha de Tuyutí e os enfrentamentos ocorridos em Piribebuy e *Acosta Ñu*. Nesses momentos em que os eventos da guerra vêm à tona, a narração passa da voz da verborrágica personagem Quincas para a personagem padre Jacinto que

[...] lê na violência perpetrada de lado a lado motivos palpáveis para questionar a sua fé. Outro efeito do enfoque nestes quadros bárbaros é o de proporcionar o contraponto do discurso da civilização nos trópicos, em que as diversas raças e grupos sociais que compõem a sociedade brasileira harmonizam-se entre si, ao mesmo tempo em que prestam total obediência à alegoria imperial. (NASCIMENTO, 2006, p. 124).

Ao apresentar-se como um romance em que evidencia-se “[...] a recusa por todas as teorias explicativas que buscam uma síntese identitária” (NASCIMENTO, 2006, p. 137), o tema da Guerra Grande acrescenta à narrativa mais uma alternativa de analisar a história nacional a partir das mazelas diversas, ainda hoje mascaradas sob a prerrogativa de que contribuímos para um todo cultural consolidado pelas funções e contribuições edificantes de nossa nacionalidade naturalmente conformada.

Já *El hombre víbora* aborda os primeiros anos seguintes ao final da Guerra Grande e o tempo presente em que um professor etnólogo e um estudante rebelde buscam vestígios *del Kurupi*, em uma região onde, na época da guerra, foi a *Villa Saraki*. Marcado por situações representativas do que se entende por realismo mágico ou maravilhoso e por uma série de elementos que ajudam a desvelar os encontros destrutivos, deformadores e construtivos na formação historicamente híbrida do continente latino-americano, o romance dessa escritora uruguaia, radicada no Paraguai, pode ser considerado um paradigma do discurso literário cujas bases caracterizam sua condição de entre-lugar, conforme conceito sugerido por Silviano Santiago (2000, p. 9-26).

Esses romances – e poderíamos seguir mencionando a presença “de passagem” do tema da guerra, revisionista ao modo de Chiavenato, em *Santo Reis da Luz Divina* (2004), de Marco Cremasco, nacionalista em *Cinzas do sul* (2012), de José Antonio Severo, etc. – destacam-se por sua apreciação crítica da história e

pela pluralidade e força dos elementos sociais e culturais que os compõem. Eles surgem como obras instigantes para quem deseja conhecer parte da América Latina e sua representatividade sociocultural. O conteúdo narrativo desses romances, como já advertimos, não permite que os assinalemos como devedores específicos do evento histórico aqui referido como Guerra Grande, pois muitas outras questões e contextos são de suma relevância para a urdidura de seus enredos ficcionais.

A exceção para o presente estudo, devido à justificativa já assinalada inicialmente na introdução, será o romance *No robarás las botas de los muertos* (2002), do uruguaio Mario Delgado Aparáin, que figurará mais adiante na análise do *corpus*.

Nesta seção intermediária, portanto, realizamos a exposição dos fundamentos teóricos norteadores para as análises estruturais dos romances históricos, em suas diferentes fases e modalidades. Trouxemos uma obra pertencente ao grupo dos romances históricos tradicionais e as demais, especialmente pelas propostas narrativas e por estarem em um marco temporal recente de publicação, consideradas romances históricos contemporâneos de mediação.

Na seção seguinte, passamos a ler, mais detidamente, quatro obras cujos autores são, pela ordem, de nacionalidade uruguaia, brasileira, paraguaia e argentina. A partir delas e do que exibimos até aqui, apresentamos e discutimos, na quarta seção, as diretrizes que nos levaram a considerar os romances da Guerra Grande expoentes da postura de “palavra armada”.

3 CAMPOS DE BATALHA E OS CONFLITOS ALÉM DA GUERRA

As leituras dos romances da Guerra Grande que viemos realizando até o momento e as que passamos a efetivar nesta seção, na consideração das obras representativas dos países diretamente envolvidos nos eventos bélicos, estão em alguma medida situadas na noção de que, conforme ensina Luis Alberto Brandão (2005, p. 102),

[...] a literatura produzida em determinada época e cultura não está ligada a elas somente em função da recorrência de temas ou ideias, mas, de maneira muito mais abrangente e intrínseca, também em função da compatibilidade de formas e de se elaborar significações. Na literatura está incorporada a forma como algo – qualquer objeto ou ação social – faz ou pode vir a fazer sentido.

A forma básica dos textos literários sobre os quais nos debruçamos demarca um horizonte de escrita híbrida entre história e ficção no âmbito do gênero romance histórico. É a partir deste marco de “elaboração significativa” que procuramos compreender a relação estabelecida pelas ficcionalizações da guerra com as historiografias que, de maneira compartilhada, promovem a postura que decidimos trazer à baila sob a denominação de “palavra armada”.

Saber um pouco mais sobre como temas e ideias do passado retornam ao presente por meio da literatura, é o que seguimos buscando de ora em diante nas leituras dos romances *No robarás las botas de los muertos* (2002), *Caballero* (1986), *Menina* (2012) e *Los papeles de Burton* (2012). Representativos, respectivamente, de cada um dos países efetivamente participantes da Guerra Grande, eles nos ajudam no trabalho de compreender como “[...] a configuração textual faz a mediação entre a prefiguração do campo prático e sua refiguração pela recepção da obra.” (RICOEUR, 1994, p. 87). Isto é, revelam como as notícias da guerra consolidadas, especialmente pelas trincheiras historiográficas, passam pela organização mediadora da ficção e nos chegam de modo a que possamos construir perspectivas do evento histórico enquanto constituinte do contexto latino-americano.

Realizemos, portanto, a apreciação do primeiro desses romances.

3.1 NO ROBARÁS LAS BOTAS DE LOS MUERTOS (2002): ANTECEDENTES E O CASO URUGUAIO

Na primeira seção desta tese, ao trazermos um panorama histórico e historiográfico da Guerra do Paraguai, destacamos as palavras do professor Tomás Sansón Corbo (2015, p. 975-6) que justificam o desinteresse da historiografia uruguaia sobre o tema. Entre as possíveis causas, estão o contexto da participação do contingente militar e certo sentimento de vergonha em relação ao evento que culminou com o massacre de um povo irmão.

O Uruguai entra na guerra a reboque dos interesses liberais brasileiros e argentinos, que manobravam política e militarmente os conflitos do Prata na primeira metade do século XX. Após as instabilidades das relações entre Brasil e Uruguai, que resultaram no acordo de paz com o ministro das relações exteriores do Império José Maria da Silva Paranhos (barão do Rio Branco), Venancio Flores assume o comando no Uruguai e passa a agir segundo as diretrizes dos vizinhos poderosos.

Em termos de criação literária, os romancistas do país parecem ecoar a vergonha historiográfica ou, simplesmente, o tema da Guerra Grande não lhes causa interesse. Dentre as dezenas de obras por nós elencadas na segunda seção deste estudo, duas pertencem a autores de nacionalidade uruguaia. Uma delas, *El hombre víbora* (2013), de autora que se considera paraguaia por ter emigrado há mais de trinta anos, não aborda a guerra em si, mas faz referência aos anos seguintes a 1870, quando o país esteve sob governo provisório. A outra é *No robarás las botas de los muertos* (2002), de Mário Delgado Aparain, contribuição ficcional uruguaia que elegemos para figurar no presente estudo. Veremos mais adiante que o foco narrativo desse romance também não está na Guerra Grande. Sua relação, porém, com os antecedentes e as referências diretas sobre a posterior guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai são credenciais relevantes.

Destaquemos, antes de adentrarmos na leitura do romance, que o interesse de Delgado Aparain pelo tema da narrativa em questão se deu, segundo entrevista a Luis Morales (2002), a partir de uma origem complexa que pode estar relacionada à juventude do escritor quando assistiu ao filme *The Alamo*¹²⁹ e especialmente às

¹²⁹ Dirigido por John Wayne, o filme é de 1960 e traz a história da invasão do Texas por tropas mexicanas, em 1836, na batalha pela defesa do forte Álamo.

histórias familiares de carga legendária que circundavam o feito de Leandro Gómez durante o sítio de Paissandu. Para Delgado Aparain, esse evento histórico já estaria nas telas do cinema se ele tivesse ocorrido no hemisfério norte. No entanto,

*[...] acá, no solamente que resultó distorsionado, oculto, velado por una historia evidentemente partidizada, sino que además es ignorado a nivel continental y por nuestra propia gente. Entonces, a medida que me fui compenetrando del tema, a través del acopio de documentación y, sobre todo, de testimonios familiares, de descendientes de defensores, me fui dando cuenta de que era uno de los hechos más trascendentes de la historia nacional y puerta de entrada a una de las guerras más terribles del continente que fue la de la Triple Alianza, para barrer el Paraguay, que era el país más adelantado de América en aquel entonces. Así fue que surgió la idea.*¹³⁰ (MORALES, 2002, p. 20).

Nessas palavras, o autor sintetiza elementos vinculados à memória e aos apagamentos presentes no processo de escrita oficial da história e, na especificidade do ocorrido em Paissandu, o desconhecimento generalizado em termos continentais e mesmo por parte majoritária do povo uruguaio. Revela suas fontes de pesquisa, fundamentalmente situadas num arcabouço de documentos – provavelmente escritos – e em testemunhos orais. Antecipa sua postura pessoal frente às intenções da Tríplice Aliança e ao que era o Paraguai antes da guerra.

Delgado Aparain reconhece que somos proprietários de uma história muito jovem e sofremos de uma ausência de arraigamento. Como centro desse processo está “[...] *una historia oficial, fría, parcializada, distorcida, cargada de leyendas negras, de historias que se entierran y se desentierran, que se estigmatizan y se reivindican [...] que continúa más allá de la segunda mitad del siglo XX.*”¹³¹ (MORALES, 2002, p. 22). O escritor, diante deste contexto, enxerga nos testemunhos orais uma alternativa profícua de se chegar ao conhecimento sobre o

¹³⁰ Nossa tradução livre: [...] aqui, não somente que resultou distorcido, oculto, velado por uma história evidentemente partidizada, senão que além disso é ignorado no âmbito continental e por nossa própria gente. Então, a medida que fui compenetrando ao tema, através da coleta de documentação e, sobretudo, de testemunhos familiares, de descendentes de defensores, fui me dando conta de que era um dos fatos mais transcendentais da história nacional e porta de entrada para uma das guerras mais terríveis do continente que foi a da Tríplice Aliança, para varrer o Paraguai, que era o país mais adiantado de América naquela época. Assim foi que surgiu a ideia.

¹³¹ Nossa tradução livre: [...] uma história oficial, fria, parcializada, distorcida, carregada de lendas negras, de histórias que enterram e desenterram, que estigmatizam e reivindicam [...] que continua para além da segunda metade do século XX.

passado e, em consonância com os pressupostos da Nova História, não unifica suas investigações ao âmbito do documento escrito, especialmente o institucionalizado.

Sabedor de que, “[...] *si hay algo que no debe faltar a la narrativa histórica es la información*”¹³² (MORALES, 2002, p. 23), Delgado Aparain parece afeito a uma missão e, na elaboração de sua narrativa ficcional, acrescenta aos limites da história dita oficial outros meios de aproximação à “[...] *nuestra memoria histórica que no ha sido demasiado cultivada, no fuera rescatada por la literatura*”¹³³ (PERTUSSO, 2007, p. 365). Em *No robarás las botas de los muertos* esse processo de aproximação e cultivo da memória histórica vale-se do cerco de Paissandu o qual, para o autor, revela dois pontos fundamentais: a luta vital pela soberania do país e a defesa por valores universais. O segundo ponto, conforme Delgado Aparain, pode ser observado no fato de que

[...] *detrás de Leandro Gómez había brasileiros, como Tristán de Azambuya; argentinos, como Rafael Hernández, el hermano de José Hernández; había colorados; había residentes recientes, franceses, italianos, andaluces, ligures... Es decir que nadie hubiera seguido a Leandro Gómez por una cuestión de disciplina partidaria solamente, sino que estaban convencidos de lo que defendían. Este hecho me impresionó mucho.*¹³⁴ (MORALES, 2002, p. 20).

No romance, assim, o encontro direto e indireto de personagens de diferentes nacionalidades ajudam a compor uma versão sobre o sítio de Paissandu que, segundo a opinião presente na contracapa da edição de 2005, utilizada por nós nas citações subsequentes, “[...] *fueron tal vez el más aberrante prolegómeno a la Guerra del Paraguay.*”¹³⁵ O comentarista ainda situa o leitor ao lembrar que o ocorrido se deu entre o final de novembro de 1864 e o início de janeiro de 1865 e, antes de voltar-se às particularidades literárias do texto, destaca o seguinte:

¹³² Nossa tradução livre: [...] se há algo que não deve faltar à narrativa histórica é a informação.

¹³³ Nossa tradução livre: [...] nossa memória histórica que não tem sido demasiado cultivada, se não fosse resgatada pela literatura.

¹³⁴ Nossa tradução livre: [...] detrás de Leandro Gómez havia brasileiros, como Tristán de Azambuya; argentinos, como Rafael Hernández, o irmão de José Hernández; havia colorados; havia residentes recentes, franceses, italianos, andaluzes, lígures... Isso quer dizer que ninguém teria seguido Leandro Gómez por uma questão de disciplina partidária somente, senão que estavam convencidos do que defendiam. Este fato me impressionou muito.

¹³⁵ Nossa tradução livre: [...] foram talvez o mais aberrante preâmbulo da Guerra do Paraguai.

*[...] esa pequeña y próspera ciudad uruguaya, sobre la costa del río Uruguay, resistió y finalmente sucumbió al asedio de una triple fuerza integrada por colorados golpistas al mando de Venancio Flores, tropas argentinas enviadas por el presidente Mitre y una poderosa escuadra brasileña.*¹³⁶

Carlos Garcia Rizzon (2016, p. 30) explica esse apoio a Venâncio Flores por parte do presidente argentino e do Império brasileiro nos termos de que o primeiro “[...] julgava oportuno derrubar um governo simpático aos federalistas opositores argentinos [e o segundo estava] comprometido com os interesses dos brasileiros que viviam nos campos uruguaios e que estavam ameaçados de expulsão do Uruguai pelo governo dos *blancos*.” No contexto de um conflito diplomático inicialmente protagonizado por brasileiros e uruguaios, acrescido da participação posterior de argentinos e paraguaios em uma complexidade de interesses regionais que desembocaria na maior guerra da América Latina, o sítio de Paissandu foi, assim, uma tentativa de forçar, pelas armas, a rendição dos opositores à investida colorada/imperial/mitrista.

Aos motivos supracitados e aos antecedentes da guerra mencionados na primeira seção desta tese, acrescentemos que a intervenção no Uruguai serviu para o Império do Brasil, naquele período de crise financeira e comercial, “[...] fortalecer-se perante a população melindrada com a Questão Christie¹³⁷, e mostrar-se competente em enfrentar os problemas externos.” (DORATIOTO, 2002, p. 77). Impulsionado por esses sentimentos,

[...] mientras Mitre hacía la comedia de la “neutralidad”, el 16 de octubre de 1864 el Imperio invade el territorio oriental con doce mil hombres al mando del General Mena Barreto, ocupando Cerro Largo. El 28 de noviembre fue tomada la ciudad de Salto, siendo enseguida sitiada la ciudad de Paysandú, que resiste tenazmente la agresión. Venancio Flores intima rendición, pero el coronel oriental Leandro Gómez responde que lo hará “cuando sucumba”. Los defensores cuentan con unos pequeños cañones lisos que no podrán alcanzar a la flota brasileña, fuziles, pocas municiones, y 900 hombres

¹³⁶ Nossa tradução livre: [...] essa pequena e próspera cidade uruguiaia, sobre a costa do rio Uruguai, resistiu e finalmente sucumbiu ao assédio de uma tríplice força integrada por colorados golpistas a mando de Venacio Flores, tropas argentinas enviadas pelo presidente Mitre e uma poderosa esquadra brasileira.

¹³⁷ Daniel Jacuá Sinésio (2013, p. 16-7) estuda a chamada “Questão Christie” e a apresenta como “[...] uma escalada de incidentes que culminou no atrito entre o embaixador britânico William Dougal Christie e D. Pedro II no ano de 1863.”

dispuestos a morir. Comienza un feroz ataque de diez mil hombres [...]¹³⁸. (CASTAGNINO, 2010, p. 182-3).

O sítio de Paissandu acontece de 3 de dezembro de 1864 a 2 de janeiro de 1865. Nestes dias e noites, os defensores comandados por Leandro Gómez¹³⁹ resistem como podem até o domínio total dos invasores que tinham como próximo objetivo tomar Montevideu e destituir o governo *blanco*. Na capital, não houve necessidade de enfrentamento armado devido a um acordo mediado pelo diplomata José Maria da Silva Paranhos a partir do qual Flores “[...] assumiu a presidência da República e comprometeu-se a atender todas as exigências do *ultimatum* de 4 de agosto do ano anterior e [...] colocou novamente em vigência os Tratados de 1851.” (DORATIOTO, 2002, p. 75). Sob a gerência de um governo *colorado*, comprometido em posicionar-se ao lado do Império contra Solano López, estava, assim, estabelecida a participação do Uruguai na Tríplice Aliança a ser assinada no dia primeiro de maio de 1865.

O ocorrido em Paissandu, insistimos, apesar de não constar entre os episódios da Guerra Grande, vincula-se a personagens e interesses que posteriormente estariam em disputa nos campos de batalha. Estes elementos nos orientam a considerá-lo, diante da publicação de *No robarás las botas de los muertos* e da escassez de romances históricos uruguaios relacionados ao evento basilar de nossa pesquisa. Se, por um lado

[...] a historiografia tradicional uruguaia costuma colocar o cerco de Paysandú no plano da disputa entre *blancos* e *colorados*, minimizando o componente dos interesses estrangeiros. No entanto, para a historiografia tradicional brasileira, o mesmo acontecimento

¹³⁸ Nossa tradução livre: Enquanto Mitre fazia a comédia da “neutralidade”, no dia 16 de outubro de 1864 o Império invade o território oriental com doze mil homens a mando do General Mena Barreto, ocupando Cerro Largo. No dia 28 de novembro foi tomada a cidade de Salto, sendo em seguida sitiada a cidade de Paissandu, que resiste tenazmente à agressão. Venâncio Flores intima rendição, mas o coronel oriental Leandro Gómez responde que o fará “*quando sucumba*”. Os defensores contam com alguns pequenos canhões lisos que não poderão alcançar a frota brasileira, fuzis, poucas munições, e 900 homens dispostos a morrer. Começa um feroz ataque de dez mil homens [...].

¹³⁹ “O coronel Leandro Gómez [1811-1864] e 1.274 soldados orientais defenderam sem restrições Paysandú, abandonada pela população civil, no dia 8, devido ao infernal bombardeamento da pequena vila, ao qual as forças orientais não reagiram, a causa da falta de munições e à escassa artilharia que possuíam – apenas quinze canhões. [...] a historiografia nacional-patriótica monarquista e republicana faria correr rios de tinta sobre o caráter sanguinário do bravo defensor oriental, para diluir o vil banho de sangue que constituía sua morte e de seus oficiais.” (MAESTRI, 2017, p. 100-4).

faz parte do preâmbulo da Guerra do Paraguai, o que justifica a intervenção do Império no território uruguaio. Se as interpretações políticas avaliam o episódio em uma ou outra conjuntura, o certo é que o fato representou consequências em ambos contextos. (RIZZON, 2016, p. 30).

O leitor mais familiarizado à história uruguaia terá em *No robarás las botas de los muertos*, portanto, a ficcionalização de um evento importante para o processo de consolidação nacional do país. Já a leitura do romance sob uma ótica de abrangência regional propiciará, ainda, o estudo do texto segundo interesses e relações específicos, sejam brasileiros, argentinos, paraguaios ou de além-mar. Nossa tarefa, obviamente, consistirá em trazê-lo para o âmbito de sua contribuição para o conhecimento e análise da Guerra Grande. Haja vista que os domínios do romance superam os limites temáticos da presente pesquisa, é justo ainda assim que, na esteira dos outros romances do *corpus*, não fuja à síntese da diegese, da apresentação das vozes e estrutura narrativa.

Em *No robarás las botas de los muertos*, assim, já no primeiro parágrafo, uma voz enunciativa extradiegética adverte que, em meados do século XIX, “[...] *un hombre muy alto, flaco y de notoria mala suerte escribió sobre sus pasos por una aventura que no le era necesaria, a fin de que todos aquellos que tuviesen el deseo de emigrar al Río de la Plata fueran informados.*”¹⁴⁰ (DELGADO APARAÍN, 2005, p. 11). Essa personagem ficcional, responsável pela maior parte do relato apresentado no romance, recebe o nome de Martín Zamora: trata-se de um espanhol que deixou sua terra natal em direção ao Caribe e acabou desembarcando na América do Sul. Atuou como contrabandista, capturando negros no Uruguai para vender no Brasil, até ser preso e levado a Paissandu onde aguardava fuzilamento quando a cidade foi sitiada.

Diante da situação extrema e da simpatia crescente entre a personagem histórica Hermógenes Massanti e a ficcional Martín Zamora, a este é oferecida a opção de lutar ao lado dos sitiados. Zamorra, enquanto esteve preso, escreveu um relato sobre seu passado. É, portanto, por meio de sua voz enunciativa que ficamos sabendo sobre a vida da personagem e dos eventos que o levaram até a sua

¹⁴⁰ Nossa tradução livre: “[...] um homem muito alto, magro e de notória má sorte escreveu sobre seus passos por uma aventura que a ele não era necessária, a fim de que todos aqueles que tivessem o desejo de emigrar ao Rio da Prata fossem informados.

situação atual. No capítulo 20, dos 123 capítulos, em sua maioria curtos, que compõem o romance, aparece um diálogo entre Massanti e Zamora precedente à leitura dos escritos do espanhol trazidos à luz do capítulo 21 ao 29:

— *Tiene usted una hermosa caligrafía. A mí también me gusta escribir...*

— *¿Qué escribe usted? – preguntó Martín Zamora.*

— *Los partes de guerra, el diario del soldado... No más que eso. Martín Zamora se fue a su camastro, se echó boca arriba y explicó, antes de que el oficial iniciara su lectura:*

— *Es tal como dije: conocí a Hermes Nieves hace unos diez años [...]. Empiece en esa página que puse encima, donde digo que estoy herido en el alma y con una guitarra por toda compañía....*

*Hermógenes Masanti le prestó atención. Luego se echó hacia atrás en la silla y se hundió en los papeles con la expresión sobria de quien está predispuesto a respetar lo escrito.*¹⁴¹ (DELGADO APARAÍN, 2005, p. 59).

Nesse trecho há referência à personagem ficcional Hermes Nieves, um brasileiro colega de contrabando que caiu preso com Zamora e morreu dias depois devido a uma enfermidade avançada. Outro companheiro de cela era a personagem ficcional Raymond Harris, inglês, prisioneiro do exército argentino, obrigado a infiltrar-se entre os uruguaiois. Harris também luta na defesa de Paissandu e tem participação importante na tessitura do romance, como interlocutor de Zamora. É por meio de seus diálogos e especialmente por intermédio da voz da personagem Harris que nos são apresentadas as principais informações sobre a Guerra Grande.

A interlocução entre essas duas personagens expande a narrativa ficcional para elementos externos e complementários ao eixo da história do sítio de Paissandu. Por eles não pertencerem genuinamente ao “centro” do conflito, apresentam-se à margem, com as características do estrangeiro, “[...] capaz de olhar as coisas como se fosse pela primeira vez e de viver histórias originais. [...] Contar

¹⁴¹ Nossa tradução livre: — O senhor tem uma bela caligrafia. Eu também gosto de escrever... — O que o senhor escreve? — perguntou Martín Zamora. — os comunicados de guerra, o diário do soldado... Não mais que isso. Martín Zamora foi ao seu catre, se jogou de boca para cima e explicou, antes de que o oficial iniciasse sua leitura: — É tal como disse: conheci a Hermes Nieves faz uns dez anos [...]. Comece nessa página que pus em cima, onde digo que estou ferido na alma e com um violão por toda companhia.... Hermógenes Masanti prestou atenção. Logo se posicionou para atrás na cadeira e se afundou nos papéis com a expressão sóbria de quem está predisposto a respeitar o escrito.

histórias simples, respeitando os detalhes, deixando as coisas aparecerem como são.” (PEIXOTO, 1998, p. 363).

Já a personagem Hermógenes Massanti tem sua razão de ser ao comparecer no livro como alguém afeito às letras, pois é atribuído a ela, historicamente, um diário de guerra publicado com o título *La defensa de Paysandú*¹⁴². Muitas informações presentes no romance com relação a datas e eventos estão de acordo com a cronologia exposta por Massanti. Ao longo da narrativa, apesar de não se limitar aos dias exatos do documento histórico – sequencialmente de 1 de dezembro de 1864 a 3 de janeiro de 1865 – a sucessão diária dos acontecimentos durante o sítio é apresentada por capítulos datados. O primeiro deles é o número 30 o qual está encabeçado pelo dia 27 de novembro e o último fecha o romance, indicando o dia 3 de janeiro. Não há referência aos dias 4, 5, 6, 7, 25 e 26 de dezembro, contrariamente ao diário de Massanti. Algumas datas, por outro lado, se repetem em vários capítulos, sendo as mais recorrentes o dia 31 de dezembro – do capítulo 103 ao 111 – e o dia 2 de janeiro – do 114 ao 121.

Às características apontadas, acrescentemos ainda trechos que nos remetem a documentos como a paráfrase da intimação de rendição assinada por Venâncio Flores e enviada a Leandro Gómez no dia 3 de dezembro. A resposta, histórica e reeditada no romance, foram duas palavras que se tornaram clássicas entre os interessados no ocorrido em Paissandu: “*Cuando sucumba*” (DELGADO APARAÍN, 2015, p. 151). Já o capítulo 118, o quinto entre os oito dedicados aos acontecimentos do dia 2 de janeiro, consiste na transcrição literal da resposta assinada por Venâncio Flores, Barão de Tamandaré e João Propício Mena Barreto, em negativa à trégua de oito horas solicitada por Leandro Gómez:

[...] *Conceder esa tregua sería concurrir por nuestra parte al aumento de las calamidades de la guerra y si V. S. desea que se atienda a los heridos y que se dé sepultura a los muertos, evitando al mismo tiempo la ruina de la población y la efusión de sangre, cuya responsabilidad pesa exclusivamente sobre V.S., ríndase con la guarnición a su mando en calidad de prisioneros de guerra, en cuya condición serán tratados con las consideraciones debidas, única*

¹⁴² Disponível em <https://www.histarmar.com.ar/InfHistorica-8/Paysandu/LaDefensadePaysandu.pdf>
Acesso em: 25 abr. de 2019.

*proposición que podemos hacerle. Dios guarde a V. S. muchos años.*¹⁴³ (DELGADO APARAÍN, 2015, p. 409).

No desfecho do sítio de Paissandu, Leandro Gómez e seus companheiros próximos, diante da inevitável rendição, recusaram a escolta do comando brasileiro e preferiram a condição de prisioneiros entre uruguaioes que, aproveitando o momento para cobrar desavenças passadas, executaram-nos antes que pudessem chegar segundas ordens. Morto o general Leandro Gómez, no romance aproxima-se dele o “saladerista Mugica” quem, “[...] *le cercenó a facón la barba entera y la guardó en el bolsillo para hacer bromas macabras a sus camaradas de la noche, y que luego, sentándose en el suelo, se acomodó para tironearle las botas al cadáver*¹⁴⁴ [...]” (DELGADO APARAÍN, 2015, p. 428). Advertido em seguida pelo comandante de que são maus guerreiros aqueles que roubam as botas dos mortos, responde: “— *Yo no soy guerrero, soy comerciante...*¹⁴⁵” (DELGADO APARAÍN, 2015, p. 429).

Em *No robarás las botas de los muertos*, sabemos que a criação ficcional não reinventa a história documentada. Sua reaparição nos domínios da literatura, entretanto, recebe um tratamento narrativo que, além de nos oferecer ângulos de aproximação ao evento histórico, humaniza as cenas e instiga interpretações não demarcadas na exposição fria dos fatos. A resposta ao comandante mencionada acima nos remete ao discurso e à realidade de muitas guerras que, envoltas pela aura e disfarce da honra, satisfazem sentimentos de poder sejam entre os mais altos oficiais ou entre os soldados menos instruídos.

No romance de Delgado Aparain, as sutilezas humanas, tanto as comprometidas com a moral dos “valores universais” quanto às reveladoras da vantagem individual a qualquer preço, mesclam-se no tempo e espaço determinados do sítio de Paissandu, em capítulos que

¹⁴³ Nossa tradução livre: [...] Conceder essa trégua seria concorrer por nossa parte ao aumento das calamidades da guerra e se V. Sa. deseja que se atenda aos feridos e que se dê sepultura aos mortos, evitando ao mesmo tempo a ruína da população e a efusão de sangue, cuja responsabilidade pesa exclusivamente sobre V. Sa., renda-se com a guarnição a seu mando em qualidade de prisioneiros de guerra, em cuja condição serão tratados com as considerações devidas, única proposição que podemos lhe fazer. Deus guarde a V. Sa. muitos anos.

¹⁴⁴ Nossa tradução livre: [...] reduziu a facção a barba inteira e a guardou no bolso para fazer brincadeiras macabras com seus camaradas da noite, e que logo, sentando-se no chão, se acomodou para tirar as botas do cadáver [...].

¹⁴⁵ Nossa tradução livre: — Eu não sou guerreiro, sou comerciante...

[...] *con sutil destreza, nos enfrentan a la vez, a la agilidad del relato y a la sensación de que el tiempo se detiene en la angustiante espera del fin. [...] El ritmo narrativo y el de los acontecimientos se conjugan para hacernos sentir esa asfixia que nos invade, cuando tenemos la certeza de que no hay salida a la situación en la que estamos inmersos.*¹⁴⁶ (PERTUSSO, 2007, p. 365).

Nessa sucessão dos capítulos, aproximações ao tema da Guerra Grande nos são apresentadas em vários momentos. No final do diário da personagem Martín Zamora, narra-se o acontecido na noite de sua prisão em um bordel onde discutiam bêbados e exaltados “[...] *un tal Santiago Guillenea, cónsul del Uruguay en Río Grande, [y] el mismísimo João Lena Vieira, presidente de la provincia de San Pedro de Río Grande del Sur.*”¹⁴⁷ (DELGADO APARAÍN, 2015, p. 68). O segundo deles arremata com o seguinte, ao lembrar-se dos atropelos entre o governo do Uruguai e os brasileiros que viviam naquele país e reclamavam providências do Império: “[...] *puedo asegurarle que tanto al emperador don Pedro, como al general Venancio Flores y a su amigo, el general Mitre... se les terminó la paciencia...*”¹⁴⁸ (DELGADO APARAÍN, 2015, p. 85). O estado de ebriedade desses dignitários políticos, se o encaramos à luz do contexto histórico, pode ser lido como uma maneira literária de expressar as relações entre vizinhos, dispostos à imposição de suas causas e muitas vezes avessos ao bom senso da diplomacia¹⁴⁹.

O romance, por outro lado, ao evocar em um mesmo momento os nomes de Pedro II, Flores e Mitre, tende a antecipar o que será a Tríplice Aliança. A proximidade entre estas personalidades já havia sido aludida alhures quando a personagem Raymond Harris tenta explicar a Martín Zamora as razões da estranha guerra que se avizinha em Paissandu, como um preâmbulo no qual Pedro II e Mitre

¹⁴⁶ Nossa tradução livre: [...] com sutil destreza, põe-nos frente à agilidade do relato e à sensação de que o tempo se detém na angustiante espera do fim. [...] O ritmo narrativo e o dos acontecimentos se conjugam para fazer-nos sentir essa asfixia que nos invade, quando temos a certeza de que não há saída para a situação em que estamos imersos.

¹⁴⁷ Nossa tradução livre: [...] um tal Santiago Guillenea, cónsul do Uruguai no Rio Grande, [e] o mesmíssimo João Lena Vieira, presidente da província de San Pedro do Rio Grande do Sul.

¹⁴⁸ Nossa tradução livre: [...] posso lhe assegurar que terminou a paciência tanto do imperador dom Pedro, como do general Venâncio Flores e de seu amigo, o general Mitre...

¹⁴⁹ No desenrolar dos conflitos entre brasileiros e uruguaios, Doratioto (2002, p. 77) menciona o acordo de paz conseguido pelo ministro Paranhos que estabelecia um governo aliado em Montevidéu. Exatamente por tal feito, o ministro foi afastado por Dom Pedro II de sua missão, pelas seguintes razões realimentadas pela opinião pública: “A paz assinada não continha em seu texto a punição imediata e nominal daqueles responsáveis pelas violências contra brasileiros em território uruguaio, nem dos que arrastaram a bandeira imperial pelas ruas de Montevidéu.”

“[...] *desean escarmentar y mutilar el Paraguay de Francisco Solano López, el 'penúltimo eslabón de una estirpe de tiranos, y digo penúltimo pues siempre habrá que dejar un sitio para uno más en la historia venidera'*”¹⁵⁰ (DELGADO APARAÍN, 2015, p. 21). Mais adiante, alega que

*[...] este par de rapiñeros ha sabido embozar estos planes de despojo a cuatro manos, bajo la máscara de una cruzada por la libertad y otras patrañas. Y para ello han usado al general Venancio Flores [...]. Mitre y el Emperador le han prometido ayuda: derrocar al presidente Atanasio Cruz Aguirre y hasta sentarlo en el sillón presidencial, con la condición de que, a cambio, agregue su parte de sangre en la marcha de tambores sobre el Paraguay. Sin embargo, no será tarea fácil, pues en el camino a Montevideo se atraviesa un obstáculo: el coronel Leandro Gómez y su reducto, la plaza militar de Paysandú.*¹⁵¹ (DELGADO APARAÍN, 2015, p. 22).

Pela primeira vez, a conjuntura do Prata punha lado a lado e consistentemente o Império do Brasil e a República Argentina. Tanto na questão com o Uruguai como no enfrentamento com o Paraguai, é o Brasil que se apresenta na condição de soberano arranhado e inimigo a ser batido. O governo liberal argentino de Bartolomeu Mitre enxergou oportunidades de consolidação nacional – territorial e política – nesse contexto e, especialmente no conflito com o Paraguai, esperou meses até que se declarasse oficialmente em guerra, após a tomada de Corrientes pelo exército paraguaio em abril de 1865. Nesse período, o presidente Mitre preparava o terreno no *La Nación Argentina*, primeiro defendendo a causa brasileira como justa e nobre, o que não convence as vozes contrárias ao mitrismo, e, posteriormente, redirecionando o ataque discursivo a Solano López, agora visto como bárbaro e tirano. (CASTAGNINO, 2010, p. 174-5).

Na evolução para essa parceria Brasil/Argentina, porém, havia o governo *blanco* no Uruguai para ser suplantado e, entre seus principais combatentes, estava

¹⁵⁰ Nossa tradução livre: [...] desejam escarmentar e mutilar o Paraguai de Francisco Solano López, o ‘penúltimo elo de uma estirpe de tiranos, e digo penúltimo pois sempre haverá que deixar um lugar para mais um na história vindoura’.

¹⁵¹ Nossa tradução livre: [...] este par de ladrões soube disfarçar estes planos de despojo a quatro mãos, baixo a máscara de uma cruzada pela liberdade e outras patranhas. E para isso usaram o general Venâncio Flores [...]. Mitre e o Imperador lhe prometeram ajuda: derrocar o presidente Atanásio Cruz Aguirre e até sentá-lo na cadeira presidencial, com a condição de que, em troca, agregue sua parte de sangue na marcha de tambores sobre o Paraguai. No entanto, não será tarefa fácil, pois no caminho a Montevideo se atravessa um obstáculo: o coronel Leandro Gómez e seu reduto, a praça militar de Paissandu.

o coronel – alçado a general durante a defesa de Paissandu – Leandro Gómez que, mesmo no momento da rendição, “[...] *los envolvió a todos como un manto prestado por don Quijote*.”¹⁵² (DELGADO APARAÍN, 2015, p. 413). Esse traço quixotesco da personagem explicitado no romance está, segundo a leitura de Pertusso (2007, p. 364), na sua heroicidade trágica e épica. Trágica porque, de maneira livre, elegeu a decência e a dignidade sem conhecer o tamanho e a crueldade do inimigo, ademais do equívoco de, quando perguntado, escolher ficar como prisioneiro dos uruguaios. Também aparece como herói de uma epopeia na medida em que o sítio de Paissandu revela, com desnudez, as misérias e as grandezas dos homens, a soberba dos vencedores e a dignidade dos vencidos.

Em outra alusão à iminência da Guerra Grande, agora o narrador extradiegético volta-se à personagem histórica Justo José de Urquiza, caudilho de Entre Rios e líder federalista argentino que, sem participar diretamente dos conflitos bélicos, contribuiu decisivamente para os rumos da guerra, nas seguintes palavras:

*La idea del Mariscal era oponer otra triple alianza a los devoradores de tierra. Y mientras escuchaba al emisario con las manos a la espalda, Urquiza tomó conciencia de que de la noche a la mañana, se había convertido en el verdadero árbitro de la guerra inminente, pues del lado que él se inclinase, estaría la victoria. Sin embargo, el caudillo jugó más con su cintura que con su brazo de levantar ejércitos, adelantó al político que habitaba en él y retrasó al militar.*¹⁵³ (DELGADO APARAÍN, 2015, p. 27).

Solano López, ao ser informado e convencido pelo embaixador uruguaio Vázquez Sagastume (MAESTRI, 2017, p. 92-9) de que Urquiza teria manifestado publicamente apoio ao Uruguai, no caso de o exército imperial brasileiro invadir o país, enxerga chances reais de liderar uma aliança vitoriosa. Decidido a combater a evidente ameaça ao equilíbrio e soberania dos Estados da região do Prata, López não contava com a diplomacia do general brasileiro José Luis Osório e seu acordo comercial com Urquiza de quem, em nome do Império, comprou trinta mil cavalos.

¹⁵² Nossa tradução livre: [...] envolveu a todos como um manto emprestado por dom Quixote.

¹⁵³ Nossa tradução livre: A ideia do Marechal era opor outra tríplice aliança aos devoradores de terra. E enquanto escutava ao emissário com as mãos nas costas, Urquiza tomou consciência de que da noite para o dia, havia-se convertido no verdadeiro árbitro da guerra iminente, pois do lado que ele se inclinasse, estaria a vitória. No entanto, o caudilho jogou mais com sua cintura que com seu braço de levantar exércitos, adiantou o político que habitava nele e atrasou o militar.

É a personagem Raymond Harris que, negando-se a revelar a fonte da informação ao amigo Martín Zamorra, conta que o general Osório, ao retornar ao acampamento do Estado Maior, ante o assombro do general Venâncio Flores, do marechal Mena Barreto e do invejoso barão de Tamandaré, jogou-se em um catre “[...] *dejando correr las lágrimas por sus mejillas, apretándose el estómago y riendo a carcajadas, sin poder creer que solo él y su alma habían anulado uno de los ejércitos más temibles del sur de América.*”¹⁵⁴ (DELGADO APARAÍN, 2015, p. 360). Essa negociação foi realizada no final de dezembro de 1864. Se, por um lado, neutralizou uma probabilidade de apoio de Urquiza a López e ao Uruguai, por outro lado, ratificou o fortalecimento da cavalaria imperial, arma de guerra fundamental para os anos de batalhas que se avizinhavam.

No penúltimo capítulo do romance, uma derradeira alusão à inexorabilidade da Guerra Grande vem à tona. Dessa vez, com poucas variações de palavras, na reprodução do diário de Hermógenes Massanti em referência ao dia 3 de janeiro de 1865. No documento histórico e no texto ficcional constam que chefes e oficiais da resistência em Paissandu, agora prisioneiros, tiveram seus pedidos respeitados de não permanecerem em território oriental. Entretanto, “[...] *los cautivos de la clase de tropa fueron incorporados al ejército del general Venancio Flores, para ser llevados a la campaña del Paraguay.*”¹⁵⁵ (DELGADO APARAÍN, 2015, p. 430).

Solano López havia declarado guerra ao Império do Brasil no dia 13 de dezembro de 1864. A Tríplice Aliança seria estabelecida somente em maio do ano seguinte, após a declaração oficial de guerra também à Argentina, em março. O compromisso efetivo de Flores no enfrentamento com o Paraguai, porém, entra em vigor desde o término do sítio de Paissandu, nesse exemplo de uma prática comum entre os três exércitos aliados: a inserção de prisioneiros de guerra como parte efetiva das tropas. Maestri (2017, p. 223), lembra que o “[...] arrolamento de soldados inimigos na luta contra suas nações era contra as leis de guerra de então.” Mitre, contudo, aceitou na formação dos batalhões argentinos dez por cento de prisioneiros paraguaios e os aliancistas justificavam a incorporação de prisioneiros

¹⁵⁴ Nossa tradução livre: [...] deixando correr as lágrimas por suas bochechas, apertando o estômago e rindo a gargalhadas, sem poder acreditar que ele sozinho e sua alma haviam anulado um dos exércitos mais temíveis do sul da América.

¹⁵⁵ Nossa tradução livre: [...] os cativos da classe de tropa foram incorporados ao exército do general Venâncio Flores, para serem levados à campanha do Paraguai.

afirmando que eles lutavam por vontade própria. Muitos, porém, “[...] desertaram para retomar as armas sob a bandeira paraguaia”. (MAESTRI, 2017, p. 223).

Mais que aludir à proximidade da Guerra Grande, no romance ainda emergem posturas interpretativas semelhantes a leituras elaboradas *a posteriori* pela historiografia. Diante da incompreensão da personagem Martín Zamora a respeito da contenda em que eram partícipes circunstanciais, a personagem Raymond Harris chama a atenção para a hipótese de que, se Flores triunfa em Paissandu, triunfam Buenos Aires e o Império do Brasil no “[...] *proyecto de arrasar a zarpazos al Paraguay [...] y [...] liberar a los paraguayos enclaustrados que gimen bajo la bota de Solano López, el Atila de América.*”¹⁵⁶ (DELGADO APARAÍN, 2015, p. 245). Questionado sobre o que há no fundo deste assunto, apresenta detalhes:

*Hay títeres, títeres pérfidos movidos por hilos sueltos, que no saben lo que representan, pues bailan al son de una música lejanísima. En esta guerra que recién empieza nadie se entiende ni hace falta. Detrás de los hilos hay un séquito interminable de testaferros y mercachifles, de gente del Foreign Office de mi país, el ministro Edward Thornton, los Rothschild de Londres, la masonería del Plata y de Europa y el banquero brasileño Mauá, todos empeñados en quedarse con los altos hornos de Ibicuy, con los ferrocarriles, los astilleros, con las fundiciones de Asunción y abrir el Paraguay soberbio a las mercaderías de Manchester y devolverlo a la civilización.*¹⁵⁷ (DELGADO APARAÍN, 2015, p. 245).

Nessa síntese conclusiva, a guerra que ainda estava por vir aparece como uma consequência de interesses locais e imperialistas empenhados em tirar proveito da potencialidade de mercado e do desenvolvimento tecnológico emergente no Paraguai. O argumento para justificar inclusive uma investida bélica era o de sobrepor a civilização à barbárie. Desde o *La Nación Argentina*, a partir dos últimos meses de 1864, Mitre destaca-se como uma das vozes decisivas ao empreender

¹⁵⁶ Nossa tradução livre: [...] projeto de arrasar a pancadas o Paraguai [e] liberar os paraguaios enclausurados que gemem sob a bota de Solano López, o Atila da América.

¹⁵⁷ Nossa tradução livre: Há títeres, títeres pérfidos movidos por fios soltos, que não sabem o que representam, pois bailam ao som de uma música longínqua. Nesta guerra que recém começa ninguém se entende nem faz falta. Detrás dos fios há um séquito interminável de testas de ferro e negociantes, de gente do Foreign Office do meu país, o ministro Edward Thornton, os Rothschild de Londres, a maçonaria do Prata e da Europa e o banqueiro brasileiro Mauá, todos empenhados em ficar com os altos fornos de Ibicuy, com as estradas de ferro, os estaleiros, com as fundições de Assunção e abrir o Paraguai soberbo às mercadorias de Manchester e devolvê-lo à civilização.

artilharia ao “bárbaro” e “tirano” Solano López, contra quem faz um convite para uma “cruzada libertadora” a fim de terminar com “a última vergonha do continente.” Em editoriais acalorados, defende “a liberdade e a humanidade”, “[...] *pero nada dice por la libertad de los esclavos brasileños, y tampoco de la supresión en Argentina del beneficio constitucional de libertad a todo esclavo por el solo hecho de pisar suelo argentino.*”¹⁵⁸ (CASTAGNINO, 2010, p. 175-176). Na esteira do exposto, as ideias de civilização e barbárie são formulações, no mínimo, questionáveis.

Em *No robarás las botas de los muertos*, portanto, a ficcionalização que recai sobre o sítio de Paissandu não deixa de ampliar seu olhar aos demais conflitos próximos, temporal e espacialmente, irmanados pela mesma perspectiva categórica, a exemplo do pessimismo da personagem Roymond Harris, ao duvidar de que os defensores de Paissandu pudessem ser salvos pela ajuda do general Juan Saá, Urquiza ou López: “— *Créame, Zamora: si cada esperanza fuese un árbol, Asunción, Montevideo y Paysandú serían invisibles en medio de la selva... Que no esperen a nadie, que lo único que habrá de llegar son las inevitables crueldades.*”¹⁵⁹ (DELGADO APARAÍN, 2015, p. 24-25). A situação de Paissandu estende-se a Montevideu e Assunção, irmanadas como vítimas do avanço inevitável de uma mesma conjuntura político-militar. Esta associação, pois, explícita ao longo do romance, reforça nossa decisão de buscar nessa obra o referente uruguaio que melhor ressalta e posiciona-se frente à temática da Guerra Grande.

Nesse romance histórico de Delgado Aparain, como pudemos notar, a narrativa fundamenta-se, especialmente, nas determinações da história oficial, no revisionismo “imperialista” e na fertilidade de testemunhos herdados oralmente sobre o sítio de Paissandu. Se, por um lado, a dialogia proposta pelo autor não distorce as linhas gerais assentadas pela historiografia, por outro lado, lança mão de artifícios ficcionais que lhe permitem alternar diferentes vozes na exposição literária e crítica do evento histórico. Além do narrador extradiegético, temos várias páginas dedicadas ao diário da personagem Martín Zamora que se apresenta como voz

¹⁵⁸ Nossa tradução livre: [...] mas nada disse pela liberdade dos escravos brasileiros, e menos ainda sobre a supressão na Argentina do benefício constitucional de liberdade a todo escravo pelo tão só fato de pisar solo argentino.

¹⁵⁹ Nossa tradução livre: — Creia-me, Zamora: se cada esperança fosse uma árvore, Assunção, Montevideu e Paissandu seriam invisíveis no meio da selva... Que não esperem ninguém, que o único que haverá de chegar são as inevitáveis crueldades.

autodiegética. Há ainda citações de documentos como o diário de Hermógenes Massanti e as intervenções diretas das personagens – históricas ou de ficção – entre as quais Raymond Harris é a que mais e melhor contribui para nossa leitura sobre a Guerra Grande.

De modo menos recorrente, mas não irrelevante, verificamos a relação intertextual com o *Quixote*, de Cervantes, na caracterização da personagem Leandro Gómez. Por exemplo, no momento quando os sitiados mal conservavam a metade de suas forças, passa o general “[...] *indomable y condenado, presente en todas partes, exhortando imperativo a vencerlos o a morir bajo las ruinas, mientras levantaba hacia la brisa caliente una bandera oriental* [...]”.¹⁶⁰ (DELGADO APARAÍN, 2015, p. 385). Entre a honra e a loucura, sua presença heroica na diegese acarreta simpatia ao leitor que o conhece e acompanha sua trajetória.

O recurso da carnavalização é empregado especialmente na representação da personagem histórica Almirante Tamandaré, diminuído em suas poucas aparições no romance, como no momento de preparar-se para disparar pessoalmente o primeiro tiro da esquadra imperial em direção a Paissandu: “*El espeso y musculoso Almirante, con sus tripas atiborradas de frutas, se agachó con extrema dificultad detrás del bruñido cañón, dejó escapar un dilatado pedo barítono de sandía* [...]”.¹⁶¹ (DELGADO APARAÍN, 2015, p. 175).

A centralidade do romance recai sobre uma personagem ficcional periférica que na condição de, primeiro, prisioneiro, e em seguida combatente, consegue ampliar sua relação pessoal com o sítio de Paissandu para além da problemática interna e temporal daquele evento. Martín Zamora, testemunha ocular e participante ativa na defesa de Paissandu, é também o ex-traficante que trabalhou naquela região por dez anos e o interlocutor privilegiado de outra personagem periférica, em condição semelhante à sua: Raymond Harris. Por meio do diálogo entre os dois estrangeiros, especialmente, são acrescentados ao eixo fundamental do romance elementos externos e discussões contextuais sem prejuízo à verossimilhança

¹⁶⁰ Nossa tradução livre: [...] indomável e condenado, presente em toda parte, exortando imperativo a vencê-los ou a morrer sob as ruínas, enquanto levantava em direção à brisa quente uma bandeira oriental [...].

¹⁶¹ Nossa tradução livre: O espesso e musculoso Almirante, com suas tripas lotadas de frutas, se agachou com extrema dificuldade detrás do polido canhão, deixou escapar um dilatado peido barítono de melancia [...].

narrativa. Isso favorece o leitor que passa a reconhecer as causas, as particularidades e os desdobramentos de uma história cuja importância transcende o recorte uruguaio.

A recorrência de recursos metaficcionais não prevalece no romance. Entretanto, na medida em que a personagem Martín Zamora escreve aos que desejam emigrar “[...] *la verdad, palabra por palabra*”¹⁶² (DELGADO APARAÍN, 2015, p. 87) e a proposta do livro insere-se no compromisso que temos, segundo o autor, com “[...] *la necesidad vital de conocer nuestra verdad histórica*”¹⁶³ (MORALES, 2002, p. 22), podemos ler *No robarás las botas de los muertos* não como uma obra desconstrucionista, mas como uma versão coerente que pretende desvincular o passado de seu fechamento em uma moldura fria e estereotipada. O conjunto da obra converge, assim, para um exemplar acurado de romance histórico contemporâneo de mediação, nos termos em que essa modalidade foi estudada por Fleck (2007; 2017).

Armado pela historiografia, leituras e pela vivência de escritor em seu país natal, Delgado Aparain conclui o seguinte, em entrevista a Riccardi (2017, p. 66):

*A mi modesto entender, la suma de todas nuestras historias personales, es la historia de la nación. Lo que hacen con esa suma de historias los historiadores, los antropólogos o los sociólogos es interpretarla, darle una coherencia susceptible de conocerla y trasmitirla. A eso le llamo la construcción del nosotros.*¹⁶⁴

Ao especificar seu entendimento dessa construção dentro do contexto da narrativa literária latino-americana, o autor, agora em entrevista a Morales (2002, p. 22), considera que temos uma novelística “[...] *incipiente diría yo, referida a nuestra propia historia. Es decir que no hay un continuum narrativo. Yo siento que son muy pocos los que han removido el corazón de nuestra gente [...]*”¹⁶⁵ Com esse sentimento, nos agradecimentos expressados no final do romance, Delgado Aparain

¹⁶² Nossa tradução livre: [...] a verdade, palavra por palavra.

¹⁶³ Nossa tradução livre: [...] a necessidade vital de conhecer nossa verdade histórica.

¹⁶⁴ Nossa tradução livre: No meu modesto modo de entender, a soma de todas nossas histórias pessoais, é a história da nação. O que fazem com essa soma de história os historiadores, os antropólogos e sociólogos é interpretá-la, dar-lhe uma coerência suscetível de conhecê-la e transmiti-la. A isso chamo a construção de *nós*.

¹⁶⁵ Nossa tradução livre: [...] incipiente diria eu, referida à nossa própria história. Quero dizer que não há um *continuum* narrativo. Eu sinto que são muito poucos os que estremeceram o coração de nossa gente [...].

(2005, p. 440-441) afirma ter buscado oferecer uma história que fugisse da confusão dos documentos, “[...] *contradictoria y oscurecida por el apasionado partidatismo rioplatense de los últimos cien años [que] me impulsó no pocas veces a tratar a los personajes históricos como personajes literarios e involucrarlos en situaciones imaginarias.*”¹⁶⁶

Nos limites da abordagem da temática Guerra Grande, contudo, essa documentação aparece em um movimento pendular entre a historiografia oficial e o revisionismo interessado em interpretar a guerra como consequência da intervenção estrangeira. Apesar de não haver no Uruguai uma produção de romances diretamente relacionada ao evento central de nosso estudo, podemos depreender por meio dessa ficção parcialmente direcionada a ele uma postura condenatória que, ao não construir justificativas para o ocorrido, lamenta-o. Em *No robarás las botas de los muertos*, portanto, a participação uruguaia na tríplice aliança está longe de ser exaltada e, se não se apresenta explicitamente vergonhosa, não enxerga naquele triunvirato motivos de orgulho nacional.

Sigamos adiante com a leitura do romance *Caballero* (1986), do escritor paraguaio Guido Rodríguez Alcalá.

3.2 CABALLERO (1986): UMA VOZ DISSONANTE NO PARAGUAI

Desde o período em que se deu a Guerra Grande até o início do século XX, a interpretação sobre aquele evento histórico, tanto nos países vencedores como no vencido, afirmava-se, conforme Liliana Brezzo (2003, p. 164), como uma resposta à agressão de López – o único responsável – e às suas ambições de liderar a região. O bom resultado do enfrentamento teria sido a libertação do povo paraguaio do sistema bárbaro e tirano dos governos que o haviam mantido ilhado em relação às nações civilizadas. É nessa época já relativamente distante do término do conflito bélico quando começam a manifestarem-se no Paraguai os impulsos de se oferecer uma construção intelectual diferente a respeito da guerra. Esse revisionismo será

¹⁶⁶ Nossa tradução livre: [...] contraditória e obscurecida pelo apaixonado partidismo rio-platense dos últimos cem anos [que] me impulsionou não poucas vezes a tratar os personagens históricos como personagens literários e envolvidos em situações imaginárias.

fundamental nas décadas seguintes e, em certa medida, o imaginário decorrente dele continua forte até os dias atuais, apesar de vozes dissonantes surgidas especialmente a partir da reabertura democrática do país na década de 1980.

No Paraguai, além das consequências econômicas e sociais, a guerra produziu “[...] *uno de sus más vastos movimientos historiográficos y una verdadera polarización bibliográfica en detrimento de la investigación de otros procesos, convirtiéndose en el centro nervioso de toda la historia nacional.*”¹⁶⁷ (BREZZO, 2003, p. 160). Os governos militares, no comando do país na maior parte do tempo, no último século, monopolizaram as diretrizes dessa polarização no incentivo de uma postura nacionalista que ficou conhecida como “lopismo”. Assim, Solano López passa a ser visto como herói e vítima do ataque estrangeiro realizado pela Tríplice Aliança. Torna-se “[...] *sinónimo de coraje y patriotismo, se consolidó definitivamente en los años que siguieron y su construcción historiográfica se hizo aun más rígida durante el stronato y el consiguiente ascenso al poder del partido Colorado.*”¹⁶⁸ (BREZZO, 2003, p. 170).

Não é preciso muito esforço para depreendermos a pouca ou nula possibilidade intelectual de contestação pública dessa vertente majoritária que tomou conta do país. É com o arrefecimento do governo ditatorial que, em meados da década de 1980, começam a aparecer publicações divergentes, a exemplo do romance *Caballero* (1986), de Guido Rodríguez Alcalá, obra sobre a qual nos debruçamos neste momento.

Ao contrário dos outros três romances do *corpus*, *Caballero* é um livro já presente em estudo de fôlego, realizado pela pesquisadora espanhola Mar Langa Pizarro (2001) em “*Guido Rodríguez Alcalá en el contexto de la narrativa histórica paraguaya*”. Nesse estudo, Langa Pizarro também analisa o romance *Caballero rey* (1988) em que Guido Rodríguez Alcalá expõe uma espécie de continuação da biografia de Bernardino Caballero após o término da Guerra Grande. As características estruturais e narrativas, inclusive a dedicatória e o prólogo assinado

¹⁶⁷ Nossa tradução livre: [...] um de seus mais vastos movimentos historiográficos e uma verdadeira polarização bibliográfica em detrimento da investigação de outros processos, convertendo-se no centro nervoso de toda a história nacional.

¹⁶⁸ Nossa tradução livre: [...] sinônimo de coragem e patriotismo, consolidou-se definitivamente nos anos seguintes e sua construção historiográfica fez-se ainda mais rígida durante o *stronato* [ditadura de Alfredo Stroessner de 1954 a 1989] e a conseguinte ascensão ao poder do partido Colorado.

por *El cronista* assemelham-se ao apresentado em *Caballero*. Uma diferença especial estará na inserção de notas de rodapé em que o editor, por exemplo, esclarece que o motivo de eventuais contradições no texto deve-se ao estado de saúde do cronista que, impossibilitado de fazer uso de suas faculdades mentais, não apresenta condições de revisar os originais, publicados devido às exigências da história. *Caballero rey* está entre os romances que abordam lateralmente o tema por nós estudado. Assim, por estar voltado essencialmente ao contexto nacional do Paraguai nas décadas seguintes à guerra, por não obrigar o leitor a retomar a obra anterior para sua compreensão e vice versa, e por aproximar-se em termos linguísticos e ideológicos a *Caballero*, decidimos não inclui-lo em nossa análise, pois não proporciona alterações na investigação que empreendemos a partir da noção de “palavra armada” e a apreciação comparada entre as duas obras já está bem delineada no estudo supracitado.

Nesse tempo de novos olhares e aberturas para as narrativas paraguaias, são basicamente estudiosos estrangeiros que se voltam para a produção literária daquele país. É de outro espanhol, José Vicente Peiró Barco (2001), a mais abrangente e atual pesquisa, intitulada “*Literatura y sociedad: la narrativa paraguaya actual (1980-1995)*”. Há obviamente no estudo de Peiró Barco (2001, p. 957-1031) um capítulo dedicado a *Caballero*.

Nossa análise do romance vale-se, naturalmente, das leituras elaboradas por esses pesquisadores e a presença do referido autor como representante paraguaio neste trabalho deve-se a, pelo menos, dois motivos. Primeiro, porque é uma obra que nos oferece elementos para identificarmos bem o chamado revisionismo histórico, peculiar do nacionalismo construído no Paraguai, e sua respectiva crítica no âmbito da ficção voltada à Guerra Grande. Segundo, porque, ainda que exemplar da postura de “palavra armada”, *Caballero* está, em nossa avaliação, entre os melhores romances publicados nas últimas décadas, cuja divulgação e leitura entre brasileiros¹⁶⁹ e mesmo hispano-americanos permanecem aquém do que desejaríamos, haja vista que são de europeus os principais estudos críticos relacionados a essa obra.

¹⁶⁹ Há, entretanto, uma tradução de *Caballero* para o português, feita por Sergio Faraco, e publicada pela editora “tchê!” em 1994. Serão dessa edição as notas de tradução que utilizaremos quando citarmos o texto original.

Informemos, inicialmente, que *Caballero* é, em grande medida, uma paródia, mas não somente, da biografia do general paraguaio Bernardino Caballero (1839-1912), escrita por Juan E. O’Leary, com o título de *El Centauro de Ybicui* (1929). Já no prólogo do romance, assinado pelo entrevistador que se autoneia “*El cronista*” – no decorrer do livro, saberemos por intermédio do protagonista que o nome do cronista é Raúl – deparamo-nos com o seguinte discurso, após comentário de que o sacrifício pela pátria realizado pelo marechal presidente Solano López não foi em vão,

*[...] el ejemplo fue recogido por numerosos héroes que crecieron a su lado, como el general de división don Bernardino Caballero, quien sirvió a su Patria como segundo del Mariscal Presidente, como político y primer mandatario, como diplomático avezado y como miembro de las principales empresas del país. [...] la patria ingrata lo mandó al destierro dos veces, una en 1910, dándome así la ocasión de conocer al legendario centauro de Ibicuy durante su exilio en Buenos Aires. [...] me atreví a escribir esta biografía del héroe que, dentro de todo, tiene su interés – no por mérito del cronista, sino por el del entrevistado –. [...] espejo de los caballeros paraguayos [...].*¹⁷⁰ (RODRÍGUEZ ALCALÁ, 1987, p. 7-8, grifo nosso).

A recorrência dos elogios à bravura da personagem e o sentimento de que Bernardino Caballero não recebeu o reconhecimento merecido, após os serviços prestados à pátria, são constantes no livro de Juan B. O’Leary. Todas as referências relevantes presentes nessa obra, relacionadas ao “biografado”, são retomadas em alguma medida na ficção de Guido Rodríguez Alcalá a qual, valendo-se da voz narrativa do cronista que se assemelha à voz do historiador paraguaio responsável pela publicação das memórias de Caballero, dá luz a uma perspectiva crítica frente ao herói pátrio assim apresentado na introdução de *El Centauro de Ybicuy*:

[...] le propusimos una vez redactarle sus memorias, bajo su dictado y dirección. El héroe, que nunca se negó a complacernos, se mostró

¹⁷⁰ Tradução de Sergio Faraco: “[...] o exemplo seguido por inúmeros heróis que cresceram ao seu lado, como o General-de-Divisão Bernardino Caballero, que serviu à Pátria como segundo do Marechal Presidente, como político e primeiro mandatário, como diplomata e como membro das principais empresas do país. [...] a Pátria ingrata o desterrou duas vezes, uma delas em 1910, quando tive a oportunidade de conhecer o legendário *Centauro do Ibicuy* durante seu exílio em Buenos Aires. [...] me atrevi a escrever a biografia do herói, que haverá de despertar grande interesse – não por mérito do cronista, mas do depoente –. [...] espelho dos cavalarianos paraguaios:” (RODRÍGUEZ ALCALÁ, 1994, p. 9-10).

*dispuesto a hacer lo que le pedíamos. Lastimaba consagrar una obra a si mismo; pero se dejó vencer por nuestras argumentaciones, basadas en que así prestaría un nuevo servicio a su país y a todos sus compañeros de armas, ya que se le brindaría la oportunidad de decir la verdad con la autoridad de su palabra insospechable.*¹⁷¹ (O'LEARY, 1929, p. 26, grifo nosso).

O “ditado” e a “direção” de Caballero no texto de O’Leary são intensificados no romance aqui em apreço, cuja “mediação do cronista” aparece como reprodução do conteúdo e da forma estipulados pelo protagonista. O controle estabelecido pela voz atribuída a Caballero chega a extrapolar os limites da história narrada em momentos como, ao suspeitar que deveria ser estudada a concomitância dos episódios de sua ascensão pessoal com os de derrocada da pátria, sugere que “[...] *usted debería conocer a O’Leary, Raúl, porque usted necesita dirección y él puede convertirse en su maestro.*”¹⁷² (RODRÍGUEZ ALCALÁ, 1987, p. 50). Uma possível confusão na busca de identificar a voz enunciativa do romance é, assim, desvendada por meio das pistas que levaram Langa Pizarro (2001, p. 232) a afirmar que “[...] *el narrador del texto que leemos no es el cronista, sino el propio personaje, que relata su historia en una serie de entrevistas, citando palabras de otros autores que han tratado el tema de la Triple Alianza.*”¹⁷³ (LANGA PIZARRO, 2001, p. 232).

Entre os historiadores mais citados está George Thompson que ora aparece como personagem histórica que lutou ao lado dos paraguaios ora como traidor por não ter apresentado uma postura de enaltecimento do Paraguai frente à Tríplice Aliança. Outro historiador amplamente mencionado no romance, obviamente, é Juan B. O’Leary. Além da alusão ao seu intento de biografar Caballero (p. 8) e à expectativa de publicação de *O Centauro de Ybicuy* (p. 38), é comum nos depararmos com passagens como “[...] *dice O’Leary* (118); “[...] *aquello que decía el maestro O’Leary*” (142); “[...] *el maestro O’Leary dice* (p. 155); “[...] *como me contó*

¹⁷¹ Nossa tradução livre: [...] propusemos a ele que relatássemos suas memórias, sob seu ditado e direção. O herói, que nunca se negou a satisfazer-nos, se mostrou disposto a fazer o que lhe pedíamos. Faria-o consagrar uma obra a si mesmo; mas se deixou vencer por nossas argumentações, baseadas em que assim prestaria um novo serviço a seu país e a todos seus companheiros de armas, já que estaria brindado com oportunidade de dizer a verdade com a autoridade de sua palavra insuspeitável.

¹⁷² Tradução de Sergio Faraco: “[...] você deveria conhecer O’Leary, Raúl, você precisa de orientação e ele pode ser seu professor.” (RODRÍGUEZ ALCALÁ, 1994, p. 48).

¹⁷³ Nossa tradução livre: o narrador do texto que lemos não é o cronista, senão o próprio personagem que relata sua história em uma série de entrevistas, citando palavras de outros autores que trataram do tema da Tríplice Aliança.

O'Leary" (p. 157); "[...] *el próprio O'Leary lo comenta en su libro*" (p. 187); "[...] *el mismo O'Leary lo explica*"¹⁷⁴ (RODRÍGUEZ ALCALÁ, 1987, p. 189). Essas referências fortalecem o diálogo com o livro parodiado já estabelecido desde as primeiras páginas.

De volta à problemática do narrador, para além da dúvida, orientação e pedido externados pelo protagonista em situações como "[...] *no lo ponga*" (p. 165); "[...] *no sé si debe ponerlo aquí*" (p. 189); "[...] *le pido, Raúl, que usted escriba*"¹⁷⁵ (RODRÍGUEZ ALCALÁ, 1987, p. 191), há um trecho essencial inerente ao intuito de comentar a resistência dos paraguaios ao enfrentar os aliados e à avaliação do "entrevistado" sobre o "entrevistador":

*Eso nos dio una dignidad, una... ¿cómo se decirlo?... ¡Gracias, joven!, una identidad nacional... ¡Qué palabra tan linda! Se nota que usted es un historiador, voy a anotarlo para no olvidar... Con usted resulta fácil, amigo Raúl, porque con tantos periodistas tontos que andan por ahí, eso de las entrevistas me está resultando más penoso que toda nuestra larga guerra de cinco años... esos tipos se pasan con preguntas tontas, hay que explicarle todo desde el principio y creo que de tanto repetir las cosas que sabía de memoria voy a terminar olvidándolas... Con usted no hace falta, con usted no se comienza de cero a cada rato sino que una gran parte se da por sabida, y eso es muy importante.*¹⁷⁶ (RODRÍGUEZ ALCALÁ, 1987, p. 118).

As interferências do protagonista, mais que notadamente metaficcionais, levam-nos a concordar com a afirmação de Langa Pizarro exposta acima. Sendo a personagem a voz e o objeto centrais da narrativa, a impressão inicial de que estamos diante de um narrador heterodiegético – o cronista presente no mundo ficcional, mas não pertencente à história narrada – dá lugar, efetivamente, a uma

¹⁷⁴ Tradução de Sergio Faraco: "[...] diz O'Leary (110); [...] Talvez tenha razão o mestre O'Leary (p. 132); [...] Diz o Professor O'Leary (p. 143); [...] como me ensinou O'Leary (p. 145); [...] O'Leary menciona essa passagem em seu livro (p. 171); [...] mesmo O'Leary explica" (RODRÍGUEZ ALCALÁ, 1994, p. 173).

¹⁷⁵ Tradução de Sergio Faraco: "[...] você não deve escrever (p. 153); [...] não sei se devemos tratar dele agora (p. 173); [...] Então você escreverá sobre isso, Raúl, eu lhe peço" (RODRÍGUEZ ALCALÁ, 1994, p. 175).

¹⁷⁶ Tradução de Sergio Faraco: "Isso nos deu uma dignidade, uma... como direi?... obrigado, jovem, uma identidade nacional... Que linda expressão! Vou anotar para não esquecer. Vê-se logo que você é um historiador. Com você fica fácil, amigo Raul, muito mais fácil do que com outros. Com tanto jornalista pateta que anda por aí, esse negócio de dar entrevista torna-se mais penoso do que a nossa longa guerra de cinco anos. Eles ficam fazendo perguntas tolas, é preciso explicar tudo desde o começo e creio que, de tanto repetir, a gente acaba acreditando menos nos fatos e mais nas palavras que os representam." (RODRÍGUEZ ALCALÁ, 1994, p. 110).

narrativa autodiegética. De ora em diante, portanto, nossa leitura sobre o romance aqui em apreço considerará os fragmentos citados como pertencentes a uma enunciação controlada pelo protagonista, isto é, por um narrador autodiegético.

Para Daniel Voionmaa (2016, p. 74-5), não há ironia nas palavras do narrador em *Caballero* “[...] *pero esta se hace evidente para el lector: toda la confesión de Caballero puede (y quizás deba) ser leída en clave irónica*”.¹⁷⁷ Os fundamentos dessa ironia, como veremos a seguir, estão constituídos por meio de elementos que vão da dedicatória às nuances da linguagem empregadas no decorrer da narrativa. Assim, “[...] *a través de la forma de hablar, y del modo de argumentar de Caballero, el lector va formándose una imagen sobre él que, cuanto menos, pone en duda el contenido de su discurso*.”¹⁷⁸ (LANGA PIZARRO, 2001, p. 240). Estamos, assim, diante de um narrador sincero que não busca “desmoralizar” sua própria história. Seus argumentos, entretanto, somados ao conhecimento prévio que temos em relação ao revisionismo paraguaio, descortinam a agudeza crítica e desmistificadora constante na obra.

A dedicatória “*Al Lazarillo de Tormes, respetuosamente*” (RODRÍGUEZ ALCALÁ, 1987, p. 5) apresenta-se como chave para adentrarmos no caminho percorrido pelo livro. A homenagem prestada a essa obra basilar da literatura espanhola – segundo Jorge Nascimento (1993, p. 63), “[...] a partir do *Lazarillo de Tormes* (1554), os romances picarescos adotam a forma autobiográfica. O pícaro é o embrião do anti-herói, ou do herói moderno” – ecoará no decorrer de *Caballero* emoldurando as características fundamentais da vida e do discurso do seu protagonista, como veremos na sequência de nossa leitura.

Destaquemos, ainda, que *Caballero* está dividido em três partes e fechado por um epílogo. A primeira parte, composta por sete capítulos, intitula-se “*Mis primeros pasos o de Mato Grosso a Uruguaiana (1864-1866)*”. A segunda parte, em oito capítulos, apresenta-se como “*De Humaita a Lomas Valentinas (1866-1868)*”. A terceira parte, novamente em sete capítulos, está identificada como “*De Azcurra a Cerro Cora (1869-1870)*”. Esta divisão corresponde também à trajetória do exército

¹⁷⁷ Nossa tradução livre: [...] mas esta se faz evidente para o leitor: toda confissão de Caballero pode (e talvez deva) ser lida sob chave irônica.

¹⁷⁸ Nossa tradução livre: [...] através da forma de falar, e do modo de argumentar de Caballero, o leitor vai formando uma imagem sobre ele que, no mínimo, põe em dúvida o conteúdo de seu discurso.

paraguaio durante a guerra: primeiro a campanha ofensiva, em seguida a campanha defensiva e, finalmente, a fuga (ou retirada) de Solano López até sua captura e morte. No epílogo, o herói do romance anuncia o seu destino e o do Paraguai no pós-guerra.

Os títulos de cada capítulo, conforme Voionmaa (2016, p. 73), arremedam os das novelas de cavalaria, “[...] *sentando así el tono humorístico y desmitificador de todo el relato* [...]”¹⁷⁹. O primeiro capítulo, da primeira parte, por exemplo, em caixa alta e sem a moderna normatização de acentuação ortográfica, informa o seguinte: “*Donde recien comienza la historia, con el relato de como el Mariscal Francisco S. Lopez se enoja conmigo, el entonces alferes Bernardino Caballero*”¹⁸⁰ (RODRÍGUEZ ALCALÁ, 1987, p. 11). A indicação de que, nesse momento, o narrador autodiegético ainda era somente um alferes prenuncia uma história em que a escalada de sucesso pessoal dentro da oficialidade do exército paraguaio será motivo de destaque.

Já a desconfiança de Solano López deve-se a uma conversa amigável entre seu irmão Benigno López e Caballero. O primeiro será acusado e julgado como traidor anos depois. Ciente de que os laços familiares de seu interlocutor poderiam prevalecer contra qualquer precipitação delatora, o herói imagina que

[...] *don Benigno podía negar tranquilamente todo y entonces era su palabra contra la mía. Y lo que es peor: don Benigno podía hablar con sus Hermanas y la señora Carrillo, y entonces entre todos lo trabajaban al Mariscal* que como era posible que un extraño se permitiera decir tal cosa en contra de su propio hermano, etcétera, y a la larga salía perdiendo yo. Por esa razón no le dije nada al Mariscal cuando me preguntó qué me había dicho Benigno. O sea, le dije pero no le dije lo que él quería saber [...].¹⁸¹ (RODRÍGUEZ ALCALÁ, 1987, p. 30).

¹⁷⁹ Nossa tradução livre: [...] assentando assim o tom humorístico e desmistificador de todo o relato [...]

¹⁸⁰ Tradução de Sergio Faraco: “Onde recém começa a história, com o relato de como o Marechal Francisco S. López se aborreceu comigo, o então Alferes Bernardino Caballero” (RODRÍGUEZ ALCALÁ, 1994, p. 13). Estratégia semelhante é empregada em *El ingenioso hidalgo Don Quijote de La Mancha* (vol. I, 1605; vol. II, 1615), do espanhol Miguel de Cervantes, obra que inaugura o romance moderno e apresenta-se como paródia do romance de cavalaria que então encontrava-se em declínio. Na tradução para o português, de Almir de Andrade e Milton Amado, vemos que o título dos capítulos aparece como um dos traços do gênero parodiado, sendo o primeiro deles, portanto, “Que trata da condição e exercício do famoso fidalgo Dom Quixote de La Mancha” (CERVANTES, 1998, p. 33).

¹⁸¹ Tradução de Sergio Faraco: “[...] Dom Benigno negasse tudo: seria a palavra dele contra a minha. Além disso, Dom Benigno poderia falar com suas irmãs e a senhora Carrillo, combinando uma

A consciência das limitações pessoais e do contexto em que circulava leva a personagem Caballero a expor as expectativas e estratégias adequadas, norteadoras de sua conduta deste então até o final de sua vida. A condição de estranho diante da família López o faz acreditar que “sairia perdendo” e por isso, sem mentir, elegeu as palavras e o conteúdo necessários para aquele momento, como era comum aos mais representativos personagens da picaresca espanhola.

Caballero, assim, demonstra ser uma personagem astuta e, como veremos no exemplo seguinte, oportunista: “[...] *me ofrecí a confesarme, porque al fin y al cabo soy creyente y también porque me convenía un poco.*”¹⁸² (RODRÍGUEZ ALCALÁ, 1987, p. 43). Aqui a personagem encontrava-se em situação difícil devido a um militar invejoso que procurou desmoralizá-lo frente a Solano López. Relatar ao padre os fatos tais como aconteceram seria conveniente, pois sabia que o segredo de confissão não seria impedimento para que suas palavras chegassem ao comandante supremo dos paraguaios. Astúcia e oportunismo, duas características picarescas, estão na base da trajetória dessa personagem ressignificada na ficção latino-americana de Rodríguez Alcalá.

Após esses primeiros momentos em que precisou mostrar-se habilidoso para não ser punido drasticamente e ver sua carreira militar destruída de uma vez por todas, a voz enunciativa do romance apresenta algumas curiosidades sobre sua atuação já na posição de comando:

[...] *recién comenzaron a darme mando de tropa cuando se nos estaban acabando los soldados, cuando comenzamos a mandar al frente a las mujeres y a las criaturas de 10 años y a los viejos de 75... [...] Y lo raro del caso es que a mí todo me salió bien, porque me volví más culto con la guerra, me hice de amigos influyentes, me dieron condecoraciones y todo eso. Sin embargo, a veces me angustiaba ser heroico; yo hubiera preferido pelear y volver con todos mis soldados, con o sin tanto heroísmo, en vez de llevar al*

denúncia ao Marechal: ‘Como é possível que um estranho queira incriminar seu próprio irmão?’ E a culpa, no fim, seria toda minha. Ora, por isso mesmo eu não disse nada quando o Marechal perguntou sobre Benigno. Ou, por outra, disse, mas não o que ele queria saber [...]” (RODRÍGUEZ ALCALÁ, 1994, p. 29).

¹⁸² Tradução de Sergio Faraco: “Aproveitei para me confessar, porque sou crente e também porque me convinha um pouco.” (RODRÍGUEZ ALCALÁ, 1994, p. 41).

*campo 4 a 5.000 hombres y volver con nada...*¹⁸³ (RODRÍGUEZ ALCALÁ, 1987, p. 51).

Notamos certa naturalidade no relato, mesmo ao informar que sua ação de mando no campo de batalha se deu basicamente como comandante de velhos, mulheres e crianças. A personagem considera curiosa a própria ascensão na carreira e reconhece as aprendizagens obtidas, além da consolidação de amizades, inclusive entre os inimigos no pós-guerra, pois entende que fora o cumprimento do dever, “[...] *no tenemos nada el uno contra el otro, ni nos gusta hacer la guerra porque sí no más.*”¹⁸⁴ (RODRÍGUEZ ALCALÁ, 1987, p. 187) – façamos aqui um parêntesis sobre um aspecto da tradução para o português que, apesar de não ser o foco de nosso estudo, não é demais salientar. Se atentarmos para o trecho supracitado, veremos na nota correspondente que a expressão “*porque sí no más*” não se apresenta como evidência de traços da oralidade. A formalização do original é constante na versão brasileira, o que contribui em grande medida para o distanciamento do leitor na relação mínima que poderia estabelecer com o estilo narrativo proposto pelo escritor paraguaio.

Ainda nas considerações sobre a condição de mando, observamos um resquício de humildade na preferência de não ter seu heroísmo destacado desde que os soldados voltassem vivos. No entanto, ironicamente, enquanto todos morriam nosso herói ascendia, questão que ele mesmo propõe aos historiadores investigarem, porque “[...] *no la entiendo, pero tampoco tengo la obligación, porque soy un hombre de acción y no un letrado...*”¹⁸⁵ (RODRÍGUEZ ALCALÁ, 1987, p. 51). Ao mesmo tempo em que a personagem não se arrisca a apresentar uma avaliação conclusiva, aponta, assim, para as futuras interpretações a serem elaboradas pelos letrados. Elas virão à tona, especialmente, por intermédio dos revisionismos ao

¹⁸³ Tradução de Sergio Faraco: “[...] quando comecei a receber comando de tropa, já se acabavam os soldados e mandávamos para o *front* mulheres, crianças de 10 anos e velhos de 75. [...] E o mais estranho é que, para mim, tudo saiu bem. Adquiri cultura nessa guerra, fiz amigos influentes, recebi condecorações e por aí afora. Às vezes, contudo, me angustiava ser heroico. Terei preferido lutar e voltar com todos os meus soldados, com ou sem tanto heroísmo, ao invés de levar a campo quatro ou cinco mil homens e voltar sem nada.” (RODRÍGUEZ ALCALÁ, 1994, p. 48-49).

¹⁸⁴ Tradução de Sergio Faraco: “[...] nada temos uns contra os outros. Na verdade, não nos agrada nem um pouco fazer guerra sem um motivo de peso.” (RODRÍGUEZ ALCALÁ, 1994, p. 171).

¹⁸⁵ Tradução de Sergio Faraco: “[...] não a compreendo, mas também não tenho a obrigação, sou um homem de ação e não um letrado...” (RODRÍGUEZ ALCALÁ, 1994, p. 49).

modo de O'Leary que desviarão das controvérsias para dar vazão à bravura dos feitos de Caballero, em nome da moral e do enaltecimento pátrios.

A aparência de humildade no trecho anterior será substituída por um Caballero distinto no comentário sobre o evento de *Acosta Ñu*. Ao lembrar que a resistência feita aos aliados era já naqueles idos tempos posteriores à guerra uma recordação que despertava orgulho entre os paraguaios, reeditada a cada ano nas escolas como a batalha dos meninos mártires de *Acosta Ñu*, o narrador autodiegético adverte o seguinte:

[...] si pelearon como bravos fue gracias a mí! Porque al sentir los tiros quisieron salir corriendo, que hubiera sido todavía peor, y entonces con los veteranos tuvimos que darles unos gritos y chirlos para que sigan retrocediendo en orden; con mucho esfuerzo conseguimos formarlos para resistir de alguna forma la carga del enemigo que se nos venía encima. [...] Los negros tiran bombas, metralla, bala hueca, pero mis muchachitos aguantan, yo me siento orgulloso como un maestro con niños aprovechados. [...] yo recorro las filas prometiéndoles naranjas y recreo a los mejores; ellos hacen lo posible para lucirse delante de su jefe – es que a mí los soldados me quisieron siempre.¹⁸⁶ (RODRÍGUEZ ALCALÁ, 1987, p. 155-156 - grifos nossos).

Entre o intento de mostrar-se competente e o desejo de destacar a bravura dos pequenos guerreiros, Caballero deixa transparecer a crueza da batalha, o medo e o impulso de sobrevivência manifestados nos meninos. Foram necessários esforços repressivos para que resistissem até a morte no cumprimento da missão.

¹⁸⁶ Tradução de Sergio Faraco: “[...] se lutaram como bravos foi graças a mim. Quando ouviram os primeiros tiros queriam sair correndo – o que teria sido pior, diga-se de passagem – e só não fugiram porque os veteranos e eu gritamos com eles [demo-lhes umas palmadas] e os obrigamos a retroceder em ordem. Com muito esforço conseguimos colocá-los em formação [...] para enfrentar o ataque inimigo. [...] Os negros atiravam bombas, metralha, atiravam de tudo, mas nossas [sic] meninos aguentavam e eu me sentia orgulhoso como um professor de alunos estudiosos. [...] Eu recorria as filas prometendo laranjas e recreio aos melhores e eles faziam o possível para mostrar serviço ao chefe – meus soldados, devo confessar, sempre me quiseram bem.” (RODRÍGUEZ ALCALÁ, 1994, p. 143). Além da formalização, aparecem traduções questionáveis como “aprovechados” por “estudiosos”, quando o contexto leva a uma interpretação de que seriam “alunos incapazes”, mas que realizam com presteza suas tarefas”, além da supressão de palavras ou trechos, como apontamos acima na tradução: “[demo-lhes umas palmadas]”. Tais aspectos foram notados no decorrer de nossa leitura cruzada do original com a tradução. Sabemos que não são abundantes as traduções de obras literárias de países da América Latina para o português e a circulação de obras da literatura hispano-americana no Brasil é bastante restrita aos escritores de renome. Sabemos que *Caballero* ainda não conquistou o status de clássico. Ainda assim, pertencente ao reduzido grupo de romances traduzidos que passaram a circular em nosso país, esse exemplar de ficcionalização da Guerra Grande tem boas chances de figurar como uma das edições menos apreciadas no trato com a linguagem o que, na relação com o original, a empobrece enormemente.

Talvez ciente da falta de brilho e dignidade em seu relato, procura suavizar o contexto com um pouco de bom humor, destacando a promessa de laranjas e recreio aos mais valentes diante do chefe. Neste instante pouco admirável, Caballero enxerga a possibilidade de colocar-se na posição de superior bem quisto pelos soldados, aqueles que expressam um sentimento subalterno por ele praticado, estrategicamente, nas muitas vezes em que se refere a Solano López como *mi jefe* ou pede para atentarmos no quão “[...] *inteligente que era el Mariscal*”¹⁸⁷ (RODRÍGUEZ ALCALÁ, 1987, p. 32).

O tema espinhoso da batalha de Acosta Ñu apresentado acima é, contudo, habilmente precedido de uma citação literal de *El Centauro de Ybicui* na qual o narrador lembra o registro de que ele era “[...] *como el escudo de nuestro ejército en retirada, contra el cual se estrellaría todo el poder de la alianza. Caería despedazado, pero después de una resistencia digna del temple de su alma, cuando ya estuviese a salvo el presidente de la República.*”¹⁸⁸ (O’LEARY, 1929, p. 349). Dessa maneira, toda possível reprovação à atitude de Caballero frente aos soldados é minimizada pela prioridade fundamental de garantir a retirada de Solano López. A função de escudo foi executada com sucesso e os mortos, valorosos guerreiros, serão exemplo e guia para os meninos paraguaios em idade escolar até os dias atuais.

Em *Caballero* há ainda a presença de elementos paratextuais, especialmente mapas e algumas notas explicativas em rodapé. Os primeiros ficam a cargo da personagem central e as notas, a maioria, são traduções de termos em guarani correntes no vocabulário do entrevistado. Duas delas, entretanto, são explicativas: a primeira sobre o governo provisório no pós-guerra: “*Para facilitar al profano la comprensión de ciertos hechos [...]*”¹⁸⁹ (RODRÍGUEZ ALCALÁ, 1987, p. 139). A segunda, para reafirmar, de uma vez por todas, que, em Acosta Ñu, “[...] *el general Bernardino Caballero abandonó el campo de batalla para cumplir una orden expresa del Mariscal López y no, como pretende Campos en su infame libelo El*

¹⁸⁷ Tradução de Sergio Faraco: “[...] era esperto o Marechal” (RODRÍGUEZ ALCALÁ, 1994, p. 32).

¹⁸⁸ Nossa tradução livre: “[...] como o escudo de nosso exército em retirada, contra o qual avançaria todo o poder da aliança. Cairia despedaçado, mas depois de uma resistência digna do vigor de sua alma, quando já estivesse a salvo o presidente da República.

¹⁸⁹ Tradução de Sergio Faraco: “Para facilitar a compreensão de certos fatos” [...] (RODRÍGUEZ ALCALÁ, 1994, p. 129).

general avestruz, *por cobardía*.”¹⁹⁰ (RODRÍGUEZ ALCALÁ, 1987, p. 157). Temos aqui, novamente, a sutileza da construção narrativa na demonstração de um herói que, ao vir à tona uma voz em sua defesa, estabelece dúvidas sobre sua conduta ao contestar e acusar um intérprete contundente distanciado do revisionismo laudatório.

Na exposição de um dos mapas, a indicação do medo atribuído aos inimigos não esconde uma espécie de consciência crítica em relação às debilidades das defesas paraguaias, conforme podemos observar no fragmento do romance destacado abaixo:

[...] mire bien la línea de puntos desde San Fernando hasta Lomas Valentinas, a unas cuantas leguas de Asunción; bueno, no se olvide de eso porque es el recorrido de nuestro ejército desde que salió del cuadrilátero, en marzo de 68, hasta el fin del año. [...] el cuadrilátero fue una tranca para el ejército enemigo que avanzaba, una tranca que no valía del todo, porque la fortaleza de Humaitá no era tan fuerte, pero como tenían miedo, los paramos por más de dos años – desde el comienzo hasta marzo del 68.¹⁹¹ (RODRÍGUEZ ALCALÁ, 1987, p. 101).

A importância da fortaleza de Humaitá na composição do quadrilátero defensivo foi fundamental até o momento em que Solano López se viu obrigado a sair em retirada e a deixar naquele local uma parte do exército para que resistissem o máximo de tempo possível. Ao contrário do mito da fortaleza indestrutível em expressões semelhantes à registrada por O’Leary (1929, p. 165-6) de que “*¡Humaitá existía! No era una fantasía con que nos entretenía la imaginación [...] Sus muros, para muchos, sólo se abatirían bajo la acción destructora del tiempo [...]*”¹⁹², a voz enunciativa do romance expõe sua baixa consistência, imperante por dois anos devido, muito mais, ao excesso de respeito entre os aliados. Vencida essa barreira, ocorreriam meses depois, em dezembro de 1868, as batalhas que definiram o fim de

¹⁹⁰ Lamentavelmente, a versão brasileira não traz essa nota, por nós apresentada em tradução livre: [...] o general Bernardino Caballero abandonou o campo de batalha para cumprir uma ordem expressa do Marechal López e não, como pretende Campos em seu infame libelo *El general avestruz*, por covardia.

¹⁹¹ Tradução de Sergio Faraco: “[...] observe bem a linha pontilhada que vai de San Fernando a Lomas Valentinas, a umas quantas léguas de Asunción. Não se esqueça dela, pois corresponde ao caminho percorrido pelo nosso exército de março de 68, quando deixou o quadrilátero, até o fim do ano. [...] o quadrilátero foi uma tranca para o exército inimigo que avançava. Uma tranca fraca, a Fortaleza de Humaitá pouco ajudava, mas, como eles morriam de medo, conseguimos detê-los por mais de dois anos, desde o início até março de 68.” (RODRÍGUEZ ALCALÁ, 1994, p. 93-4).

¹⁹² Nossa tradução livre: ¡Humaitá existia! Não era uma fantasia com que nos entretinha a imaginação [...] Seus muros, para muitos, só se abateriam sob a ação destruidora do tempo [...].

qualquer condição bélica razoável do exército paraguaio: “[...] *ya nos tenían matada la mitad de nuestra población y destruídas todas nuestras fortalezas y controlados nuestros ríos y dispersado nuestro ejército – Lomas Valentinas fue fatal.*”¹⁹³ (RODRÍGUEZ ALCALÁ, 1987, p. 133).

Em linhas gerais, portanto, a narrativa apresentada por esse Caballero ficcional não pressupõe, conforme observa Langa Pizarro (2001, p. 242), “[...] *la imagen de un valiente héroe patrio, sino la de un hombre cobarde, inculto y astuto que siempre consigue huir de los peores momentos bélicos y labrarse un futuro.*”¹⁹⁴. Esse é, via de regra, o intento presente no discurso autodiegético de toda personagem-narradora do gênero picaresco que, ao contar detalhadamente seu passado, justifica, de forma muito astuta, sua condição favorável no tempo presente. Isso é comum desde a inaugural autobiografia do Lazarillo de Tormes – personagem a quem a obra é dedicada – que, para “esclarecer” seu estado atual de homem de bem, casado com a mulher que frequenta assiduamente a casa do arcipreste, vale-se das artimanhas do discurso para defender a sua honra, a da sua esposa junto à do próprio representante da igreja que recebe os “favores” da jovem companheira do Lazarillo.

Desse modo, essa impressão conclusiva da personagem Bernardino Caballero, no romance em questão, talvez não chegue naturalmente ao leitor menos atento à historiografia paraguaia, necessariamente aquela que tem em Juan E. O’Leary um de seus principais expoentes. Privadas dessa base, a linguagem e a diegese empregadas no romance podem revelar um herói sincero com resquícios de vaidade, mesmo precedidas de uma dedicatória ao pícaro Lazarillo de Tormes, pois “[...] se o decodificador não reparar ou não conseguir identificar uma alusão ou citação intencionais, limitar-se-á a naturalizá-la, adaptando-a ao contexto da obra no seu todo.” (HUTCHEON, 1985, p. 50).

Cabe mencionarmos nesse ponto também a posição de Jesus Camarero (2008, p. 26) ao manifestar que “[...] *la intertextualidad es, sobre todo, un fenómeno de recepción, por cuanto es el lector quien detecta o reconstruye la relación*

¹⁹³ Tradução de Sergio Faraco: “[...] metade de nossa população estava morta, todas as nossas fortalezas tinham sido destruídas, o inimigo controlava os rios e já dispersara nosso exército – Lomas Valentinas tinha sido fatal.” (RODRÍGUEZ ALCALÁ, 1994, p. 123).

¹⁹⁴ Nossa tradução livre: “[...] a imagem de um valente herói pátrio, senão a de um homem covarde, inculto e astuto que sempre consegue fugir dos piores momentos bélicos e vislumbrar um futuro.

intertextual y que es, en definitiva, en esta instancia última, donde se lleva a cabo todo el juego de relaciones intertextuales [...].¹⁹⁵ Esse aspecto receptivo de uma obra, inato à intertextualidade, é também destacado por Tiphane Samoyault (2008) que, igualmente, considera-o como um ato de recepção, e não apenas de criação literária.

Mas, ao relacionarmos a obra ao passado ideológico com o qual ela dialoga, e cientes da intertextualidade paródica-irônica com o gênero picaresco também presente no primeiro romance moderno: *El ingenioso hidalgo Don Quijote de La Mancha*, de Miguel de Cervantes, evidencia-se em grande medida sua crítica ao revisionismo histórico ainda atuante no Paraguai, por exemplo, em romances como *Río escarlata* (2016), de María Eugenia Garay.

Dentre as características do romance picaresco, destaquemos algumas das apontadas por Naira Nascimento, a partir dos estudos de Mario González (1988; 1994). Segundo a pesquisadora, em sua análise do romance *Xadrez, truco e outras guerras*¹⁹⁶ (1998), do brasileiro José Roberto Torero, são constantes nessa modalidade narrativa “[...] a luta pela sobrevivência [...] discurso autobiográfico [...] a presença explícita do destinatário [e o caráter itinerante em que] o conhecimento do herói sobre o mundo em que vive vai sendo formado, formando-o”. (NASCIMENTO, 2006, p. 216-9). Acrescentemos a tais características a leitura de Langa Pizarro (2001, p. 231), que identifica no romance de Rodríguez Alcalá

¹⁹⁵ Nossa Tradução livre: “[...] a intertextualidade é, acima de tudo, um fenômeno de recepção, uma vez que é o leitor quem detecta ou reconstrói a relação intertextual, assim é, definitivamente, nesta instância última, onde se leva a cabo todo o jogo de relações intertextuais [...]”.

¹⁹⁶ No prefácio desse romance já se adianta ao leitor o estilo autoral de quem assina obras como *O Chalaça* (São Paulo: Companhia das Letras, 1995) e *Terra Papagalli*, em parceria com Marcus Aurelius Pimenta (Rio de Janeiro, Objetiva, 1997): “Os que amam a ficção acharão esta obra impura, pois há muitos capítulos claramente inspirados na Guerra do Paraguai; já os que gostam de história odiarão este livro pela excessiva liberdade com que recriou tão nobre capítulo da vida pátria. Os sérios dirão que nestas páginas há muito humor; os alegres, que o humor foi pouco. Meu consolo é que algum sábio possa ver que esta é uma obra de rara perfeição, pois não se limita apenas a descrever a ira, mas também a provocá-la. [...]. Enfim, só me resta esperar a sua. E, se realmente detestar estas páginas, rasgue-as em mil pedaços. Desta forma, o mesmo livro, que fez nascer a ira em você, lhe trará a paz.” (TORERO, 1998, p. 7). A construção irônica-paródia de Torero tem base no discurso da própria personagem inaugural da picaresca espanhola que, no prólogo de *Lazarillo de Tormes*, anuncia: “Yo por bien tengo que cosas tan señaladas, y por ventura nunca oídas ni vistas, vengan a noticia de muchos y no se entierren en la supultura del olvido, pues podría ser que alguno que las lea halle algo que le agrade, y a los que no ahondaren tanto los deleite. Y a este propósito dice Plinio que ‘no hay libro malo que sea, que no tenga alguna cosa buena’; mayormente que los gustos no son todos unos, mas lo que uno no come, otro se pierde por ello” (ANÓNIMO, *Lazarillo de Tormes* – prólogo, p. 3: *Tres novelas de fin de siglo*. Planeta: Barcelona, 1983.).

[...] el tono ligero y humorístico, la ubicación en un tiempo y un espacio concretos, la estructura formada por episodios ensartados, el personaje “haciéndose”, el “servicio a un amo” [...] el ascenso social (aquí, militar) por medio de la astucia y el oportunismo, la presentación realista de la época... La picaresca española es, al cabo, la oposición irónica y desmitificadora del esquema de los libros de caballerías, de las gestas heroicas. Del mismo modo, *Caballero* no es sólo la otra cara de *El Centauro de Ybycuí*: es una reacción “realista” a la idealización revisionista.¹⁹⁷ (LANGA PIZARRO, 2001, p. 231).

Pudemos notar os elementos supracitados em nossa exposição do romance. Vale ainda ressaltar sua postura paródica dessacralizadora, na contramão da tendência em que “[...] muitas paródias actuais não ridicularizam os textos que lhe servem de fundo, mas utilizam-nos como padrões por meio dos quais colocam o contemporâneo em escrutínio.” (HUTCHEON, 1985, p. 78). Em *Caballero*, o livro de O’Leary não é só utilizado como ponto de partida para um exame crítico da historiografia revisionista paraguaia. A voz do narrador autodiegético nos é apresentada de modo a reposicionarmos o discurso base da obra precedente em um novo patamar, não só alternativo, mas incômodo aos que não desejam deixar de acreditar em um país cujas glórias de seus heróis suplantam toda e qualquer reação dissonante.

Quanto à ficcionalização presente em *Caballero*, na sua relação com as modalidades de romance histórico, podemos considerá-lo um exemplo de novo romance histórico metaficcional, especialmente por intermédio da reiteração de que o relato em questão é fruto de eleição de eventos externados segundo o ponto de vista do narrador. Nessa vertente escritural, de acordo com Fleck (2017, p. 93), observamos “[...] um trabalho maior com a metaficção, mas [...] similar aos outros elementos constituintes da obra: paródia, carnavalização, heteroglossia, intertextualidade, anacronias, polifonia, dialogia, etc.” Ao não instituir-se como principal componente de estruturação da obra, a metaficção, assim, tem sua

¹⁹⁷ Nossa tradução livre: [...] o tom ligeiro e humorístico, a circunscrição em um tempo e um espaço concretos, a estrutura formada por episódios amarrados, o personagem “fazendo-se”, o “serviço a um amo” [...] a ascensão social (aqui, militar) por meio da astúcia e do oportunismo, a apresentação realista da época... A picaresca espanhola é, ao cabo, a oposição irônica e desmitificadora do esquema dos livros de cavalaria, das gestas heróicas. Do mesmo modo, *Caballero* não é só a outra cara de *El Centauro de Ybycuí*: é uma reação “realista” à idealização revisionista.

importância compartilhada com outros recursos discursivos que, no conjunto, dão à obra seu teor altamente crítico.

No romance ora apresentado, podemos destacar, principalmente, a paródia ao livro de O'Leary; a carnavalização no movimento de expor um representante do alto comando militar e político do país mediante suas limitações humanas, nem sempre admiráveis; registros de linguagem informal, como no uso constante da expressão “*no más*”, revelando um narrador abaixo do pedestal imponente da correção militar; intertextualidade na relação com diferentes autores que se debruçaram sobre o tema da guerra; dialogismo ao lançar uma leitura alternativa às estabelecidas pelo conjunto revisionista expressivo na historiografia paraguaia. Como dificilmente um romance abarca todas as características possíveis em determinada modalidade, *Caballero* não incorre na explicitação de anacronias.

Versão combatente da tradição historiográfica revisionista paraguaia, a “palavra armada” constrói-se a partir de uma voz “de cima” apresentada no diapasão do romance picaresco. O próprio autor, em seu ensaio *Ideologia autoritária*, cuja primeira edição data do mesmo ano em que vem a público *Caballero*, ajuda-nos a compreender em que medida

[...] *ese juicio favorable – demasiado favorable – sobre el Paraguay y sus pretéritas glorias no resulta peligroso cuando se trata de un error de apreciación, pero sí cuando se trata de un elemento de manipulación política. Nos referimos al culto de Francia & López que forma parte de la ideología oficial del Paraguay de hoy. El mariscal López, de acuerdo con eso, es el jefe que debe ser ciego y voluntariamente obedecido (los libros de texto tratan de inculcar a los alumnos de primaria la idea de que deben sacrificarse gustosos por la patria, como los niños mártires de Acosta Ñu).*¹⁹⁸ (RODRÍGUEZ ALCALÁ, 2007, p. 131-132).

O autor denuncia, mais adiante, a manipulação da capacidade crítica dos indivíduos, estabelecida por meio de técnicas de doutrinação empregadas em seu país. Na atenção direcionada a um evento fundamental da história do Paraguai –

¹⁹⁸ Nossa tradução livre: [...] esse juízo favorável – demasiado favorável – sobre o Paraguai e suas pretéritas glórias não resulta perigoso quando se trata de um erro de apreciação, mas sim quando se trata de um elemento de manipulação política. Referimo-nos ao culto de Francia & López que forma parte da ideologia oficial do Paraguai de hoje. O marechal López, de acordo com isso, é o chefe que deve ser cego e voluntariamente obedecido (os livros didáticos tratam de inculcar nos alunos do ensino básico a ideia de que devem sacrificar-se prazerosos pela pátria, como os meninos mártires de *Acosta Ñu*).

posterior às primeiras décadas de independência nacional sob domínio do ditador José Gaspar Rodríguez de Francia, abordadas no clássico *Yo el Supremo*¹⁹⁹ (1974), de Augusto Roa Bastos –, Guido Rodríguez Alcalá lança-se, também, no âmbito da ficção como uma voz dissonante em relação à “palavra armada” pelas trincheiras interpretativas vigentes no revisionismo nacional.

Caballero, assim, insurge-se criticamente em uma espécie de “peleia discursiva” ainda longe de dar-se por encerrada em nosso país vizinho. Lança talvez os primeiros passos para que ficções futuras ultrapassem os limites das trincheiras, do “[...] *discurso absurdo y cómico, patético y trágico*”²⁰⁰ (VOIONMAA, 2016, p. 75) das ditaduras que, para além do governo Stroessner e da configuração elaborada na narrativa autodiegética de Bernardino Caballero, segue atuante no mundo contemporâneo e sem data estipulada para despedida.

Na sequência, passemos à leitura de *Los papeles de Burton* (2012), da romancista argentina Mercedes Rubio.

3.3 LOS PAPELES DE BURTON (2012) E A ESCRITA DA HISTÓRIA

A vertente revisionista de interpretação da Guerra Grande, que teve no argentino León Pomer e no brasileiro Julio J. Chiavenato dois de seus principais expoentes, atribui à influência externa, da Inglaterra, a principal motivação para o início e desdobramentos dos conflitos bélicos entre o Paraguai e a Tríplice Aliança. É exatamente o historiador León Pomer quem assina a contracapa do romance *Los papeles de Burton* (2012), de sua compatriota Mercedes Rubio, na qual comenta que, ao ler o texto ficcional, sentiu confirmada sua convicção “[...] *de lo que puede*

¹⁹⁹ Entre os clássicos da literatura latino-americana, *Yo el Supremo* – livro inclassificável segundo Ángel Rama (1976, p. 21) –, ultrapassa a subversão pura e direta à história oficial e laudatória do Paraguai sob a ditadura de José Gaspar Rodríguez de Francia, personagem histórica central do romance de Roa Bastos. Para a crítica argentina Hebe Campanella (2003, p. 149), a tensão poética que guia a escritura revela um discurso conceitualmente ambíguo a tal ponto que, por momentos, o signifiante envolve o leitor mais que o significado histórico. Esse romance de Roa Bastos é considerado por Menton (1993, p. 42) – seguindo os passos de *El reino de este mundo* (1949), do cubano Alejo Carpentier – como obra inaugural do novo romance histórico latino-americano, modalidade do gênero romance histórico que, segundo Fleck (2017, p. 36), instaura a segunda fase da trajetória do gênero: a crítica/desconstrucionista.

²⁰⁰ Nossa tradução livre: [...] discurso absurdo e cômico, patético e trágico.

significar la historia como fundamento de una muy buena novela. Hay lecturas que después de hechas dejan un sentimiento de confort psicológico e intelectual."²⁰¹

Essa confirmação de expectativas em um leitor especializado na historiografia da guerra remete-nos a um romance que, em alguma medida, busca alcançar e confirma uma “verdade” que pressupõe conforto psicológico e intelectual. É a partir dessa observação que passamos a analisar o romance cuja voz enunciativa autodigética é atribuída à personagem histórica Sir Richard Francis Burton (1821-1890), inglês que, entre 1865 e 1869, esteve no Brasil onde, em parte desse período, ocupou o cargo de cônsul e realizou expedições pelo interior em busca de conhecimento²⁰² e riquezas.

De suas duas viagens a lugares relacionados aos conflitos bélicos – somadas à leitura de documentos e conversas com diversas pessoas, ilustres desconhecidas ou ocupantes de cargos importantes na época – resultou a escrita de *Letters from the Battlefields of Paraguay*²⁰³, publicado em Londres no ano de 1870. A tradução brasileira das *Cartas dos campos de batalha do Paraguai* data de 1997.

Segundo Edward Rice, principal biógrafo dessa personagem histórica,

Burton foi um típico estudioso-aventureiro, um homem que se sobressaía física e intelectualmente, soldado, cientista, explorador, escritor que, durante boa parte de sua vida, também seguiu a mais romântica das carreiras, a de agente secreto. Burton nasceu em 1821 e morreu em 1890, período crucial da história de seu país. [...] Falava 29 línguas e vários dialetos e, quando necessário, podia passar por nativo de diversas terras do Oriente [...] Foi também o primeiro europeu a chefiar uma expedição na África Central em busca das nascentes do Nilo, aventura na época tão ousada e

²⁰¹ Nossa tradução livre: [...] do que pode significar a história como fundamento de um romance muito bom. Há leituras que depois de feitas deixam um sentimento de conforto psicológico e intelectual.

²⁰² “De tais expedições resultaram as obras de sua autoria – *Viagem do Rio de Janeiro à Morro Velho* e *Viagem de Canoa de Sabará ao Oceano Atlântico*. [...] foi colaborador da *Revista Comercial de Santos*, elaborou uma gramática tupi-guarani (jamais editada) e deixou inacabado o livro *The Lowlands of Brazil*.” (CARVALHO, 1997, p. 8).

²⁰³ “[...] apresenta prefácio assinado pelo autor, um longo ensaio introdutório e vinte e sete cartas-reportagens endereçadas a um destinatário anônimo ‘Z...’. Inclui, em cerca de 500 páginas, apenas três ilustrações e um mapa das terras guaranis de então. A última carta contém a transcrição da proclamação de Luque, feita pelo conde D’Eu, e alguma correspondência firmada, entre outros, por Resquin e Solano López. [...] O livro é dedicado a D. Domingo Sarmiento [...]. O intuito desta obra, segundo Burton, é contar ao grande público o desenrolar das hostilidades verificadas no palco daquela ‘China mediterrânea’. [...] Considera o autor a Campanha do Paraguai essencialmente uma guerra de trincheira que, após o *Waterloo* de Loma Valentina – terminou em luta de guerrilha.” (CARVALHO, 1997, p. 9).

romântica quanto, 150 anos depois, viajar pelo espaço sideral. (RICE, 2008, p. 11-12).

As características expostas acima, somadas aos documentos consultados – devidamente citados em nota de rodapé – e às estratégias escriturais empregadas, ajudam Mercedes Rubio a formar uma narrativa literária coerente que, em seu conjunto, consegue envolver o leitor, distanciando-o do estranhamento entre os elementos histórico e ficcional. A verossimilhança, ainda assim, é intensificada pela eleição de interlocutores desvinculados das molduras estabelecidas pela historiografia. Eles são, em sua maioria, designados por categorias generalizantes e aparecem como “*un señor*”²⁰⁴ (RUBIO, 2015, p. 125-132; 170); “*alguien*”²⁰⁵ (RUBIO, 2015, p. 180); “*el prisionero*”²⁰⁶ (RUBIO, 2015, p. 212; 241; 314); “*el viejo*”²⁰⁷ (RUBIO, 2015, p. 306).

Além disso, o narrador usa de recursos como “*me contaron*”²⁰⁸ (RUBIO, 2015, p. 60; 188) e, quando os interlocutores são nomeados – a exemplo de personagens históricas como o brasileiro José Maria da Silva Paranhos, ministro das relações exteriores – os diálogos diretos ou indiretos são curtos, objetivamente empregados para encadear o andamento da narrativa. Assim, o acesso do narrador a arquivos pontuais nos é revelado do seguinte modo: “*Sin que yo dijera nada, me dijo de improviso que me llevara lo que necesitara, y que se lo devolviera en Buenos Aires.*”²⁰⁹ (RUBIO, 2015, p. 266). Já o retorno a Assunção para acompanhar os detalhes que envolveram o estabelecimento do “governo provisório”, em meados de 1869, é antecedido de: “*‘Tengo que trasladarme a Asunción el mes que viene. Quiero que me acompañes’, dijo.*”²¹⁰ (RUBIO, 2015, p. 322). Os dois casos se dão a partir de rápidos encontros entre as personagens Burton e Paranhos.

A personagem ficcional Liduvina, entretanto, tem participação destacada tanto na ação investigativa que sustenta o objetivo do narrador de chegar à “verdade” dos fatos, sobre os doze fuzilados em *San Fernando*, quanto no

²⁰⁴ Nossa tradução livre: um senhor.

²⁰⁵ Nossa tradução livre: alguém.

²⁰⁶ Nossa tradução livre: o prisioneiro.

²⁰⁷ Nossa tradução livre: o velho.

²⁰⁸ Nossa tradução livre: contaram-me.

²⁰⁹ Nossa tradução livre: Sem que eu dissesse nada, me disse de improviso que eu levasse o que necessitasse, e que devolvesse em Buenos Aires.

²¹⁰ Nossa tradução livre: Tenho que ir a Assunção no mês que vem. Quero que me acompanhe’, disse.

protagonismo de uma relação amorosa: “*Los recuerdos venían y se iban como una música que solo yo podía escuchar en mi interior, tal como se escucha el sonido del mar en una caracola. Entonces me obligué a pensar en ella. Y a recordarla. Y a capturar cada instante.*”²¹¹ (RUBIO, 2015, p. 78). Nesta junção da complicada tarefa de investigação a uma história de amor, mais uma vez estão contemplados acertadamente os elementos selecionados para a trama do romance.

Será a personagem Liduvina quem levará Burton à casa do *señor*. Este lhe comentará sobre a personagem histórica Charles Ames Washburn, ministro norte-americano residente em Assunção e relacionado às buscas interessadas ao narrador. Além de não fugir das possibilidades históricas atribuídas às ideias e às atitudes de Richard Burton, ela proporcionará um olhar sobre a mulher paraguaia daquela época, em comparação à europeia, conforme veremos mais adiante.

A partir dos momentos iniciais de *Los papeles de Burton*, passemos, portanto, a considerar seus indícios ficcionais no intuito de demonstrar como se encaminha a postura de “palavra armada” na urdidura do romance.

*Él me miró en silencio, cuando le dije que las mentiras y los secretos, a veces, logran traspasar el hilo delgado de la memoria y del tiempo. “Por eso quiero levantar los velos con que se han ocultado para que los hechos no se pierdan en los laberintos del olvido”, le dije al pasajero que estaba a mi lado, cuando empecé a contarle esta historia. Él no dejaba de observar con curiosidad mi cuaderno [...]. Yo lo había dejado abierto sobre una pequeña mesa [...] de este barco que me llevará a Londres, antes de partir definitivamente hacia mi nuevo destino en Damasco.*²¹² (RUBIO, 2015, p. 9).

O tempo da escrita da narrativa se dá na viagem de volta à Europa, em meados de 1869. Segundo Rice (2008, p. 520), Burton havia sido “[...] nomeado cônsul em Damasco. A incansável Isabel [sua esposa], com seus pistolões, tinha conseguido o cargo para ele.” O romance, assim, resulta da organização das

²¹¹ Nossa tradução livre: As lembranças vinham e iam como uma música que só eu podia escutar em meu interior, tal como se escuta o som do mar em uma concha. Então me obriguei a pensar nela. E a recordá-la. E a capturar cada instante.

²¹² Nossa tradução livre: Ele me olhou em silêncio, quando lhe disse que as mentiras e os segredos, às vezes, conseguem transpassar o fio fino da memória e do tempo. “Por isso quero levantar os véus com que se ocultaram para que os fatos não se percam nos labirintos do esquecimento”, disse ao passageiro que estava ao meu lado, quando comecei a contar-lhe esta história. Ele não deixava de observar com curiosidade meu caderno [...]. Eu o havia deixado aberto sobre uma pequena mesa [...] deste barco que me levará a Londres, antes de partir definitivamente em direção ao meu novo destino em Damasco.

memórias, anotações e alusões ao momento presente no barco, em um processo de redação elaborada pelo narrador. O objetivo amplo da voz enunciativa é “[...] *acercarme a la verdad, porque odio las mentiras y a los mentirosos, y porque pienso que hablar fuerte es el deber de un escritor.*”²¹³ (RUBIO, 2015, p. 28). Estas considerações autorreferenciais estão acompanhadas de uma especificidade apontada como necessidade de “[...] *escribir las cosas como las creí al principio, o como me las habían contado, para poder contar después lo que fui descubriendo, y poder decir entonces cuáles fueron las causas del fusilamiento de aquellos doce.*”²¹⁴ (RUBIO, 2015, p. 36).

Dentro das várias interferências metanarrativas, somos levados, assim, a pensar sobre algumas questões relacionadas à história oficial e às “mentiras e segredos” de um evento que precisam ser desvelados para não se perpetuarem no fio da memória e do tempo. No romance, a mais importante delas volta-se aos doze fuzilados de *San Fernando*, acusados de traição. Conforme Doratioto (2002, p. 342), porém: “Da suposta conspiração, que envolveria os nomes mais importantes do governo paraguaio, só se soube por meio de Solano López. Ninguém conheceu, registrou ou comentou a conspiração antes.”

A questão de *San Fernando* constitui-se ponto de partida interessante para a escrita do romance, pois, de acordo com Whigham (2012, p. 205),

[...] *si las acusaciones contra Berges y los otros tenían algo de verdad, entonces la patria estaba inficionada de traidores, una realidad que contradecía la afirmación del apoyo unánime a la causa nacional. Por otro lado, si las acusaciones de traición eran falsas, entonces López se había comportado con la mayor injusticia concebible contra sus propios compatriotas en tiempos de crisis nacional: otra pésima señal. En cualquiera de los casos, la sociedad paraguaya se había vuelto contra sí misma en el preciso momento en que el ejército aliado estaba por realizar su movimiento decisivo.*²¹⁵

²¹³ Nossa tradução livre: [...] aproximar-me da verdade, porque odeio as mentiras e os mentirosos, e porque penso que falar forte é o dever de um escritor.

²¹⁴ Nossa tradução livre: [...] escrever as coisas como acreditei no princípio, ou como me contaram, para poder contar depois o que fui descobrindo, e poder dizer então quais foram as causas do fuzilamento daqueles doze.

²¹⁵ Nossa tradução livre: [...] se as acusações contra Berges e os outros tinham algo de verdade, então a pátria estava infestada de traidores, uma realidade que contradizia a afirmação de apoio unânime à causa nacional. Por outro lado, se as acusações de traição eram falsas, então López havia se comportado com a maior injustiça concebível contra seus próprios compatriotas em tempos de crise nacional: outro péssimo sinal. Em qualquer dos casos, a sociedade paraguaia havia voltado

A voz narrativa, assim, encontra-se diante de uma situação de fato ocorrida, mas envolta de mistérios causais, e não são poucos os empecilhos que permearão sua investigação na busca de esclarecimentos. Além das informações desencontradas, também aparecem problemas como o revelado no seguinte trecho:

*Una vez más había sentido la dificultad de deshacerme de las ideas típicamente europeas, volví a sentir que la vela, otra vez, vigilaba impientemente mi insomnio. Este insomnio que me dejaba mudo, porque cuando me ponía a pensar sobre como contar esta historia, sabía que eran demasiados los nombres de los protagonistas, demasiado lo que no sabía, y en particular, eran también demasiadas las máscaras y los disfraces con que se envolvían tantos hechos, y tantas situaciones desconocidas para mí. Y en estas horas [...] traté de recordar lo que había vivido durante los últimos tiempos.*²¹⁶ (RUBIO, 2015, p. 47).

Sabemos que a postura europeia diante da América Latina e de outras regiões colonizadas, desde o expansionismo das viagens oceânicas iniciadas por Cristóvão Colombo em 1492, traz consigo a construção de imaginários calcados em religiosidade, ideais políticos e econômicos, crenças e valores que se sobrepuseram, por meio da força física e ideológica, aos contextos originários de sociedades dizimadas ou alteradas conforme os processos irreversíveis de hibridização cultural. Essa postura ganhou novos matizes com o advento da Revolução Francesa, do imperialismo inglês e das conseqüentes interferências das diretrizes liberais, elementos que ajudaram a consolidar o domínio eurocêntrico mundialmente.

Herdeiro dessa tradição, apesar de apresentar-se como uma personagem extraordinária, o narrador vê-se em dificuldades para alcançar respostas que o encaminham para uma atitude de defesa em relação ao Paraguai e, em particular, às decisões tomadas por Solano López. Por isso, mais do que refletir sobre como

contra si mesma no preciso momento em que o exército aliado estava por realizar seu movimento decisivo.

²¹⁶ Nossa tradução livre: Uma vez mais havia sentido a dificuldade de desfazer-me das ideias tipicamente europeias, voltei a sentir que a vela, outra vez, vigiava impientemente minha insônia. Esta insônia que me deixava mudo, porque quando me punha a pensar sobre como contar esta história, sabia que eram demasiados os nomes dos protagonistas, demasiado o que não sabia, e em particular, eram também demasiadas as máscaras e os disfarces com que se envolviam tantos fatos, e tantas situações desconhecidas para mim. E nestas horas [...] tratei de recordar o que havia vivido durante os últimos tempos.

contar a história, entremeada de muitos nomes, informações desconhecidas e das recordações do que havia vivido nos últimos anos, há ainda o empenho de desvencilhar-se das características formadoras de um modo de pensar, pouco afeito às questões locais em detrimento da fonte impositiva de conceitos e condutas. A personagem histórica Richard Burton também carregava certos dilemas e contradições: “Condenava a escravidão e o esnobismo dos colonizadores britânicos. Guardava preconceitos em relação aos asiáticos, judeus e negros, ao mesmo tempo em que não escondia simpatia pelos árabes.” (CARVALHO, 1997, p. 6).

A autocrítica, compartilhada com o leitor, reaparece no momento em que desconfia das informações ocultas e importantes sobre a guerra:

*Yo sé que muchas veces los relatos de cómo ocurren los hechos encierran puntos ciegos y ciertos huecos, porque el que cuenta calla pequeños detalles que no se dicen y que, después, al saberlos, acaban iluminando los acontecimientos de un modo absolutamente diferente.*²¹⁷ (RUBIO, 2015, p. 135).

O vai-e-vem explicativo sobre o processo de aproximação à “verdade dos fatos”, como já advertimos, acompanha a urdidura do romance. No fragmento acima, o narrador indica como ocorreram as “iluminações” que o levaram a desconfiar da participação crucial da maçonaria, envolvida nos bastidores da guerra desde muito antes de seu início. Haveria representantes daquela Ordem Secreta de origem inglesa nos quatro países diretamente envolvidos na Guerra Grande. As pistas que nortearam as conclusões investigativas surgiram a partir da dica de uma das personagens sem nome que sugeriu ao narrador: “*Busque por el principio.*”²¹⁸ (RUBIO, 2015, p. 320). A partir dessa nova atenção dada ao caso, alguns dos pontos cegos começam a ganhar sentido e pequenos detalhes passam a revelar o que antes estava oculto nas entrelinhas das informações apreciadas até aquele momento.

Para Chiavenato (1984, p. 76-77),

²¹⁷ Nossa tradução livre: Eu sei que muitas vezes os relatos de como ocorrem os fatos encerram pontos cegos e certos buracos, porque o que conta cala pequenos detalhes que não se dizem e que, depois, ao sabê-los, acabam iluminando os acontecimentos de um modo absolutamente diferente.

²¹⁸ Nossa tradução livre: Procure pelo princípio.

[...] as razões econômicas que levam à destruição do Paraguai são revestidas de inúmeras causas. Papel preponderante para dar roupagem a esses princípios exerceu também a maçonaria, no Império do Brasil ou em Buenos Aires. Todos – e aqui não há exagero algum – *todos* os homens em posição decisiva no Plata e no Brasil eram maçons. [...] Era uma tradição a presença maçônica em todas as lutas de importância na América do Sul. O entendimento de “Loja a Loja” fazia-se internacionalmente: de Londres ao Rio, do Rio a Buenos Aires ou em outros centros, estabelecendo um entendimento mais fácil entre seus confrades. [...] os traidores de Buenos Aires eram quase todos maçons.

Essa leitura da história coaduna com a “busca pelo princípio”, indicada ao narrador, e o coloca no meio de uma relação de confraria internacional que seria diretamente responsável pelas relações de poder inerentes à Guerra Grande. Diante da proximidade da elucidação completa dos problemas complexos anunciados desde o princípio do romance, a voz enunciativa autodiegética resolve, assim, anunciar uma mudança no modo de agir em relação à atividade de escrita:

*Aunque las fui mencionando veladamente, quiero empezar a dejar caer, por fin, los últimos velos. Y sin preocupar de suavizar mi pronunciamiento. Como tantas veces hube de hacerlo, en mis informes y en mis escritos personales, cuando me veía obligado a refrenar mi pluma y a caminar por la cuerda floja, a fin de evitar toda opinión cáustica sobre la política o la sociedad de mi tiempo.*²¹⁹ (RUBIO, 2015, p. 288).

Aqui temos outra demonstração de coerência entre o assunto tratado no romance e a apropriação do arcabouço biográfico da personagem histórica. Richard Burton era “[...] um homem de complexidade, sensibilidade e inteligência extraordinárias. [...] Suas posições em relação a diversos assuntos [...] não contribuíram para torná-lo popular em seu país.” (RICE, 2008, p. 12). Ele criticava, por exemplo, a monotonia e a baixa qualidade do ensino universitário, defendia a necessidade de emancipação sexual da mulher inglesa e chamava a atenção para a incapacidade do Império vitoriano governar os povos conquistados. A personagem ficcional, na presença de um tema igualmente espinhoso, decide abandonar a

²¹⁹ Nossa tradução livre: Ainda que as fui mencionando veladamente, quero começar a deixar cair, por fim, os últimos véus. E sem a preocupação de suavizar meu pronunciamiento. Como tantas vezes tive que fazer, em meus informes e em meus escritos pessoais, quando me via obrigado a refrear minha pena e a caminhar pela corda bamba, a fim de evitar toda opinião cáustica sobre a *política* ou a sociedade de meu tempo.

suavização crítica para pronunciar abertamente as conclusões, desagradáveis para as mentes contrárias aos seus argumentos. Se agisse de modo diferente, não teriam razão justificada às promessas recorrentes durante a narrativa, desde o seu início.

Além da busca pela verdade sobre a Guerra Grande e as traições que levaram aos fuzilamentos, as duas atribuídas posteriormente aos interesses ingleses mediados pela maçonaria, “[...] *el instrumento para alcanzar los fines de esta guerra.*”²²⁰ (RUBIO, 2015, p. 343), o romance também nos leva a outros temas sobre os quais passamos a considerar alguns em especial, inicialmente a partir de uma passagem relacionada à fortaleza de Humaitá:

[...] *me había puesto a considerar en aquellos días que un ataque simultáneo sobre tres o cuatro puntos habría ciertamente servido para tomar Humaitá, con la pérdida quizá de unos 500 hombres. Sin embargo, habían permitido que la retirada se llevara a cabo. Empecé definitivamente a hacerme preguntas.*²²¹ (RUBIO, 2015, p. 233-234).

A fortaleza de Humaitá – como adiantamos na leitura anterior de *Caballero* – consta na maior parte da historiografia relacionada à Guerra Grande como a principal responsável pelo impedimento do avanço aliado pelo rio Paraguai, em direção à Assunção. Nesse trecho do romance, o narrador personagem – afeito a uma interpretação da historiografia argentina direcionada a pouca coragem do exército imperial – questiona a legitimidade dessa “verdade” histórica, aceita oficialmente pelos dois lados envolvidos na guerra. Para a Tríplice Aliança, especialmente para os brasileiros, admitir a eficiência estratégica daquela fortificação serviu para justificar o grande atraso da expedição rumo à capital e potencializar a passagem como feito heroico. Para os paraguaios, Humaitá representa um dos maiores símbolos de resistência e poder, motivo de enaltecimento pátrio e bravura aos soldados para seguirem firmes na defesa nacional.

²²⁰ Nossa tradução livre: [...] o instrumento para alcançar os fins desta guerra.

²²¹ Nossa tradução livre: [...] me havia posto a considerar naqueles dias que um ataque simultâneo sobre três ou quatro pontos teria certamente servido para tomar Humaitá, com a perda quiçá de uns 500 homens. Entretanto, haviam permitido que a retirada fosse levada a cabo. Comecei definitivamente a me fazer perguntas.

Elementos históricos como o Tratado da Tríplice Aliança, a batalha de Lomas Valentinas, o comportamento estrategicamente vacilante do Marquês de Caxias, a conduta do conde d'Eu são retomados criticamente no romance. O narrador, por exemplo, apresenta uma versão dos *Apuntes y documentos históricos 1840-1870*, de Falcón, para quem, após as batalhas decisivas de dezembro de 1868, não se entende por que deixaram López “[...] escapar, porque si el objeto de la guerra era López, como ellos decían, queda finalmente al descubierto que lo único que quería la Alianza era la conquista y la destrucción del Paraguay.”²²² (RUBIO, 2015, p. 253).

Haveria um projeto de levar a civilização aos bárbaros paraguaios e a leitura de documentos como esse direciona o narrador investigador a pensar que “[...] los planes y los fines, aquellos que estaban ocultos en la letra del Tratado desde el principio, o en realidad desde antes de la guerra, poco a poco iban saliendo de la superficie y quedaban en evidencia.”²²³ (RUBIO, 2015, p. 258). O Paraguai, assim, aparece como alvo de uma grande conspiração externa bem encadeada e Solano López, diante de seus desdobramentos na conspiração interna, agiu segundo suas possibilidades em defesa do país ameaçado.

Essa conclusão ressurgiu no final do romance quando, em citação direta das *Cartas desde los Campos de Batalla del Paraguay*, o narrador reafirma que, em relação “[...] a las ‘atrocidades de López’, [...] ‘sus crueldades demoníacas y sin precedentes’, [...] se hará bien en suspender el juicio, tal como hago yo; porque de algunas aseveraciones se probará que todo fue una absoluta mentira.”²²⁴ (RUBIO, 2015, p. 348). Esse trecho em especial tem muita semelhança com as teses largamente defendidas tanto no revisionismo paraguaio como naquele que lança as bases para o romance de Mercedes Rubio diante da historiografia da Guerra Grande.

²²² Nossa tradução livre: [...] escapar, porque se o objeto da guerra era López, como eles diziam, fica finalmente evidente que a única coisa que queria a Aliança era a conquista e a destruição do Paraguai.

²²³ Nossa tradução livre: [...] os planos e os fins, aqueles que estavam ocultos na letra do Tratado desde o princípio, ou na realidade desde antes da guerra, pouco a pouco iam saindo da superfície e ficavam em evidência.

²²⁴ Nossa tradução livre: [...] às ‘atrocidades de López’, [...] ‘suas crueldades demoníacas e sem precedentes’, [...] será bem feito se suspenderem tal juízo, tal como eu o faço; porque de algumas asseverações se provará que tudo foi uma absoluta mentira.

Mais que o uso de referências explícitas às cartas de Richard Burton, o mais completo relato de viajantes sobre a Guerra Grande, mas que não pode “[...] *considerarse hoy una Historia completa* [...]”²²⁵ (BREZZO, 2003, p. 163), apresentam-se no romance outras fontes como dois dos mapas e uma citação literal presentes em *Caballero* (1987), de Guido Rodríguez Alcalá – nominalmente lembrado nos agradecimentos –, referências a Camões, Borges, Roa Bastos²²⁶ e a historiadores como George Thompson, Francisco Doratioto, Liliane Brezzo – também referida nos agradecimentos – e, obviamente, León Pomer.

As notas de rodapé indicam a decisão autoral de revelar seu trabalho de pesquisa e orientam o leitor à quantidade expressiva de escritos sobre o tema. Se, por um lado, a autora não desconhece posicionamentos historiográficos e literários opostos à defesa do “revisionismo imperialista”, a construção narrativa do romance aponta, como viemos demonstrando, para uma leitura determinada no sentido das conveniências conspiratórias externas e internas em relação ao Paraguai.

Dessas composições intertextuais, contudo, chama-nos a atenção as referências ao escritor argentino Jorge Luis Borges. Ao comentar o processo de escrita de *Os Lusíadas* e sua relação com a *Eneida*, de Virgílio, o narrador lembra-se de um tal Borges que colaborou de alguma maneira com a escrita do clássico de Camões ao forçá-lo ao exílio. Considera, assim, a possibilidade de que o mesmo destino decida que “[...] *otro Borges, talvez un poeta, comente o hable o escriba sobre Camoens en un futuro que aún no conocemos, pero que tal vez exista.*” (RUBIO, 2015, p. 272).²²⁷ Esta quase premonição do narrador se concretizaria no “*Destino y obra de Camoens*” (1973), assinado pelo escritor argentino.

Um trecho dessa apreciação teórica, com as devidas aspas, é adicionado à voz enunciativa do romance quando esta se volta à inspiração do poeta português sobre a passagem referente à Ilha de Vênus e expõe o seguinte: “[...] *creo ‘que*

²²⁵ Nossa tradução livre: [...] considerar-se hoje uma História completa [...].

²²⁶ A personagem Richard Burton menciona um diálogo entre Mitre e o pintor Cândido López, sobre a arte como forma de correção da realidade (RUBIO, 2015, p. 95), presente em *Los conjurados del Gran Chaco* (2001), “romance a oito mãos” (MACIEL, 2002, p. 10), conforme apontado em nossa tabela na segunda seção. Assim como o romance de Rubio, as ficções de *Los conjurados...* também têm inspiração nas cartas de Burton, especialmente na de número XXIII em que há referência à possível existência de um quilombo no Chaco paraguaio, formado por desertores das nações em conflito.

²²⁷ Nossa tradução livre: [...] outro Borges, talvez um poeta, comente ou fale ou escreva sobre Camões em um futuro que ainda não conhecemos, mas que talvez exista.

*entendía que el poema tenía que abundar también en episodios de índole erótica y mitológica’ y ‘porque sabe con certeza que después de tantas escenas de aspereza [...] él necesitaba una escena de felicidad [...]’*²²⁸ (RUBIO, 2015, p. 175). O relato oferecido em *Los papeles de Burton*, portanto, também não se limita somente aos conflitos bélicos da Guerra Grande e essa “cena de felicidade” dá-se na relação amorosa entre as personagens Burton e a paraguaia Liduvina a partir da qual, conforme as palavras do narrador,

*[...] recordé todo lo que me habían dicho de las mujeres de esta tierra. En ninguna parte son tan felices como aquí y libres como los pájaros. Me contaron que las paraguayas poseen una visión muy práctica de un tema al que la mayoría de las personas intenta infundir un poco de poesía y romanticismo. El amor es para ellas como comer y dormir: una necesidad puramente corporal. Son fieles a los hombres, mientras estos las amen pero, cuando finaliza esta etapa, ellas buscan otro.*²²⁹ (RUBIO, 2015, p. 60).

O interesse da personagem ficcional nesse tema não parece redundar somente em uma possível metaficção discursiva de um romance de autoria feminina. A personagem histórica, segundo Rice (2008, p. 15), “[...] abriu campos sexuais que a Inglaterra vitoriana não se atreveu a entrar. Declarou [...] que as mulheres gozam como os homens [...] numa época em que, ao se casar, as noivas vitorianas ouviam o conselho: ‘Fique imóvel e pense no Império’.”

Na descrição sobre a mulher paraguaia realizada com palavras semelhantes às empregadas nas cartas (BURTON, 1997, p. 36), há, contudo, certa dose de idealização, pois, segundo Alberto Moby R. da Silva, em seu amplo estudo sobre o papel da mulher na reconstituição do Paraguai no pós-guerra, “[...] distinguir a mulher ideal da mulher real não é uma tarefa das mais fáceis, principalmente porque a real mulher paraguaia praticamente não deixou registros de sua existência.” (SILVA, 1998, p. 129).

²²⁸ Nossa tradução livre: [...] creio ‘que entendia que no poema tinha que abundar também episódios de índole erótica e mitológica’ e ‘porque sabe com certeza que depois de tantas cenas de aspereza [...] ele necessitava de uma cena de felicidade [...].’

²²⁹ Nossa tradução livre: [...] recordei tudo o que me haviam dito das mulheres desta terra. Em nenhuma parte são tão felizes como aqui e livres como os pássaros. Contaram-me que as paraguaias possuem uma visão muito prática de um tema que a maioria das pessoas tenta infundir um pouco de poesia e romantismo. O amor é para elas como comer e dormir: uma necessidade puramente corporal. São fiéis aos homens, enquanto estes as amem mas, quando finaliza esta etapa, elas buscam outro.

Apesar da importância fundamental da mulher, especialmente das classes populares, no processo de “[...] reconstituição da cultura consuetudinária, através da educação informal dos filhos, do ordenamento da vida privada e do comércio de pequena monta” (SILVA, 1998, p. 37), podemos basear-nos hoje em dia, conforme Milda Rivarola, “[...] em uma madame Lynch, em uma sacrificada residente, em mulheres luxuosas [...], em fiéis exponentes disso que chamam o ‘repouso do guerreiro’ ou em uma bela cortesã de começos do século. Mas temos outros lugares [...]” (apud SILVA, 1998, p. 38).

Visitar esses outros lugares sugeridos por Rivarola revela-se como um processo em construção diante de um país que nos últimos 150 anos segue reeditando sua problemática nacionalista após o desmantelamento provocado pela Guerra Grande. Exaltar, portanto, em termos ficcionais, o amor livre e a felicidade da mulher paraguaia, resulta coerente com a visão da personagem histórica Richard Burton e das versões de viajantes sobre várias comunidades autóctones durante o processo de colonização da América Latina. Nosso olhar, contudo, para questões de gênero em um continente já marcado por um longo período de hibridização mediante encontros de culturas, não admite mais generalizações como a manifestada pelo narrador autodiegético. Não temos alternativas para esse tema nem é nosso objetivo apresentá-las. Recordamos, assim mesmo, sua complexidade e a carga mitológica ainda presente em grande medida no imaginário que conservamos em relação ao Paraguai.

Diante do exposto até aqui, observamos que *Los papeles de Burton* leva-nos necessariamente ao contato com uma estratégia narrativa cara ao novo romance histórico latino-americano e também presente no romance histórico contemporâneo de mediação: a metaficção. A voz enunciativa insiste em lembrar ao leitor de que está produzindo um relato cuja complexidade depende da reunião de informações recolhidas em arquivos, conversas e na comparação crítica das relações diplomáticas estabelecidas, durante muitos anos, entre os países envolvidos na guerra. A constante reconsideração sobre as variáveis e o andamento compositivo do texto, no interior da obra, indicam, assim, o uso premeditado da metaficção narrativa. (FLECK, 2017, p. 90-92).

Apesar da constância metaficcional no romance e de ela servir como guia para a constituição narrativa em busca das causas da Guerra Grande e

especialmente das traições no contexto paraguaio, essa estratégia escritural não está a serviço de apresentar vários fios narrativos como igualmente válidos. Pelo contrário, a quantidade e complexidade das informações elencadas pelo narrador surgem como elementos norteadores para uma “verdade” que será revelada na medida em que o romance avança.

Por essa razão, somada à releitura crítica e verossímil do passado, com manipulações do tempo da narrativa – entre o momento da escrita e o momento da história narrada – sem cair em anacronismos; e à utilização de uma linguagem fluida com passagens marcadas pela intertextualidade, *Los papeles de Burton* converge para o grupo de romances históricos contemporâneos de mediação. Oferece-nos uma interpretação do evento histórico, não de maneira desconstrucionista, mas em consonância evidente com o revisionismo voltado à influência crucial do imperialismo inglês nos conflitos bélicos de 1864-1870.

Vale ainda voltarmos a um trecho do romance que reforça o que afirmamos acima:

*Yo sé que todos los informes que hasta ahora han aparecido han sido ferozmente unilaterales: los aliados – brasileños, argentinos y orientales – han contado y vuelto a contar su propia historia, mientras que los paraguayos han permanecido casi mudos. Por esta razón, que es la que digo – y por otras, que me callo, pues siempre tengo presente aquel proverbio árabe que dice: “esconde tus pertenencias, tu tesoro, tu viaje” y porque bien sé las consecuencias que a veces me ha traído lo que he escrito o he dicho – es por la que quise llegar a los escenarios de la guerra y tomar contacto con todos los que pudieran decirme otra cosa diferente.*²³⁰ (RUBIO, 2015, p. 63-64).

O objetivo de se chegar a algo diferente do que havia sido divulgado pelos países da Tríplice Aliança até então – informes unilaterais – será alcançado por meio do contado direto com informações que ajudariam ao narrador a contribuir para que o Paraguai saísse da “quase mudez” interpretativa em que permanecia em relação à Guerra Grande. A trajetória e as escolhas dos fatos a serem apresentados são

²³⁰ Nossa tradução livre: Eu sei que todos os informes que até agora apareceram tem sido ferozmente unilaterais: os aliados – brasileiros, argentinos e orientais – contaram e voltaram a contar sua própria história, enquanto que os paraguaios permaneceram quase mudos. Por esta razão, que é a que digo – e por outras, que me calo, pois sempre tenho presente aquele provérbio árabe que diz: “esconde teus pertences, teu tesouro, tua viagem” e porque bem sei as consequências que às vezes me trouxe o que escrevi ou disse – é pela que quis chegar aos cenários da guerra e ter contato com todos os que pudessem dizer-me outra coisa diferente.

assim externadas como algo seletivo que, obviamente, poderia ter levado a voz enunciativa do romance a conclusões distintas. Sua “missão”, entretanto, revelará um país vitimado pelas forças externas e internas que levaram o presidente López a decisões drásticas diante das situações que se apresentavam.

Este notório e bem articulado romance de Mercedes Rubio sustenta-se, portanto, como uma obra que elege uma das trincheiras historiográficas, a revisionista à maneira de Pomer, para compor-se como “palavra armada” ficcional, na relação com a historiografia contrária à defesa do Paraguai como inimigo de um grande complô regional e internacional.

Para fechar nossa leitura das ficcionalizações da Guerra Grande, passemos, a seguir, às considerações referentes ao romance *Menina* (2012), do brasileiro Paulo Stucchi.

3.4 *MENINA* (2012) E O SILÊNCIO DOS MARGINALIZADOS

Todo escritor, especialmente brasileiro, que tenha decidido produzir e publicar um romance histórico sobre a Guerra Grande a partir das duas últimas décadas, não poderá se queixar da falta de estudos historiográficos que, empenhados em apresentar documentos e analisar os fatos, não estejam comprometidos abertamente com a defesa de uma leitura ideológica específica.

Como afirmou María Victória Baratta (2014, p. 105), provêm do Brasil as principais contribuições coerentes com esse caminho que, de acordo com as nomenclaturas apresentadas por Chiaradía (2016, p. 13), representa uma terceira corrente de interpretação. Se expandirmos, contudo, o olhar para o âmbito hispano-americano (CAPDEVILA, 2010; BREZZO, 2003) ou norte-americano (WHIGHAM, 2011; 2012), vemos que já não são raras as publicações atentas a esses princípios profissionais ou científicos no trabalho de escrita a partir de eventos passados. A própria historiadora argentina assina talvez a mais recente e um dos importantes livros acadêmicos sobre o tema (BARRATA, 2019).

O romancista, se for do seu interesse, poderá consultar farta e variada bibliografia para não cometer o deslize de ser facilmente identificado como imperialista, lopista, mitrista, etc. Assim, se ficarmos somente com os eventos de

Acosta Ñu e Piribebuy, basilares para o romance *Menina* (2012), do brasileiro Paulo Stucchi, teremos leituras que vão desde as realizadas por investigadores como os supracitados até ecos recentes do revisionismo nacionalista paraguaio, a exemplo do que escreve León Núñez (2011, p. 155), a partir da batalha de 16 de agosto de 1869:

[...] o conde D'Eu, príncipe de Orleans e genro do imperador Pedro II, ordenou incendiar o campo de batalha com todos os feridos e mães que iam recolher os corpos de seus filhos. Tais eram os crimes de guerra cometidos pelos "civilizados". A defesa da praça de Piribebuy também pode nos dar uma base da entrega e do sacrifício, muito dificilmente igualado, daquele povo que com os dentes defendia a soberania. Relatemos este episódio da epopéia guarani.

As notícias da guerra, aquelas amplamente reféns do ponto de vista do autor, aparecem, desse modo, repletas de adjetivos que, como trincheiras, desqualificam o lado inimigo e protegem uma posição da qual quem escreve considera-se uma espécie de partícipe. Como contraponto a esse caso paraguaio, não é incomum na historiografia dos países aliados, especialmente anterior à representativa da fase atual, a utilização de recursos semelhantes ao comparar, por exemplo, Francisco Solano López a um bárbaro vaidoso e megalomaniaco.

A pertinência de iniciar esta subseção com a retomada do contexto da produção historiográfica sobre a Guerra Grande, por conseguinte, deve-se à postura do autor de *Menina* que, não obstante as poucas críticas²³¹ que temos sobre o romance até o momento, enfatiza alguns procedimentos e intenções de resultados os quais nortearão nossa leitura.

Conforme destaca o site "Mais Expressão"²³² (2013, s. n.), as pesquisas sobre a guerra foram iniciadas por Stucchi em 2001 com o intuito de um futuro mestrado na área de história da América Latina. O projeto não se concretizou, pois o escritor enveredou para a pós-graduação em Comunicação Empresarial. O material ficaria guardado e a soma de três anos de investigações a uma pesquisa de campo

²³¹ O que conseguimos levantar sobre o romance *Menina* são, geralmente, breves comentários de divulgação em sites da internet. O primeiro artigo acadêmico sobre a obra talvez seja o nosso, intitulado "A palavra armada em *Menina*, de Paulo Stucchi: a Guerra do Paraguai como pretexto". In: Anais do V CONALI, 2017, Maringá, 2017, p. 1469-1478.

²³² Disponível em <http://www.maisexpressao.com.br/noticia/ambientado-na-guerra-do-paraguai-romance-tera-noite-de-autografos-8601.html> Acesso em: 02 set. de 2019.

de dez dias no Paraguai resulta na posterior publicação do seu quarto livro, em 2012.

No ano seguinte, durante uma visita ao Paraguai realizada por Stucchi e seu editor – visando à divulgação da tradução de *Menina* para o espanhol²³³ –, o escritor afirma ao jornal *ABC Color*: “*Para mi fue difícil crear la ambientación de la novela en Paraguay, necesitaba saber guaraní, pero la idea de este soldado y su relación con la niña me ayudó.*” (2013, s.n.)²³⁴. Um dia depois, essas mesmas palavras citadas no país vizinho são repercutidas na coluna “Itu Cultura” (2013, s. n.), acrescidas de um parêntese o qual reproduzimos em nota de rodapé²³⁵. O desconhecimento sobre o idioma guarani²³⁶, evidenciado no órgão de imprensa brasileiro, comprova ironicamente a afirmação de Stucchi publicada no mesmo veículo: “O tema ‘Grande Guerra’ (como é conhecida a Guerra do Paraguai por lá) é muito sensível aos paraguaios, ao contrário do que é para nós, brasileiros, que pouco ou nada sabemos sobre o episódio.”

A correta avaliação do autor pode ser expandida para além do tema da guerra. Ao relacionar uma das duas línguas oficiais do Paraguai a um dialeto, o *site* brasileiro apresenta-se como sintoma de nosso pouco acesso e interesse não só em relação a um país com o qual temos relações estratégicas e econômicas próximas – pensemos na hidrelétrica de Itaipu, no comércio na região de fronteira e na produção agrícola dos brasiguaios, por exemplo –, mas também no que se refere à América Latina como um todo.

Diante deste contexto, dividido entre o manuseio das possíveis fontes historiográficas sobre a Guerra Grande, pesquisadas pelo autor, e as estratégias escriturais da ficção, analisemos o romance *Menina*. Apesar da preferência por uma visão ideológica explicitamente marcada, como veremos a seguir, a voz enunciativa

²³³ STUCCHI, Paulo. *Niña*: Mitacuña. Trad. Ricardo Gonzága Rodríguez. Salto, SP: Schoba, 2013.

²³⁴ Disponível em <https://www.abc.com.py/edicion-impresas/artes-espectaculos/escritor-brasilenopresenta-una-novela-sobre-la-guerra-grande-633294.html> Acesso em: 02 set. de 2019.

²³⁵ Tradução do trecho publicada no site de notícias “Itu.com.br”, em 29 de outubro de 2013 “Para mim, foi difícil criar o ambiente da novela no Paraguai, precisava saber guarani (dialeto local), mas a idéia deste soldado e seu relacionamento com a moça me ajudou”. Disponível em <http://www.itu.com.br/cultura/noticia/novo-livro-de-paulo-stucchi-comeca-a-ser-vendido-no-paraguai-20131029> Acesso em: 02 set. de 2019.

²³⁶ De acordo com o Inventário da Língua Guarani Mbya, organizado por Rosângela Morello e Ana Paula Seiffert. Florianópolis: IPOL: Editora Garapuvu, 2011, p. 33, “[...] a Língua Guarani é falada amplamente em quatro países – Paraguai, Argentina, Bolívia, Brasil –, sendo designada língua oficial do Estado Paraguaio, língua oficial para o trabalho no Mercado Comum do Sul (MERCOSUL) ao lado do Português e do Espanhol [...]”.

da narrativa lança mão tanto de uma denúncia presente em uma série de estudos históricos sobre o Brasil colonial, quanto de imagens romantizadas, especialmente na relação escravo/dono de escravo, recorrentes em não poucos momentos da literatura do século XIX.

No que tange à composição estrutural, *Menina* divide-se em 28 capítulos encabeçados em sua maioria por uma data seguida da indicação de uma localidade: “Capítulo 2, 22 de agosto de 1869. Acampamento brasileiro nas imediações de San Bernardino.” (STUCCHI, 2012, p.19). As exceções são o primeiro, sétimo e décimo quinto capítulos em que aparece somente a data; o terceiro, com a repetição do local presente no capítulo anterior; e, especialmente, o décimo primeiro cujo título é “Delírios”. A diegese do romance não obedece a uma progressão linear, havendo avanços e recuos tanto na história principal, relacionada à aventura trágica das personagens Negro João e María, entre 15 de agosto de 1869 e primeiro de setembro de 1869, quanto nas referências temporalmente mais afastadas, em direção ao passado – fevereiro e julho de 1862, respectivamente capítulos 6 e 7; maio de 1866, capítulo 14 – ou ao futuro – 25 de março de 1933, capítulo 28.

A síntese do romance *Menina* se voltamos, inicialmente, à precisão do que consta no *site* “Mais Expressão”, pode ser anunciada nos seguintes termos:

Apesar de usar fatos e alguns personagens históricos, o romance tece a história fictícia de um soldado negro brasileiro que deserta do exército imperial após salvar uma menina paraguaia. Ele, ex-escravo incapaz de falar após um acidente trágico do passado, e ela, que fala unicamente o idioma guarani, cruzam o interior devastado de um país mutilado pela guerra rumo a Assunção, cultivando uma amizade muda que se expressa unicamente através do olhar e da esperança. (2013, s.n.).

As personagens centrais convivem durante duas semanas após a batalha de *Acosta Ñu*, onde se conheceram. Notemos, contudo, as palavras finais do resumo em que a amizade entre as personagens – Negro João e María – é definida como “muda”. Essa expressão talvez seja mais certa do que a presente na contracapa do romance, elaborada nos seguintes termos: “Ainda que em silêncio, cultivam uma amizade calcada naquilo que não pode (e não precisa) ser dito”. Ainda nesta seção, retornamos a essa discussão no contraponto entre as vozes do romance.

Ainda sobre localidades, personagens e eventos, se os encaramos de modo linear, temos a presença da Fazenda Alta Serra, região de Teresópolis, no Rio de Janeiro, onde cresce a personagem Negro João na condição de escravo:

O fato de sua mãe Cidinha ser querida da família Albuquerque, dava *status* a Negro João. Ainda que tenha realizado trabalhos pesados na fazenda, logo se tornou capataz. Aprendeu as técnicas da cavalgada com o barão Manuel Calisto, com quem também aprendeu a atirar com o revólver. O barão era um exímio atirador e ensinara o que sabia a Negro João. Confiava naquele negro grandalhão de olhos pequenos e narinas largas. (STUCCHI, 2012, p. 55).

As referências a este período anterior à guerra remontam aos anos de 1852 e 1866. No primeiro momento, são apresentados os desejos amorosos da personagem Conceição quem reprovava os sentimentos de afeição que Negro João destinava ao barão e sua jovem filha, Isabel; e o assalto à carruagem em que estavam Isabel e seu irmão mais velho, Benjamin, após o qual, sem perceber, Negro João sofre um golpe na cabeça desferido pelo próprio Benjamin que não suportava a ideia de ter sido salvo por um escravo. Desde então, Negro João perdera a capacidade de falar.

No segundo momento, com o barão já falecido, Benjamim recebe na fazenda a visita do português Tobias Araújo Furtado e do bispo Álvaro Amado que, em nome do Império, estavam angariando “voluntários da pátria” para lutarem na Guerra Grande. Benjamin, apesar de ter razões econômicas para mostrar-se contrário ao modo como os conflitos se desenrolavam no Sul, cede 43 escravos, sabendo “[...] que a maioria dos fazendeiros tem usado esse procedimento, no qual comungo e acho extremamente prático.” (STUCCHI, 2012, p. 125).

Se, por um lado, vêm à baila os alistamentos de escravos como o da personagem Negro João, o romance menciona ainda a presença de voluntários como a personagem Doutor Fontes, “[...] jovem médico pernambucano, filho de família abastada de Olinda, que se voluntariara para prestar serviços médicos no Paraguai.” (STUCCHI, 2012, p. 20). Sua ligeira participação no contexto da obra soma-se às estratégias dispostas a convidar o leitor a aproximar-se de situações morais, próximas à heroicização de representantes da elite social brasileira.

A reação da personagem Benjamin frente à campanha de alistamento para a guerra coaduna com essa postura, pois a personagem Negro João encaixa-se na

categoria dos “Gratuitos” que, segundo Ricardo Salles (1990, p. 67), “[...] eram os escravos cedidos espontaneamente por seus donos como ato patriótico ao esforço de guerra [...]”. Havia ainda os que custavam alguma quantia ao governo, na categoria “Conta do Governo”, e os “Substitutos” que eram alistados no lugar de seus donos ou parentes destes. Salles, contudo, adverte em outro lugar que a apresentação de escravos para o serviço militar, sem exigência de indenização, “[...] era mais uma demonstração de patriotismo e lealdade ao governo imperial, que uma contribuição compulsória. Não deve, entretanto, ter-se expandido de forma completa no seio da classe dominante.” (SALLES, 1990, p. 70).

Os estereótipos empregados nas alusões à personagem Negro João, por vezes na busca de uma verossimilhança forçada, são constantes e extrapolam indicações como as de “grandalhão de narinas largas” citadas acima. Por um lado, as poucas vozes simpáticas à personagem identificam-na como “bom guerreiro” (p. 37), “melhor do que muitos brancos” (p. 44), “forte, impõe medo e atira muito bem” (p. 60), “tu és um anjo” (p. 82). Por outro lado, avultam referências como “preto fugitivo” (p. 44), “não passas de um chipanzé” (p. 63), “*negro de mierda*” (p. 71), “negro inútil que só tem força e boa mira” (p. 99), “negro maldito” (p. 105), “macaco” (p. 202), “escravos como tu, negros indolentes, não mais do que jumentos ou burros de carga” (p. 213).

Notemos que, mesmo na comparação “positiva” da personagem, a relação com “muitos brancos” reforça o padrão civilizatório de um modelo de homem e cidadão a ser alcançado. Conforme nos ensina o estudo de Assunção (2012, 28), a personagem Negro João poderia ser inserida, no contexto da guerra, ao grupo dos

[...] curepas, caboclos, cambás e macaquitos [...] exatamente aqueles homens que se mataram nos pântanos paraguaios à base de lanças, precários revólveres, carabinas, espadas e fuzis, odiando-se mutuamente, embora não soubessem muito bem por quê. [...] São homens que, diante de um grande perigo, despem a farda, baixam as barretinas e os quepes, as espadas e as lanças, e lembram-se, enfim, de sua condição humana, portanto falha. Nada a ver com os poderosos chefes militares, com ares de Napoleão, infalíveis e certos.

A personagem Negro João, ou a sua condição humana no romance, não toma para si a voz enunciativa do discurso. Sua postura pessoal diante do mundo

depende da intermediação da voz extradiegética do narrador. Em um momento da fuga, enquanto se dirigia à Assunção, aparece decidido e saudosos:

Fez um muxoxo amaldiçoando a sua sorte. A lembrança nítida da voz do garoto mortalmente ferido, do sangue que jorrava de sua barriga, pedindo que cuidasse de sua irmã e a levasse a Assunção. Ele nada respondera porque não podia falar. Mas seus olhos confirmaram, com toda a sinceridade possível, que realizaria tal pedido, nem que fosse a última coisa que fizesse. Afinal, para ele, um escravo da propriedade dos Albuquerque, nada mais restava além da morte no campo de batalha. Não havia mais motivos para que voltasse ao Brasil, à escravidão. Isabel não estava mais lá. Nem sua mãe, nem Conceição. (STUCCHI, 2012, p. 88-89).

A condescendência sobre sua situação na guerra, a falta de perspectivas para o futuro e os motivos já inalcançáveis que teria para voltar ao Brasil dão lugar unicamente ao cumprimento da promessa feita. A personagem Negro João não questiona, não chora como na tarde em que “[...] chorou pela segunda e última vez. A primeira foi quando Isabel se foi. Agora, chorava pelo barão, um homem bom, e pelo seu destino e de seu povo que teriam que suportar a tirania de Benjamin [...]” (STUCCHI, 2012, p. 100). O mundo real e ideal dessa personagem era o da fazenda, onde podia viver com respeito e admiração pelo barão e subserviência amorosa por sua filha. Estas razões guiavam sua vida de modo a superar, inclusive, a preocupação com seu povo que, como podemos inferir, não seria mais significativamente suficiente para que voltasse a chorar.

Em rara passagem em que é atribuída certa criticidade à personagem Negro João, é apresentada a dúvida sobre a compatibilidade do deus do branco com o de seu povo. Após matar um jovem do exército paraguaio, retira do corpo imóvel um crucifixo de madeira preso a um cordão e pondera – não esqueçamos, a partir da voz do narrador extradiegético – sobre o deus de que tanto sua mãe falava: “O mesmo Deus do dono das terras em que nasceu e viveu, assim como sua mãe. O mesmo Deus que parecia ser mais gentil com os brancos do que com as pessoas como ele, mas que, ainda assim, era venerado pelo seu povo.” (STUCCHI, 2012, p. 13). No decorrer do romance, outras rápidas especulações reflexivas são adicionadas, especialmente na esteira das personagens Giacomino e María. Ora refém dos pressupostos canônicos inerentes à emotividade idealizada, ora

descompassado desse viés no intuito de pincelar problematizações sobre a formação histórica e cultural latino-americana.

Nas alusões ao penúltimo ano da guerra, somos informados sobre a presença e o comportamento, em diferentes momentos, tanto do exército paraguaio quanto do exército aliado nas imediações e no povoado de Piribebuy. Enquanto um recrutou e agiu para que o inimigo não encontrasse condições de abrigo e alimentação quando chegasse, o outro, já no domínio pleno da região, mobiliza um destacamento para dirigir-se ao encalço de Solano López. “Após dois dias de festas, bebedeira e arruaças com mulheres e prisioneiras [...] os soldados pareciam estar novos em folha. [...] Entre aqueles que deixavam Piribebuy rumo ao interior, estava Negro João.” (STUCCHI, 2012, p. 158-159). Nesse intuito de perseguição, é travada a batalha de *Acosta Ñu*, no dia 16 de agosto de 1868, em que cerca de vinte mil homens enfrentam um “[...] exército paraguaio já fantasmagórico” (MAESTRI, 2017, p. 309) composto por cerca de seis mil combatentes, boa parte velhos e crianças disfarçadas para parecerem adultos. No romance, o evento apresenta-se da seguinte forma:

Facilmente, a primeira legião de soldados guaranis foi derrotada. Então, seguiu-se a segunda fileira de combatentes. Entre patas de cavalos e lâminas de lanças, começaram a pulular rostos infantis. Tratava-se de um exército composto por crianças. Alguns pediam por suas vidas, outros investiam com fúria contra os brasileiros, e caíam como moscas. Crianças. Eram todos crianças. (STUCCHI, 2012, p. 102).

Em várias passagens do romance esta batalha é retomada. A personagem María a presenciou de longe. Nela, seu irmão Pedrito, antes de morrer, fez Negro João entender que sua irmã deveria ser levada até Assunção, onde estaria o padre Flores (STUCCHI, 2012, p. 205) que, contrário às severidades lopistas, estivera anos antes na região de Peribebuy e era bem quisto pelos moradores. Negro João, apesar de ter matado crianças em autodefesa, incomoda-se com a situação extrema da guerra e resolve atender ao pedido do menino. Decepa a orelha e dois dedos da personagem cabo Reis (STUCCHI, 2012, p. 214) que, a mando da personagem conde D’Eu, empreenderá perseguição, junto a quatro homens, ao desertor. É com base neste eixo temático da batalha de *Acosta Ñu*, portanto, que parte da

historiografia relacionada à Guerra Grande vem à tona como pano de fundo e *leitmotiv* para a aventura ficcional desenvolvida no romance.

Entre os perigos do caminho à Assunção, Negro João e María recebem a ajuda do comerciante italiano Giácomo que os acompanhará com sua carroça. Em um momento em que Negro João buscava por María, é a personagem Giácomo que lhe oferece uma arma, dizendo que vendera “[...] muitos desses *minés* para teu exército a um preço excelente.” (STUCCHI, 2012, p. 77). Já na companhia da menina, apresenta-se em espanhol: “¿Soy italiano, entiendes? Pero vivo acá, en Paraguay, hace mucho tiempo. Soy comerciante. Yo vendo de todo, ropas, comida. Un poquito de munición y armas también, de cierto. Pero no me gusta violencia.” (STUCCHI, 2012, p. 93). O ponto de interrogação fora de lugar e a expressão “*de cierto*” estão corrigidas na tradução de 2013 (p. 81). Mais do que à linguagem, interessa-nos ressaltar nesses trechos a presença de comerciantes durante a guerra, respeitados de modo geral e entre os paraguaios, especialmente quando estrangeiros. (MAESTRI, 2017, p. 411).

O narrador extradiegético divide com a voz dessa personagem italiana as alusões ao contexto da região e da guerra. Na tentativa de diálogo com os novos amigos, Giácomo revela:

Sabes, nestes anos todos de Paraguai aprendi um *poquito* de guarani. É o idioma nativo daqui, e acredite ou não, a maioria dos moradores do interior *de ese país* fala ese idioma. Deus do céu, é muito difícil! Mas aprendi um *poquito*, como te disse. *Dio santo*, eu falo um *poquito* de tudo, italiano, espanhol, português e guarani, mas não falo nada direito. (STUCCHI, 2012, p. 115-116).

Nas falas da personagem Giácomo é comum a presença de palavras em espanhol e especialmente italiano, traduzidas em notas de rodapé, amplamente usadas no romance também na tradução das intervenções em guarani e nas explicações de alguns eventos históricos. A ressalva da personagem sobre não falar nada direito não exime o romance, contudo, de descuidos na redação textual, o que nos leva a acreditar na falta de revisão editorial anterior à publicação. Falhas como “destezas” (p. 20), “assumundo” (p. 45), etc., “*certamente*” (p. 74), “*num*” (p. 74), etc., não se repetem, por exemplo, na tradução do livro para o espanhol (STUCCHI, 2013) que, talvez por ter sido editada e catalogada no Brasil, ou por novo descuido,

traz na capa a palavra “romance”, podendo assim confundir o leitor hispano-falante que, imediatamente, não teria diante de si uma *novela* como é de se esperar.

A partir da personagem Giácomo, deparamo-nos com uma avaliação generalizada sobre os países no “Novo Mundo”: “Na *verdad*, *ustedes son* países bem atípicos, *si puedo llamar así*. *Son* diferentes, mas querem ser iguais a nós na Europa. Não *és posible* ser um gato em pelo de um *perro*, entendes? Gato é gato, perro é perro.” (STUCCHI, 2012, p. 114). Aqui, mais uma vez, a redação aparece com traços de descuido na acentuação de “és” e na falta de itálico em “perro é perro”. A reflexão exposta pela personagem, contudo, importa pela demonstração da dicotomia centro/periferia, ainda latente entre os latino-americanos presos às interpretações forâneas sobre sua condição e lugar no mundo.

Ainda conforme o italiano, a situação particular de Assunção no período final da guerra nos é apresentada, acompanhada de um presságio sobre o futuro do Paraguai e, particularmente, uma observação em relação à personagem histórica Francisco Solano López:

— Sabes, *amico* – prosseguiu. – Temo pelo futuro deste país. Era um belo país. Mas olhe para isto. *Asunción* hoje é uma cidade que não pertence a lugar algum. É triste ver a bandeira e [sic] *su* império tremulando no palácio do governo de Solano López. Ainda que uma *nación* seja governada por um louco, seu *pueblo* tem direito a ser livre em seu próprio país. É o que penso. (STUCCHI, 2012, p. 208-209).

Diferentemente da reafirmação patriótica de nomes enaltecidos na história nacionalista do Brasil como Pedro II e Caxias em “Pela honra do Império e do Imperador” (STUCCHI, 2012, p. 176) e “[...] havia caído sob as patas do cavalo de Caxias, então chefe das tropas aliadas [...]” (STUCCHI, 2012, p. 184), deparamo-nos no romance com a figura do líder paraguaio, depreciada pela sua caracterização de louco, logo, responsável inconsequente pela destruição do seu país e de seu povo.

Por outro lado, a voz enunciadora do romance informa que, para as personagens Pedrito e María, os discursos de Solano López, quando este ia a Piribebuy, “[...] eram tão verdadeiros, tão cheios de vida. Sem dúvida, após ouvi-lo, qualquer paraguaio daria a vida para ver a bandeira de seu país tremular novamente no palácio de Assunção.” (STUCCHI, 2012, p. 154). Esta valentia ecoa nas palavras da personagem Bernardino Caballero, ao dirigir-se aos seus comandados em Acosta

Ñu: “[...] es desnecesario recordar la valentía del soldado Paraguayo. La valentía de todos los hombres de esta tierra que están dispuestos a morir antes de entregar nuestro país a los vecinos gigantes que se ven a nosotros como buitres.”²³⁷ (STUCCHI, 2012, p. 174).

Essas escolhas narrativas contribuem para o fortalecimento das vertentes historiográficas comprometidas com a justificativa de que o avanço da Tríplice Aliança era necessário para libertar o Paraguai de um líder supremo prejudicial ao país. Sua loucura e sede de poder, somadas à capacidade retórica, incitavam os soldados e a população em geral a agirem com valentia e entregarem suas forças, até a morte se necessário, na proteção de uma causa coletiva. A bravura dos paraguaios é, assim, valorizada inclusive pela historiografia “inimiga” que a subordina, tragicamente, aos abusos de um presidente temerário não só para o seu povo como para a região do Prata.

Já no último capítulo da obra, cujo tempo e espaço são 25 de março de 1933, em Assunção, podemos depreender, a partir da voz enunciativa do narrador, o que seria a convicção da personagem María em relação ao passado e à história ensinada no presente de seu país. Na escola, seus filhos aprendiam nos livros odes e louvores ao ditador Francia e aos López. Ao contrário do que diziam as professoras, para María “[...] a verdadeira história estava gravada com sangue em cada milímetro de sua pele e de sua alma.” (STUCCHI, 2012, p. 233). Este sentimento pessoal aparece como ressonância do que coube às mulheres daquele país: “[...] obrigadas a sustentar sozinhas as famílias, cuidar das crianças e dos doentes, passavam dias percorrendo as precárias estradas de terra do interior, vendendo o que podiam – muitas vezes a si próprias –, deixando para trás, assim, suas casas e seu orgulho.” (STUCCHI, 2012, p. 148).

Desde antes da fuga em meio à guerra, a personagem María aparece como alguém que “[...] aprendera a levar [a vida] em silêncio. Talvez por isso, agora, a amizade muda entre ela e Negro João era tão reconfortante. Ela compreendia a linguagem do silêncio e do olhar. Nada precisava ser dito.” (STUCCHI, 2012, p. 134). O silêncio parece acompanhar toda a sua trajetória, em um processo de

²³⁷ Tradução presente no romance em nota de rodapé: [...] é desnecessário lembrar a bravura do soldado paraguaio. A bravura de todos os homens desta terra, que estão dispostos a morrer antes de entregar nosso país aos gigantes vizinhos que olham para nós como abutres.

aprendizado que a levou a compreender o tempo e os fatos a partir de sua passagem “[...] pela vida das pessoas sem o menor pudor ou escrúpulo, sem piedade alguma. Passam deixando apenas seu rastro. E é sobre esse rastro que os sobreviventes devem construir sua vida.” (STUCCHI, 2012, p. 234).

Assim, já idosa, após o enterro de um de seus filhos, morto na Guerra do Chaco, algumas reflexões sobre seu passado, seus casamentos e atitudes na busca de ajudar a construir um Paraguai melhor, a personagem María – à luz do narrador, não esqueçamos – convida suas netas para sentarem por perto e, neste instante,

[...] ela finalmente falou. Falou por horas a fio sobre uma história que nunca, afirmou, contara a ninguém. Uma história sobre um homem forte e corajoso, que usava um uniforme azul e dera a vida para salvá-la. Um homem que viera de longe. Um guerreiro. Uma aventura que cruzou o interior do país, dos campos de Piribebuy e San Bernardino até Assunção. (STUCCHI, 2012, p. 241).

O romance encerra com expectativa de que caberia às netas “[...] não deixar que essa história morresse. Acreditasse nela ou não.” (STUCCHI, 2012, p. 241). É impossível, portanto, imaginar qual e como seria a fala exposta pela personagem María já que tudo o que sabemos sobre ela foi traçado segundo a voz enunciativa de um narrador e sua perspectiva sobre a história apresentada. Tanto o passado relacionado à menina paraguaia e ao desertor brasileiro quanto o presente da idosa que viveu por mais de seis décadas após o término da guerra estão fechados e amarrados, pela unicidade do discurso extradiegético que toma para si a responsabilidade narrativa. E essa responsabilidade está amplamente comprometida com uma postura de “palavra armada”.

Um derradeiro elemento que merece destaque é a participação da personagem histórica conde d’Eu cujas ações, no romance, são justificáveis pela conjuntura bélica da guerra. As atrocidades ordenadas por ele em *Acosta Ñu*, por exemplo, não têm outro culpado senão o comandante supremo paraguaio: “[...] ele lançou o povo dele no inferno, e agora condenou a juventude de seu país a morrer pela lança – gritava ferozmente o conde d’Eu enquanto passava com seu cavalo por entre os cadáveres que coalhavam no campo.” (STUCCHI, 2012, p. 201). Já no momento em que autoriza a perseguição à personagem Negro João, sua avaliação

sobre o fugitivo é a de que se trata de um “[...] negro, que, pelo que me consta, é um bom guerreiro.” (STUCCHI, 37).

Esse modo de se referir ao protagonista do romance ajusta-se ao que representou a inclusão de libertos – essa passaria a ser a condição dos escravos alistados – durante a guerra. Por um lado, segundo Salles (1990, p. 63-77) o total efetivo de soldados da Tríplice Aliança esteve em torno de 100 mil, sendo não mais que 10% por cento os escravos combatentes no conjunto das tropas. Proibido o tráfico desde 1850, o cativo estava mais valorizado no período da guerra, especialmente devido ao desenvolvimento agrícola no vale do Paraíba e da produção de charque no Rio Grande do Sul. Por outro lado, “[...] a presença do escravo como Voluntário da Pátria e Herói Nacional [...] contribui para minar a estrutura social escravista, ao ser uma manifestação da contradição entre a estrutura jurídico-política liberal do Império e sua base escravocrata.” (SALLES, 1990, p. 74).

Esse sentimento se avolumaria nos anos seguintes à guerra e estaria vigente tanto no impulso de consolidação do exército nacional quando nas vindouras abolição da escravatura e queda do Império. A personagem Negro João, contudo, não participa nem tem noção das transformações que se davam no seu país, apesar do resultado carente de vantagens, até hoje, para os que viveram cativos durante três séculos e os seus descendentes, parte majoritária da população brasileira.

Em *Menina*, confrontamo-nos com uma configuração narrativa propensa à historiografia tradicional brasileira que constrói e enaltece seus heróis pátrios em detrimento do adversário estrangeiro, principal, senão único, responsável pelas causas, desenvolvimento e consequências da guerra. O apelo ficcional do romance, livre em suas escolhas como acontece com toda obra literária, não deixa de reforçar uma visão dos fatos, em detrimento de perspectivas plurais que fogem à unilateralidade histórica, reduzida em seu viés militar-nacionalista.

Para além da aventura indelével das personagens María e Negro João, e das revelações sobre a vida posterior da primeira, apresentadas nas últimas páginas do livro, o leitor não é “convencido” sobre a personalidade e as vivências da protagonista. Sua voz depende do narrador que toma a iniciativa de construir uma memória ideal. A inconformidade sugerida por ela em relação à historiografia oficial

parece forçada, para revelar uma dissonância forjada pela sua lucidez perante os eventos passados e as manipulações histórico/ideológicas impostas no seu país.

Menina também se constitui no marco do romance histórico contemporâneo de mediação, pois busca na história um estopim para a criação literária sem alterar exageradamente pressupostos historiográficos; apresenta linguagem acessível aos leitores menos experimentados; não se arrisca em experimentalismos linguísticos e formais; traz para o primeiro plano narrativo personagens representativas daquelas pouco lembradas nos anais da cultura oficial nacionalista; sugere momentos de criticidade, sem distanciar-se da trincheira armada por sua base histórica, ao que foi e representa a Guerra Grande para a sociedade latino-americana.

Em entrevista concedida ao programa *iAmigos*²³⁸ e publicada em 27 de março de 2013, Stucchi afirma novamente que, na escrita de *Menina*, buscou destacar a metáfora do índio paraguaio e do negro brasileiro. O autor reconhece que a história é contada sempre por quem ganha. No romance, entretanto, não reconhecemos a história vista de baixo (SAHRPE, 1992, p. 39-62). O que se tem é a presença de personagens excluídos da historiografia tradicional, cujas vidas são criadas sob o controle de uma voz narrativa dependente das mesmas versões oficiais nacionalistas. Em alguns momentos, como pudemos verificar, tenta-se questionar tais pressupostos, mas sem construir indícios de pluriperspectivismos, para além da univocidade do narrador que defende e justifica as ações da Tríplice Aliança como consequente reação frente às loucuras lideradas por Francisco Solano López.

Com o objetivo declarado de explorar o que o autor considera ser o “alto potencial dramático”, a incursão exploratória da obra alcança prender a atenção do leitor, devido ao apelo emotivo e de aventura da narrativa. Sua contribuição ficcional para o conhecimento da representatividade da Guerra Grande no contexto latino-americano, entretanto, está presa às superficialidades históricas, as quais armam a palavra ficcional muitas vezes como pretexto para a exposição de uma história comercializável que prenda a atenção do leitor.

Na sequência, uma vez expostos nesta seção e nas anteriores elementos referentes à historiografia da Guerra Grande, ao romance histórico enquanto gênero

²³⁸ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Z6nKFCUZN5Y> Acesso em: 19 ago. de 2018.

híbrido e às ficcionalizações em algumas obras irmanadas pelo mesmo tema, passemos a considerar o conjunto da produção literária abordada a partir de uma perspectiva de América Latina.

4 AMÉRICA LATINA E OS ROMANCES HISTÓRICOS DA GUERRA GRANDE

Diante da historiografia e da ficcionalização da Guerra Grande que apresentamos até o momento, iniciemos esta seção final de nosso estudo relembando-as a partir das considerações de Luc Capdevila (2010, p. 531), para quem o evento aqui em apreço foi

*[...] una de las primeras guerras totales de la era industrial, donde, siguiendo la definición moderna de Ludendorff, la política desapareció en servicio de la guerra, mientras que el campo de batalla se extendió a todo el espacio social. Desplegada en el espacio americano, puso sobre la palestra las fuerzas heterogéneas movilizadas por la personalidad carismática del caudillo de Asunción contra la alianza de las élites liberales de los grandes puertos del Atlántico sudamericano. En esta tierra de los confines, las poblaciones mestizas con sus identidades fluidas pudieron circular de un campo al otro exacerbando las violencias en el campo de batalla.*²³⁹

Estendemos as últimas palavras do trecho citado também àqueles que compuseram as forças armadas da tríplice aliança, suas famílias e comunidades de onde saíram para participarem dos conflitos cujo resultado, ao menos para o Paraguai, foi o de uma guerra total. Estas personagens e sua representatividade no contexto latino-americano ainda não compõem parte substancial na historiografia da guerra que, como vimos, está em grande medida preocupada em sugerir causas, culpados e heróis, seja mediante o viés oficial/nacionalista, revisionista ou a tendência dos últimos anos em que a guerra está apresentada especialmente como decorrência das complexidades regionais entre os países envolvidos.

A historiografia da Guerra Grande, assim, apesar das diferenças interpretativas, forma um todo estabilizado de onde os romancistas elegem os eventos, as personagens e a postura em que encaminharão a urdidura de suas obras. Este todo parece funcionar como seguimentos de uma história oficial com a

²³⁹ Nossa tradução livre: [...] uma das primeiras guerras totais da era industrial, onde, seguindo a definição moderna de Ludendorff, a política desapareceu à serviço da guerra, enquanto o campo de batalha se estendeu para todo o espaço social. Desdobrada no espaço americano, pôs sobre o palco as forças heterogêneas mobilizadas pela personalidade carismática do caudilho de Assunção contra a aliança das elites liberais dos grandes portos do Atlântico sul-americano. Nesta terra dos confins, as populações mestiças com suas identidades fluidas puderam circular de um campo ao outro exacerbando as violências no campo de batalha.

qual, para Morales Jasso e Bañuelos Aquino (2017, p. 288), os romancistas manifestam certa predisposição para debaterem, pois ela “[...] es en gran parte una ficción, de allí que los literatos se sientan tan cómodos dialogando con ésta.”²⁴⁰ Sabemos, contudo, que o caráter ficcional também não deixa de comparecer nas histórias alternativas às consideradas oficiais. Mas os romances da Guerra Grande publicados até o presente, mesmo voltando-se aqui e ali para uma perspectiva “vista de baixo”, mostram-se, no geral, devedores das trincheiras historiográficas consolidadas.

As representações da Guerra Grande projetadas pela história bem como pela ficção, independentes de nossas discordâncias ou concordâncias sobre elas, participam do que chamamos América Latina e nos ajudam a formular a ideia que temos sobre ela, sobre nossa latino-americanidade enquanto conceito complexo que envolve, segundo Fleck (2009, p. 37), aspectos principalmente “[...] culturais, que diferenciam nosso modo de existência e concepção de mundo dos demais territórios nos quais os ancestrais costumes, hábitos, crenças, valores e tantos outros elementos [...] ainda são cultivados.” Intrínseca ao elemento cultural, a língua é outro componente fundamental, conforme Arturo Ardao (*apud* FLECK, 2009, p. 40).

Vale a pena pensarmos, nessa direção, no que apresenta Ana Pizarro (1990, p. 11) sobre o que nos diferencia e nos articula diante da noção de América Latina:

*Nos diferencian ámbitos culturales ligados unos a la tradición, otros a la modernidad situados muchas veces en el mismo espacio [...]. Nos diferencian una pluralidad de lenguas, hegemonizadas por las dos lenguas mayores, el portugués y el español [...]. Pero al mismo tiempo esta diversidad tiene formas de articulación común: formas de biculturalidad y transculturalidad, oralidad y escritura simultáneamente [...]. Elementos todos que, entre otros, ponen en evidencia la existencia de una comunidad cultural latinoamericana con relaciones que estructuran comunes percepciones de un patrimonio continental más allá de las diferencias. Es por esto que la creación estética, la plástica, la música, y en especial, la literatura llevan la vanguardia en los procesos de integración.*²⁴¹

²⁴⁰ Nossa tradução livre: [...] é em grande parte uma ficção, daí que os literatos se sentem tão cómodos dialogando com ela.

²⁴¹ Nossa tradução livre: Diferenciam-nos âmbitos culturais ligados uns à tradição, outros à modernidade situados muitas vezes no mesmo espaço [...]. Diferenciam-nos uma pluralidade de línguas, hegemonizadas pelas duas línguas maiores, o português e o espanhol [...]. Mas ao mesmo tempo esta diversidade tem formas de articulação comum: formas de biculturalidade e

As diferenças entre os que participaram ou foram afetados pela Guerra Grande e nós, seus descendentes indiretos, encontram-se de certo modo na historiografia e na literatura – em português e em espanhol – e sua circulação contribui para a solidificação desse patrimônio continental articulado em forma de comunidade cultural latino-americana. Apontamos, entretanto, para a postura de “palavra armada” em que esses textos são elaborados e, muitas vezes, perdem a chance de extrapolar as barreiras ditadas pela acusação ou defesa dos poderes políticos e militares protagonistas da guerra. Deixam, assim, de desvelar uma América Latina que, na esteira do que ensina Vargas Llosa (2006, p. 9) é “[...] um continente que carece de identidade porque tem todas elas.”

Pensar essas identidades, passa pela relativização crítica das ideias de centro e periferia e, mais do que rechaçar uma no empenho de enaltecimento da outra, é estar atento ao fato de que o “[...] *que realmente existe es la enunciación de agentes que afirman o niegan esas premisas [...]*”²⁴² (MIGNOLO, 2003, p. 418). Os romances da Guerra Grande convergem não para um centro europeu ou norte-americano que dita os caminhos a serem percorridos pela escrita literária latino-americana, como foi tendência obrigatória especialmente nos processos de nacionalização do século XIX. O eixo norteador – o centro – da ficção estudada na presente pesquisa surge como forma de trincheiras historiográficas as quais orientam uma extensa e diversificada quantidade de romances.

A pluralidade de obras da Guerra Grande não deixa de ser parte dessa América Latina que, segundo Rosalba Campra (2014, p. 18),

[...] no ha abandonado la elaboración de su relato: sigue en busca. Porque los relatos son inevitables. Tal vez porque son necesarios, así como es necesaria su reordenación. No como construcción del pasado, es decir sosteniendo una idea arqueológica de la identidad, sino como proyecto: una construcción provisoria, que pasa por desconstrucciones sucesivas, pero solo para ir más allá. [...] Se trata

transculturalidade, oralidade e escritura simultaneamente [...]. Elementos todos que, entre outros, põem em evidência a existência de uma comunidade cultural latino-americana com relações que estruturam percepções comuns de um patrimônio continental para além das diferenças. É por isso que a criação estética, a plástica, a música, e em especial, a literatura ganham a vanguarda nos processos de integração.

²⁴² Nossa tradução livre: [...] que realmente existe é a enunciação de agentes que afirmam ou negam essas premissas [...].

*de una búsqueda compleja, en la que a la reflexión especulativa, racional, se suma esa proyección mítica – pero no mistificadora – que es o puede ser, entre otras formas expresivas, la de la literatura. América se funda también en una novela [...] en todos los libros que proponen espejos donde buscarnos.*²⁴³

Para uma projeção da literatura sobre a guerra, em forma de espelho que retorne ao nosso olhar imagens não limitadas a batalhas entre soldados e a estratégias políticas de poder, essa elaboração provisória de um relato sugerida por Campra passará, como vimos, também pela reflexão especulativa racional. Esta atividade será mais rica e plural quando o romancista não se deter somente à leitura de uma historiografia preocupada em estabelecer horizontes referentes aos interesses políticos e econômicos da época, focada em um contexto que considera, quando muito, marginalmente o que seria aquela sustentação arqueológica de nossa identidade.

Ultrapassar, assim, o enquadramento promovido pela “palavra armada” das histórias já cristalizadas sobre a Guerra Grande exigirá que o romancista permita, de acordo com Zilá Bernd (1998, p. 27), a “[...] intrusão, no âmbito do discurso do autor, de elementos expressivos do discurso do outro. Logo, para remeter à interseção de discursos, à confusão de prosódias, ao apagamento de fronteiras [...]”. O jogo entre essas duas instâncias, do autor e do outro, dará vasão a parte da literatura latino-americana que, em sua condição híbrida, associa-se “[...] à plurivocacidade, ao plurilingüismo, enfim ao dialogismo, enquanto possibilidades da prosa romanesca.” (BERND, 1998, p. 27). O caráter monológico em grande medida característico dos romances que apresentamos nas seções anteriores dificulta uma aproximação não forçada das ficcionalizações da Guerra Grande a um modo de fazer literário dialógico como o exposto acima. A pluralidade das vozes, quando ocorre, geralmente é para reafirmar ou contradizer as visões de uma ou mais das historiografias basilares.

²⁴³ Nossa tradução livre: [...] não abandonou a elaboração de seu relato: segue em busca. Porque os relatos são inevitáveis. Talvez porque são necessários, assim como é necessária sua reordenação. Não como construção do passado, isto é, sustentando uma ideia arqueológica da identidade, senão como projeto: uma construção provisória, que passa por desconstruções sucessivas, mas só para ir mais além. [...] Trata-se de uma busca complexa, em que à reflexão especulativa, racional, soma-se essa projeção mítica – mas não mistificadora – que é ou pode ser, entre outras formas expressivas, a da literatura. América funda-se também em um romance [...] em todos os livros que propõem espelhos onde buscarmos-nos.

Quando endossamos a ideia de que “[...] *la experiencia estética no conoce fronteras, pero las obras surgen de una determinada cultura y se insertan en el tejido de la sociedad que las ve emerger*” (PIZARRO, 1985, p. 16-18), podemos lembrarmo-nos de, pelo menos, dois escritores que nos ajudaram a melhor compreender elementos basicamente desconhecidos no contexto amplo da América Latina antes da publicação de suas obras mestras. Referimo-nos a *Os sertões* (1902), de Euclides da Cunha, e *Una excursión a los indios ranqueles* (1870), de Lucio Mansilla.

O livro de Euclides da Cunha marca a surpresa do achado de uma cultura diferenciada se comparada a um país cuja intelectualidade estava voltada primordialmente para uma “civilização do litoral”. Por meio de avaliações consideradas cientificistas, apresenta o contraste entre dois “Brasis” de certo modo incomunicáveis até o momento da explosão da Guerra de Canudos (1896-1897). A singularidade e abrangência dessa obra influenciaria uma quantidade expressiva de romances históricos (ALBUQUERQUE; FLECK, 2015) dentre os quais *La guerra del fin del mundo* (1981), de Mario Vargas Llosa, e *O pêndulo de Euclides* (2009), de Aleilton Fonseca destacam-se em suas representatividades ficcionais.

O primeiro busca incluir todas as partes possíveis envolvidas no conflito e estende-se em direção a personagens e situações inerentes ao continente, a partir de um multiperspectivismo poucas vezes alcançado entre os nossos escritores. Constrói uma espécie de leitura “totalizante” das condições inexoráveis dos seres humanos, sobretudo, das relações e das características que eles protagonizam no contexto latino-americano.

O segundo demonstra aspectos da Guerra de Canudos numa avaliação lúcida, permitida pelo distanciamento histórico. Em diálogo com o passado e sob o pretexto de encontrar explicações até então desconhecidas para mudanças importantes no posicionamento crítico de Euclides da Cunha quando se compara seus artigos como correspondente de guerra com sua obra fundamental *Os sertões*, o romance de Fonseca propõe um retrato da realidade atual da região e das personagens de Canudos, em um encontro – ainda pouco produtor na América Latina profunda – entre o mundo letrado da academia e o sertão.

O livro de Lucio Mansilla apresenta, de acordo com Hebe Clementi (2006, p. 8), “[...] *el valor primerísimo de su relato, que no es el único de nuestro repertorio*

cultural, pero que seguramente sí el primero en ver el aborígen como persona, como 'el otro' con sus razones, sus apetencias, y sus desdichas."²⁴⁴ Ao constar como o primeiro relato de um argentino "civilizado" que decide percorrer os confins do país em uma excursão de reconhecimento, Mansilla aprecia, ainda segundo a autora (2006, p. 9), "[...] *los resguardos que esa gente acosada necesita para su existir, que es inherente a nuestra americanidad.*"²⁴⁵

Em diálogo com a obra de Mansilla, encontra-se o romance histórico *La pasión de los nómades* (1994), de María Rosa Lojo. Segundo Marcela Crespo Buiturón (2008, p. 126) "[...] *es una suerte de galería de exiliados [...] Cada uno con sus propias características y razones, pero, en definitiva, compartiendo destinos.*" Nesse romance, elementos fantásticos aproximam um passado mais recente àquele do tempo em que os índios *ranqueles* viviam e dominavam parte significativa do território argentino. Situações das personagens e destinos históricos se encontram na abordagem de questões relativas ao que éramos e somos em uma região formatada a partir de conflitos sustentados em nome do "progresso civilizatório".

Euclides da Cunha e Lucio Mansilla são, portanto, exemplos de autores cujas obras contribuíram como porta de entrada para conhecermos e discutirmos uma América Latina distinta daquela que vinha sendo emoldurada de acordo com imagens e premissas especialmente europeias. Romances como os de Vargas Llosa (1981), Fonseca (2009) e Lojo (1994) surgem como leituras ressignificantes na reapresentação de mundos aparentemente díspares que passam a se conhecer e podem se transformar por meio da universalidade de suas particularidades.

A Guerra Grande conheceu autores como o Visconde de Taunay e Richard Burton que elaboraram suas narrativas sobre partes daquele evento histórico. Enquanto um participa pessoalmente e apresenta em livro a "heroica" expedição dos brasileiros que cruzaram o território nacional em direção ao Paraguai, o outro que não participa diretamente dos conflitos bélicos procura construir um panorama da guerra por intermédio de suas cartas. Assim como vários intérpretes, eles não são decisivos para que venham à baila contextos e personagens extraordinários dessa

²⁴⁴ Nossa tradução livre: [...] o valor primeiríssimo de seu relato, que não é o único de nosso repertório cultural, mas que seguramente sim o primeiro em ver o aborígene como pessoa, como 'o *outro*' com suas razões, suas apetências, e seus infortúnios.

²⁴⁵ Nossa tradução livre: [...] os resguardos que essa gente acossada necessita para seu existir, que é inerente à nossa americanidade.

região formada por Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai. Sob a ótica desses autores, a guerra revela-se em suas peripécias na maioria das vezes como confronto político e econômico, dirigida por governantes, diplomatas e oficiais militares.

Desvinculada desses interrogantes que dão suporte às trincheiras historiográficas, não tivemos conhecimento sobre uma obra abrangente que partisse do contexto da guerra e nos levasse, por exemplo, às comunidades e às constituições culturais de onde partiram os soldados, às regiões que passaram a ocupar durante a guerra, às relações de amizade e de trocas de experiências que possivelmente aconteceram naqueles anos de grandes e pequenas batalhas, espaçadas por longos e curtos intervalos temporais. Isso talvez tenha contribuído para certa dificuldade posterior no trabalho de memória, de recuperação “[...] dos vestígios, isto é, dos materiais que foram minorizados no interior do sistema literário, como fragmentos mitológicos, lendas, narrativas orais e documentos históricos relegados ao esquecimento [...]” (BERND, 1998, p. 261-262).

Os romances da Guerra Grande, quando investem na direção de vestígios, materiais e documentos dessa natureza, o fazem de maneira negociada com partes representativas de componentes apartados em relação à multiplicidade de elementos que compuseram o evento bélico. Por aparentar-se complexo e envolver oficialmente quatro países com histórias e características que os aproximam sob algumas perspectivas e os distanciam a partir de outras, não resulta tarefa trivial ao romancista estabelecer uma pesquisa que lhe permita ficcionalizar a guerra de maneira a atribuir voz à maior quantidade possível de personagens e situações históricas, culturais e factuais que a formaram.

Isso pareceria exigência demasiada diante da liberdade autoral atribuída à criação literária. O evento histórico da Guerra Grande – sua importância para América Latina em geral e para os países contendores em particular – mereceu, contudo, como vimos nas seções anteriores, várias obras que o reeditam em especial nas últimas décadas. A guerra mostra-se assim, senão motivo para alcançarmos em um romance histórico uma leitura ampla do que foi, representou e representa aquele evento para nós enquanto partícipes da história em curso, ponto de partida para ficcionalizações isoladas, preocupadas em abordar um elemento ou

personagem específicos, geralmente na esteira defensiva ou ofensiva de uma trincheira historiográfica.

Essas obras, entretanto, não podem ser completamente afastadas de uma compreensão de literatura que, para Saúl Yurkievich (1986, p. 4), é

[...] *el lugar donde la identidad cultural se imprime, organiza y expresa como experiencia viva, como diseño simbólico capaz de involucrar un mundo total en movimiento, según pautas de percepción, de acción y de conocimiento propias de cada sociedad. [...] Para los latinoamericanos, la literatura es el lugar de reconocimiento.*²⁴⁶

A literatura como lugar de reconhecimento e identidade cultural ganha reforço na apreciação de Arturo Uslar Pietri (1969, p. 58) para quem existe “[...] *una novela latinoamericana porque hay un mundo hispanoamericano*²⁴⁷ *con situaciones y solicitudes propias.*”²⁴⁸ E a ficcionalização dessas situações torna-se mais robusta após a década de 1970, quando a narrativa do continente passa a apresentar, de acordo com Gustav Siebenmann (1986, p. 28), “[...] *la facultad no sólo de constituir una integración cultural dentro de toda la región, sino de conferirse a sí misma esa identidad latinoamericana que [...] nunca había llegado a definir.*”²⁴⁹

O romance histórico também se encontra no conjunto dessa produção e desempenha papel de destaque em termos de publicações. Para além da quantidade, o gênero híbrido de história e ficção evidencia-se como meio de conhecimento e aprofundamento sobre a América Latina, desenvolvendo, segundo Ana María Pons (1996, 106), “[...] *procesos y prácticas narrativas que privilegian,*

²⁴⁶ Nossa tradução livre: [...] o lugar onde a identidade cultural se imprime, organiza e expressa como experiência viva, como desenho simbólico capaz de abarcar um mundo total em movimento, segundo pautas de percepção, de ação e de conhecimento próprias de cada sociedade. [...] Para os latino-americanos, a literatura é o lugar de reconhecimento.

²⁴⁷ Na pesquisa em andamento da doutoranda Ana Maria Klock, integrante do grupo “Ressignificações do passado na América Latina: leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização”, vinculado ao PELCA/PROEX - Unioeste –, orientada pelo professor Dr. Gilmei Francisco Fleck, um dos objetivos almejados é vincular ao projeto estético criador da nova narrativa hispano-americana, que desponta na década de 1930/1940 e alcança a sua maturidade no contexto do *boom* latino-americano, a produção literária brasileira, esta que muitas vezes aparece desassociada desse fenômeno maior das letras americanas. Dentro desse panorama aparecem autores como Graciliano Ramos, José Lins do Rego e Jorge Amado.

²⁴⁸ Nossa tradução livre: [...] um romance latino-americano porque há um mundo hispano-americano com situações e solicitações próprias.

²⁴⁹ Nossa tradução livre: [...] a faculdade não só de constituir uma integração cultural dentro de toda a região, senão de conferir a si mesma essa identidade latino-americana que [...] nunca havia chegado a definir.

*entre otros aspectos, la coexistencia de diferentes discursos y puntos de vista; el desdoblamiento de identidades y los juegos especulares [...].*²⁵⁰ Ao manifestar-se em consonância com a modalidade denominada romance histórico contemporâneo de mediação (FLECK, 2017), a autora atribui aos romances de finais do século XX a tendência de se equilibrar elementos desconstrucionistas comuns aos novos romances históricos latino-americanos a um “[...] *cúmulo de convenciones que corresponden más a la novela histórica tradicional [...].*”²⁵¹ (PONS, 1996, p. 107).

Mais que apontar para os aspectos formais desses romances, a investigadora elenca, no capítulo final de seu estudo, algumas recorrências especiais nessas narrativas mais recentes como a desconfiança em relação aos discursos oficiais da historiografia; a busca por redefinições das identidades; a necessidade de se encarar o passado como não superado e sua implicação nas incertezas sobre o presente e o futuro; a história como processo de mudanças que afetam nossas existências individuais; a escritura como prática política; e a “[...] *concepción de una América Latina heterogénea y plural en que, como diría Cornejo Polar, el sujeto pueda reconocerse no en uno sino en varios rostros.*”²⁵² (PONS, 1996, p. 264).

A autora encerra seu trabalho reafirmando que os romances históricos atuais não pretendem apagar os limites entre história e ficção, entre os que dominam e os que são dominados, entre um lá e um aqui. Eles parecem querer, ao contrário,

[...] acentuarlos con el objetivo de poner en práctica un proyecto de lectura crítica de la Historia como acontecer y como narrativa, y para destacar que la realidad de aniquilación, pobreza y marginalidad histórica de América Latina no es una construcción discursiva ni un objeto estético o de consumo, y mucho menos ficción. Pero es una lectura crítica de la Historia que se lleva a cabo desde fuera de los límites, desde los márgenes, desde ese espacio fuera del “hogar” en tanto espacio cultural, civil y político que la hegemonía no puede neutralizar; un espacio en el cual las intenciones y los actos

²⁵⁰ Nossa tradução livre: [...] processos e práticas narrativas que privilegiam, entre outros aspectos, a coexistência de diferentes discursos e pontos de vista; o desdobramento de identidades e os jogos especulares [...].

²⁵¹ Nossa tradução livre: [...] cúmulo de convenções que correspondem mais ao romance histórico tradicional [...].

²⁵² Nossa tradução livre: [...] concepção de uma América Latina heterogênea e plural em que, como diria Cornejo Polar, o sujeito possa reconhecer-se não em um senão em vários rostos.

*alternativos pueden sobrevivir, y la potencialidad utópica puede perdurar.*²⁵³ (PONS, 1996, p. 269).

Entre os romances da Guerra Grande, em sua maioria escritos a partir da década de 1980, muitos buscam substanciar essas expectativas, mas a partir de recortes que não oferecem ao leitor perspectivas da guerra como um todo ou de modo a avançar nas interpretações dadas até o presente. A distância temporal de cerca de 150 anos, os diferentes atores oriundos de comunidades culturais distintas que participaram dos conflitos, as limitações impostas pelas historiografias consolidadas, podem ser tomadas como barreiras para a ficcionalização ampla de um evento rico em “espaços de lugar” e “potencialidade utópica”. A marginalidade na América Latina, como vimos, não deveria ser tomada simplesmente como objeto estético de consumo.

Problematizar essas questões que ainda se encontram no calor da hora passa também por uma compreensão do romance de caráter intra-histórico, entendido por Luz Marina Rivas (2004, p. 87-8) como a ficcionalização da história a partir da perspectiva dos subalternos sociais que “[...] *tienen un bagaje histórico por vía de la tradición entendida como vínculo entre pasado y presente dado por la costumbre y los modos culturales transmitidos generacionalmente.*”²⁵⁴ Uma visão intra-histórica, assim, considera a história dos marginalizados e “[...] *tiene como protagonistas a personajes cuya tensión entre espacio de experiencia o habitus y horizonte de espera resulta en una consciencia del subalterno de un pasado y de un futuro muy distantes a los de la historia oficial.*”²⁵⁵ (RIVAS, 2004, p. 88).

Quando consideramos a conformação dos romances da Guerra Grande dentro de certa oficialidade determinada pelas trincheiras estabelecidas pela

²⁵³ Nossa tradução livre: [...] acentuá-los com o objetivo de colocar em prática um projeto de leitura crítica da História como acontecer e como narrativa, e para destacar que a realidade de aniquilação, pobreza e marginalidade histórica da América Latina não é uma construção discursiva nem um objeto estético ou de consumo, e muito menos ficção. Mas é uma leitura crítica da História que se leva a cabo desde fora dos limites, a partir das margens, desse espaço fora de “lugar” enquanto espaço cultural, civil e político que a hegemonia não pode neutralizar; um espaço no qual as intenções e os atos alternativos podem sobreviver, e a potencialidade utópica pode perdurar.

²⁵⁴ Nossa tradução livre: [...] têm uma bagagem histórica pela via da tradição entendida como vínculo entre passado e presente dado pelo costume e os modos culturais transmitidos de geração em geração.

²⁵⁵ Nossa tradução livre: [...] têm como protagonistas personagens cuja tensão entre espaço de experiência ou *habitus* e horizonte de espera resulta em uma consciência do subalterno de um passado e de um futuro muito distantes em relação aos da história oficial.

historiografia, notamos que o protagonismo de personagens como os apontados por Rivas é, muitas vezes, ofuscado pela belicosidade da guerra estendida ao âmbito discursivo ficcional. O texto literário em geral, e o romance histórico em particular, conforme expõe Mercedes Giuffré (2004, p. 39), “[...] *ya no tolera la univocidad de los ensayos académicos tradicionales, porque la materia que lo nutre es diversa y conflictiva, a veces contradictoria. Es necesaria la polifonía, la construcción por retazos, pues eso, en definitiva, es hacer memoria.*”²⁵⁶ Romper com a essencialidade monológica seria, em alguma medida, “[...] *romper los preconceptos adquiridos a partir de nuestra ignorancia o nuestros conocimientos distorcidos del pasado y de nosotros mismos [...].*”²⁵⁷ (GIUFFRÉ, 2004, p. 38).

Uma maneira para que essa tarefa seja desenvolvida é a partir da construção de um trabalho de memória, de “[...] reatualizações de acontecimentos de anos e até de séculos passados que sobrevivem nos dias de hoje graças à capacidade humana de lembrar e de agenciar vestígios memoriais.” (BERND, 2013, p. 43). Isso é fundamental, pois, de acordo com Fernando Báez (2010, p. 259), “[...] não há cultura onde não há memória; não há identidade onde não há memória. Por sua vez, não há memória sem identidade. A memória é então o eixo ontológico da personalidade individual ou coletiva.”

Na contramão desse trabalho edificador e abrangente relacionado à cultura, memória e identidade, muitos romances históricos atuais buscam, contudo, conforme Inés Santa Cruz (2000, p. 48), uma “melodramatização da história”, apesar de que seus autores geralmente não desconhecem “[...] *las nuevas técnicas del relato [...] ni adscriben a un romanticismo ñono. Creo que su peculiaridad no reside tanto en el tema, sino en su tratamiento para complacer el lector.*”²⁵⁸ A pesquisadora refere-se ao leitor perdido diante do mar de alusões e ironias comuns no experimentalismo linguístico e formal dos novos romances históricos latino-americanos.

²⁵⁶ Nossa tradução livre: [...] já não tolera a univocidade dos ensaios acadêmicos tradicionais, porque a matéria que nutre o texto é diversa e conflitiva, às vezes contraditória. É necessária a polifonia, a construção por retalhos, pois isso, definitivamente, é fazer memória.

²⁵⁷ Nossa tradução livre: [...] romper os preconceitos adquiridos a partir de nossa ignorância ou nossos conhecimentos distorcidos do passado e de nós mesmos [...].

²⁵⁸ Nossa tradução livre: [...] as novas técnicas do relato [...] nem incorrem em um romanticismo chocho. Creio que sua peculiaridade não reside tanto no tema, senão em seu tratamento para com o leitor.

Os romances da Guerra Grande, entretanto, aparecem em sua maioria posteriormente ao período em que se publicaram mais sistematicamente narrativas de natureza desconstrucionista. Ainda assim, dentro desse “[...] *verdadero ‘boom’ del discurso histórico-literario*” (CAMPANELLA, 2003, p. 31) que, no caso da temática por nós estudada, ainda segue atuante em termos de publicações, eles apresentam-se nem tanto melodramáticos, mas forjadores da postura por nós entendida como “palavra armada”. Os romances históricos da Guerra Grande reverberam geralmente a teia armada pela historiografia e quando resvalam na possibilidade de leituras de elementos marginais e profundos da condição latino-americana, inerentes ao evento histórico, o fazem de modo isolado sem abrangência na direção da heterogeneidade das relações culturais e sociais entre os países belicosos.

Dentre os vários romances publicados especialmente a partir da década de 1980, apresentamos alguns deles na terceira seção deste trabalho. Iniciamos com as *Escenas de la Guerra del Paraguay* (1928; 1929), trilogia de Manuel Gálvez isolada temporalmente em relação às demais obras, mas importante devido à sua condição de romance histórico inaugural da Guerra Grande. Em três volumes, Gálvez procura expor descrições minuciosas e às vezes dispersas sobre locais e personagens. Aproxima o presidente argentino Mitre à civilização da qual o Paraguai e seu presidente López ainda estavam distantes de atingir. Exalta a Tríplice Aliança em uma leitura da guerra nos moldes do romance histórico tradicional.

Em *Cunhataí* (2003), de Maria Filomena Lepecki, e *Águas atávicas* (2013), de Marcos Faustino, vimos em dois romances representativos da literatura brasileira a retomada do tema da retirada da Laguna. De importância secundária no contexto geral da guerra, a expedição militar que cruzou o Brasil rumo ao Paraguai volta e meia reaparece revisitada por romancistas inspirados na obra do Visconde de Taunay. Este militar e escritor participou pessoalmente do evento e saiu como um dos poucos sobreviventes que enfrentaram doenças, fome e as agruras da região desconhecida, mais letais que os confrontos armados. Tanto Lepecki quanto Faustino optam pela apreciação de personagens marginais e fictícios como protagonistas de suas narrativas, ricas em encontros e contrastes, porém limitadas pelo recorte temático e historiográfico no contexto da Guerra Grande.

Com *Pancha* (2000), de Maybell Lebron, e *Río escarlata* (2016), de María Eugenia Garay, temos duas obras cujos posicionamentos ideológicos são opostos em sua relação com o revisionismo histórico paraguaio. Enquanto a primeira condena o lopismo na focalização na personagem histórica Francisca Garmendia, que teve destino trágico a exemplo de várias mulheres no país, a segunda enaltece o presidente paraguaio apresentando-o como uma personagem que, ciente da derrota que se aproxima, resolve reunir seu estado maior durante uma madrugada e revelar-lhes sua versão da história, em uma espécie de testamento.

Aquel sagrado suelo (2000), de Federico Peltzer, direciona-se especialmente à participação argentina na Guerra Grande, desde o contexto de formação da Tríplice Aliança até a batalha de Curupaiti na qual o exército paraguaio saiu vencedor e muitos soldados terminaram mortos. Nesse romance, aparecem alguns posicionamentos divergentes em relação à decisão mitrista e dos aliados frente à guerra. O heroísmo e o patriotismo dos soldados argentinos, contudo, ganham projeções em episódios e posturas de honra relacionados, principalmente, à personagem histórica Mariano Grandoli, abanderado morto na linha de frente em Curupaiti.

Já *El piano de Chopin* (2017), de Zelmar Azevedo Díaz, de publicação bastante recente, surge como um romance lapidado a partir de estrutura e manejo da linguagem dignos das grandes obras da literatura latino-americana. Relacionado à vertente historiográfica mais recente como aquela representada por investigadores como Doratioto (2002), exhibe um jogo narrativo cujas vozes transitam em torno da personagem Solano López durante a última etapa da guerra. Se em termos literários o romance destaca-se em seu conjunto, não deixa de fazer parte da postura de “palavra armada” ao direcionar a interpretação da guerra segundo os conflitos existenciais de uma personagem central, talvez a mais controversa da Guerra Grande.

Antes de efetuarmos a leitura do *corpus*, destacamos, a partir de *Viva o povo brasileiro* (1984), de João Ubaldo Ribeiro, *A república dos bugres* (1999), de Ruy Tapioca, e *El hombre víbora* (2013), de Irina Ráfols, aquelas obras que abordam a guerra apenas lateralmente. Como suas propostas narrativas extrapolam a delimitação histórica que estamos considerando neste estudo, decidimos mencioná-las em nossa tabela no intuito de reforçar a recorrência da Guerra Grande como

componente temático em um conjunto amplo de romances históricos latino-americanos.

Na composição do *corpus* a partir das obras representativas dos países envolvidos diretamente na guerra, iniciamos com a leitura de *No robarás las botas de los muertos* (2002), do uruguaio Mario Delgado Aparáin. Apontamos para a existência de certo sentimento de vergonha no Uruguai devido à sua participação na Tríplice Aliança. Reflexo disso, talvez, seja a inexistência nesse país de romances históricos que tenham como tema central a Guerra Grande.

No romance de Delgado Aparáin, o evento histórico ficcionalizado é o assalto a Paissandu, considerado pelo autor como ignorado ou moldado por uma historiografia oficial de seu país. A participação direta do Brasil e dos *colorados* uruguaios, somada ao apoio existente, mas negado pelos argentinos no ataque aos *blancos* que tinham esperança na chegada da ajuda de Solano López, faz de Paissandu um dos “prolegômenos” da Guerra Grande.

Delgado Aparáin é consciente da nossa ausência de enraizamento no conhecimento e na defesa das questões latino-americanas, diante de uma história ainda jovem, todavia em processo de expansão e expressão, especialmente a partir de abordagens de ressignificação importantes como as realizadas pela história oral e demais pressupostos da Nova História. A literatura, nesse contexto, é para ele meio privilegiado de resgatar nossa memória histórica.

No robarás las botas de los muertos, dentre outras fontes, bebe no diário da personagem histórica Hermógenes Massanti. Além desta, as personagens ficcionais Martín Zamora e Raymond Harris aparecem como vozes estrangeiras que, de dentro da cidade sitiada, expõem suas perspectivas sobre o passado, presente e futuro de suas vidas envolvidas naquele momento decisivo. O romance traz ainda aspectos quixotescos na personagem general Leandro Gómez e traça críticas ao general uruguaio Venâncio Flores, comandante militar envolvido na Tríplice Aliança. É na voz da personagem Raymond Harris, entretanto, que se antecipa o que será a Guerra Grande: uma cruzada para a liberdade dos paraguaios de seu presidente “bárbaro”, claramente submetida aos interesses econômicos imperialistas.

Em *Caballero* (1986), do paraguaio Guido Rodríguez Alcalá, temos uma crítica irônica à história nacionalista que, já passado mais de um século se incluímos o período posterior à publicação do romance, vem sendo consolidada de maneira a

e elevar nomes como Gaspar Rodríguez de Francia e, principalmente, Francisco Solano López ao patamar de heróis máximos do Paraguai. Esse patriotismo, muitas vezes respaldado no manejo acrítico da história, começa a consolidar-se no país como um projeto de confronto à visão generalizada após a Guerra Grande na qual a destruição do Paraguai teria como maior responsável o seu próprio presidente.

No romance, a personagem histórica general Bernardino Caballero é retomada como uma paródia à biografia realizada em *El centauro de Ybycui*, livro de Juan E. O'Leary, um dos principais representantes do chamado revisionismo histórico paraguaio. Na relação entre o cronista entrevistador e a personagem Caballero, o entrevistado que detém definitivamente o controle do discurso narrativo, as características do romance picaresco são largamente empregadas de modo a revelar uma personagem histórica “humanizada” quando comparada ao excesso de idealização elaborado por O'Leary.

Dividido em três partes mais o epílogo, o romance foca respectivamente na campanha ofensiva do exército paraguaio, nos anos de estratégias defensivas, nos longos meses de fuga de Solano López e, finalmente, no que se passou com o protagonista do romance após o término da guerra. Publicado ainda durante a ditadura militar paraguaia de Stroessner, *Caballero* surge como uma voz dissonante que, apesar de não substituir, consolida-se como marco importante de uma postura contrária ao revisionismo histórico amplamente ideologizado e ainda imperante no território paraguaio.

No romance *Los papeles de Burton* (2012), da argentina Mercedes Rubio, a busca pelas causas da guerra em geral e das execuções de *San Fernando*, em particular, é empreendida pela personagem histórica Richard Burton. Na condição de viajante e intelectual que conheceu lugares e pessoas relacionados aos conflitos bélicos, apresenta sua versão, resultante de muitas especulações que vieram à tona durante o seu processo investigativo.

As bases históricas desse romance encontram eco especialmente no revisionismo expressado por escritores como León Pómer e Julio J. Chiavenato, que viam no imperialismo inglês, retomado na ficção de Rubio sob a representação mediadora da maçonaria, o principal articulador da guerra.

Ao lançar mão de elementos intertextuais e paratextuais, além da tentativa de apresentar, por exemplo, uma interpretação a respeito da significação da mulher

do contexto do Paraguai, o romance revela-se em grande medida metaficcional e propõe-se como uma expressão de voz para os paraguaios, em contraponto à predominância interpretativa condescendente que muitos autores oferecem sobre as intenções “legítimas” da Tríplice Aliança em sua ofensiva contra o país vizinho.

Já em *Menina* (2012), do brasileiro Paulo Stucchi, estamos diante de um romance que surge de uma pesquisa frustrada do autor. O antigo projeto para um estudo de pós-graduação transforma-se, assim, em uma obra cuja escolha e relação das personagens poderia ter gerado um encontro profícuo, na representação dos indígenas do Paraguai e dos afrodescendentes do Brasil que participaram da guerra.

Propensa à historiografia tradicional simpática aos militares brasileiros, a narrativa posiciona-se sobre a Guerra Grande especialmente na voz do narrador extradiegético e, por vezes, a partir da voz da personagem italiana Giácomo. Reféns de uma espécie de controle realizado pelo narrador, as personagens que se tornam amigas e iniciam uma aventura após a batalha de *Acosta Ñu*, estão limitadas pela barreira da língua e da incapacidade de o brasileiro falar.

A menina paraguaia, muitos anos depois da Guerra Grande e após ter perdido um filho na Guerra do Chaco, indica, já idosa, o desejo de contar sua história às netas. Ficamos assim com a expectativa de saber como seria essa nova versão dos fatos, apesar de ter conhecimento prévio revelado no decorrer do romance. Os “excluídos da história”, mais uma vez, apresentam-se em silêncio, baixo a onisciência de um narrador comprometido com a historiografia conveniente.

A partir dos romances abordados, lembremos-nos de Paul Ricoeur (1994, p. 120) e sua afirmação de que o leitor recebe “[...] não somente o sentido da obra, mas, por meio de seu sentido, sua referência, ou seja, a experiência que ela faz chegar à linguagem e, em última análise, o mundo e sua temporalidade, que ela exhibe diante de si.” Mais adiante, o teórico reforça: “[...] o que é interpretado num texto é a proposta de um mundo que eu poderia habitar e no qual poderia projetar meus poderes mais próprios.” (RICOEUR, 1994, p. 123). Na condição de leitores dos romances da Guerra Grande, salientamos em nosso estudo ficcionalizações cuja preponderância referencial encaminha-se na direção das vertentes historiográficas (trincheiras) que vieram consolidando-se desde o término dos conflitos bélicos até os dias atuais.

Os romances projetam um passado no qual somos convidados a localizar-nos e remontar nosso presente, sabendo que, como afirma Beatriz Sarlo (2005, p. 9), do “[...] *pasado no se prescinde por el ejercicio de la decisión de la inteligencia; tampoco se lo convoca simplemente por un acto de voluntad. El regreso del pasado no es siempre un momento libertador del recuerdo, sino un advenimiento, una captura del presente.*”²⁵⁹ Ainda segundo a investigadora argentina,

[...] *del pasado se habla sin suspender el presente y, muchas veces, implicando también el futuro. Se recuerda, se narra o se remite al pasado a través de un tipo de relato, de personajes, de relación de sus acciones voluntarias e involuntarias, abiertas y secretas, definidas por objetivos o inconscientes; los personajes articulan grupos que pueden presentarse como más o menos favorables a la independencia respecto de factores externos a su dominio. Estas modalidades del discurso implican una concepción de lo social, y eventualmente también de la naturaleza.*²⁶⁰ (SARLO, 2005, p. 13).

A guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai é, portanto, “grande” também no sentido de que pode implicar muitas leituras e posturas em nossa ação de capturar o presente, de relacionarmos personagens e os grupos aos quais pertencem fatores que ultrapassam os seus domínios locais no contexto latino-americano. Como mediador para a construção de discursos norteadores de novas concepções sociais, está o romance histórico, modalidade escritural em que, para Noé Jitrik (1995, p. 85), a história não é simples e óbvio depósito de informação, pois “[...] *todo lo que la recorre y modifica en las concepciones que la rigen determina también finalidades que la novela puede perseguir; ello indica, a su vez, que el papel que desempeña en la cultura es reinterpretado o reinterpretable.*”²⁶¹

²⁵⁹ Nossa tradução livre: [...] passado não se prescinde pelo exercício da decisão da inteligência; tampouco o convocamos simplesmente por um ato de vontade. O regresso do passado não é sempre um momento libertador da recordação, senão um acontecimento, uma captura do presente.

²⁶⁰ Nossa tradução livre: [...] do passado se fala sem suspender o presente e, muitas vezes, implicando também o futuro. Recordar-se, narrar-se ou remeter-se ao passado através de um tipo de relato, de personagens, de relação de suas ações voluntárias e involuntárias, abertas e secretas, definidas por objetivos ou inconscientes; os personagens articulam grupos que podem apresentar-se como mais ou menos favoráveis à independência a respeito de fatores externos ao seu domínio. Estas modalidades do discurso implicam uma concepção sobre o social, e eventualmente também sobre a natureza.

²⁶¹ Nossa tradução livre: [...] tudo o que a recorre e modifica nas concepções que a regem determina também finalidades que o romance pode perseguir; isso indica, por sua vez, que o papel que desempenha na cultura é reinterpretado ou reinterpretável.

O conjunto de romances históricos da Guerra Grande encontra-se essencialmente em um marco temporal cuja compreensão da escrita da história já admite encaminhamentos mais abertos e heterogêneos se comparados ao cientificismo tradicional preponderante no século XIX. Os romances que trouxemos para esta pesquisa, à exceção da trilogia de Manuel Gálvez, foram publicados posteriormente, por exemplo, ao discurso pronunciado por Alejo Carpentier em 1975, para quem “[...] *nada latinoamericano puede sernos indiferente, [...] las luchas, los logros, los dramas, las caídas y los triunfos, de las naciones hermanas del continente, son acontecimientos que nos conciernen directamente, y promoven nuestro júbilo o nuestra congoja [...]*.”²⁶². (CARPENTIER, 1984, p. 26-27). Anos antes, em conferência pronunciada em 1967, o mesmo escritor assinalaria:

*Ocuparse de ese mundo, de ese pequeño mundo, de ese grandísimo mundo, es la tarea del novelista actual. Entenderse con él, con ese pueblo combatiente, criticarlo, exaltarlo, pintarlo, amarlo, tratar de comprenderlo, tratar de hablarle, hablar de él, de mostrarlo, de mostrar en él las entretelas, los errores, las grandezas y las miserias; de hablar de él más y más, a quienes permanecen sentados al borde del camino, inertes, esperando no sé qué, o quizás nada, pero que tienen, sin embargo, necesidad de que se les diga algo para removerlos.*²⁶³ (CARPENTIER, 1976, p. 119).

Na trilha do escritor cubano e de outros latino-americanos os quais concordam que “[...] *el mundo de los artistas y los creadores literarios es el de los encendedores de velas en los rincones más oscuros del alma o de la sociedad*”²⁶⁴ (USLAR PIETRI, 1969, p. 42), ou acreditam “[...] *sin exagerar que en buena parte la identidad cultural de América Latina se ha definido gracias a su novelística*”²⁶⁵ (AÍNSA, 1986, p. 36), propusemos uma reflexão a partir dos romances da Guerra

²⁶² Nossa tradução livre: [...] nada latino-americano pode ser-nos indiferente, [...] as lutas, os ganhos, os dramas, as caídas e os triunfos, das nações irmãs do continente, são acontecimentos que nos concernem diretamente, e promovem nosso júbilo ou nossa aflição [...].

²⁶³ Nossa tradução livre: Ocupar-se desse mundo, desse pequeno mundo, desse grandíssimo mundo, é a tarefa do romancista atual. Entender-se com ele, com esse povo combatente, criticá-lo, exaltá-lo, pintá-lo, amá-lo, tratar de compreendê-lo, tratar de falar com ele, falar sobre ele, de mostrá-lo, de mostrar nele as entretelas, os erros, as grandezas e as misérias; de falar sobre ele mais e mais, àqueles que permanecem sentados às margens do caminho, inertes, esperando não sei o quê, ou quem sabe nada, mas que têm, entretanto, necessidade de que seja dito algo para removê-los.

²⁶⁴ Nossa tradução livre: [...] o mundo dos artistas e dos criadores literários é o dos acendedores de velas nos rincões mais escuros da alma ou da sociedade.

²⁶⁵ Nossa tradução livre: [...] sem exagerar que em boa parte a identidade cultural da América Latina se definiu graças aos seus romances.

Grande. Evento bélico fundamental para a história dos países que a protagonizaram, a guerra não só teve proporções consideráveis no âmbito demográfico, especialmente para o Paraguai, como sua repercussão ainda é matéria assídua em termos historiográficos e ficcionais.

Conforme pudemos observar ao longo deste estudo, as batalhas entre os exércitos tiveram término oficial, mas as correntes interpretativas sobre as causas e consequências da guerra não deixaram, ao longo dos anos, de apresentarem seus heróis e vilões. Vasta historiografia compõe uma biblioteca a qual os romancistas recorrem no intuito de produzirem suas ficcionalizações, expressivas em quantidade desde a década de 1980 até este século que já se aproxima do terceiro decênio. A temática apresenta-se em diferentes versões, a maioria delas comprometida essencialmente com uma das correntes historiográficas predominantes e sob o controle de uma ou poucas vozes que, geralmente, tornam as obras monológicas ou enunciativas de um posicionamento combativo específico.

Envolvidos pela postura de “palavra armada”, entre os romances da Guerra Grande – apesar de muitos deles revelarem incontestável qualidade literária – ainda não há um exemplar cuja iniciativa ficcional tenha expandido sua focalização para os múltiplos elementos históricos e culturais que compuseram aquele evento sem precedentes na América Latina.

Pela mediação dos romances históricos, esta página da nossa história vem revelando-se livro a livro, cada qual com seus interesses que, quando incursionam para além da própria guerra, limitam-se a espaços e personagens determinados em detrimento da complexidade de um tema caro a pelo menos quatro países. Frente à leitura de um romance da Guerra Grande, portanto, não temos muitas oportunidades para ultrapassar as fronteiras que, em certa medida, nos mantêm distantes enquanto vizinhos os quais, a despeito de nossa proximidade geográfica e de nosso passado histórico em grande medida imbricado, ainda não foram devidamente apresentados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No primeiro parágrafo da introdução deste estudo, trouxemos o trecho de uma crônica de Machado de Assis, publicada ainda no século XIX, na qual o cronista questiona ironicamente se houve “alguma campanha do Paraguai” e “onde fica o Paraguai”. Naqueles idos tempos, o assunto já não interessava aos jovens que pouco ou nada sabiam do que ocorrera no sul da América entre 1864 e 1870. Se fizermos hoje as mesmas perguntas aos frequentadores do Ensino Médio ou das Universidades, as respostas talvez não sejam convincentes, especialmente quando relacionadas à guerra.

O trabalho de memória, amplamente realizado no âmbito da história e da ficção – áreas centrais em nossa pesquisa –, segue atuante e atualizado em publicações especializadas, mas distantes do alcance generalizado que o tema, ao nosso ver, merece. A guerra, grande não só na extensão bélica, apresenta conflitos latino-americanos de ordem cultural, política, econômica, geográfica e social, para ficarmos apenas com cinco possibilidades analíticas de sua representatividade.

Buscamos estudar essa temática a partir das ficcionalizações construídas em romances históricos escritos por autores oriundos do Paraguai, Brasil, Argentina e Uruguai. Na leitura dessas obras, deparamo-nos com a reedição de posturas historiográficas consolidadas em versões atrincheiradas sob bases nacionalistas, revisionistas ou comprometidas com certa objetividade científica. Às posturas historiográficas atribuímos a primeira noção inerente ao que denominamos “palavra armada” que, em um segundo momento, ecoará no âmbito dos romances históricos como discursos norteadores das vozes literárias.

As ficcionalizações da Guerra Grande, assim, reproduzem substancialmente o que ficou estabelecido pela historiografia e constituem-se como narrativas relacionadas, direta ou indiretamente, com as trincheiras da história, sem abrangências significativas na direção dos elementos que envolvem o que compreendemos por hibridização latino-americana.

Para demonstrarmos nossa tese, ordenamos a pesquisa em quatro seções, sendo a primeira intitulada “Notícias da Guerra: conflitos armados no sul da América”. Nesse momento, expusemos os principais eventos relacionados à guerra e, em seguida, as vertentes historiográficas que, ao longo do tempo, aparecem como fundamentais para as leituras sobre a guerra. A condição de alicerce presente

nesse primeiro elemento da postura bipartida da “palavra armada” sustenta as abordagens literárias apresentadas nas duas seções seguintes.

Em “Relatos da Guerra: ressignificações da história pela ficção”, iniciamos com a exposição de nossa fundamentação teórica acerca da relação entre ficção e história e, além de apresentarmos uma tabela – sem pretensões totalizantes – com 37 ficcionalizações da Guerra Grande, elencamos as modalidades do gênero romance histórico no contexto das fases acrítica, crítica/desconstrucionista e mediadora, estabelecidas por Fleck (2017, p. 131). Constatamos que, à exceção da trilogia *Escenas de la Guerra del Paraguay* (1928-1929), romance histórico tradicional fundador sobre a temática da Guerra Grande, a produção ficcional por nós pesquisada pertence ao período posterior ao ano de 1982, quando aparece *A solidão segundo Solano López*. Romances como *Cuanhataí* (2003), *Águas atávicas* (2013), *Pancha* (2000), *Río escarlata* (2016), *Aquel sagrado suelo* (2000) e *El piano de Chopin* (2017) – apresentados nessa seção intermediária –, situam-se basicamente como característicos representantes dos romances históricos contemporâneos de mediação (FLECK, 2007; 2017) e, na medida em que consideramos suas possibilidades críticas no arcabouço da literatura latino-americana, como romances históricos de fim de século, conforme o estudo de Pons (1996).

Na terceira seção, “Campos de batalha e os conflitos além da Guerra”, detemo-nos na leitura do *corpus* formado pelos romances *No robarás las botas de los muertos* (2002), de Mario Delgado Aparain, raro exemplo da literatura uruguaia em que se discute a temática da Guerra Grande; *Caballero* (1986), de Guido Rodríguez Alcalá, crítica ao revisionismo histórico paraguaio e paródia da biografia de Bernardino Caballero escrita por Juan E. O’Leary; *Los papeles de Burton* (2012), de Mercedes Rubio, narrativa que, além de propor elementos sobre a escrita da história e da ficção, relaciona a guerra aos interesses do imperialismo inglês; e *Menina* (2012), de Paulo Stucchi, romance cujas personagens centrais, “excluídas da história”, estão silenciadas sob o discurso de um narrador propenso à visão nacionalista da historiografia brasileira. Essas obras, representativas dos países envolvidos diretamente nos conflitos bélicos, apesar de não abarcarem as abordagens ficcionais sobre a Guerra Grande presentes em outros romances – o

que não teria razão de ser –, manifestam-se como exemplos da “palavra armada” na ficção organizada a partir da “palavra armada” pela historiografia.

Na última seção, “América Latina e os romances históricos da Guerra Grande”, apontamos para o evento central de nossa pesquisa como uma guerra total de acordo com o que ela significou especialmente para o Paraguai. As violências nos campos de batalha, contudo, também se estenderam aos soldados que deixaram seus contextos sociais de origem e lutaram em nome da Tríplice Aliança.

Assim, mais que um amontoado de mortos e sobreviventes, uma guerra de tamanha proporção envolve complexidades importantes para a discussão em torno do que representa o texto literário como meio importante na elaboração de memórias e ressignificação do passado. As nuances híbridas da América Latina configuradas nos romances da Guerra Grande estão, entretanto, delimitadas, em grande medida, pelos recortes históricos e ofuscadas pelas trincheiras interpretativas estabelecidas pelas correntes historiográficas.

Ao partirmos do pressuposto de que a compreensão crítica do presente e as expectativas de futuro passam pela mediação do conhecimento que temos do passado, buscamos na Guerra Grande e, particularmente, nos romances históricos que a representam estudar como eles podem oferecer perspectivas de leitura sobre nossa formação simbólica e material que, no contexto latino-americano, revela-se irmanada em muitos aspectos.

As ficcionalizações trazidas para nossa discussão, contudo, como pudemos apreciar, convergem para especificações de uma temática que segue a espera de uma obra interessada em ultrapassar as fronteiras geográficas e culturais de nosso continente, ainda encarado como um mosaico desarticulado.

Desse modo, esperamos haver contribuído para que, num futuro, talvez não muito distante, a “palavra armada” possa ceder, lenta, mas progressivamente, a um verdadeiro diálogo na literatura que seja audível desde as heterogeneidades que conformaram o contexto da Guerra Grande e que, de certa maneira, configuram ainda a realidade vivenciada por grande parte da população latino-americana, todavia alheia às possíveis ressignificações do passado pela arte literária.

REFERÊNCIAS

OBRAS ANALISADAS NO CORPUS

DELGADO APARAÍN, Mario. *No robarás las botas de los muertos*. Montevideo: Punto de Lectura, 2008.

RODRÍGUEZ ALCALÁ. *Caballero*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1987.

RUBIO, Mercedes. *Los papeles de Burton: los secretos de la Triple Alianza*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Punto de Encuentro, 2015.

STUCCHI, Paulo. *Menina – Mitacuña*. São Paulo: Schoba, 2012.

ROMANCES RELACIONADOS À GUERRA GRANDE

ACEVEDO DÍAZ, Zelmara. *El piano de Chopin*. Buenos Aires: Voria Stefanovsky Editores, 2017.

AGUILERA, Nelson. *Madame Lynch, una reina sin corona*. Asunción: Edição do autor, 2010.

BRASIL, Assis. *Jovita: missão trágica na Guerra do Paraguai*. Rio de Janeiro: Notrya, 1994.

CASAÑAS, Gloria. *Y porã*. Buenos Aires: Plaza & Janés, 2011.

CREMASCO, Marco. *Santo Reis da Luz Divina*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

FERREIRA, Marco Augusto. *El paso de los cuatrocientos*. Libro I de Crónicas de Uruguayana. Asunción: Tiempo Ediciones, 2018.

FORTES, Leonardo. *Fragmentos da Guerra Grande*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

FAUSTINO, Marcos. *Águas atávicas*. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico do Mato Grosso do Sul, 2013.

GÁLVEZ, Manuel. *Los caminos de la muerte*. Buenos Aires: Editorial Tor, s.d.

GÁLVEZ, Manuel. *Humaitá*. Buenos Aires: Editorial Losada S. A., 1947.

GÁLVEZ, Manuel. *Jornadas de agonía*. Buenos Aires: Editorial Tor, s.d.

GARAY, María Eugenia. *Río escarlata*. Asunción: Servilibro, 2016.

GOMES, Carlos de Oliveira. *A solidão segundo Solano López*. São Paulo: Círculo do Livro, 1982.

GOMES, Izabel. *Quando o amor e o destino se encontram*. São Paulo: Petit, 2015.

LEBRON, Maybell. *Pancha*. Asunción: Arandurã, 2014.

LEPECKI, Maria Filomena. *Cunhataí* Um romance da Guerra do Paraguai. Talento, 2003.

LOUZEIRO, José. *Ana Néry: a brasileira que venceu a guerra*. Rio de Janeiro: Mondrian, 2002.

MEDEIROS, Samuel Xavier. *Senhorinha Barbosa Lopes: uma história de resistência feminina na Guerra do Paraguai*. Campo Grande: Gibim, 2007.

PAGANO, Mabel. *Elisa Lynch*. Una irlandesa en el Paraguay. Córdoba: Ediciones del Boulevard, 2013.

PELLEGRINI, Domingos. *Questão de honra: um romance intertextual com A Retirada da Laguna* do Visconde de Taunay. Curitiba: Fundação Cultural, 1996.

PELTZER, Federico. *Aquel sagrado suelo*. Buenos Aires: Emecé, 2000.

RÁFOLS, Irina. *El hombre víbora*. Paraguay: El Lector: 2013.

RIBEIRO, João Ubaldo. *Viva o povo brasileiro*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

RIVAROLA MATTO, Juan Bautista. *Diagonal de sangre*. Editorial del Cardo. Biblioteca Virtual Universal, 2006.

ROA BASTOS, Augusto [et al]. *Los conjurados del Quilombo del Gran Chaco*, Buenos Aires: Alfaguara, 2001.

ROA BASTOS, Augusto. *El fiscal*. Asunción: El Lector, 2003.

RODRÍGUEZ ALCALÁ, Guido. *Caballero rey*. Asunción: RP Ediciones, 1988.

ROMAÑACH, Marcelo Galli. *Facundo Meza y la Guerra del Paraguay*. Asunción: Arte Nuevo, 1997.

RUAS, Tabajara. *Netto perde sua alma*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1995.

SAIDÓN, Gabriela. *Cautivas*. Buenos Aires: Planeta: 2008.

SEVERO, José Antônio. *Cinzas do Sul – vol. 2*. Rio de Janeiro: Record, 2012.

SILVA, Deonísio da. *Avante, soldados: para trás*. São Paulo: Siciliano, 1992.

TAPIOCA, Ruy. *A república dos bugres*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

TERCI, Marcos. *Imperiais de Gran Abuelo*. São Paulo: Pandorga, 2018.

TORERO, José Roberto. *Xadrez, truco e outras guerras*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998.

REFERÊNCIAS TEÓRICAS E COMPLEMENTARES

AÍNSA, Fernando. Hacia un nuevo universalismo. El ejemplo de la narrativa del siglo XX. In: YURKIEVICH, Saúl (Org.). *Identidad cultural de Iberoamérica en su literatura*. Madrid: Alhambra, 1986, p. 36-46.

AÍNSA, Fernando. El proceso de la Nueva Narrativa Latino-americana de la historia y la parodia. In: *El Nacional*. Edição de 17 de dezembro de 1988. Venezuela, p. 7-8.

AÍNSA, Fernando. La nueva novela histórica latinoamericana. In: *Plural*. 240. p. 82-85. México, 1991.

ALBUQUERQUE, Adenilson B.; FLECK, Francisco. *Canudos: conflitos além da guerra - entre o multiperspectivismo de Vargas Llosa (1981) e a mediação de Aleilton Fonseca (2009)*. Curitiba: Editora CRV, 2015.

ANDRADE, Celeste Maria P. de; SILVA, Thaíse Araújo da. *Viva o povo brasileiro: interface entre literatura e história*. In: *Litterata*. Ilhéus, vol. 5, n. 2, 2015, p. 105-121.

ASSIS, Machado de. *A semana*. Texto digitalizado pelo Núcleo de Educação a Distância, da Universidade da Amazônia. PDF. Belém-Pará, s.d.

ASSUNÇÃO, Moacir. *Nem heróis, nem vilões: Curepas, caboclos, cambás, macaquitos e outras revelações da sangrenta Guerra do Paraguai*. Rio de Janeiro: Record, 2012.

A ÚLTIMA GUERRA DO PRATA (Documentário). Direção: Alan Arrais e Talita Dias. TV Escola/DigitalCine, 2014. Disponível em <https://api.tvescola.org.br> Acessado em 22/07/2019.

BACK, Sylvio. *Guerra do Brasil*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2010.

BÁEZ, Fernando. *A história da destruição cultural da América Latina: da conquista à globalização*. Trad. Léo Shlafman. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 2010.

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Florense Universitária, 1997.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Trad. Aurora Fornoni Bernardini... [et al]. São Paulo: Hucitec, 2014.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2006.

BARATTA, María Victoria. La guerra del Paraguay y la historiografía argentina. In. *hist. historiogr.* Ouro Preto, n. 14, 2014, p. 98-115.

BARATTA, María Victoria. *La Guerra del Paraguay y la construcción de la identidad nacional*. Buenos Aires: SB, 2009.

BERND, Zilá (org). *Escrituras híbridas: estudos em literatura comparada interamericana*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1998.

BERND, Zilá. *Por um estética dos vestígios memoriais: releitura da literatura contemporânea das Américas a partir dos rastros*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013.

BORGES, Jorge Luis. Destino y obra de Camoens. In. *Separata del Boletín de la biblioteca del jockey*. n. 51, enero de 1973.

BRANDÃO, Luis Alberto. *Grafias da identidade: literatura contemporânea e imaginário nacional*. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Lamparina editora/Fale, 2005.

BREZZO, Liliana. La historiografía paraguaya: del aislamiento a la superación de la mediterraneidad. In. *Diálogos*, DHI/UEM, v. 7, 2003, p. 157-175.

BREZZO, Liliana. La guerra de la Triple Alianza en los límites de la ortodoxia: mitos y tabúes. In. *Revista Universum*, 19 (1), 2004, Talca (Chile), p. 10-27.

BURKE, Peter (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. Trad. Magda Lopes. São Paulo, SP: UNESP, 1992.

BURTON, Richard Francis, Sir. *Cartas dos campos de batalha do Paraguai*. Trad. José Lívio Dantas. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Ed., 1997.

CAMARERO, Jesus. *Intertextualidad - Redes de textos y literaturas transversales en dinámica intercultural*. Barcelona: Anthropos, 2008.

CAMPANELLA, Hebe N. *La novela histórica argentina e ibero-americana: hacia fines del siglo XX (1969-1999)*. Buenos Aires: Vinciguerra Colección páginas universales, 2003.

CAMPRA, Rosalba. *Itinerarios en la crítica hispanoamericana*. Villa María/Argentina: Edivim, 2014.

CAPDEVILA, Luc. *Una guerra total: Paraguay, 1864-1870: ensayo de historia del tempo presente*. Buenos Aires: SB, 2010.

CARMONA, Antonio. El juicio de la Tríplice en su dimensión humana. In. ROA BASTOS, Augusto. *El sonámbulo*. Asunción: Servilibro, 2014.

CARPENTIER, Alejo. Do real maravilhoso americano. In. *Literatura e consciência política na América Latina*. São Paulo: Global, 1969, pp. 67-79.

CARPENTIER, Alejo. In. Conciencia e identidade de América. *Razón de ser*. Ciudad La Habana: Editorial Letras Cubanas, 1984, pp. 19-28.

CARPENTIER, Alejo. Papel social del novelista. In. *Tientos y diferencias*. Buenos Aires: Calicanto Editorial, 1976, pp.101-119.

CARVALHO, L. P. Macedo. Apresentação. In. BURTON, Richard Francis, Sir. *Cartas dos campos de batalha do Paraguai*. Trad. José Lívio Dantas. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Ed., 1997.

CARVALHO, Cíntia P. A. de. Rasuras da nação: novas representações identitárias na nação ficção da Guerra da Tríplice Aliança. Tese. Salvador: UFBA, 2016.

CASTAGNINO, Leonardo. *Guerra del Paraguay: la triple alianza contra los países del Plata*. Buenos Aires: Fabro: 2010.

CERVANTES SAAVEDRA, Miguel de. *Dom Quixote* (vol. I). Trad. Almir de Andrade e Milton Amado. Rio de Janeiro: Ediouro; São Paulo: Publifolha, 1998.

CHAUÍ, Marilena. *O que é ideologia*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CHIARADÍA, Esteban. De nuevo a las trincheras: la historiografía sobre la Guerra de la Triple Alianza en el novecientos. In. *Anais do XII Encontro Internacional da Associação Nacional de Pesquisadores de História das Américas*. Campo Grande-MS: ANPHLAC, 2016, p. 1-15.

CHIAVENATO, Julio José. *Genocidio americano*. Asunción: Carlos Scharuman Editor, 1984.

CLEMENTI, Hebe. Prólogo. In. MANSILLA, Lucio V. *Una excursión a los indios ranqueles*. Buenos Aires: EDICOL, 2006.

COTT-THORNER, Guillermo. Manuel Gálvez y su trilogía de la novela uruguaya. *Revista Iberoamericana*. Vol. XVI, n. 31, julho 1950.

COUTINHO, Eduardo. *Literatura Comparada na América Latina: ensaios*. Rio de Janeiro, RJ: EdUERJ, 2003.

CRESPO BUITURÓN, Marcela Gladys. Andar por los bordes. Entre la Historia y la Ficción: El exilio sin protagonistas de María Rosa Lojo. Tesis Doctoral. Facultad de Letras. Departamento de Filología Hispánica: Universidad de Lleida, 2008.

CRUZ, Juliana Votto. A construção do sujeito histórico em Avante, soldados: para trás. Dissertação. Rio Grande: FURG, 2017.

CUNHA, Euclides da. *Os Sertões: campanha de Canudos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1987.

DE MARCO, Miguel Ángel. *La Guerra del Paraguay*. Buenos Aires: Booket, 2013.

DI FANTI, Maria da Glória Corrêa. A linguagem em Bakhtin: pontos e pespontos. In. *Veredas - Rev. Est. Ling., Juiz de Fora*, v.7, n.1 e n.2, jan./dez. 2003, p. 95-111.

DONGHI, Tulio Halperin. *Historia contemporânea de América Latina*. Madrid: Alianza Editorial, 2005.

DORATIOTO, Francisco. *Maldita guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

DORATIOTO, Francisco. *História e Ideologia: a produção brasileira sobre a Guerra do Paraguai*. Nuevo Mundo/Mundos Nuevos, 13 de janeiro de 2009. Disponível em <http://nuevomundo.revues.org/49012> Acesso em: 2 ago. 2014.

ESTEVES, Antonio R. & MILTON, Heloísa C. Narrativas de extração histórica. In. ESTEVES, A. & CARLOS, Ana M. (Orgs.) *Ficção e história: leituras de romances contemporâneos*. Assis: FLC – Assis – UNESP – Publicações, 2007.

FERNÁNDEZ PRIETO, Celia. *Historia y novela: poética de la novela histórica*. 2.ed. Barañáin: EUNSA, 2003.

FERREIRA, Ruy Martins. *A retirada da Laguna* (pintura). Disponível em <http://www.douradosnews.com.br/dourados/ufgd-seleciona-fotografias-sobre-os-150-anos-da-retirada-da-laguna/830306/> Acesso em: 05 dez. de 2019.

FLECK, Gilmei Francisco. A conquista do 'entre-lugar': a trajetória do romance histórico na América. *Gragoatá* (UFF), v. 2, 2007, p. 149-167.

FLECK, Gilmei Francisco. Latino-americanidade: um conceito em construção. In. SILVA, Marciano L. (Org.). *Linguagens em interação I: literatura, história e sociedade*. Maringá: Clichetec, 2009, p. 27-51.

FLECK, Gilmei Francisco. *O romance histórico contemporâneo de mediação: entre a tradição e o desconstrucionismo – releituras críticas da história pela ficção*. Curitiba: CRV, 2017.

FONSECA, Aleilton. *O pêndulo de Euclides*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

FUENTES, Carlos. Augusto Roa Bastos: el poder de la imaginación. Prólogo. In. ROA BASTOS, Augusto. *Yo el Supremo*. Buenos Aires: Debolsillo, 2011.

GALANTE, Elias Taylar. *Retirada da Laguna* (documentário). 2016. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=MFkctkFIBF4> Acesso em 05: dez. de 2019.

GARCÍA GUAL, Carlos. *Apología de la novela histórica y otros ensayos*. Barcelona: Península, 2002.

GELLER, Odair Eduardo. *José Bernardino Bormann, José Ignacio Garmendia e Juan Crisóstomo Centurión e a constituição narrativa da guerra contra o Paraguai*. (Tese de Doutorado). Curitiba, UFPR, 2018.

GENETTE, Gérard. *Figuras III*. Trad. Ana Alencar. São Paulo: Estação Liberdade, 2017.

GIL GONZÁLEZ, A. J. Variaciones sobre el relato y la ficción. In. *Anthropos: metaliteratura y metaficción – balance crítico y perspectivas comparadas*. Barcelona, n. 208, 2005, p. 9-28.

GIUFFRÉ, Mercedes. *En busca de uma identidade: la novela histórica argentina*. Buenos Aires: Ediciones del signo: 2004.

GONZÁLEZ, Mario. *O romance picaresco*. São Paulo: Ática, 1988.

GONZÁLEZ, Mario. *A saga do anti-herói: estudo sobre o romance picaresco espanhol e algumas de suas correspondências na literatura brasileira*. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

GUERRA-PEIXE, Cé *A retirada da Laguna*. (sinfonia). 1971. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=XAp45-sFVt4> Acesso em: 05 dez. de 2019.

HOBBSAWM, Eric J. *Nações e nacionalismo desde 1870: programa, mito e realidade*. Trad. Maria Celia Paoli, Anna Maria Quirino. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

HOBBSAWM, Eric J. *A era dos impérios*. Trad. Sieni Maria Campos e Yolanda Steidel de Toledo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

HUTCHEON, Linda. *Uma teoria da paródia: ensinamentos das formas de arte no século XX*. Trad. Teresa Louro Pérez. Lisboa: Edições 70, 1985.

JITRIK, Noé. *Historia e imaginación literaria: las posibilidades de un género*. Buenos Aires: Biblos, 1995.

JOSEF, Bella K. *História da literatura hiapano-americana*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

JUNIOR, Celso Garcia Paula. “Aqui o Brasil é Paraguai, o Paraguai é Brasil” literatura e fronteira identitárias. Dissertação. Foz do Iguaçu: UNIOESTE, 2012.

LANGA PIZARRO, M. Mar. Guido Rodríguez Alcalá en el contexto de la narrativa histórica paraguaya. Tesis Doctoral. Universidad de Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2001.

LANGA PIZARRO, Mar. La guerra de la Triple Alianza en la literatura paraguaya. In. *Nuevo mundo Mundo nuevos*. 2006. Disponível em <https://journals.openedition.org/nuevomundo/1623> Acesso em 11 out. de 2019.

LE GOFF, Jacques (org.) *A história nova*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2001.

LE GOFF, Jacques; CHARTIER, Roger; REVEL, Jacques. [et al]. *A nova história*. Trad. Maria Helena Arinto e Rosa Esteves. Coimbra: Almedina, 1978.

LEÓN NÚÑEZ, Ronald. *Guerra do Paraguai: revolução e genocídio*. São Paulo: Editora Instituto José Luís e Rosa Sundermann, 2011.

LEYES DE CHAVES, María Concepción. *Madame Lynch*. Trad. Manuel de Campos. Rio de Janeiro: Freiras Bastos, 1960.

LIMA, Luiz Octavio de. *A Guerra do Paraguai*. São Paulo: Planeta, 2016.

LOJO, María Rosa. *La pasión de los nómades*. Buenos Aires: Debolsillo, 2014.

LUKÁCS, György. *O romance histórico*. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2011.

LUKÁCS, Georg. *A teoria do romance*. São Paulo: Editora 34, 2000.

MACIEL, Alejandro. Prefácio para um tetralivro de guerra em tempos de paz liberal. Trad. Vera Mello Joscelyne. In. ROA BASTOS, Augusto [et al]. *O livro da Guerra Grande*. Trad. Josely V. Baptista [et al]. Rio de Janeiro: Record, 2002, p. 7-11.

MAESTRI, Mário. *A guerra no papel: história e historiografia da Guerra do Paraguai*. Passo Fundo: PPGH/UPF, 2013.

MAESTRI, Mário. *Paraguai: a República Camponesa 1810-1865*. Porto Alegre: FCM Editora, 2015.

MAESTRI, Mário. *Mar del Plata: dominação e autonomia no sul da América: Argentina, Brasil, Uruguai (1810-1864)*. Porto Alegre: FCM Editora, 2016.

MAESTRI, Mário. *Guerra sem fim: a Tríplice Aliança contra o Paraguai: a campanha ofensiva (1864-1865)*. Passo Fundo: FCM Ed., 2017.

MAESTRI, Mário. *Guerra sin fin: la Triple Alianza contra el Paraguay: la campaña defensiva: 1866-1870*. Asunción: Intercontinental, 2018.

MANSILLA, Lucio V. *Una excursión a los indios ranqueles*. Buenos Aires: EDICOL, 2006.

MÁRQUEZ RODRÍGUES, A. Evolución y alcances del concepto de novela histórica. *Historia y ficción en la novela venezolana*. Caracas, Monte Ávila, 1991. p. 15-54.

MARTÍNEZ, José Luis Roca. Manuel Gálvez, novelista de ambiente histórico. In. AO XXXIV, s.d., p. 217-225.

MATA INDURÁIN, Carlos. Retrospectiva sobre la evolución de la novela histórica. In: VÁRIOS. *La novela histórica: teoría y comentarios*. Barañáin: EUNSA, 1995.

MENTON, S. *La nueva novela histórica de la América Latina: 1979-1992*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

MIGNOLO, Walter. Lógica das diferenças e política das semelhanças: da Literatura que parece História ou Antropologia, e vice versa. In. CHIAPPINI, Lúgia & AGUIAR, Flávio Wolf de. *Literatura e História na América Latina*. São Paulo, SP: Edusp, 1993. p. 115-135.

MIGNOLO, Walter. *Historias locales/diseños globales: colonialidad, conocimientos subalternos y pensamiento fronterizo*. España: Ediciones Akal, 2003.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 1999.

MORALES, Luis. En busca de la dignidad perdida. In. *Latitud 30 35*. Ano 3, n. 43, Montevideo – Uruguay, junho de 2002, p. 20-23.

MORALES JASSO, G.; BAÑUELOS AQUINO, V. M. Debates en torno al concepto de “novela histórica”. Propuestas desde el diálogo entre la historiografía y la crítica literaria. In. *Relaciones Estudios de Historia y Sociedad*, 152, 2017, pp. 267-302.

NASCIMENTO, Jorge Luiz do. A história e a ficção: os discursos complementares em *El arpa y la sombra*, de Alejo Carpentier e *Los perros del paraíso*, de Abel Pose. Dissertação. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993.

NASCIMENTO, Naira de Almeida. Da narrativa ao romance: a prosa da Guerra do Paraguai nos limites da ficção (histórica) contemporânea. Tese. Curitiba, UFPR, 2006.

NASCIMENTO, Naira de Almeida. Ficção histórica contemporânea: desdobramentos e deslocamentos. In. WEINHARDT, M. (org.). *Ficção histórica: teoria e crítica*. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2011.

O'LEARY, Juan E. *El Centauro de Ybycui: vida heroica del general Bernardino Caballero en la Guerra del Paraguay*. París: Ed. Le Livre Livre, 1929,

OLIVEIRA, Wilton Fred C. de. Imaginários de nação no romance brasileiro contemporâneo: Os rios inumeráveis e A República dos Bugres. Tese. Florianópolis: UFSC, 2005.

OTTONELLI, Rosmere Adriana Vivian. Leitura entre a ficção e a história no contexto escolar: caminhos da transdisciplinaridade com perspectivas da Guerra do Paraguai (1864-1870). Dissertação. Cascavel: UNIOESTE, 2015.

PEIRÓ BARCO, José Vicente. *Literatura y sociedad: la narrativa paraguaya actual* (1980-1995). Tesis de doctorado. UNED, 2001.

PEIXOTO, Nelson B. O olhar do estrangeiro. In. NOVAES, Adauto [et. al.]. *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

PERKOWSKA-ALVAREZ, Magdalena. La novela histórica contemporánea: el cuestionamiento y la explosión del modelo. In: *América: Cahiers du CRICCAL*, n. 34. Les modèles et leur circulation en Amérique latine, v. 2, 2006, pp. 177-185.

PERROT, Michelle. *Os excluídos: operários, mulheres, prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

PERTUSSO, Isobel Rubbo. Soledad, Memoria y Olvido: los “perdedores” de No robarás las botas de los muertos. In. *Ponencias del V Congreso Nacional y IV Internacional de la A.P.L.U. – “Literatura uruguaya: se busca”*. Montevideo, 2007, p. 361-367.

PIZARRO, Ana (org.). *Literatura latinoamericana como proceso*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1985.

PIZARRO, Ana. América Latina: espacio discursivo e integración. In. SILVA, Pedro Câncio e. (Org.). *Língua, literatura e integração hispano-americana*. Porto Alegre: Ed. Da Universidade/UFRGS, 1990, p. 10-16.

PONS, María Cristina. *Memorias del olvido: la novela histórica de fines del siglo XX*. México: siglo veintiuno editores, 1996.

POMER, León. *La guerra del Paraguay Gran Negocio!*. Buenos Aires: Caldén, 1968.

POMER, León. *Paraguai: nossa guerra contra esse soldado*. São Paulo: Global, 2001.

QUEIRÓZ, Silvânia de. *Revisando la Revisión: Genocidio americano: la guerra del Paraguay de J. J. Chiavenato*. Asunción: Intercontinental: 2018.

RAMA, Ángel. *Transculturación narrativa en América Latina*. Buenos Aires: Editorial El Andariego, 2008.

RAMA, Ángel. *Los dictadores latinoamericanos*. México: Fonde de Cultura Económica, 1976.

RICCARDI, Giuseppe Gatti. Actos escriturales de resistencia y antídotos de humor para las tragedias: una conversación con Mario Delgado Aparáin. In. *Cuadernos del Hipogrifo*. Revista de Literatura Hispanoamericana y Comparada Comparada. Roma, 2017, p. 59-66.

RICE, Edward. *Sir Richard Francis Burton: o agente secreto que fez a peregrinação a Meca, descobriu o Kama Sutra e trouxe As mil e uma noites para o Ocidente*. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Tomo I. Trad. Constança M. Cesar. Campinas. Papirus, 1994.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Tomo II. Trad. Marina Appenzeller. Campinas: Papirus, 1995.

RICOEUR, Paul. *Tempo de narrativa*. Tomo III. Trad. Roberto Leal Ferreira. Campinas: Papirus, 1997.

RIVAS, Luz Marina. *La novela intrahistórica: tres miradas femeninas de la historia*. Mérida/Venezuela: El otro el mismo, 2004.

RIZZON, Carlos Garcia. Conflitos fronteiriços no preâmbulo da Guerra do Paraguai. In. *Nau Literária*, v. 12, n. 2, 2016, p. 27-37.

RIZZON, Carlos Garcia. *Fronteiras da alma de um caudilho assinalado: histórias e ficções de Antônio de Souza Netto*. (Tese). Porto Alegre: UFRGS, 2011.

ROA BASTOS, Augusto. *El sonámbulo*. Asunción: Servilibro, 2014.

ROA BASTOS, Augusto. *Yo el Supremo*. Buenos Aires: Debolsillo, 2011.

RODRÍGUEZ ALCALÁ, Guido. Revisionismo histórico y autoritario. In. *Revista Múltipla*. Ano VI, vol. 7, n. 11, dezembro de 2001.

RODRÍGUEZ ALCALÁ, Guido. *Ideología autoritaria*. Asunción, Paraguay: Servilibro: 2007.

RODRÍGUEZ ALCALÁ, Guido. *Residentas, destinadas y traidoras: testimonios de mujeres de la Triple Alianza*. Asunción: Servilibro, 2011.

RODRÍGUEZ ALCALÁ, Guido. *Caballero*. Trad. Sergio Faraco. Porto Alegre: Tchê!, 1994.

RORÍGUEZ ALCALÁ, Hugo. Lucio V. Mansilla y el Paraguay. In. *Quince ensayos*. Criterio Ediciones, 1987, p. 199-214. Disponível em http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/quince-ensayos--0/html/ff529cf6-82b1-11df-acc7-002185ce6064_34.html#I_35 Acesso em: 02 ago. de 2018.

ROSA, José María. *La Guerra del Paraguay y las Montoneras Argentinas*. Buenos Aires: Hyspamérica, 1986.

SALES, Thiago Rabelo. *Guerra do Paraguai: controvérsias da historiografia sobre as causas do conflito*. *Anais do I.º Encontro Memorial do ICHS*, novembro de 2004. Disponível em http://www.ichs.ufop.br/memorial/trab/h9_2.pdf Acesso em: 1 abr. de 2015.

SALLES, Ricardo. *Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do exército*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

SAMOYAL, Tiphaine. *A intertextualidade*. São Paulo: Hucitec, 2008.

SANSÓN CORBO, Tomás. La historiografía uruguaya sobre la Guerra de la Triple Alianza. Trayectos, tradiciones, ¿resignificaciones? In. *Diálogos*. v. 19, n.3, set.-dez., Maringá, 2015, p. 955-979.

SANTA CRUZ, Inés. *Novela histórica y literatura argentina*. Rosario/Argentina: Editorial Fundación Ross, 2000.

SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SARLO, Beatriz. *Tiempo pasado: cultura de la memoria y giro subjetivo*. Una discusión. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina: 2005.

SARMIENTO, Domingo Faustino. *Facundo: civilización y barbarie en las pampas argentinas*. Paris: Librería Hachette y Cia., 1874.

SILVA, Alberto M. Ribeiro da. "A noite das Kygua Vera: a mulher e a reconstrução da identidade nacional paraguaia após a Guerra da Tríplice Aliança (1867-1904)". Tese. Niterói: UFF, 1998.

SILVA, Arlenice Almeida da. Da teoria do romance ao romance histórico: a questão dos gêneros em G. Lukács. In. *Rapsódia* (USP), São Paulo, v. 1, 2001, p. 29-53.

SHARPE, Jim. A história vista de baixo. In. BURKE, Peter (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. Trad. Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1992, p. 39-62.

SIEBENMANN, Gustav. Modelos de identidad y Nueva Novela. In. YURKIEVICH, Saúl (Org.). *Identidad cultural de Iberoamérica en su literatura*. Madrid: Alhambra, 1986, p. 28-35.

SINÉSIO, Daniel Jacuá. A Questão Christie e a atuação do secretário João Batista Calógeras. (1862-1865). Dissertação. Rio de Janeiro: UFF, 2013.

SOUZA, Wagner de. *Entre a fé cega e a faca amolada: representações ficcionais do cangaço*. Tese. Curitiba: UFPR, 2007.

STUCCHI, Paulo. *I amigos*. Entrevista com Paulo Stucchi. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Z6nKFCUZN5Y> Acesso em 19 de ago. de 2018.

TACCONI, María del Carmen. *Categorías de lo fantástico y constituyentes del mito en textos literarios*. Tucumán: Universidad de Tucumán/Facultad de Filosofía y Letras, 1995.

TACCONI, María del Carmen. *Historiografía y ficción en nuevas novelas históricas argentinas*. San Miguel de Tucumán: Universidad Nacional de Tucumán. Facultad de Filosofía y Letras. Instituto de Investigaciones Lingüísticas y Literarias, 2013.

TAUNAY, Alfredo d'Escragno. *A retirada da Laguna*: episódio da Guerra do Paraguai. Trad. Afonso de E. Taunay. São Paulo: Melhoramentos, 1975.

THOMPSON, George. *Guerra do Paraguai*. Rio de Janeiro: Conquista, 1968.

TROUCHE, André Luiz G. *América: história e ficção*. Niterói: EdUFF, 2006.

TUCK, Lily. *The News from Paraguay*. London: Harper Perennial, 2005.

USLAR PIETRI, Arturo. *En busca del nuevo mundo*. México: Fondo de Cultura Económica, 1969.

VARGAS LLOSA, Mario. *Dicionário amoroso da América Latina*. Trad. Wladir Dupont e Hortencia Lencastre. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

VARGAS LLOSA, Mario. *La guerra del fin del mundo*. Barcelona: Seix Barral, 1981.

VOIONMAA, Daniel Noemi. Después de la larga noche: narrativa paraguaya contemporánea. In. *Meridional* Revista Chilena de Estudios Latinoamericanos, v. 6, abril de 2016, p. 67-87.

WEINHARDT, Marilene. Romance histórico: das origens escocesas ao Brasil finissecular. In. WEINHARDT, M. (org.). *Ficção histórica: teoria e crítica*. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2011.

WHIGHAM, Thomas. *La Guerra de la Triple Alianza*. Vol. II. Asunción: Taurus, 2011.

WHIGHAM, Thomas. *La Guerra de la Triple Alianza*. Vol. III. Asunción: Taurus, 2012.

WHITE, Hayden. *Meta-História: a imaginação histórica do século XIX*. Trad. MELO, José Laurêncio de. São Paulo, SP: Edusp, 1995.

WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso: Ensaios sobre a Crítica da Cultura*. Trad. Alípio Correa Franca Neto. São Paulo: Edusp, 2001.

YURKIEVICH, Saúl (Org.). *Identidad cultural de Iberoamérica en su literatura*. Madrid: Alhambra, 1986.